

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

JOÃO FERNANDO PELHO FERREIRA

**DE (PRE)POTÊNCIA OLÍMPICA À “INVENÇÃO” DO PAÍS DO FUTEBOL:
A POLÍTICA PARA OS ESPORTES DO GOVERNO
EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (1969-1974)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

JOÃO FERNANDO PELHO FERREIRA

**DE (PRE)POTÊNCIA OLÍMPICA À “INVENÇÃO” DO PAÍS DO FUTEBOL:
A POLÍTICA PARA OS ESPORTES DO GOVERNO
EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (1969-1974)**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos.

**SÃO PAULO
2014**

BANCA EXAMINADORA

*Dedico esta tese à minha família, meu pai, meus irmãos
e especialmente ao meu filho Diego.*

AGRADECIMENTOS

Uma vez li num livro que agradecer é, basicamente, imortalizar através de palavras os gestos que julgamos relevantes, feitos por pessoas importantes em nossa trajetória. E é realmente nisso que acredito.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora Maria Izilda Santos Matos, que fez de tudo para me ajudar, com muita paciência e humanidade.

À Capes, pela bolsa concedida. À UFMS, pelo contrato de afastamento, assim como ao professor Carlos Martins, chefe do departamento, que deu seu aval para minha saída.

Aos professores da PUC Antonio Rago Filho e Yvone Avelino, pelas arguições no exame de qualificação.

A Joice Garcia, que me ajudou sobremaneira no fim da pesquisa.

Nesse momento, não posso deixar de lembrar alguns amigos que sempre me incentivaram ao longo de todos esses anos, com palavras de apoio, solidariedade... Aí vão eles: Carlos Vizzacaro, Rodrigo Modesto, Giselli Gonçalves, Edvaldo Sotana, Edelberto Pauli, Iara Quelho, Luli Navarro, Marcia Maria de Andrade, Marcello Vitorino, Gilberto Storniolo, Omar Zaher, Gisele Gelasic.

RESUMO

FERREIRA, João Fernando Pelho. **De (pre)potência olímpica à “invenção” do país do futebol:** a política para os esportes do Governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.

A presente tese aborda as políticas voltadas para a Educação Física e para os esportes, com maior atenção ao futebol, no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, destacando a preparação militar da comissão técnica da Copa do Mundo de 1970. A cientifização empreendida pelo governo do presidente Médici alcançou, também, a Educação Física e os esportes. A “ciência moderna” foi decantada em todos os discursos referentes à área e à prática esportiva. Dessa forma, busca-se apontar como se deu a entrada da ciência no futebol brasileiro e como a conquista da Copa do Mundo de 1970 foi usada na tentativa de cristalização da imagem do Brasil como país detentor do futebol.

Igualmente a tese aborda como se deu a tentativa de construir o país do futebol tanto por parte do governo Médici como de pessoas ligadas a ele, como foi o caso de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que fez de tudo para conseguir colocar seus interesses à frente de tudo e de todos. A “invenção” do país do futebol partiu em grande parte da ação desse personagem em conluio com diversas pessoas envolvidas com a caserna, e não só dela, também empresários de multinacionais interessadas no jogo da bola. Além disso, a criação do mito Pelé, o rei do futebol, também analisado aqui, vai ao encontro de tudo que se coaduna com a pátria de chuteiras.

Ao mesmo tempo, e por fim, a tese em questão analisa a construção do Estádio Universitário Pedro Pedrossian, mais conhecido como Moreirão, na cidade de Campo Grande-MS, um dos estádios que foi usado como sede da Copa do Sesquicentenário, acontecimento também analisado pela presente tese.

Palavras-chave: Governo Médici, Futebol, Estádio Pedro Pedrossian (Moreirão), Copa do Sesquicentenário

ABSTRACT

FERREIRA, João Fernando Pelho. **Of (pre)olympic potentiates the invention of football country:** the policy for the sports of the Government Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Thesis (PhD. in Social History), Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.

This thesis is concerned with the policy faced to Physical Education and to sports, with the most attention to the soccer, in the government of Emilio Garrastazu Médici, contrasting the military training of the technical committee of the 1970 World Cup. The scientification undertaken by the government of President Medici also reached the Physical Education and the sports. The "modern science" was poured off in every discourse relating to the area and to sports. Thus, it was tried to point out how the entrance of science was in Brazilian soccer and how the winning of the 1970 World Cup was used to attempt crystallization image of Brazil as the soccer country.

The thesis also approached how it was the attempt of constructing the soccer country, even on the part of Médici government than of people related to him, as the case of João Havelange, president of the Brazilian Sports Confederation (BSC), who made everything to put his interests in front of everything and everyone. The "invention" of the soccer country departed largely of the union of this personage in collusion with various people involved in the military government, and not only from it, but the multinational corporate executives involved with the soccer games. Furthermore, the creation of the myth Pelé, king of the soccer, also reviewed here, meets everything that combines with the homeland of soccer shoes.

At the same time, and finally, the thesis in question examined the construction of Peter Pedrossian University Stadium, better known as Morenão, in Campo Grande city, in the state of Mato Grosso do Sul, one of the stadiums more used as seat of the One Hundred and Fifty Years Cup, fact that is also analyzed for this thesis.

Keywords: Government Médici, Soccer, Pedro Pedrossian University Stadium (Morenão), Fifty Years Cup

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – A CIENTIFIZAÇÃO DA NAÇÃO	28
1.1 PROJETO MILITAR PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA.....	28
1.2 PÉS, MÃOS E CORPOS NUTRIDOS: EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO.....	38
1.3 A CIÊNCIA A SERVIÇO DO CORPO E DO ESPORTE NAS PÁGINAS DA RBEF.....	48
1.4 A POSTURA DOGMÁTICA: A CIÊNCIA ESPORTIVA COMO PREJUDICIAL.....	53
1.5 A POSTURA PRAGMÁTICA: ESPORTE MODERNO A SERVIÇO DA PÁTRIA.....	58
CAPÍTULO II – A “FUTEBOLIZAÇÃO” DA NAÇÃO	63
2.1 O MÉTODO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA APLICADO À SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NA COPA DE 1970.....	63
2.2 A “CIENTIFIZAÇÃO” DO FUTEBOL BRASILEIRO: DISCUSSÃO SOBRE A ARTE E A FORÇA.....	76
2.3 O JOGADOR DE FUTEBOL BRASILEIRO APRENDENDO A ALIAR ARTE E FORÇA.....	82
2.4 ANOS DE CHUMBO & ANOS DE OURO: A COPA DE 1970 E A “SELEÇÃO DO POVO”.....	90
CAPÍTULO III – JOÃO HAVELANGE: “O INVENTOR DO PAÍS DO FUTEBOL”	110
3.1 A ORIGEM DO INVENTOR.....	110
3.2 CBD E O “DESCOBRIMENTO DO BRASIL”.....	119
3.3 A MANUTENÇÃO DO PODER DENTRO DA CBD E A COPA DE 1962.....	131
3.4 RUGAS, ESPIONAGEM E A CRIAÇÃO DO MITO PELÉ, O “REI DO FUTEBOL”.....	135

CAPÍTULO IV – A SEDIMENTAÇÃO DO PAÍS DO FUTEBOL.....	155
4.1 O SURGIMENTO DO MATO GROSSO DO SUL E O FUTEBOL MARCHANDO PARA O OESTE.....	155
4.2 FUTEBOL COMO SINÔNIMO DE MODERNIDADE E INTEGRAÇÃO NACIONAL: O SURGIMENTO DO MORENÃO.....	169
4.3 A COPA DO SESQUICENTENÁRIO E A TENTATIVA DE CRISTALIZAR O BRASIL COMO PAÍS DO FUTEBOL.....	184
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	207

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Médici cumprimenta Roberto Dias, jogador do São Paulo, na inauguração do Morumbi, em 25 de janeiro de 1970. Atrás do presidente, João Figueiredo, último Presidente do período militar, que na época era chefe do Gabinete Militar da presidência.....	29
Figura 2 - Pirâmide esportiva encontrada no <i>Diagnóstico</i>	36
Figura 3 - Cartaz dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) de 1974.....	39
Figura 4 - Cerimônia de abertura dos Jogos Universitários de 1971, realizada em São Paulo.....	43
Figura 5 - Capa da RBEF de 1971: “Brasil: potência olímpica”.....	49
Figura 6 - Exemplar encontrado na biblioteca da Escola de Educação Física da USP.....	66
Figura 7 - Pelé e Jairzinho (em primeiro plano), “produtos” da preparação física militarizada.....	67
Figura 8 - Exemplar da obra encontrado na biblioteca da Escola de Educação Física da USP.....	68
Figura 9 - Acima, Carlos Alberto Torres, capitão do Tri; abaixo, da esquerda pra direita, Parreira, Zagallo, o Brigadeiro Jerônimo Bastos (chefe da delegação) e Chirol; na direita, Coronel José de Almeida (administrador da seleção), Pelé, Mário Américo (massagista) e, novamente, Zagallo.....	72
Figura 10 - As palavras em negrito acima da reportagem: “Em 70 foi tudo exatamente ao contrário de 66, quando começamos a perder o <i>tri</i> na forma física”.....	74
Figura 11 - Crítica a Yustrich.....	88
Figura 12 - Sujismundo foi um dos personagens de animação de maior sucesso da AERP. Criado por Ruy Perroti, foi utilizado nos filmetes para uma campanha educativa intitulada “Povo desenvolvido é povo limpo”, no qual o governo incentivava a limpeza e a higiene nas cidades.....	92
Figura 13 - Propaganda de televisores veiculada na revista <i>Manchete</i> . A conquista do Tri alavancou de forma avassaladora a influência da TV.....	95
Figura 14 - Médici e Nixon, na ocasião da visita do presidente estadunidense ao Brasil.....	97
Figura 15 - Carlos Alberto Torres levanta a taça, ao lado de Médici, em Brasília.....	98
Figura 16 - O abraço entre Pelé e Médici na comemoração do Tri.....	99
Figura 17 - A “unção” dos jogadores.....	100
Figura 18 - O “general-torcedor” levanta a taça Jules Rimet, no Congresso Nacional.....	103
Figura 19 - Massafumi Yoshinaga depois de “abandonar” a luta armada.....	105
Figura 20 - <i>Placar</i> esboça o regionalismo recorrente.....	106
Figura 21 - Havelange em discussão com Costa e Silva sobre a Loteria Esportiva.....	111

Figura 22 - Olimpíada de 1936: Havelange, de costas, está no canto esquerdo, observando a saudação nazista dos soldados alemães.....	116
Figura 23 - Campeão da travessia do Tietê, 1935.....	117
Figura 24 - Décadas na Cometa ajudaram a alavancar sua carreira com os contatos da empresa.....	118
Figura 25 - A amizade entre JK e JH era muito além do futebol.....	127
Figura 26 - Lendo o jornal que cobriu a vitória do selecionado brasileiro.....	128
Figura 27 - Dupla muito dinâmica.....	139
Figura 28 - Geisel com Havelange – o general não nutria simpatia pelo futebol como seu antecessor.....	144
Figura 29 - Heleno Nunes, desafeto confesso: Havelange sai pelas portas dos fundos da CBD, em 1974.....	145
Figura 30 - Pelo sorriso de Havelange, coisa rara em fotos, vê-se que a amizade era recíproca.....	146
Figura 31 - O furor: o rei do futebol com o chefe da nação.....	147
Figura 32 - Pelé com Michael Caine e Sylvester Stallone, nos bastidores de <i>Fuga para a Vitória</i>	149
Figura 33 - O poder e sua extensão: amizade com Henry Kissinger, Secretário de Estado dos EUA.....	150
Figura 34 - Pelé autografa para Nixon.....	152
Figura 35 - A zebrinha, símbolo da Loteria Esportiva, aparecia todos os domingos em programa da Rede Globo de Comunicações.....	157
Figura 36 - Geisel no momento da assinatura da Lei que dividiu Mato Grosso em 11/10/1977.....	163
Figura 37 - Pedrossian em discussão, no Rio de Janeiro, com Médici sobre a instalação da Universidade Estadual do Mato Grosso, em 1969.....	167
Figura 38 - Cidade Universitária ainda em construção. O Morenã encontra-se no lado esquerdo superior.....	168
Figura 39 - Amigos de longa data.....	169
Figura 40 - Morenã em imagem aérea.....	179
Figura 41 - A primeira volta olímpica do Morenã.....	180
Figura 42 - Pedrossian entra no gramado do “Morenã”.....	181
Figura 43 - Os restos mortais de D. Pedro I chegam ao Brasil.....	185
Figura 44 - Cartaz do filme.....	189
Figura 45 - O mapa da Taça: integração nacional por meio do futebol.....	193

Figura 46 - Os grupos das eliminatórias – a seleção brasileira só entraria na fase final, por ser a anfitriã.....	194
Figura 47 - O General-torcedor entrega a Taça do Sesquicentenário a Gerson.....	200
Figura 48 - Taça em ouro 18 k, com brilhantes, esmeraldas, pérolas e rubis, tendo 45 cm de altura e pesando ao todo 14 kg. Estimada à época em CR\$ 130 mil (cerca de US\$ 30 mil, valores atuais).....	201

LISTA DE SIGLAS

RBEF – Revista Brasileira de Educação Física
MEC – Ministério da Educação
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
CDFA – Comissão de Desportos das Forças Armadas
IPEA – Instituto de Pesquisa e Estudos Avançados
CNRH – Centro Nacional de Recursos Humanos
DED – Divisão de Educação Física e Desportos
FSESP – Fundação Serviço Especial de Saúde Pública
JEB's – Jogos Estudantis Brasileiros
JUB's – Jogos Universitários Brasileiros
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância
COI – Comitê Olímpico Internacional
CBD – Confederação Brasileira de Desportos
PNDE – Plano Nacional de Desenvolvimento Esportivo
PNEFD – Plano Nacional de Educação Física e Desportos
PND – Plano Nacional de Desenvolvimento
CIEPS – Centre International d'Études Pédagogiques
FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar
FIEP – Fédération Internationale d'Éducation Physique
FIFA – Fédération Internationale de Football Association
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
EsEFEx – Escola de Educação Física do Exército
ICB – Sociedade Internacional de Biometereologia
CDFA – Comissão Desportiva das Forças Armadas
SNI – Serviço Nacional de Informações
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
COSENA – Comissão Seleccionadora Nacional
AERP – Assessoria Especial de Relações Públicas
IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
USP – Universidade de São Paulo

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária
CMTC – Companhia Municipal de Transporte Coletivo
CND – Conselho Nacional de Desportos
PSD – Partido Social Democrático
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN – Partido da Mobilização Nacional
PDS – Partido Democrático Social
COB – Comitê Olímpico Brasileiro
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
DOPS – Departamento de Ordem Política e Social
CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
CCHS – Centro de Ciências Humanas e Sociais
LEMC – Liga Esportiva Municipal de Campo Grande
CODEMAT – Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso
IBRACON – Instituto Brasileiro de Concreto
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
CEC – Comissão Executiva Central
CEE's – Comissões Executivas Estaduais
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
CONCACAF – Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football

INTRODUÇÃO

Como todo acontecimento histórico relevante, o período conhecido como Ditadura Militar¹ foi alvo de inúmeras interpretações. Otávio Ianni² e Francisco de Oliveira³, por exemplo, relacionaram a deposição de João Goulart por meio de um golpe civil militar aos problemas de subdesenvolvimento e ao atraso econômico que o país vivia. A ênfase nesse caso está em explicações estruturalistas para o processo econômico, social e político, que teve como seu maior desdobramento a tomada do poder institucional por segmentos das forças armadas e por setores ligados a elas.

Há também as interpretações que privilegiaram o caráter preventivo da intervenção civil militar. O autoritarismo teria sido uma ação destinada a evitar possíveis e profundas transformações no sistema econômico e político. Florestan Fernandes⁴ e Caio Navarro de Toledo⁵, entre outros, apontaram o caráter preventivo, ponderando que os movimentos populares e as ações reformistas de Jango poderiam levar ao socialismo. Dessa forma, os militares preveniram o Brasil de seguir mais à “esquerda”. O golpe significou para esses autores o solapamento da democracia populista.

Outros estudiosos incorporaram a versão de conspiração do golpe de 1964, entre eles Moniz Bandeira⁶ e René Dreifuss⁷. Trabalharam com a ideia do tempo curto, privilegiando a conjuntura. Bandeira destacou a atuação internacional como elemento importante da conspiração. Segundo ele, os setores conservadores receberam apoio dos Estados Unidos e do seu capital. Dreifuss apontou que a ascensão militar representou o rompimento do bloco populista e enfraquecimento da classe trabalhadora.

¹ Há muitas denominações sobre o período que seguiu ao golpe de 1964. Alguns estudiosos se referem a ele como Ditadura Militar, outros o denominam “período autoritário”, entre outros. Esta tese sempre remeterá à primeira denominação, emprestada de alguns autores, entre eles Daniel Aarão Reis. Sobre isso ver: REIS, Daniel Aarão. O sol sem peneira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 83, 2012, p.31. Existem também várias denominações para o chamado golpe. A imprensa paulista (entre outras) da época o denominou de “revolução democrática”, assim como os militares envolvidos no evento. No embate quanto ao nome mais adequado, talvez as palavras de George Orwell deem uma pista: “Não se estabelece uma ditadura com o fito de salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura.”

² IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

³ OLIVEIRA, Francisco. **Economia brasileira: a crítica à razão dualista**. São Paulo: Cebrap, 1975.

⁴ FERNADES, Florestan. **O Brasil em compasso de espera**. São Paulo: Hucitec, 1981.

⁵ TOLEDO, Caio Navarro. **O governo João Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁶ BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

⁷ DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

Existem também interpretações que destacaram as ideias de ação política e falta de compromisso com a democracia. Nessa tendência destaca-se Jorge Ferreira⁸, que interpretou a ausência de compromisso com a democracia tanto da esquerda como dos segmentos conservadores e de direita. Para ele, a radicalização política foi a maior responsável pelo golpe militar, e não fatores de ordem estrutural.

De acordo com Daniel Aarão, a chamada “revolução democrática”, instituída em 1964, foi desencadeada pelos generais assim como por amplos segmentos da população. As Marchas da Família com Deus pela Liberdade mobilizaram dezenas de milhões de pessoas, de amplos setores sociais (lideranças empresariais, políticas e religiosas e tradicionais entidades da sociedade civil), contra o governo de João Goulart. Segundo o autor, “um grande medo” pairava naquele momento. As reformas de base⁹ anunciadas dias antes por Jango estimularam o temor, pois poderiam subverter tradições consagradas, questionar hierarquias de saber e de poder.¹⁰

Passados 50 anos do chamado golpe militar, muitos trabalhos de estudiosos experimentados surgiram com o intuito de esmiuçar temas que até então não eram pesquisados ou pelo menos recebiam análises epidérmicas. Entre eles se destacam: “O golpe e a ditadura militar 40 anos depois”¹¹, “O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática”¹², “Revolução e Democracia”¹³, “Partido político ou bode expiatório, um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional/Arena (1965-1979)”¹⁴, “Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil”¹⁵, “Seguindo a canção: engajamento

⁸ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁹ As reformas de base preconizavam, entre outras coisas, acabar com os latifúndios e a presença dos capitais estrangeiros, conceder voto aos analfabetos (então quase 45% dos adultos) e aos soldados, proteger os assalariados e os inquilinos, mudar radicalmente os padrões de ensino e aprendizado, alterar o sistema bancário e estimular a chamada cultura nacional. Sobre isso ver: TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

¹⁰ REIS, Daniel Aarão. O sol sem peneira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 83, 2012, p.33.

¹¹ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois**. Bauru: Edusc, 2004.

¹² FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

¹³ FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Revolução e Democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹⁴ GRINBERG, Lúcia. **Partido político ou bode expiatório**, um estudo sobre a aliança Renovadora Nacional Renovadora/Arena, 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

¹⁵ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

político e indústria cultural na MPB (1959-1969)”¹⁶, “O Ardil do politicismo: do bonapartismo à institucionalização da autocracia burguesa”¹⁷ e “A ideologia 1964: os gestores do capital atrofico”¹⁸. Trabalhos que incorporaram novas temáticas, como o estudo da memória em torno do golpe, o estudo da música, dos partidos, do teatro, da propaganda oficial e de várias experiências que foram “esquecidas” em obras consagradas do passado recente brasileiro.

No entanto, sobre a questão dos esportes e, principalmente, do futebol, a produção historiográfica sobre o período ditatorial ainda é insignificante, haja vista a complexidade desse tema tão relevante para o entendimento da cultura brasileira. Aliás, em termos historiográficos, análises sobre o futebol enquanto fenômeno cultural¹⁹ – e por que não dizer político – começaram há pouco tempo a ganhar espaço entre as academias brasileiras. Esse “atraso” só pode ser entendido por certo tipo de preconceito, que colocava – e ainda coloca – o estudo do futebol como tema menor, preconizando, por exemplo, o futebol como “ópio do povo”, assunto discutido com maior densidade no interior da presente tese.

Abordar pertinentemente o futebol torna-se bem mais complexo do que pensam aqueles que o reduzem a um objeto de estudo menor. Ele exige um arsenal teórico tão amplo quanto o necessário para a crítica literária, os estudos sociológicos ou a análise histórica. O futebol é muito mais que um esporte ou mesmo um modo de vida: é uma metáfora da nova ordem mundial, com toda a sua complexidade. Inspira classes sociais, ideologias políticas e frequentemente provoca devoção mais intensa que as religiões.²⁰

Em parte, a perda de força desse preconceito se deu em função de trabalhos de autores reconhecidos mundialmente, que influenciaram decisivamente o estudo do esporte – e do futebol – na historiografia brasileira. Um exemplo é “*A Busca de Excitação*”²¹, escrita por Eric Dunning e Norbert Elias. Na obra aparecem as discussões travadas por eles acerca da pertinência de se tratar o futebol como tema digno do interesse acadêmico. O livro se dedica

¹⁶ NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção**: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Anna Blume: Fapesp, 2001.

¹⁷ RAGO FILHO, Antonio. O Ardil do politicismo: do bonapartismo à institucionalização da autocracia burguesa **Projeto História**. São Paulo, n. 29, tomo 1, 2004, p.139-167.

¹⁸ RAGO FILHO, Antonio. **A Ideologia 1964**: os gestores do capital atrofico. Tese (Doutorado em História), PUC-SP, São Paulo, 1998.

¹⁹ O termo é emprestado do historiador Hilário Franco Jr., que analisa o futebol enquanto fenômeno cultural total que abrange uma escala mundial. Sobre isso ver: FRANCO JR, Hilário. **A Dança dos Deuses**. Futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

²⁰ FRANCO JR, Hilário; WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**. São Paulo: Cia das Letras, 2008. FRANCO JR, Hilário. Ensaio bibliográfico. **Revista de História**. São Paulo, n. 163, USP, Humanitas, 2º. semestre 2010, p.369.

²¹ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986. A versão inglesa é: “Quest for excitement: Sport and leisure in the Civilizing Progress” (Oxford, Basil Blackwell, 1996).

especialmente ao processo de esportivização e hoje se consagra como uma das mais importantes obras da história da sociologia do futebol. Graças a esse trabalho as discussões acerca da legitimidade da abordagem do futebol como objeto das Ciências Humanas tornaram-se cada vez mais raras. De acordo com Elias, o desenvolvimento desse esporte se inseriu no processo de civilização. Seu surgimento e desenvolvimento tiveram caráter de “impulso civilizador” comparável, em sua direção global, à curialização dos guerreiros²², na qual as regras impositivas da etiqueta desempenhavam um papel significativo.

O aumento do número de locais destinados à prática esportiva foi expressivo não só na Europa como também nas Américas. Não por acaso foi no período militar o auge das construções de estádios esportivos no Brasil. Nesse sentido, o futebol serviu aos anseios ditatoriais, pois esse esporte era capaz (aos olhos da caserna) de congregar os brasileiros no objetivo de construir ou “inventar”²³ o país do futebol, rótulo compatível com o “milagre econômico” vivenciado no governo de Emílio Garrastazu Médici, entre 1969 e 1974, recorte cronológico desta tese.

O governo em questão instituiu a Loteca, mais conhecida como Loteria Esportiva, para dar suporte financeiro aos clubes brasileiros. Em 1971, em consonância com a política estatal de integração nacional proposta por Médici, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) passou a organizar o Campeonato Brasileiro, com 20 clubes. Em 1972, o governo em questão patrocinou a Copa da Independência, também chamada de Copa do Sesquicentenário, como parte das comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil. Decretos, leis e uma ampla parafernália jurídica foram gestados no governo Médici em torno do esporte. A aproximação do poder público ao futebol se tornou institucionalizada com o presidente chamado por grande parte da imprensa esportiva de “General torcedor”, como se verá no decorrer de toda a tese.

A Copa de 1970, as construções de estádios, o aparecimento da Loteria Esportiva²⁴, a Copa da Independência, o Campeonato Brasileiro e a institucionalização do esporte e, por que não dizer, do futebol formam um conjunto de fenômenos, que será analisado nesta tese em sua relação com o projeto político imposto pelo Governo Médici. Indubitavelmente, o presidente e os pensadores reunidos em torno dele perceberam a importância que o futebol desempenhava e, dessa forma, se torna relevante uma análise mais apurada desses temas.

²² Movimento que buscou diminuir a violência social a partir da inserção dos guerreiros à vida religiosa.

²³ LOPES, Antonio Herculano (org.). **Entre Europa e África: A invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Topbooks/Casa Rui Barbosa, 2000.

²⁴ Em 2008, o Governo Federal lançou a Timemania, loteria que viabiliza ajuda aos cofres dos clubes das séries A, B e C do Campeonato Brasileiro.

Os inúmeros decretos e leis referentes aos esportes recorrentes no período supracitado apontam a intenção governamental de integrar o país entre as maiores potências olímpicas. O futebol desempenhou papel importante nesse intento, pois à época a seleção brasileira já era bicampeã mundial (1958 e 1962). Foi a partir do tricampeonato, em 1970, que a ideia do “país do futebol” se cristalizou e o governo do general-torcedor se esmerou em potencializar esse fenômeno futebolístico, acabando por se constituir um dos “inventores do país do futebol”.

Para uma melhor compreensão do futebol enquanto fenômeno sociocultural, faz-se necessário definir, teoricamente, o que se pode entender por esporte moderno, esse que seria capaz de auxiliar o governo militar na estratégia de criar o país do futebol. Nesse sentido, esta pesquisa tem como suporte teórico a visão “eliasiana”. Norbert Elias apontou que o futebol surgiu como uma prática corporal competitiva, inventado pelos ingleses por volta da segunda metade do século XIX, a partir da reconfiguração de jogos, lutas e outras práticas locais. Essa definição permite estabelecer um corte relativamente preciso, separando as práticas competitivas modernas daquelas praticadas em outras épocas e lugares, em relação às quais haveria uma correspondência com o futebol, mas jamais uma continuidade, como pressupunha (e até hoje pressupõe em alguns casos) a historiografia tradicional. Como destaca Roger Chartier na introdução de “*Sport et Civilisation*”²⁵ (versão francesa para *A Busca de Excitação*), a definição “eliasiana” associou fortemente a emergência e a difusão dos esportes ao contexto inglês de meados do século XIX.

A Inglaterra reunia os requisitos necessários para o surgimento da prática futebolística por ser, antes de tudo, o produto da história singular do processo de pacificação que caracteriza esse país depois das revoluções do século XVII. No final da Revolução Gloriosa de 1688, e diferentemente dos Stuarts, as novas dinastias (Orange e Hanover) renunciaram ao absolutismo. Simultaneamente, desaparecia a hipótese política radical que graças aos “dissenters” tinha peso no futuro político do país. A salvo, pelo menos relativamente, das turbulências políticas internas, a coexistência das duas classes dominantes da aristocracia e da “gentry” pôde se firmar na comunidade de interesses fundiários e em sua representação nas instituições parlamentares, uma vez que a gentry, excluída da Câmara dos Lordes, estava amplamente representada na Câmara dos Comuns.

O equilíbrio de forças permitia a pacificação, para a qual se impunha o autocontrole como norma de conduta. Uma de suas modalidades, que se afirmou no século XVIII, era a

²⁵ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986.

competição política pacificada sob a forma do regime parlamentar. Assim, para Elias, a parlamentarização e a esportivização participavam do mesmo processo civilizador. Ao atribuir a pacificação da competição política à do lazer físico, sugere ao mesmo tempo uma ligação direta e de natureza causal.²⁶

Elias, Dunning e Chartier, efetivamente, trataram o futebol como algo mais do que uma modalidade de uso do corpo. Reconheceram nele um vínculo com o ideário moderno, civilizado, disciplinado, codificado, espetacularizado. As regras do futebol desempenham funções contendoras. Para eles, esse esporte, assim como outras atividades esportivas, que denominaram como miméticas, têm papel central no processo civilizador, pois representam espaços de tensão controlada em sociedades que tendem a excluir a excitação do cotidiano. As regras esportivas, portanto, não estão fora da sociedade que as instituiu e surgiram juntamente com as agências nela existentes com um sistema jurídico próprio – a chamada justiça esportiva –, que varia para cada modalidade.

Não há como compreender o futebol, com suas inúmeras variações, sem levar em conta a complexidade social e cultural do mundo contemporâneo. A modernidade, a industrialização, a laicização e a parlamentarização (enquanto modo de mediação dos conflitos baseado no confronto verbal, e não na guerra), como quer Elias, estão na base do impulso para a criação e disseminação desse esporte a partir da Inglaterra do século XIX.

Para o autor, seria legítimo que não existisse uma sociologia do esporte, ou do jogo, em sua obra, de tal forma que esse objeto deveria ser analisado segundo os esquemas de conjunto de uma sociologia geral. Com efeito, é o estudo do desenvolvimento social em seu conjunto que é efetuado nos termos do jogo. O esporte como atividade social é deixado de lado em proveito de uma definição do jogo como estrutura de ação e exatamente como estrutura de competição. O jogo é invocado para explicar a dimensão concorrencial das relações sociais. O jogo ou a competição caracterizam as relações de interdependência que ligam os indivíduos e que constituem os grupos sociais, quaisquer que sejam sua dimensão e sua posição social.²⁷

Outro autor que dá suporte teórico à pesquisa a respeito do jogo é Pierre Bourdieu. Quando analisou a sociedade em termos de campos sociais mais ou menos autônomos atravessados por classes distintas, também procedeu à analogia do jogo entre os agentes sociais. Segundo ele, pode-se comparar o campo social a um jogo, tendo assim móveis em

²⁶ GARRIGOU, Alain. **Norbert Elias**: La Politique et l'histoire. Paris: Éditions La Découvert et Syros, 1997, p.74.

²⁷ Ibidem, p.75.

disputa que são, no essencial, produto da competição entre os jogadores; um investimento no jogo, que ele chamou de *illusio*.

Os jogadores se deixam levar pelo jogo, eles se opõem apenas, às vezes ferozmente, porque tem em comum dedicar ao jogo, e ao que está em jogo, uma crença, um reconhecimento que escapa ao questionamento e essa conclusão está no princípio de sua competição e de seus conflitos. Eles dispõem de trunfos, isto é, de cartas-mestra cuja força varia segundo o jogo: assim como a força relativa das cartas muda conforme os jogos, assim também a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, cultural, social e simbólico) varia nos diferentes campos.²⁸

Eric Hobsbawm, por sua vez, apontou a importância do futebol – e tudo que o cerca – quando analisou o fenômeno do nacionalismo e da globalização:

A dialética das relações entre globalização, a identidade nacional e a xenofobia é enfaticamente demonstrada pela atividade pública que combina esses três elementos: o futebol. Graças à televisão global, esse esporte universalmente popular transformou-se em um complexo industrial de categoria mundial. Da dicotomia entre, por um lado, o nacional, último refúgio das paixões do mundo antigo, e, por outro, o transnacional, trampolim do ultraliberalismo do novo mundo, resulta, para os amantes do futebol, assim como para os meios que gravitam em torno desse esporte, uma verdadeira esquizofrenia, extremamente complexa que ilustra perfeitamente o mundo ambivalente no qual todos nós vivemos.²⁹

Segundo o autor, desde que o futebol adquiriu um público de massa, foi o “catalisador” de duas formas de identificação entre as pessoas: a local, com o clube da cidade (ou da região); e a nacional, com a seleção, composta pelos jogadores dos clubes. Essas duas formas mantiveram-se até meados da década de 1990, quando eram complementares, mas, com a “globalização futebolística”, ou seja, com o futebol transformado em um negócio mundial, com um mercado global, essa complementaridade se tornou incompatível com os interesses empresariais, políticos, econômicos, nacionais e o sentimento popular.

Nesse cenário, o futebol foi dominado pelo “imperialismo” de umas poucas empresas capitalistas e dos clubes europeus, que detêm mais volume de capital e competem entre si, não só dentro de campo, mas também fora dele, na tarefa de “recrutar” jogadores mundo afora, especialmente na América do Sul e África. Para Hobsbawm, esse desenvolvimento do futebol

²⁸ Sobre isso ver: BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Réponses**: pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992, p.73-74.

²⁹ HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.92.

globalizado gerou um “efeito triplo”. O primeiro foi o enfraquecimento dos clubes exportadores de “pés de obra”. O segundo efeito está no conflito entre as empresas multinacionais e o futebol como identidade nacional, já que os interesses dos clubes ricos – e das empresas que os patrocinam – se chocam com as seleções nacionais, que precisam dos jogadores que atuam neles para os jogos internacionais. O terceiro é o comportamento xenofóbico e racista entre os torcedores, sobretudo os dos “países imperiais”, pois eles ficam divididos entre o orgulho que sentem pelos grandes clubes (o que inclui seus jogadores estrangeiros ou negros) e o orgulho que sentem pelas seleções nacionais.

A crescente importância que competidores provenientes de povos há tanto tempo considerados inferiores alcançam nos seus cenários nacionais, sobretudo os africanos acabam por demandar recorrentemente esse processo de extrema xenofobia. Os periódicos surtos racistas que acometem os estádios de países sem história anterior de racismo no futebol - Espanha, Holanda - e a associação do hooliganismo com a extrema direita são expressões dessas tensões.³⁰

No Brasil alguns teóricos também contribuíram para outros estudos, como a presente tese. Cabe ressaltar os escritos pioneiros de Roberto DaMatta³¹, José Sérgio Leite Lopes³² e Simoni Guedes³³. A “*Dança Dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura*”, de Hilário Franco Júnior, talvez seja o exemplo mais significativo, no campo historiográfico, da influência advinda da obra de Elias. Tal trabalho talvez consista no estudo mais abrangente, em se tratando de futebol, existente na historiografia brasileira.

O empreendimento teve início, em 2003, num curso de pós-graduação ministrado pelo medievalista na Universidade de São Paulo, cujo resultado foi o livro supracitado, um ambicioso estudo sobre as raízes e os significados do futebol, tanto em solo nacional como internacional. O autor dedicou-se a descrever a história desse esporte como uma micro-história do mundo contemporâneo, e demonstrou como o futebol não pode ser dissociado de uma história mundial.

A argumentação de Franco Jr. não se limitou, porém, à análise histórica, entendendo a história do futebol como metáfora “de cada um dos planos essenciais do viver humano nas

³⁰ HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.92.

³¹ DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1986.

³² LOPES, José S. Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. **Revista USP**. Dossiê Futebol. São Paulo, USP, n. 22, p.64-83, jun.-ago./1994.

³³ GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro** - instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.

condições históricas e existenciais das últimas décadas”³⁴. No prefácio narrou que a ideia do livro decorria de uma constatação simplória, e nem por isso surpreendente, de que no Brasil o futebol é bastante praticado e insuficientemente analisado nas cadeiras da Academia.

No ano de 2010³⁵, o Departamento de História da USP publicou o “Dossiê: História do Futebol”³⁶. A revista foi um encontro: veteranos pesquisadores, jovens doutorandos, olhares de época, ângulos de hoje, testemunhos, interpretações, análises, versões. Tratou-se de um debate plural expresso em diferentes referenciais teórico-metodológicos, diversas maneiras de recortar, constituir e abordar o tema. Indiscutivelmente, leitura obrigatória e uma contribuição teórica inestimável para esta tese.

Já “Veneno Remédio”, de José Miguel Wisnick, buscou colocar em pauta o “jogo em si”, aquilo que faz do futebol uma atividade capaz de apaixonar bilhões de pessoas dos mais remotos cantos do mundo. Segundo o autor, o futebol, tal como foi incorporado no Brasil, teve (e ainda tem) muito a dizer, com sua linguagem não verbal, sobre algumas forças e fraquezas do povo brasileiro, ajudando a ver sob outras luzes questões essenciais da formação da identidade brasileira.³⁷

Outras importantes reflexões aparecem quando o autor, inspirado no sociólogo espanhol Vicente Verdugo, analisa o caráter feminino da função de goleiro, aquele que zela pela virgindade de seu posto e que, acompanhando a liberação da mulher a partir da década de 1970, mudou seus trajes, abandonando o discreto e maternal preto por uniformes mais coloridos, e, sobretudo, sua postura dentro de campo, permitindo-se a postura masculina de sair várias vezes do seu domicílio na pequena área e mesmo, em certos casos, atacar e marcar gols, como é o caso do goleiro do São Paulo Futebol Clube, Rogério Ceni, e do ex-goleiro da seleção paraguaia, José Chilavert.

Outro exemplo relevante trata-se da coletânea de estudos organizada por Mary Del Priore e Victor Andrade de Melo “História do Esporte no Brasil”. O trabalho buscou responder a várias questões essenciais, colocando o esporte como uma das mais importantes manifestações culturais do século XX. Fenômeno moderno, que tem sua configuração articulada com todas as outras dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas,

³⁴ FRANCO JR, Hilário. **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.34.

³⁵ O *Simpósio Nacional dos Estudos sobre Futebol*, realizado em 2010, na cidade de São Paulo, uma parceria entre USP, PUC-SP e o Museu do Futebol, foi também um laboratório importante para esta pesquisa. Acadêmicos das mais variadas áreas e de muitos Estados marcaram presença, num debate profícuo sobre os caminhos percorridos nas pesquisas referentes ao estudo do referido esporte.

³⁶ Revista de História. São Paulo, n.163, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, Humanitas, 2010.

³⁷ WISNICK, José Miguel. **Veneno Remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.23.

influenciando arquitetura, *modus vivendis*, nova dinâmica das cidades, aumento da presença dos meios de comunicação. Para Del Priore, “a construção do ideário da modernidade, seus sentidos e significados, passa também pelas peculiaridades que adquiriu a prática esportiva no decorrer do tempo”³⁸.

Todos esses trabalhos e muitos outros que não foram citados nesta apresentação foram essenciais na elaboração teórica da presente pesquisa, apesar de não se preocuparem (nem era essa a intenção dos autores) com uma análise entre a política e o futebol, principalmente no que se refere à ditadura brasileira, sendo o tema citado, mas não aprofundado, já que a proposta dos autores abrange períodos mais longos, sem recortes temporais específicos, diferentemente da presente pesquisa. Outras pesquisas recentes que focalizaram o futebol como fenômeno sociocultural apresentaram lacunas na interpretação da relação desse esporte com a ditadura militar, principalmente com o governo Médici. Na década de 1970, mais especificamente nesse governo, as relações entre futebol, política e sociedade alcançaram seu auge, sobretudo se considerarmos a atuação do referido governo na área esportiva, em geral, e no futebol, de modo particular.

Somado a isso, a construção da memória em torno da conquista da Copa de 1970 sugere ao historiador a necessidade de entrar em campo e participar mais ativamente do jogo. Descortinar, desnudar, desmistificar temas como o da ditadura militar não é fácil, precisamente quando o assunto é futebol, pois existe uma máxima cristalizada que afirma que somos uma nação formada por mais de 150 milhões de técnicos, ou seja, que quase todos os brasileiros sabem discutir sobre o jogo da bola. Até mesmo aquele(a) que não acompanha o cotidiano futebolístico, de vez em quando arrisca dar seu palpite, suas impressões e analisar o desempenho do seu time e inclusive da seleção brasileira de futebol.

A imagem construída nos jornais e na televisão em torno da conquista da Copa de 1970, por exemplo, obscurece uma série de fatores, sobretudo o caráter militarizado da preparação física da seleção, cristalizando apenas o aspecto “mítico” e heroico da vitória brasileira. Para os militares, o sucesso da seleção refletiria o período do milagre econômico vivenciado pela economia brasileira. Além disso, o governo em discussão se esforçou em cristalizar – ou inventar – a imagem do “país do futebol” na ocasião do financiamento da Copa da Independência, ou do Sesquicentenário, como também ficou conhecida.

³⁸ DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (orgs.). **História do esporte no Brasil**. Do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009, p.12.

A categoria invenção está aqui posta no sentido de questionar a existência de uma essência identitária, subentendendo um processo de criação cultural, pleno de sentidos, disputas e tramas de poder. O complexo processo de construção contém múltiplas variações, através dos tempos, nos diferentes espaços, com posições, trajetórias e objetivos variados, cabendo destacar que se considera não a invenção, mas as invenções com toda a pluralidade de significados.³⁹

Os festejos após a conquista de 1970 foram incessantemente associados ao presidente Médici, que soube aproveitar o momento de euforia potencializada pelo futebol em benefício do seu governo, para mostrar aos brasileiros e ao mundo seu projeto de Brasil grande, moderno e potente. E, para cristalizar sua invenção do Brasil como país do futebol, financiou, por meio da CBD e da ajuda de seu presidente, João Havelange, a Copa do Sesquicentenário, Copa da Independência ou “Minicopa”, como ficou conhecida na imprensa da época, realizada entre os meses de junho e julho de 1972, como parte das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil (1922-1972). Então, as seleções da Bolívia, Iugoslávia, Paraguai, Peru, Venezuela, Escócia, Tchecoslováquia, União Soviética, Uruguai, Argentina, Colômbia, combinado da Concacaf (Confederação da América do Norte, Central e Caribe), França, Chile, Equador, Irã, Irlanda do Norte e Portugal jogaram em vários estádios pelo Brasil afora, alguns com a construção impulsionada justamente para a competição, como no caso do Estádio Universitário Pedro Pedrossian, mais conhecido como Moreirão, localizado na cidade de Campo Grande (MS).

Diante disso, esta tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro – **A Cientificação da Nação** – trata da política governamental do governo Médici para com a Educação Física e os esportes. O debate acerca da renovação da área com a entrada da “ciência” foi recorrente na época. O tom megalomaniaco em que se apresentavam os projetos do governo é visível nos documentos e discursos desse setor. A busca de uma “renovação” e o caráter de cientificidade que a insuflou fizeram parte das discussões de órgãos internacionais que chegavam ao Brasil mediante intercâmbios (a maioria deles financiada pelo governo) ocorridos naquele momento entre teóricos especializados, que em sua maioria apareciam na Revista Brasileira de Educação Física, publicada pelo MEC de 1968 a 1984, cuja tiragem chegou a 100.000 exemplares. Esse documento mostrou que o apelo científico era prerrogativa básica para os generais que presidiram o Brasil.

³⁹ MATOS, Maria Izilda dos Santos. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo de Adoniran Barbosa. Bauru: Edusc, 2002.

Para efetivar e legitimar tal política, foi desenvolvido o “Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil”⁴⁰, exhaustivamente coberto dentro da *Revista Brasileira de Educação Física*. Esse diagnóstico representou um estudo quantitativo das condições de desenvolvimento da Educação Física no país, repleto de propostas que, supostamente, redundariam na política governamental para a área. Foi encomendado (em 1969 e publicado dois anos depois) pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Avançados (IPEA), do Ministério do Planejamento, e funcionou como diretriz básica da política setorial do governo para a área. O *diagnóstico* serviria como documento oficial para o intento militar de “construção” de uma potência olímpica mediante o debate científico.

Esse discurso cientificista adentrou o mundo futebolístico. A preparação racionalizada do corpo do jogador foi alvo maior dos “cartolas” (dirigentes) dos grandes clubes brasileiros, assim como dos dirigentes da CBD. Assim, a comissão técnica da seleção brasileira de futebol de 1970 foi foco de um esquema militarizado, em que a preparação física se apresentou como ponto nodal para a disputa nas altitudes do México e para o sucesso internacional do Brasil, enquanto país progressista, não só economicamente como também esportivamente. As publicações de Lamartine Pereira da Costa, então Capitão-Tenente, membro da Comissão Desportiva das Forças Armadas e instrutor de Educação Física da Marinha – “A altitude desportiva nos climas tropicais é uma solução experimental: O altitude training”⁴¹ e “Planejamento México”⁴² –, introduziram o método científico no mundo do futebol na ocasião da preparação da seleção brasileira para a Copa de 1970. Estudos precursores publicados pela Comissão Desportiva das Forças Armadas versando sobre os efeitos da altitude sobre o corpo humano foram de fundamental importância para a conquista do Tricampeonato Mundial de Futebol. Tudo isso faz parte do segundo capítulo, **A “Futebolização” da Nação.**

O terceiro capítulo, intitulado **João Havelange: “o inventor do país do futebol”**, aponta como se deu a tentativa de construir o país do futebol tanto por parte do governo militar como por parte de pessoas ligadas a ele, como João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que fez de tudo para conseguir colocar seus interesses à frente de tudo e de todos, até chegar à presidência da FIFA. A “invenção” do país do futebol partiu em grande parte da ação desse personagem em conluio com diversas pessoas

⁴⁰ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971, p.23.

⁴¹ COSTA, Lamartine Pereira. **A Atividade desportiva nos climas tropicais é uma solução experimental: o Altitude Training**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967.

⁴² COSTA, Lamartine Pereira. **Planejamento México**. Rio de Janeiro: MEC - Divisão de Educação Física, 1967.

envolvidas com a caserna, e não só dela, também empresários de multinacionais interessadas no jogo da bola.

Além disso, a criação do mito Pelé, o rei do futebol, vai ao encontro de tudo que se coaduna com a pátria de chuteiras. O dossiê da *Folha de S. Paulo* intitulado “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século” revela minuciosamente a estratégia para consolidar fora de campo a imagem de sucesso construída dentro dele – com as maiores conquistas obtidas na história por um jogador de futebol –, o que só foi possível a partir da união com João Havelange logo após a eliminação da seleção brasileira de futebol na Copa de 1966.

Além da importância documental do dossiê, o livro “Jogo Sujo. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos”, de Andrews Jennings⁴³, destemido repórter inglês, faz denúncias, inclusive veiculadas pela BBC de Londres, sobre o nebuloso grande mundo de João Havelange como mandatário do futebol brasileiro e mundial. Compra de votos para sedes da Copa, desvio de dinheiro da entidade para empresas pessoais e sonegação de impostos estão entre as acusações mais importantes. A FIFA tentou, sem sucesso, proibir a obra, que foi de extrema importância para se conhecer melhor a figura de Havelange.

O quarto capítulo – **A sedimentação do país do futebol** – estuda como o governo militar empreendeu mecanismos para sedimentar a ideia do Brasil como país do futebol, com a análise da construção do Estádio Pedro Pedrossian, mais conhecido como Morenã, em Campo Grande, em 1971, e também da Copa do Sesquicentenário, em 1972, que fez parte das comemorações do aniversário dos 150 anos da Independência do Brasil, assim como a vinda dos restos mortais de D. Pedro I de Portugal para o Brasil. O intuito do governo Médici foi cristalizar o momento de euforia em virtude da conquista do Tricampeonato, no México, em 1970. Para essa análise, o jornal *Correio do Estado*, periódico campo-grandense de maior circulação, é de grande importância por cobrir a construção do Estádio do Morenã e apontar as irregularidades em torno dela, assim como os periódicos cariocas *Jornal dos Sports*, *Última Hora* e *Jornal do Brasil*, por cobrirem incessantemente as comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil.

⁴³ JENNINGS, Andrews. **Em Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

CAPÍTULO I – A CIENTIFIZAÇÃO DA NAÇÃO

A cientifização⁴⁴ empreendida pelo governo do presidente Emílio Garrastazu Médici alcançou, também, a Educação Física e os esportes. A “ciência moderna” foi decantada em todos os discursos referentes à área e à prática esportiva. Assim, este primeiro capítulo discorre sobre a política empreendida pelo referido governo no sentido de construir um Brasil com potencial olímpico e de estabelecer como o esporte moderno deveria ser tratado dentro da Educação Física. Para essa análise, foram consultados o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil* (1971) e a *Revista Brasileira de Educação Física* (1968-1974), além da bibliografia especializada e de jornais da chamada “grande” imprensa.

1.1 PROJETO MILITAR PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Em janeiro de 1970, Médici visitava a cidade de São Paulo para as festividades de inauguração da Praça Roosevelt⁴⁵, monumento de cimento e aço instalado no centro da capital, que pulsava em ritmo acelerado para o “progresso” e, como assinalava *O Estado de S. Paulo* (OESP), expandia-se para todos os lados. Além do evento na praça, o “general-torcedor” participaria do aniversário da cidade e da inauguração do estádio do São Paulo Futebol Clube, Cícero Pompeu de Toledo, hoje mais conhecido como Morumbi, por estar situado no bairro homônimo. O presidente do clube Laudo Natel tomou a iniciativa (com o aval do poder público municipal) de mobilizar o Exército, colocando em marcha o plano designado pela imprensa de “Operação Morumbi”, espécie de força-tarefa montada com a participação de 54 caminhões e 220 soldados do Quarto Regimento de Infantaria da capital.

⁴⁴ O termo cientifização aplica-se aqui para apontar como se deu a entrada da chamada ciência moderna na prática da Educação Física e, conseqüentemente, nos esportes em geral. O termo é bastante usado dentro da *Revista Brasileira de Educação Física*, fonte deste primeiro capítulo.

⁴⁵ Em 2012, depois de anos de degradação, essa praça foi reinaugurada pelo prefeito Gilberto Kassab. Abrigara, antes, por muito tempo, moradores de rua e usuários de drogas. Com a revitalização, teve sua estrutura recuperada e ganhou mais de 260 novas árvores, luminárias, parques de diversão para crianças e novos espaços abertos. Além disso, a praça ganhou quiosques para floricultura, parquinho, banheiro público, num custo estimado em R\$ 55 milhões. Sobre isso ver: DEODORO, Juliana. Reforma da Praça Roosevelt muda comércio da região. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 04/12/2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,reforma-da-praca-roosevelt-muda-comercio-da-regiao,969011,0.htm>>.

Toda a engrenagem deveria estar pronta até o dia 25 de janeiro, data da referida inauguração e do aniversário de São Paulo.



Figura 1 - Médici cumprimenta Roberto Dias, jogador do São Paulo, na inauguração⁴⁶ do Morumbi, em 25 de janeiro de 1970. Atrás do presidente, João Figueiredo, último Presidente do período militar, que na época era chefe do Gabinete Militar da presidência.⁴⁷

Dias antes o Presidente da República fizera discurso destacando o potencial físico dos brasileiros e sua aptidão ao aprimoramento da Educação Física e aos “desportos”, vinculando-os à economia, que vivia nesse momento o chamado milagre econômico⁴⁸:

O sentimento que aqui me provoca é o de compartilhar esse momento de intensidade que vive o brasileiro e em particular o paulistano. Em São Paulo, principalmente, cidade que cresce a cada dia e que vive o progresso econômico que assola nosso país. A juventude que se

⁴⁶ A partida de estreia foi entre as agremiações do São Paulo Futebol Clube e do Futebol Clube do Porto, time português, na qual o placar foi de empate em 1x1. No entanto, essa foi chamada de segunda inauguração, já que a primeira aconteceu ainda com a construção em andamento, em 02 de outubro de 1960, entre o time da casa e o também clube português Sporting Lisboa, com o placar de 1x0 para o time paulista. Sobre isso ver: POMPEU, Renato. **Canhotoiro** - O Homem que driblou a glória. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

⁴⁷ TARDES DE PACAEMBU. **Picasso... pé quebrado custou a Copa do México**. 17/10/2012. Disponível em: <<http://tardesdepacaembu.wordpress.com/tag/ronei-paulo-travi/>>. Acesso em: dez./2013.

⁴⁸ O governo Médici não mudou a política econômica que vinha desde 1967, sob o comando de Costa e Silva. Um de seus fundamentos foi a aliança entre governo e empresários. O setor público, no entanto, teve influência crescente na gestão da economia. Elevou significativamente seus investimentos e ampliou seu papel regulamentador, com acentuada centralização de decisões. No financiamento do desenvolvimento, os capitais externos tiveram grande peso qualitativo e quantitativo, seja sob a forma de investimentos diretos ou de empréstimos. Conforme informações do Banco Central, os investimentos diretos estrangeiros evoluíram de US\$ 1,6 bilhão no início do governo para US\$ 4,6 bilhão no final de 1973. A indústria recebeu 77% do total. Sobre isso ver: SKIDMORE, Thomas E. **De Castelo a Tancredo** – 1964-1985. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p.209.

sensibiliza com essa reforma nos mostra que estamos no caminho correto, no caminho do aprimoramento do corpo e do caráter. E o governo tem como uma das premissas básicas estimular o bom funcionamento saudável dos jovens brasileiros e para isso nossa preocupação já ostenta os frutos com a instalação de equipamentos desportivos e do aprofundamento da Educação Física da juventude. Educação que servirá para os jovens se adequarem aos ditames econômicos da metrópole paulista.⁴⁹

Nesse momento, marchinhas como *Noventa milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração...*⁵⁰ congregavam os brasileiros no intuito de contribuir para o sucesso futebolístico no contexto dos altos índices econômicos, mobilizando boa parte do povo durante a Copa do Mundo do México, em 1970, sendo usadas como mantras pelo referido governo e entoadas, após o tricampeonato, em todas as manifestações públicas em ocasiões festivas.

Percebe-se a construção de um processo de brasilidade, de acentuado nacionalismo, não apenas no âmbito oficial como também em ambientes civis. Além do “sucesso” alcançado pela economia⁵¹, a busca do sucesso esportivo era prerrogativa cada vez mais decantada nos corredores da caserna. Nesse sentido, as atenções estavam voltadas para a realização do objetivo maior de incluir o Brasil entre as principais potências esportivas mundiais.

Nesse contexto, em 1971, o governo Médici, por intermédio do Decreto nº. 69.450, impôs a política voltada para a área esportiva dentro da Educação Física:

Art. 1º - A Educação Física, atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art. 2º - A Educação Física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

⁴⁹ O Estado de S. Paulo. “Aniversário de São Paulo”. São Paulo, 17/01/1970, p.08.

⁵⁰ *Pra frente Brasil* foi uma marchinha composta por Miguel Gustavo para inspirar a seleção brasileira na Copa de 1970. Ao contrário do que muitos pensam, não foi encomendada pelo governo. Surgiu da iniciativa e criatividade do autor. Sobre isso ver: ESPN-BRASIL. **Operação Condor**. Os anos de chumbo e o futebol. Documentário. ESPN-Brasil, 2012.

⁵¹ Apesar do sucesso da economia, que a comunicação e a propaganda oficial creditavam ao governo, o quadriênio do presidente Médici foi também o auge da repressão. A oposição política foi alvo de centenas de expurgos. O movimento sindical foi enfraquecido, assim como o estudantil, contidos pela repressão, silenciados pela censura e ofuscados pela euforia econômica. A repressão empreendida pelas forças de segurança enfraqueceu os grupos de esquerda. A guerrilha fragmentou-se em várias organizações, com a ocorrência de assaltos a banco, sequestro de diplomatas estrangeiros e guerrilha rural, como a do Araguaia, a mais longa. Sobre isso ver: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Revolução e Democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Art. 3º - A Educação Física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á;

I - no ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, da criatividade, do senso moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação da personalidade;

II - no ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe, pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade, a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios;

III - no nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância, de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no campus universitário à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

§ 1º - A aptidão física constitui a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º - A partir da quinta série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva.

§ 3º - Nos cursos noturnos do ensino primário e médio, a orientação das atividades físicas será análoga à do ensino superior.

[...]

§ 2º - No ensino superior, o corpo discente participará na planificação das atividades por meio de representação da Associação Atlética respectiva.

[...]

Art. 9º - A participação de estudantes de qualquer nível de ensino em competições desportivas oficiais, de âmbito estadual, nacional ou internacional, bem como em suas fases preparatórias, será considerada atividade curricular, regular, para efeito de assiduidade em educação física.⁵²

Esse decreto expressava a intenção estatal de preparar atletas dentro das escolas e de gerar um maior interesse entre os alunos em representar a cidade, o Estado e, em última análise, o país. Houve também a introdução da Educação Física⁵³ em âmbito universitário, preocupação intermitente do referido governo.

⁵² Revista Brasileira de Educação Física. “Legislação Federal”. Brasília: MEC, 1971.

⁵³ A prática da Educação Física, no Brasil, sempre esteve atrelada aos militares. Em 1921 foi aprovado o Regulamento de Instrução Física Militar, destinado ao Exército e calcado no projeto francês, por influência direta da Missão Militar Francesa, recentemente chegada ao Brasil. No ano seguinte, uma portaria do Ministro da Guerra criou um Centro Militar de Educação Física, destinado a “dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas”. Sobre isso ver: CASTRO, Celso. In corpore sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói - RJ, n. 02, p.61-78, 1º. semestre de 1997.

Art. 13 - A prática da educação física no ensino superior será realizada por meio de clubes universitários, criados segundo modalidades desportivas ou atividades físicas afins, na conformidade das instalações disponíveis, os quais se filiarão à Associação Atlética da respectiva instituição.

§ 1º - Os clubes de que trata este artigo, administrativamente dirigidos pelos estudantes, desenvolverão atividades físicas supervisionadas pelos professores de Educação Física, por meio das quais os universitários saldarão os créditos a que estiverem obrigados.

§ 2º - Ao matricular-se na universidade ou em escola isolada, o universitário filiar-se-á ao clube ou clubes de sua preferência.

§ 3º - Por deliberação exclusiva dos próprios associados, cada clube poderá instituir taxa módica para melhoria das instalações e de desenvolvimento das atividades e representações.

Art. 14 - Nas universidades onde houver escola de educação física, o professor será assessorado pelos alunos desta, em caráter de prática de ensino; nas demais e nos estabelecimentos isolados, por tantos monitores universitários quantos julgados necessários.

Art. 15 - Os professores de educação física serão admitidos no ensino superior na forma e categorias previstas no Estatuto do Magistério Superior, a cujo regime ficarão sujeitos.

Art. 16 - O órgão de direção desportiva pertencente à estrutura administrativa das organizações universitárias será orientado pela universidade de ensino de educação Física, quando existente.

§ 1º - A função precípua do órgão de direção desportiva universitária é a de incentivar, além das práticas programadas nos clubes, os campeonatos, torneios, competições de representação e intercâmbio, demonstrações e excursões desportivas de caráter formativo.

§ 2º - Facilitar-se-á participação do corpo docente do ensino superior nas atividades de programação interna ou externa.⁵⁴

A Educação Física e os esportes eram tomados como possuidores de caráter pedagógico, como espaço para o “desenvolvimento corporal/mental”, criadores de “hábitos higiênicos”, “formadores da personalidade” para a consolidação (no ensino superior) do “sentimento comunitário” e do “nacionalismo”. O governo Médici fazia uma tentativa de ordenamento das atividades físicas, essas que deveriam estar atreladas ao bom funcionamento do regime, se esforçando sobremaneira para colocar em pauta o projeto de “Brasil Grande”, “Brasil Potência” e, por conseguinte, de potência olímpica.

Nesse período, os esportes em geral e o futebol, de modo particular, conheceram um vigoroso desenvolvimento. Com a conquista do Tri, no México, e com os usos que esse feito proporcionou ao governo, o futebol foi lançado ao patamar de produto cultural e a máxima “país do futebol” se amalgamou, nesse momento, ao inconsciente coletivo dos brasileiros.

A tentativa de construir/inventar um país com potencial olímpico esteve na pauta das discussões governamentais em quase todas as publicações oficiais para a área. Nota-se a

⁵⁴ Revista Brasileira de Educação Física. “Legislação Federal”. Brasília: MEC, 1971.

tentativa de construção de uma sensibilidade/mentalidade esportiva brasileira. Certamente, isso ocorreu na esteira do desenvolvimento do esporte como fenômeno de massa em praticamente todo o mundo, a partir da segunda metade do século XX⁵⁵.

A expressiva quantidade de espaços esportivos construídos no governo Médici e nos governos militares subsequentes pode ser entendida como um processo de esportivização que a sociedade brasileira conheceu de forma intensa na década de 1970. Para efetivar e legitimar tal política, foi desenvolvido o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil*⁵⁶, exaustivamente coberto pela *Revista Brasileira de Educação Física* (RBEF), publicada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) de 1968 a 1984. Esse diagnóstico apresentava um estudo quantitativo das condições de desenvolvimento da Educação Física no país, repleto de propostas que, supostamente, redundariam na política governamental para a área. Foi encomendado (em 1969 e publicado dois anos depois) pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Avançados (IPEA), do Ministério do Planejamento, e funcionou como diretriz básica da política setorial do governo para o setor.

A autoria do *Diagnóstico* foi de Lamartine Pereira da Costa, à época Capitão Tenente, Professor de Educação Física, membro ordinário da Academia do Conseil International Du Sport Militaire, membro colaborador do Comitê da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), membro regular da International Society of Biometeorology. Saiu em 1969 da Comissão de Desportos das Forças Armadas (CDFA) para se efetivar no MEC como membro do conselho editorial da RBEF. O diagnóstico representou um divisor de águas no sentido das propostas e do encaminhamento de práticas para a área.

O governo Médici tratou, de fato, Educação Física/esportes como uma questão de Estado, haja vista que até a década de 1960 o investimento público nos esportes e na Educação Física havia sido bastante irregular. Mesmo assim, de forma alguma a associação entre poder público e esportes era uma novidade na história brasileira. Em 1941, no Estado Novo⁵⁷ (1937-1945), Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, criou o Decreto-lei

⁵⁵ MURRAY, Bill. **Uma História do Futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

⁵⁶ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971.

⁵⁷ Antes do Estado Novo, em novembro de 1930, o governo provisório de Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública (MES). Em 1931, o ministro Francisco Campos reformou o ensino secundário, tornando obrigatórios os exercícios de Educação Física em todas as classes (Decreto n. 19.890, de 18/04) e, pouco depois, ignorando os apelos da Associação Brasileira de Educação, mandou adotar as normas e diretrizes do Centro Militar de Educação Física (Portaria n. 70, de 30/06), o que implicou, mais uma vez, a adoção do Método Militar Francês para a área. Em 1932 foi oficialmente aprovado o Regulamento de Educação Física do Exército (Decreto n. 21.324, de 27/04), uma tradução do Règlement français de 1927 – o Método Francês –, o que apenas oficializava uma realidade já existente. No ano seguinte foi criada a Escola de Educação Física do

nº. 3.199/41, que tinha como prerrogativa a normatização e liberação de recursos para a Educação Física e os esportes em geral.⁵⁸ Mas foi com o governo Médici que o debate envolvendo o tema ganhou proporções nacionais.

Dessa forma, o *Diagnóstico* serviria como documento oficial para o intento militar de “construir” uma potência olímpica. Para Lamartine, o Brasil, num prazo de dez anos, consagrar-se-ia como baluarte esportivo, fazendo jus aos altos índices econômicos. Esse estudo contou com o apoio irrestrito do Centro Nacional de Recursos Humanos (CNRH), além do IPEA, órgãos do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, que firmaram convênio com a então Divisão de Educação Física e Desportos (DED) do Ministério da Educação e Cultura (MEC) no sentido de elaborarem, em conjunto, um diagnóstico de como se encontrava a Educação Física no Brasil.

Arlindo Lopes Corrêa, secretário-executivo do CNRH-IPEA, esclarecia o conteúdo da publicação:

A decisão de realizar esse estudo foi uma consequência natural das preocupações do Governo Revolucionário com a política nacional de recursos humanos, dirigida no sentido de aperfeiçoar o homem brasileiro em todos os aspectos e melhorar sua qualidade de vida. As atividades de Educação Física e Desportos estão intimamente ligadas às políticas de saúde e de educação, dando o seu papel condicionador da aptidão física e mental da população; possuem, outrossim, vinculações com a política de bem-estar, em seus aspectos de lazer e recreação. A par dessas implicações, que por si só justificariam a execução deste trabalho, já não podem ser ignoradas as manifestações psicossociais ligadas ao setor, que também projeta sua influência no plano da política internacional.⁵⁹

Essa pesquisa pode ser encarada como um mapeamento para auxiliar o planejamento da política do governo federal para a área. Paralelamente ao *Diagnóstico*, a equipe encarregada de sua preparação tomou parte em uma série de trabalhos e medidas destinadas à melhoria do setor: a criação do mencionado DED, o ordenamento dos investimentos federais nessa área, a obrigatoriedade da prática – em todos os níveis de ensino – e a sua consequente regulamentação foram algumas das tarefas relevantes de que participou ativamente o governo Médici. Dessa forma, o *Diagnóstico* era apenas um estágio para o aperfeiçoamento da

Exército (EsEFEx), instalada na Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro, substituindo o Centro Militar de Educação Física já existente (Decreto n. 25.252, de 19/10/1933). CASTRO, Celso. In corpore sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói - RJ, n. 02, p.61-78, 1º. Semestre de 1997, p.07.

⁵⁸ FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.87.

⁵⁹ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971, p.23.

Educação Física no país, como aponta, de maneira um tanto ufanista, o secretário-executivo do CNHR-IPEA:

O Brasil é, talvez, o único país do mundo que dispõe agora de um *Diagnóstico de Educação Física e Desportos*, elaborado com um “approach” de análise de sistemas, última palavra na técnica das ciências sociais colocando o país na posição privilegiada de poder, imediatamente determinar uma política nacional para o setor, fundada em bases científicas e racionais, que permitirá, em prazo médio, desempenhar importante papel no aperfeiçoamento dos recursos humanos disponíveis no Brasil. Cabe ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) dar consistência aos objetivos inicialmente propostos.⁶⁰

Nessa esteira, foi lançada, em 1971, a *Campanha Nacional de Esclarecimento Esportivo*, iniciativa que teve a intenção de aproximar os brasileiros das atividades físicas. Eric Tinoco Marques, chefe do DED/MEC, relatava a dificuldade desse empreendimento em face das proporções continentais do Brasil. Eis suas palavras:

Ao DED será difícil conhecer, Estado por Estado, as unidades escolares em condições de receber o material da campanha para o seu correto aproveitamento; ao Estado, e somente ao Estado, cabe programar o seu trabalho, pois as peças da Campanha não podem ser observadas isoladamente, como um “auxílio do MEC” para o desenvolvimento da Educação Física, mas sim como parte de um esforço integrado, em que diversas variáveis são atacadas simultaneamente, na tentativa de recuperar em pouco tempo o muito de atraso desse setor.⁶¹

A partir do *Diagnóstico*, da *Campanha de Esclarecimento* e do exposto na Lei nº. 6.251, de 1971, adotou-se o modelo brasileiro de organização desportiva. Esse se dividia em quatro dimensões: o esporte comunitário, estudantil, militar e o esporte classista. Essas subdivisões foram, literalmente, transpostas da organização esportiva estadunidense, assim como de países europeus. Foi também chamada de “pirâmide esportiva”, ou seja, uma estrutura colocada de fora para dentro, que, no entanto, se mostrou ineficaz em seu anseio megalomaniaco de tornar o Brasil uma potência olímpica.

⁶⁰ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971.

⁶¹ Revista Brasileira de Educação Física. “Campanha esportiva”. Brasília: MEC, 1971, p.09.

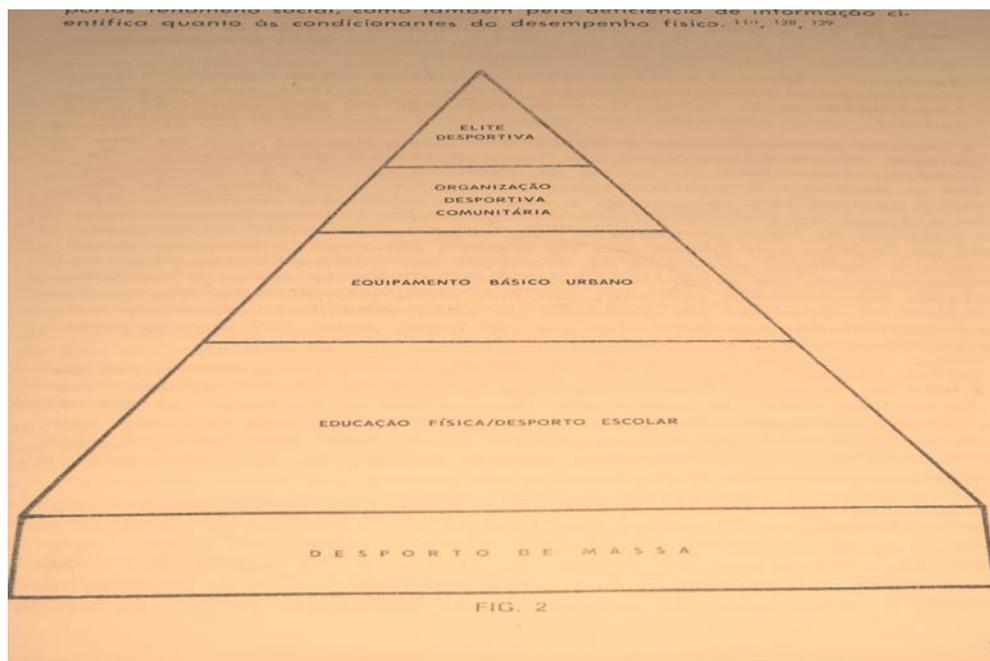


Figura 2 - Pirâmide esportiva encontrada no *Diagnóstico*.⁶²

No “desporto de massa”, base da pirâmide, a prática não precisaria ser competitiva, e qualquer pessoa poderia participar ou desenvolver algum tipo de atividade física – jogos amadores de final de semana ou campeonatos de bairros de periferia organizados pela comunidade com incentivo e financiamento estatal. Futebol, futebol de salão (hoje futsal), voleibol, basquetebol, passeios ciclísticos, caminhadas, ginástica na praça do bairro e qualquer atividade baseada no trabalho com o corpo podiam ser realizados.

A relevância estava na prática indiscriminada do trabalho corporal, no bem-estar do trabalhador, na harmonia social e, por conseguinte, na sociabilidade que seria estimulada, como prerrogativa básica, pelo governo em questão. Nesse nível, o modelo se caracterizava por um conjunto de atividades não necessariamente formais, das quais poderia participar a maior parte da comunidade.

Desde 1967, parte dessas atividades são pensadas a partir da noção de “Esporte pra Todos”, movimento que nasceu na Noruega, onde qualquer pessoa pudesse participar numa gama muito ampla de atividades, não necessariamente esportivas, que representariam uma nova postura diante da exercitação física, no sentido de uma vida mais ativa. Se pensarmos nos dias atuais, é um pouco como esse discurso tão incisivo dos meios de comunicação, do governo e de certas corporações profissionais para que você não fume, não beba, faça

⁶² COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971.

exercícios e participe das atividades comunitárias (como voluntariado) etc.⁶³

O poder público se esmerava em combater uma espécie de sedentarismo e, nesse caso, era preciso educar o brasileiro corporalmente, prática muito difundida em regimes ditatoriais do século XX tanto na América do Sul como em seus congêneres europeus.⁶⁴ Em discurso ao Congresso Nacional, em 1972, o presidente Médici enfatizou o objetivo prioritário da Educação Física e dos esportes dizendo que:

A política nacional desportiva, criada pelo governo, a partir do diagnóstico, em 1971, foi de principalmente intensificar o combate às doenças transmissíveis; melhorar a produtividade do sistema de proteção e recuperação da saúde; executar medidas de proteção materno-infantil e de principalmente criar condições do trato da saúde do corpo dos jovens brasileiros por meio de investimento em pesquisas e infra-estruturais para a Educação Física e para Desporto. O governo tem clareza em saber que a doença é causada, acima de tudo, pelo mau condicionamento do corpo do brasileiro. Será intensificado nos anos vindouros, com recursos da Loteria Esportiva, os programas nesse setor.⁶⁵

O presidente colocava o assunto referente à Educação Física dentro da pauta de saúde pública, pois, mais adiante, esboçaria a construção de mais hospitais e também de mais praças e ginásios esportivos para o aprimoramento das práticas físicas do corpo do cidadão:

A Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (FSESP) prosseguiu atuando intensamente em 1971, sobretudo nos campos da clínica médica, da cirurgia, da pediatria, da obstetrícia e da odontologia. Para o ano de 1973, mais centros hospitalares serão construídos, assim como por intermédio dos órgãos da fundação Instituto Oswaldo Cruz, efetuando-se volume de trabalho bastante expressivo no campo de pesquisas, estudos e produção de vacinas e medicamentos. Em paralelo a isso, mais instalações também virão a público para a perfeita regulação do corpo do brasileiro, assim como a construção de praças esportivas e espaços de lazer. Saúde e Educação Física devem ser aliadas nessa etapa de grande impulso que nossa economia vivencia.⁶⁶

⁶³ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.153.

⁶⁴ FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu.** São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.23.

⁶⁵ O Estado de S. Paulo. "Médici e os esportes". São Paulo, 19/09/1972, p.09.

⁶⁶ *Ibidem.*

Segundo Médici, o objetivo da prática da Educação Física, mesmo sem fins competitivos, era o de melhoria da “aptidão física” da população como um todo. Assim sendo, as “instalações” serviriam como parte do *equipamento básico urbano*, da mesma forma que os “centros hospitalares” contribuiriam para o perfeito andamento do projeto militar, que buscava acompanhar de perto a postura dos cidadãos, num momento de extrema vigilância e repressão. Assim, as escolas e as universidades foram (ou deveriam ser) lugares privilegiados na proliferação do ideário oficial, qual seja, o de colocar o cidadão a serviço da pátria, na invenção de uma potência olímpica.

1.2 PÉS, MÃOS E CORPOS NUTRIDOS: EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

No segundo degrau da pirâmide estava a Educação Física no âmbito escolar – incluindo o nível universitário. O intuito era descobrir jovens com potencial olímpico, ou seja, talentos capazes de representar o país em eventos, tanto nacionais como internacionais – leia-se Olimpíadas e Copas do Mundo de futebol. Permitindo que a massa de estudantes participasse de atividades de caráter competitivo, tais como jogos internos, torneios, jogos interescolares etc., seria possível mapear aqueles alunos com potencial para serem atletas nas mais diferentes competições internacionais. Uma vez descobertos, esses alunos seriam, em tese, deslocados para um acompanhamento e aperfeiçoamento atlético.⁶⁷

Além do fortalecimento da brasilidade, o ideário oficial estimulava uma mentalidade esportiva calcado na capacidade pedagógica do desporto em educar o brasileiro, tomando-o como sinônimo de saúde e de combate à criminalidade, à doença e à pobreza. Desfrutando as benesses inerentes aos esportes, o país desenvolveria uma cultura esportiva e conquistaria prestígio internacional como uma potência esportiva, o que já seria orgulho suficiente para a construção/manutenção do nacionalismo, com a comunidade se imaginando em uníssono.⁶⁸

⁶⁷ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.45.

⁶⁸ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Nota-se que esse desejo de tornar o país uma potência olímpica nunca se realizou, e ainda persiste no debate envolvendo os esportes em períodos olímpicos.⁶⁹

Assim como Getúlio Vargas⁷⁰, Médici fomentou os jogos escolares ou colegiais/universitários. Primeiro os jogos no interior das escolas e universidades. Depois foram formadas equipes representativas de cada escola ou universidade, as quais enfrentariam outras instituições em competições municipais – quando isso era possível⁷¹, sobretudo em âmbito universitário. Daí surgiriam seleções de cada cidade que disputariam contendadas estaduais. Ao fim, sairiam seleções estaduais, que participariam dos JEBs - Jogos Estudantis Brasileiros, assim como dos JUBs - Jogos Universitários Brasileiros, realizados em sedes diferentes a cada ano, na maioria das vezes nas principais capitais, sendo que posteriormente ocorreriam em definitivo na capital federal, o que nunca aconteceu de fato, pois esses jogos só se efetivaram por seis anos, de 1970 a 1976, inviabilizando a estrutura piramidal projetada pelos militares.

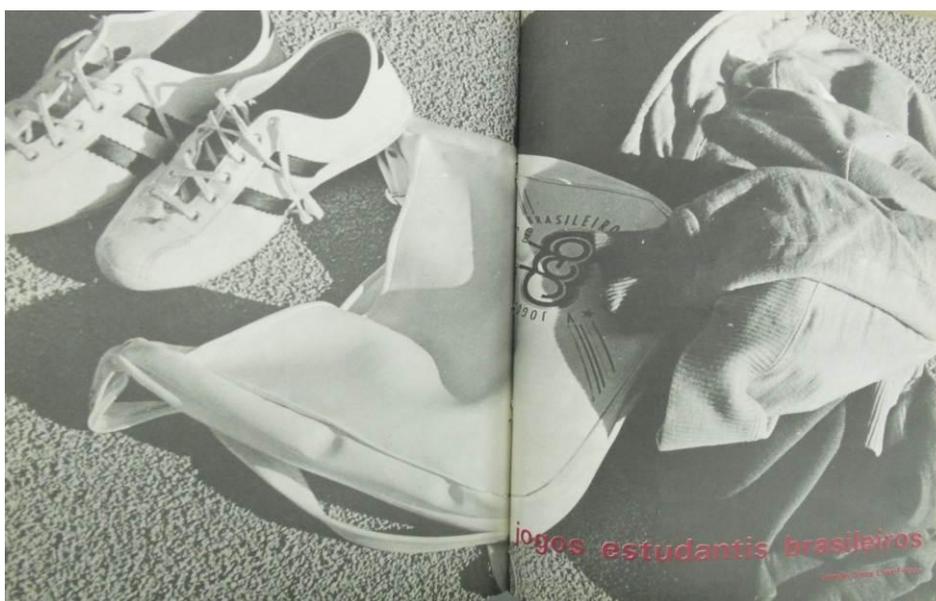


Figura 3 - Cartaz dos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) de 1974.⁷²

⁶⁹ Com o Brasil como sede olímpica em 2016, esse discurso que trata o país como uma possível potência olímpica se torna recorrente na imprensa esportiva. Sobre isso ver: O Estado de S. Paulo. “Brasil: Uma potencia olímpica?”. São Paulo, 16/07/2012.

⁷⁰ Vargas também estimulou os jogos estudantis, exemplo disso foi a ocasião da inauguração do estádio Municipal do Pacaembu, em 1940, na qual comitivas de estudantes de todo o Estado de São Paulo participaram do ensejo comemorativo. FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.98.

⁷¹ Isso foi um entrave nessa política, pois em muitos casos as cidades possuíam um número reduzido de escolas e universidades.

⁷² Imagem disponível na Biblioteca da Escola da Educação Física da USP.

O intercâmbio com o envio de professores, técnicos e atletas brasileiros a diferentes países considerados mais desenvolvidos na prática esportiva foi recorrente no governo em questão. Alemanha e Estados Unidos foram os mais procurados, assim como Inglaterra, Itália e Argentina, em menores proporções.⁷³

Dessa forma, o que se viu foi uma preocupação em desenvolver uma mentalidade esportiva segundo parâmetros internacionais, que foram (e são) determinados por entidades supranacionais, tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Comitê Olímpico Internacional (COI).

No governo Médici, os esportes foram diretamente associados à prática da Educação Física. Segundo esse governo, era preciso que o país saísse do atraso em que tal prática se encontrava. E para isso, só uma ação enérgica e firme por parte do governo. Com exceção do futebol, praticado em todo o país, do basquete e do voleibol, praticados em algumas regiões, como no sudeste, outros esportes e, particularmente, a Educação Física não abrangiam a maioria das regiões brasileiras. Em alguns estados, como Goiás, por exemplo, a falta de educadores físicos perdurou até o fim da década de 1980.⁷⁴ Uma contradição para um país que almejava ser uma potência olímpica.

Assim, o déficit para com os esportes/Educação Física não era um fenômeno novo naqueles anos, e os diferentes governos, militares ou não, tinham pleno conhecimento desse quadro. Entre os governos Castelo Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967-1969), os esportes e a Educação Física não foram preocupações inquietantes, mas tais práticas tomaram grande impulso no governo Médici. As comemorações da conquista do tricampeonato da seleção brasileira de futebol, em 1970, na Copa do México, e da Copa do Sesquicentenário, de 1972, sediada no Brasil e patrocinada pelo Governo Federal, foram exemplos dessa política. Conquistas insistentemente associadas ao referido governo e usadas por ele numa tentativa de invenção do Brasil como país do futebol, título que permanece vivo no imaginário do brasileiro.

Assim, não obstante a tentativa de esportivização, o Brasil foi (e ainda é) tido como o país do futebol, relegando as demais modalidades esportivas a um papel secundário. Ou seja, apesar do discurso sobre os esportes⁷⁵ e a Educação Física, o futebol, a partir da década de

⁷³ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971, p.324.

⁷⁴ *Ibidem*, p.235.

⁷⁵ Há uma contradição aparente no discurso oficial, pois se falava em Educação Física e em esportes variados, mas apenas o futebol ganha notoriedade, principalmente após a conquista do Tri, no México.

1970, ganhou mais importância, por parte do governo, porque era o esporte com que o país mais se identificava, o mais vitorioso em Copas do Mundo e capaz de criar comportamentos, entre os quais o nacionalista.

A preocupação dos militares para com os esportes (leia-se, sobretudo, futebol) fez com que o investimento nesse setor fosse maior que nos governos anteriores. Segundo as estatísticas do Ministério da Fazenda, os esportes receberam quantias⁷⁶ consideráveis, o que denota que o governo estava bastante preocupado em propalar uma mentalidade esportiva no país que pressupunha uma educação para a disciplina, de forte cunho moralizador, voltada para o desenvolvimento de um *ethos* do trabalho, pois poderia formar indivíduos de ação⁷⁷. Isso aliado a uma perspectiva de tratamento do esporte como um fim nele mesmo, em que a competitividade e o alto rendimento seriam as regras. Fatores que o futebol englobaria com a sua cientifização, dando origem ao debate envolvendo o futebol-força, analisado no próximo capítulo.

Para a consolidação dessa estratégia o governo deveria investir na estruturação dos esportes, especificamente no *equipamento básico urbano* e na *organização comunitária* (itens da pirâmide), ou seja, na construção de espaços para as atividades físicas de lazer e para as competições esportivas, além da sua organização – infraestrutura necessária com equipamentos, pessoal especializado, construção ou subsídios para a construção de estádios poliesportivos⁷⁸ com quadras, ginásios e pistas de atletismo e um corpo de funcionários especializados para gerir e administrá-los.

A postura do governo Médici foi (ou deveria ser) “modernizadora”, haja vista que tal posição foi recorrente nos países economicamente mais desenvolvidos, entre eles EUA, França, Alemanha, Inglaterra, entre outros. Além disso, percebe-se que a intenção governamental extrapolava a questão de saúde, ou seja, o que se mostrava relevante, aos olhos do poder público, era o objetivo político-nacionalista, que tomava a pessoa como número para a nação. Somado a isso, apesar do tom centralizador, essa política foi influenciada por países

⁷⁶ Segundo estatísticas publicadas na Revista Brasileira de Educação Física, as prefeituras, escolas e universidades receberam ajuda financeira para a construção de estádios poliesportivos e estrutura para a prática esportiva.

⁷⁷ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba:** entre adesão e a resistência. Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.175.

⁷⁸ Até antes da Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíada de 2016, em muitos desses estádios os espaços para os esportes ditos olímpicos estavam completamente destruídos. Apenas os campos de futebol são preservados (ainda que de forma irregular), o que mostra que esse esporte foi (e é) o que mais ganhou importância, não só por parte do poder público, como também dos dirigentes dos clubes esportivos de caráter privado, que vendem as cotas dos jogos para a televisão por valores astronômicos.

que não eram governados por ditaduras, o que indica que os esportes recebiam o interesse dos mais variados governos, fossem eles alinhados à “esquerda” ou à “direita”.

O discurso recorrente nesses países, absorvido pelo governo em questão e colocado à exaustão no *Diagnóstico* de 1971, era o de que a Educação Física e os esportes, desde a década de 1960, pressupunham a redução do tempo ocioso e o aumento do nível de vida, favorecendo não só o aspecto da saúde como também o econômico, visto que o desenvolvimento tecnológico levaria a diminuição da desigualdade e ofereceria uma condição mais digna de bem-estar social a todos. A prática da Educação Física e dos desportos, para esse ideário, cumpriria um papel fundamental na ocupação do tempo livre dos brasileiros e representaria as benesses conquistadas pela sociedade industrial.⁷⁹

Outro ponto relevante da pirâmide tratou da organização desportiva comunitária. Foram considerados aí os clubes (associações esportivas), as ligas, as federações, as confederações. Sob responsabilidade estatal, observou-se a organização de competições profissionais e amadoras, bem como a prática esportiva sistemática e profundamente codificada (regras, tribunais, arbitragem, treinamento intensivo nos clubes), o que representou um profundo grau de especialização em relação aos níveis anteriores. O esporte tornava-se negócio, investimento, profissão, indústria⁸⁰.

Mesmo sendo organizado pela iniciativa privada, esse nível da organização esportiva contou sempre com o financiamento estatal. Os recursos advindos da Loteria Esportiva foram o patrocínio mais importante do governo, em se tratando do futebol. Com esse patrocínio, e articulada à política de integração nacional, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) passou a organizar o Campeonato Brasileiro a partir de 1971, com vinte clubes.

Outros recursos foram direcionados também para os Estados da federação para a construção de equipamentos esportivos, numa época em que muitas capitais inauguraram seus estádios de futebol, em sua maioria com doação de terreno e isenção fiscal dos governos municipais e estaduais. Entre as cidades beneficiadas, Goiânia, em 1975, com o estádio Serra Dourada; Cuiabá, em 1976, com o estádio José Fragelli, também conhecido como Verdão;

⁷⁹ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.189.

⁸⁰ Não é de se estranhar que o fato de eventos esportivos de grande porte, como é o caso das Copas de futebol, os jogos olímpicos (rugby, natação, ginástica etc.), os meetings (de atletismo, basquete, vôlei etc.) e tantos outros tivessem se desenvolvido em estreita sintonia com a lógica do mercado capitalista. Apesar de envolver razões culturais, as razões econômicas fazem parte desse jogo, andam atreladas na cultura e impregnam-se no *habitus* esportivo. Sobre isso ver: DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édson; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em Campo.** Copa do Mundo e identidade Nacional. Rio de Janeiro: Intertexto, 2006, p.40.

Manaus, em 1970, com o estádio Vivaldo Dias; Recife, em 1972, com o estádio José do Rego Maciel Arruda, também conhecido como “Arrudão”; Natal, em 1972, com o estádio João Machado, o Machadão; e Campo Grande, em 1971, com o estádio Pedro Pedrossian, o Morenã, que será analisado com especial atenção no quarto capítulo.⁸¹

No *Diagnóstico* e também em outros documentos, como é o caso da RBEF - Revista Brasileira de Educação Física, esse deveria ser o ponto de partida de uma política esportiva no país, uma vez que o caráter seletivo da pirâmide levaria naturalmente ao aparecimento dos atletas de que o Brasil necessitava (leia-se atletas de alto rendimento). O esporte universitário fora concebido como um ponto intermediário entre os degraus mais baixos da pirâmide e o esporte de alto rendimento, embora legalmente fosse considerado parte do esporte estudantil. Imaginava-se que das fileiras universitárias sairiam os atletas que ajudariam na obtenção do sucesso das equipes nacionais.

O governo Médici tentou levar esse nível esportivo à universalização, investindo fortemente no seu desenvolvimento. Exemplo maior dessa política é a obrigatoriedade da prática de Educação Física nos currículos universitários a partir da reforma universitária de 1969.



Figura 4 - Cerimônia de abertura dos Jogos Universitários de 1971, realizada em São Paulo.⁸²

⁸¹ FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.89.

⁸² Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1971.

Foram incentivadas, nos mesmos moldes do esporte escolar, competições locais, estaduais e nacionais. Os JUBs⁸³ mobilizavam atletas em todo o país e eram realizados em caráter itinerante, como já dito. Parece que o esporte universitário constava como mais um item no planejamento tecnocrático do referido governo, como uma dimensão a mais do setor de Educação Física e Desportos, a exemplo do que ocorria em inúmeros outros países, principalmente nos Estados Unidos. Não por acaso que se estabeleceu, em 1974, o primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento Esportivo (PNDE).

Além da Lei n. 5.540/68, que instituiu a reforma universitária, e do Decreto n. 705/69, que determinou a obrigatoriedade do esporte nos cursos superiores, o desenvolvimento do esporte e da Educação Física no Brasil passava necessariamente pela instituição militar. A maioria das Escolas de Educação Física, que não passavam de 15 em 1969, tinha origem militar. Muitos professores dessas escolas eram militares (oriundos das escolas de Educação Física do exército), assim como muitos técnicos de clubes de futebol. Um exemplo claro das preocupações dos governos militares com o desenvolvimento do esporte está no volumoso número de leis, decretos e portarias que tentavam regulamentar o setor no país. Os recursos disponibilizados, em sua maioria, iam para o último degrau, que era o de esporte de alto rendimento, e para os seus clubes representantes, através da Loteria Esportiva, conforme já mencionado anteriormente.

Os esportes, a serviço da Educação Física, deveriam habilitar técnica e intelectualmente a juventude para a vida. Esse compromisso do governo Médici também foi preocupação do governo do general Ernesto Geisel (1974-1979). Em discurso sobre a prática esportiva, o próprio General enfatizou a continuidade:

Dei ênfase à continuidade do desenvolvimento porque acho que um país do tamanho do Brasil, com a população que tem, com a sua pobreza, a sua debilidade, tem que se desenvolver. Se o Brasil quer uma nação moderna, sem o problema da fome e sem uma série de outras mazelas que sofremos, tem que se desenvolver. E para isso, o principal instrumento, a grande força impulsora é a educação física do brasileiro proporcionada pelo governo federal. A nação não se desenvolve espontaneamente. É preciso haver alguém que oriente e a impulsione, e esse papel cabe ao governo. Esta é uma idéia antiga que possuo, sedimentada ao longo dos anos de vida e esposada nos cursos da Escola Superior de Guerra. Como o país não tinha capitais próprios, como a iniciativa privada era tímida, às vezes egoísta, e não se empenhava muito no sentido do desenvolvimento, era preciso usar a poderosa força que o governo tem. A ação básica do meu governo, o que mais me preocupa é fazer o possível para desenvolver o país.

⁸³ Revista Brasileira de Educação Física. “Jogos universitários”. Brasília: MEC, 1971, p.13.

Médici também tinha feito isso, tinha se preocupado com o desenvolvimento. O desenvolvimento que Médici deu ao país, “o milagre econômico”, influenciou sobre o que eu tenho que fazer.⁸⁴

A vinculação da Política Nacional de Educação Física e Desportos (PNEFD) com os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PND) atendia plenamente aos interesses de desenvolvimento setorial do governo, em consonância com os aspectos econômico e social.

Alcansei o resto do I Plano, que vinha do Médici e que ainda vigorava. Dali passamos a fazer o II PND, com grande participação do Veloso, que, como ministro do Planejamento, tinha uma posição abrangente. O II PND em grande parte foi montado pelo Ipea, um instituto especializado vinculado ao referido Ministério, então dirigido por um ministro que faleceu há poucos anos (trata-se de Elcio Costa Couto). Era muito competente e substituía o ministro do Planejamento nos seus impedimentos. O plano foi montado de acordo com algumas idéias que eu tinha exposto na primeira reunião ministerial e contou com a colaboração de outros ministros. Foi muito discutido, inclusive no Congresso, que o aprovou com algumas emendas, e entrou em vigor em dezembro de 1974. Mas deve-se observar que o II PND não era rígido. Era uma diretriz para os diferentes órgãos do governo pautarem suas ações e, como tal, foi sujeito a modificações, com ampliações ou reduções conforme a situação.

O desenvolvimento que o II PND pretendia alcançar era um desenvolvimento integrado, não apenas econômico, mas também social. E é aí que a questão do esporte e da Educação Física com o PNEFD. Esse investimento foi e será primordial em nosso governo, assim como o foi no de Médici, que tenho a felicidade de substituir. Uma nação não pode caminhar economicamente sem ter pés, mãos e corpos nutridos de uma boa educação. Uma coisa depende da outra.⁸⁵

No discurso oficial, a Educação Física (leia-se esporte de alto rendimento, ou esporte como vitrine da nação) deveria estar a serviço da humanização da sociedade. Isso implicava estar a serviço da nação, que, por sua vez, buscava a consolidação do seu desenvolvimento econômico e social. Fosse no plano da preparação de mão de obra, da ocupação do tempo livre ou do atendimento de uma política assistencial de saúde – daí o forte apelo à aptidão física da população, presente em toda a legislação do período –, a lógica institucional indicava um vínculo claro com as agências internacionais de fomento à educação e à cultura em geral e com os organismos financeiros, em particular.⁸⁶

⁸⁴ Revista Brasileira de Educação Física. “Geisel e os esportes”. Brasília: MEC, 1974, p.45.

⁸⁵ Ibidem, p.45.

⁸⁶ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.189.

Exemplo dessa vinculação é dado por René Maheu, então diretor da UNESCO:

Um dos problemas de todos os países do mundo, quer sejam desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, é, sem dúvida, a qualidade da mão-de-obra. Isso com relação especialmente aos países que adquiriram sua independência ou hajam passado por um processo de industrialização. Um programa detalhado de educação Física, de esporte e de jogos atléticos, combinado com um programa eficiente de educação no campo da saúde, só pode aumentar o nível da condição física e da produtividade, principalmente entre as camadas mais jovens da população, que constituem a riqueza e a esperança da nação.⁸⁷

A Educação Física e os esportes aparecem nessas formulações internacionais e nas políticas oficiais do Brasil no período militar como um dos elementos de grande valor para a manutenção do equilíbrio social, da sua “paz social”. Seja pelo incentivo ao lazer da massa, seja pela competição, seja para a preparação para o trabalho.

No caso brasileiro, a Educação Física foi peça fundamental no momento de consolidação do ideário do regime autoritário e do seu modelo de desenvolvimento. Tal modelo exigia a preparação da mão de obra para ser incluída no processo produtivo – daí a vinculação da produtividade com a juventude, entendida como força propulsora das nações em desenvolvimento. Como decorrência direta disso temos os programas de educação, de Educação Física e, cada vez com mais força, de esportes.⁸⁸

Para a UNESCO, então sob a direção de René Maheu, o esporte tem um valor humano implícito e deve integrar cada vez mais a educação e a cultura do homem moderno. Tudo se resumia à Educação Física atendendo aos interesses diretos da ordem econômica internacionalizada. O *Manifesto sobre o Desporto*, documento internacional subscrito por várias entidades, entre elas o Centre International d'Études Pédagogiques (CIEP), órgão público do ministério francês para a Juventude, a Educação Nacional e a Pesquisa, expressava essa ideia:

Do Direito de Todos em Praticarem o Desporto.

1. As atividades esportivas devem fazer parte integrante de todo o sistema de educação. Elas são necessárias ao equilíbrio e à formação geral dos jovens. Preparam-nos para uma sã utilização dos seus lazes de adulto.

⁸⁷ Revista Brasileira de Educação Física. “René Maheu”. Brasília: MEC, 1973, p.83.

⁸⁸ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.198.

2. Todo praticante, qualquer que seja a sua condição social, tem direito à mais completa realização desportiva.
3. O equipamento desportivo deve ser suficiente para permitir a cada um praticar em condições favoráveis os desportos de sua escolha.⁸⁹

Além da extensão do “direito” à prática esportiva a todos e da sua vinculação ao sistema educativo, o documento apontava uma formação sadia para a juventude. No caso brasileiro, tratava-se, segundo um documento da Escola Superior de Guerra para a Previdência Social, de tentar obter o ingresso desse enorme contingente de brasileiros (leia-se “povão”) ainda desassistidos socialmente.⁹⁰

Os “males” da civilização são dados como universais, independentemente da posição de cada país, classe ou indivíduo na área econômica internacional.

Dos problemas novos num mundo em transformação – Nos últimos cinquenta anos e principalmente nos últimos vinte e cinco, o Homem teve de se refazer em face de sérios problemas. Desenvolvimentos econômicos, políticos e sociais estimulam-no e inquietam-no simultaneamente. Por um lado, prometem-lhe uma saúde melhor e novas possibilidades de felicidade; por outro, ameaçam-no com novas doenças, decepções e misérias. Durante o mesmo período, o desporto também evoluiu muito, ao mesmo tempo na diversidade dos grupos sociais que o praticam e na sua distribuição geográfica.⁹¹

Nesse quadro, a Educação Física e os esportes poderiam atenuar os efeitos maléficos da civilização industrial. Era preciso, pois, dotar as populações do planeta de uma condição mais humana, que abrandasse os efeitos do mercado sobre aqueles alijados da competição. O discurso assistencialista, consubstanciado em políticas de assistência social, tornava-se, assim, universal. E produzia efeitos claros sobre as políticas públicas no Brasil naquele momento.⁹²

A ênfase assistencialista é visível nessa passagem do professor Lamartine Pereira da Costa sobre a *Campanha de Esclarecimento Esportivo*:

O povo que se movimenta é mais saudável e alegre. Essas circunstâncias conduzem naturalmente ao problema das pessoas pobres, em muitas ocasiões expropriadas de alimentação para a prática esportiva. Ao contrário do que se possa parecer num primeiro e superficial exame da questão, a campanha é mais funcional justamente para essas pessoas do que para as de maiores recursos. Sendo mais recreação do que propriamente exercício físico, as promoções, da

⁸⁹ Revista Brasileira de Educação Física. “Noel-baker e o manifesto”. Brasília: MEC, 1973, p.34.

⁹⁰ MEDINA, João Paulo de Subirá. **A Educação Física cuida do corpo... e mente!** Campinas: Papirus, 1983, p.189.

⁹¹ Revista Brasileira de Educação Física. “Noel-baker”. Brasília: MEC, 1973, p.37.

⁹² MEDINA, op. cit., p.130.

forma aqui recomendadas, constituem opções, escolhas de lazer e oportunidades de contato social que se incluem entre as necessidades básicas dos grupos mais desfavorecidos da população. Portanto, a ênfase é na participação das pessoas mais carentes.⁹³

O governo “criaria” as condições necessárias para a manutenção das “necessidades básicas” da maior parte da população, ou seja, da população de baixa renda. Toda a formulação sobre o desenvolvimento social estava influenciada por um forte apelo de caráter científico, característica preponderante da década de 1970.

1.3 A CIÊNCIA A SERVIÇO DO CORPO E DO ESPORTE NAS PÁGINAS DA RBEF

Na RBEF⁹⁴, periódico mais abrangente do ideário militar para o setor, o tema mais recorrente foi o da cientificidade da Educação Física e o espaço que os esportes deveriam ocupar dentro dessa área. O apelo científico não era prerrogativa exclusiva do governo militar. Desde o Estado Novo de Getúlio Vargas foi nítida a preocupação com o “novo homem” que estava sendo “construído”, além do tom cientificista das diversas teorias higienistas que tanto influenciaram a Educação Física no início do século XX, no Brasil e também no mundo ocidental, bem como dos próprios métodos ginásticos desenvolvidos na Europa a partir dos primeiros anos do século XIX.⁹⁵

Apesar das várias denominações⁹⁶, a RBEF sempre permaneceu sob a influência do MEC. Até o número 10 (1970) foi distribuída, com ônus financeiro, pelos postos da Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME). A partir do número 11 (1971) estabeleceu-se o critério de assinatura não gratuita, mas a partir do número 47 (1981) voltaria a ser distribuída gratuitamente. Sua tiragem inicial era de 2.000 exemplares, aumentando para 5.000 a partir do

⁹³ Revista Brasileira de Educação Física. “Campanha de Esclarecimento Esportivo”. Brasília: MEC, 1974, p.21.

⁹⁴ A RBEF foi editada a partir de 1968, ainda no governo Costa e Silva (1967-1969), pela Divisão de Educação Física (DEF) do MEC. A partir de 1971, a Divisão de Educação Física passaria a se chamar Departamento de Educação Física e Desportos (DED), para, em 1980, novamente alterar sua denominação para Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED.) Até seu número 8 (1969), a *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos* denominava-se *Boletim Técnico e Informativo de Educação Física*. Depois, seu nome foi alterado para *Revista Brasileira de Educação Física e Desportiva* (1970), para *Revista Brasileira de Educação Física* (1971) e, finalmente, *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos* (1975), nome que permaneceu até sua última edição, em 1984, ano do seu término.

⁹⁵ FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.45.

⁹⁶ Para evitar algum tipo de equívoco, haja vista as inúmeras denominações, esta tese sempre se dirige ao periódico com a sigla RBEF.

número 06 (1969) e saltando para 50.000 a partir do número 47 (1980). O último número (53) saiu com uma tiragem de 100.000 exemplares.⁹⁷



Figura 5 - Capa da RBEF de 1971: “Brasil: potência olímpica”.⁹⁸

Nas páginas da revista circulavam autores nacionais e estrangeiros das mais diversas orientações. Do ponto de vista do seu conteúdo, a revista possuía um discurso atrelado ao discurso estadunidense e da Europa dita ocidental, com um teor técnico enfatizando a prática esportiva e o culto do corpo mediante as “novas” teorias científicas que enfocavam a Educação Física e os esportes brasileiros. Mas era visível a divergência dentro do periódico. E esses conflitos manifestavam-se em torno da melhor forma de incluir o esporte entre as atividades da Educação Física. Esse embate vinha de fora e caracterizava-se como o enfrentamento de duas tendências distintas: a “pragmática” e a “dogmática”. A classificação das duas tendências apareceu nas páginas da própria revista:

⁹⁷ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.70.

⁹⁸ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1971.

O dogmatismo tem uma preocupação com a formação humana a partir das atividades corporais, contribuindo com a Educação Física para a integração social dos indivíduos. A Ioga e muitas artes orientais, assim como danças se tornam importantes na dimensão humanista do esporte como forjador de caráter e integrador social. O esporte como meio de educação e dignificação humana. O pragmatismo aponta abordagem competitiva em relação à Educação Física. Ação competitiva e vitoriosa vinculada aos cânones da ciência esportiva. Tendência, essa, movimentada pelo desempenho individual na representação do seu município, do seu estado e da Nação que o atleta deve representar.⁹⁹

Em análise aos exemplares da RBEF, verifica-se que havia uma quantidade maior de artigos de orientação pragmática. Os editoriais caracterizavam-se muito mais como panfletos apologéticos dos feitos do governo autoritário, quase sempre de autoria de um militar. Quando procuravam dar um enfoque mais técnico, os editoriais faziam apologia ao esporte de alto rendimento e defendiam a necessidade de desenvolvimento das atividades esportivas no país. Ou seja, mesmo havendo um debate entre as duas tendências no interior da revista, a visão oficial tendia, na maioria das vezes, para a orientação pragmática, em que o esporte de alto rendimento era o ponto nodal da política ditatorial.

A revista abriu espaço para a exposição e o debate de ideias. E essas ideias manifestavam-se em posições antagônicas acerca da importância da Educação Física na formação dos indivíduos. Em linhas gerais, o periódico expressava como os militares divulgaram e conformaram um determinado modelo de Educação Física para a escola, para a universidade e, por conseguinte, para a “Pátria”. Modelo que se baseava na técnica, no rendimento, na competição e no desempenho esportivo. Ou seja, os militares, em quase sua totalidade, advogavam a visão pragmática da Educação Física.

Na década de 1970, havia um embate internacional em torno da importância e do significado da Educação Física na escola. Assim, emergiam preocupações dos mais diversos agentes sociais e órgãos governamentais no sentido de uma renovação da Educação Física brasileira. “E o governo, através de todo um aparato legislativo, antecipou-se na direção dessa renovação, organizando muitas das reivindicações feitas pelos profissionais da área.”¹⁰⁰

A intenção era forjar atletas que pudessem representar a pátria e conquistar medalhas e taças em disputas internacionais. Numa época em que os números eram importantes, figurar entre os primeiros tornava-se a mola propulsora da ação. A quantificação foi alçada como

⁹⁹ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1972, p.98.

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.82.

fator de superioridade. Não por acaso o milésimo gol de Pelé, em 1969, foi veiculado nos jornais mundo afora como prova quantitativa da superioridade do “rei do futebol”.

A Educação Física, associada ao milagre econômico brasileiro, trouxe também mostras significativas de como, àquela época, essa disciplina passava a ser concebida com um forte apelo científico. O apelo à ordem científica representaria a possibilidade de dotá-la de legitimidade, de um reconhecimento social, a partir da racionalização das suas práticas, que passariam a ter mais sentido na direta proporção do seu atrelamento aos cânones científicos.¹⁰¹

Nas páginas desse periódico, o apelo à ciência aparece de forma um tanto quanto confusa, pois, na maioria das vezes, a ciência se confunde com a técnica, concebendo-se essa técnica nos moldes tradicionais de mensuração, verificação, controle e prova. E o discurso cientificista foi pauta mundial, exemplo disso diz respeito ao método desenvolvido nos Estados Unidos por Kenneth Cooper¹⁰².

Por muito tempo as formulações de Cooper foram incorporadas como o método mais avançado no que se refere à pesquisa científica nas atividades físicas. A corrida de longa distância e as teorias acerca do ritmo dos batimentos cardíacos em relação ao peso do corpo e ao desempenho de cada atleta ajudaram Cooper a disseminar a ideia de que saúde é apenas uma questão de comportamento individual, de postura e do bom ordenamento do corpo.¹⁰³

Na RBEF podemos acompanhar as formas de apelo científico. Um bom exemplo é o artigo de Lamartine Pereira da Costa:

Para a solução de muito de nossos problemas está a incidência da pesquisa científica na Educação Física. A pesquisa deve ser despertada e incentivada entre alunos e professores dentro das condições materiais disponíveis e essencialmente no campo dos desportos.¹⁰⁴

A retórica da produção científica colocava-se como a panaceia capaz de resolver os problemas da área. No *Diagnóstico*, de autoria do próprio Lamartine, nota-se que a ciência deveria ser o vetor entre a Educação Física e o jovem brasileiro:

¹⁰¹ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba:** entre adesão e a resistência. Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001.

¹⁰² Kenneth Cooper foi o autor do livro *Aerobics*, que deu origem à ginástica aeróbica praticada tanto nas academias como competitivamente, pela Federação Internacional de Ginástica. Publicou o livro em 1968, com o intuito de aperfeiçoar a preparação física das forças armadas estadunidenses.

¹⁰³ SOBRAL, Francisco. **Cientismo e credulidade.** Porto Alegre: Latus, 1995, p.209.

¹⁰⁴ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1974, p.34.

Não é mais possível nos abster dos benefícios que traz a ciência nos dias de hoje e nos dias vindouros. Os jovens são os mais beneficiados desse modernismo e eles serão determinantes para colocar em prática os anseios do governo revolucionário. E a ciência, aspecto determinante da civilização moderna, é, talvez, o maior aliado de um humanismo do corpo, porque, afinal de contas, a ciência ensina-nos precisamente que o corpo pode nos trazer os benefícios para uma grande nação.¹⁰⁵

Também a pesquisa científica era pedida no ambiente escolar e defendia-se a necessidade de uma boa formação científica para o professor de Educação Física dentro da escola:

No âmbito escolar, só podemos registrar a inexistência quase total de pesquisa, podendo-se tão somente louvar os esforços isolados desenvolvidos por uns poucos docentes. Três são os fatores responsáveis pelo estado atual da pesquisa, insignificante ou praticamente inexistente no campo da educação e da Educação Física: falta de reconhecimento da necessidade de pesquisas educacionais; falta de aceitação dos resultados das pesquisas educacionais; e falta de recursos para custear os projetos de pesquisas educacionais.¹⁰⁶

Fica evidente que o autor do artigo chamava a atenção para a vinculação entre pesquisa educacional e pesquisa em Educação Física, além do diagnóstico da falta de uma postura científica por parte dos professores da área. Também é digno de nota que a Educação Física entrava no debate em todos os seus segmentos, tanto para os teóricos do regime como por parte dos professores das escolas, haja vista que os autores eram em boa parte professores e lecionavam para estudantes do ensino colegial.

Outro fator relevante na cientificidade da Educação Física foi a necessidade de legitimação desse campo por parte da área educacional. Nesse sentido, muitos professores aderiram ao projeto político proposto pelo governo Médiçi. E para essa legitimação a adesão à ciência era prerrogativa básica naquele momento de tecnização vivido pelo país.

Mas o desenvolvimento científico da Educação Física, ou pelo menos a sua pretensão, tem se mostrado mais como prescrição ideológica do que como um elemento realmente potencializador das suas práticas no contexto societário. Daí a recorrência ao termo “cientificismo”. Entendê-lo como fenômeno histórico carregado de determinações históricas e ideológicas é imprescindível. Sua dimensão teleológica deita raízes na constituição da própria modernidade ocidental, como já

¹⁰⁵ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971, p.189.

¹⁰⁶ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1972, p.12.

tive oportunidade de apontar. A crença irrestrita na ciência para perscrutar a realidade, para explicar o real, converteu-se num dos aspectos mais significativos do legado iluminista. Assim, a ciência se prova pelo seu poder explicativo. Do ponto de vista da verdade, o saber científico seria superior a todas as formas de saber. Não por outro motivo são obscurecidas todas as demais formas de saber, principalmente o “saber comum”, um dos mananciais mais profícuos da Educação Física escolar.¹⁰⁷

A Educação Física e os esportes foram influenciados pelo discurso científico. E isso tem implicações diversas para a cultura brasileira no período em questão: de um lado, observamos a profunda dependência brasileira em relação aos conhecimentos produzidos nos centros mais desenvolvidos; do outro, foi evidente o esforço de integração do Brasil ao debate acadêmico-científico internacional envolvendo a Educação Física.¹⁰⁸

Dessa forma, percebe-se que essa prática ganhou impulso no país na década de 1970. A tecnificação e o cientificismo da Educação Física e dos esportes eram clamados por muitos e odiados e rechaçados por alguns teóricos dogmáticos, conforme indica o próximo tópico.

1.4 A POSTURA DOGMÁTICA: A CIÊNCIA ESPORTIVA COMO PREJUDICIAL

O debate em torno da contribuição da ciência para o desenvolvimento da Educação Física não se apresentou de forma uniforme dentro na RBEF. Muito menos o debate sobre como inserir o esporte nessa área. Foi possível observar críticas a um determinado modelo científico. Vários autores defensores da perspectiva dogmática teceram críticas ácidas à técnica e à cientificidade dentro da Educação Física. Para esses autores, a Educação Física perdeu sua humanidade ao prevalecer sobre ela uma dimensão do conhecimento calcada na ciência, competitividade e no autorrendimento. Entre os autores, professores e pesquisadores defensores da postura dogmática encontravam-se autoridades experimentadas da área, como, por exemplo, Pierre Seurin, presidente da Federation Internationale D’Educacion Physique (FIEP). Eis suas palavras sobre o caráter dos esportes e da Educação Física:

¹⁰⁷ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1972, p.292.

¹⁰⁸ FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.34.

Por definição, desporto e Educação Física são, portanto, coisas diferentes, mas não necessariamente opostas, uma vez que o desporto pode, evidentemente, tornar-se um meio de educação. Ponhamos em evidência algumas “duras realidades”, ilustrando, sem dúvida, situações extremas, mas permanecendo significativas, de uma tendência evolutiva que os educadores podem lamentar: o desporto moderno é, sobretudo, desporto de competição, rigorosamente seletivo, baseado no campeonato. Procede pela eliminação dos fracos. Aparece mais e mais reservado a uma minoria de elementos fisicamente dotados e fortemente ajudados pelo clube, a cidade ou o Estado. É finalmente um desporto de “privilegiados”, aos quais se concedem vantagens e honras quase sempre excessivas. É um desporto de “vedetes”, cada vez mais escravizado ao dinheiro, é por seu turno um aprisionamento do desportista a técnicas fortemente especializadas. É o contrário da cultura.¹⁰⁹

Seurin apontava o “desporte moderno” como um lugar de “privilegiados” que primava pela “eliminação dos fracos”, uma vez que, além de profundamente seletivo e elitista, ele pouco teria de verdadeiramente educativo. A elitização proporcionada pelo esporte era denunciada como extremamente perniciososa à educação do jovem. Seurin diferenciava ainda a Educação Física do esporte. Além de trazer conceitos de um ou de outro em seu texto, o autor vinculava a Educação Física aos mais nobres ideais de formação humana¹¹⁰:

O desporto moderno não alcança, em realidade, na hora atual, senão muito pequena minoria de jovens e ainda menos de adultos. Esse quadro nos faz claramente compreender que nessas condições, o desporto não pode servir utilmente, em plano individual e social, à causa da educação pelas atividades físicas. Aparece mesmo uma divergência fundamental entre a escola e o clube desportivo.¹¹¹

No trecho que diz “educação pelas atividades físicas” e “preparação para a vida pela formação de uma cultura geral”, Seurin revelava a importância que conferia à Educação Física como prática educativa, mas indicava incredulidade acerca das possibilidades educacionais que o esporte competitivo representaria. A busca extrema de competitividade e a incessante vontade da vitória alijariam sobremaneira o caráter do cidadão. Para ele, o “esporte moderno” precisava ser atividade pedagógica, no seu sentido pleno, de educação humanística.¹¹²

¹⁰⁹ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1973, p.34.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001, p.123.

¹¹¹ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1973, p.35.

¹¹² Ibidem, p.35.

Em âmbito nacional, um exemplo claro da preocupação dogmática foi dado pelo General Jayr Jordão Ramos, colunista assíduo da RBEF:

Desde os gregos, sabemos que a Educação Física, bem compreendida, tem por objetivo cooperar no desenvolvimento integral do indivíduo. O jogo, a ginástica, o desporto, a dança, o excursionismo são os meios empregados. O desporto moderno é apenas um dos meios, cumprindo empregá-lo de maneira adequada, e sem excessos.¹¹³

Destaca-se no texto a ênfase no esporte como um meio da Educação Física, e, dentro dela, podiam aparecer a dança, o jogo e até o excursionismo. Para contribuir na formação integral do indivíduo, o esporte deveria ser empregado de maneira adequada, ou seja, sem o espírito da competição e a busca incessante da vitória.

Nota-se que para os dogmáticos a Educação Física não pode ser comparada ao esporte moderno. E a Educação Física, para esses autores, é compreendida também como manifestações culturais das mais diversas e que incluem vários elementos daquilo que se conhece por “cultura popular”: exercícios ginásticos, a ioga e as danças populares.

O fato é que muitos autores brasileiros, a exemplo de Ramos, faziam menção a uma realidade que não era a do país, e isso é indicativo de uma preocupação internacional que chegava ao Brasil e também atingia os adeptos dogmáticos brasileiros. Ramos exibia com frequência uma preocupação com a necessidade de preservar a pluralidade das práticas corporais das mais diversas origens culturais e de preservar os ideais humanitários da Educação Física:

Para terminar, acentuando o ideal a atingir pelo exercício físico sob o ponto de vista educacional, façamos nossas as observações de Pierre Seurin, figura de primeiro plano da FIEP, transcritas do jornal *Le Monde*: “O fato importante – o fato mundial – é que todos os países têm tomado perfeita consciência da importância humana e social da Educação Física; a confusão mais frequente entre exercício físico e desporto de grande competição (amador ou profissional) é ainda obstáculo sério aos programas de Educação Física no Mundo. O poder central (por demagogia), o público (por interesse imediato), mesmo os pais dos praticantes (por incompreensão) têm enorme tendência a ceder ao “desporto espetáculo”. No entanto, devemos esperar que um dia os educadores físicos do mundo inteiro, intimamente ligados pelos princípios essenciais, saberão impor, em todos os países, uma Educação Física racional, estruturada para ser posta, verdadeiramente, a serviço do homem e da sociedade.¹¹⁴

¹¹³ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1973, p.35.

¹¹⁴ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1970, p.90.

Ramos, oficial militar, colocava-se como exceção à regra, pois sua visão era francamente distinta das orientações oficiais para a área, que estavam influenciadas pela orientação pragmática. Seurin alertava para a necessidade de o educador tomar algumas precauções com a utilização do esporte.

O que foi para nós e para os nossos camaradas, uma coisa excelente e agradável, não é talvez a melhor, ou pelo menos a mais interessante das atividades para a juventude moderna. Sejam, pois, moderados nos nossos “entusiasmos desportivos” e prudentes na nossa ação educativa. Tudo está por fazer, neste campo. Nós falamos, com efeito, de uma coisa que conhecemos muito mal ou muito facciosamente, mesmo parcialmente. Por agora, não podemos senão dar opiniões baseadas na nossa fé no desporto e em algumas observações pessoais. Tudo isso já foi dito pelo brilhante Dumazedier, sociólogo atento aos benefícios da Educação Física como pedagogia do caráter.¹¹⁵

O interesse pela valorização da Educação Física atingiu o Brasil num momento marcado historicamente pela repressão política e pelo estado de exceção, com a ditadura militar implantada em 1964 e o endurecimento do regime no governo Médici, também conhecido como “anos de chumbo”. Apesar da postura autoritária em solo tupiniquim, esse governo seguiu a tendência mundial de valorização dessa prática cultural que afirmou e corroborou a orientação pragmática, qual seja, o esporte de alto rendimento. Seurin apontou certa desconfiança em relação às benesses educacionais do esporte:

Não resta dúvida, pois, que a “motivação desportiva”, na medida em que se deixasse arrastar pelo interesse da competição (que, aliás, é a sua característica saliente), implicaria uma limitação absurda das possibilidades educativas. Mas nós devemos, entretanto, lembrar-nos de que “o que é” resulta, a maior parte das vezes, da ação do meio social: tradições, moda, propaganda; e, até, interesses financeiros, ambições locais, nacionais etc.¹¹⁶

Além dessas críticas, Seurin alertou quanto ao malefício que a especialização poderia causar no âmbito da Educação Física:

A motivação desportiva situa-se, assim, muito naturalmente, na grande corrente da pedagogia moderna – e é isso que, para muitos educadores, a torna sedutora. Manifesta-se, assim, a tendência pela especialidade e para a especialidade – o mesmo acontecendo em relação ao desporto, como se não existissem outros objetivos para uma

¹¹⁵ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1970, p.90.

¹¹⁶ Ibidem, p.90.

educação para a vida! E pode ainda admitir-se que, para certo número de educadores, pelo menos (é preciso ser realista), a educação geral, a partir de uma técnica particular, se transformaria, por fim, em ensino para a especialidade. E isto, apesar das recomendações expressas dos responsáveis pela Educação Física!

Poderia admitir-se, em tal caso, o desaparecimento do conceito fundamental de Educação Física, que é “educação em geral por meio de atividades psicomotrizas”. Ora, esta noção é essencial, porque, neste domínio como muitos outros domínios educativos, a escolha dos meios é muitas vezes secundária, em relação ao espírito que anima a sua utilização. Só os bons professores poderão superar esta barreira inicial que será, entretanto, tanto menos perigosa quanto mais elevada for o nível científico e pedagógico.¹¹⁷

O autor também adotava uma postura conservadora quando defendia a manutenção de uma determinada tradição da Educação Física, apontando o esporte como um elemento novo, ou como uma prática modernizadora. Para ele, a especialização dos professores da Educação Física na escola a partir dos esportes seria prejudicial aos cânones da disciplina. O aspecto modernizador (a adesão ao esporte pela Educação Física), rechaçado por Seurin e seus seguidores dogmáticos, foi justamente reivindicado como desejável pelo ideário oficial militar e por boa parte dos educadores físicos.

Na ótica dogmática, o esporte de competição seria o contraponto da possibilidade educativa. Sua dimensão pedagógica estaria eclipsada pela busca incessante da competição, pelo seu caráter de fim em si mesmo, pela busca da vitória a qualquer preço, sendo denunciado como exclusivista, ou seja, seletivo, em que os melhores e os mais aptos (leia-se mais bem preparados fisicamente) seriam os escolhidos.

Na verdade o mal não estava no esporte em si, mas nos seus excessos, no uso indevido que se fazia da prática esportiva. O imediatismo e a improbidade do fenômeno esportivo não configuravam uma possibilidade educativa por excelência. Antes contribuíram para exacerbar a competição, o exclusivismo, o alto rendimento e a busca incessante da vitória como um dos mais nobres ideais educativos.¹¹⁸

A “competição”, o “alto rendimento” e a “busca incessante da vitória” representavam as palavras-chave do pragmatismo, ou seja, o esporte como um fim em si mesmo, desenvolvido por uma lógica independente de qualquer influência educativa de caráter humanista. Para os pragmáticos, o esporte era sinônimo de Educação Física. Dessa forma, sendo o primado do esporte a competição, ele só poderia se apoiar no alto rendimento, na

¹¹⁷ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1970, p.90.

¹¹⁸ KOLINYAK FILHO, Carol. **Educação Física**: uma introdução. São Paulo: Educ, 1996, p.65.

técnica, na preparação individual de cada atleta, mesmo em se tratando de um esporte coletivo. Até a preparação de uma equipe de futebol, por exemplo, passava a ser tratada como grande engrenagem, e cada atleta teria uma preparação individualizada (de acordo com seu perfil atlético) para o bom funcionamento da máquina.

1.5 A POSTURA PRAGMÁTICA: ESPORTE MODERNO A SERVIÇO DA PÁTRIA

Para os teóricos pragmáticos¹¹⁹, o corpo do homem seria por natureza a sua ferramenta, inserido num ambiente competitivo, não só no âmbito esportivo, como também na sociedade capitalista, em que, segundo Elias, a vida é regida pelo jogo e pela disputa incessante do homem nas diversas figurações sociais¹²⁰. Dessa forma, “o esporte moderno” ajudaria a conformar o cidadão, no sentido mesmo da sua disciplinarização e adaptação ao meio social, discurso que invadiu o “mundo futebolístico” (como veremos adiante). René Maheu, diretor da UNESCO, ilustrou tais prerrogativas:

Trata-se do poder do esforço ou da harmonia da personalidade, do sentido de justiça que implica o respeito às regras ou, como na prática do desporto e no espetáculo esportivo, da fraternidade de classes, raças e povos, altos valores éticos que são afirmados em nossa civilização moderna mais pelo desporto que por qualquer outro movimento. Não conheço nenhum movimento social, ideológico ou intelectual que possa fazer compreender de maneira tão direta à juventude, a todas as classes sociais e a todos os povos, além das fronteiras de raça e de línguas, além das barreiras políticas, todos esses valores fundamentais.¹²¹

Maheu esboça seu pragmatismo claramente quando expressa o “respeito às regras”, “fraternidade entre os povos” e “altos valores éticos”, o ideário do mundo das Copas da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e também dos Jogos Olímpicos, nos quais o espírito do “Fair Play” deveria prevalecer, discurso ainda recorrente nos dias atuais. O “esporte moderno” como uma possibilidade sem igual de integração entre os brasileiros e

¹¹⁹ O termo “pragmático” serve aqui como concernente à ação e ao bom êxito da atividade física, transformada nesse momento em atividade esportiva moderna. Não confundir com a corrente filosófica metafísica, surgida no século XIX, que prega que o sentido de uma ideia corresponde ao conjunto dos seus desdobramentos práticos.

¹²⁰ ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹²¹ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1973, p.54.

entre os povos no mundo inteiro. Essa foi a premissa básica do ideário pragmático e da maioria dos pensadores vinculados à caserna brasileira.

O esporte, dessa forma, é tomado como agregador social, capaz de congregaer nações, classes e indivíduos. Nota-se a tradição do Olimpismo e dos torneios da Copa do Mundo de Futebol, assunto oportuno em um país que se cristalizava como o “país do futebol”. Somado a isso havia a tentativa de associação do esporte com o desenvolvimento econômico que vivia o país, como se percebe num dos artigos da RBEF, no qual a posição oficial era defendida pelo chefe do Departamento de Educação física (DED), Eric Tinoco Marques:

Pelos pontos abordados, depreendem-se a importância dada pelo governo ao setor da Educação Física e dos desportos no país e o acerto das medidas administradas adotadas. Pretendendo fomentar a criação de uma “mentalidade esportiva” e dar ao povo uma adequação física condizente a nossa posição de nação em desenvolvimento, adotou o governo a sistemática ora em execução, que ao final do prazo estabelecido, nos propiciará o devido destaque nas competições esportivas internacionais, tais como jogos olímpicos e campeonatos mundiais de futebol. Como consequência do trabalho global, nunca como objetivo específico de efeito imediato. E aí reside o ponto fundamental da opção brasileira: chegaremos ao tratamento da elite, mas o ponto de partida é a massa estudantil, tratada de modo uniforme. Sem distinções nem muito menos privilégios. Nos anos 80, não nos surpreenderemos com os destaques internacionais que empolgarão as cores brasileiras – eles estão sendo cuidadosamente plantados hoje.¹²²

Essas palavras expressavam o princípio clássico da orientação pragmática: o desempenho esportivo como um fim em si mesmo, a busca da vitória, o alto rendimento. O sucesso esportivo deveria ser condizente como o sucesso econômico que o país alcançava. Oportunamente, o esporte de alto rendimento, principalmente o futebol, foi utilizado como forma de propaganda política e de afirmação nacional. Exemplo disso é a associação do Selecionado de futebol da Confederação Brasileira de Desporto (CBD), uma entidade de caráter privado, com a seleção brasileira de futebol. Para muitos, a seleção seria patrimônio público da nação – não por acaso a propaganda do governo não cansava de mostrar Médici dizendo que “11 homens jogavam por 90 milhões”.¹²³

Assim, o governo projetava:

¹²² Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1972, p.85-6.

¹²³ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p.45.

Pelo menos estamos nos esforçando no sentido de implantar uma estrutura para o esporte brasileiro. A alimentação básica do sistema proveniente do *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil*, mais os conhecimentos de ordem prática da antiga Divisão de Educação Física do MEC. Em linhas gerais, pelas possibilidades previsíveis, foi estimado um período de 10 anos para que o sistema alcançasse o seu funcionamento pleno e efetivo. Este planejamento prendeu-se aos objetivos gerais de: elevação no país do nível da Educação Física integral; elevação no país do nível do desporto; elevação no país do nível de recreação ativa e passiva.¹²⁴

A projeção do governo Médici era ousada e um tanto utópica, haja vista que nessa época o país possuía não mais que 15 escolas de Educação Física, segundo dados já referidos encontrados no *Diagnóstico*. Mas, para tentar alcançar tal projeção, o governo, sob a direção do MEC, começava a sistematizar a prática de atividades físicas (leia-se esporte moderno, em especial o futebol) dentro das escolas. Ou seja, a tão propalada potência olímpica dava espaço para a futebolização da nação, já que os recursos do governo, a partir da Loteria Esportiva, foram, em sua maioria, para os clubes considerados “grandes”, e nessas entidades o futebol sempre foi o esporte predileto dos “cartolas”. Assim, pouco foi investido (em longo prazo, como nos EUA, por exemplo) para a formação do atleta, apesar do debate contraproducente dos teóricos pragmáticos:

Para a montagem do sistema de Educação Física e desportos, no caso do Brasil, foi adotado o modelo piramidal (base: desporto de massa; ápice: elite desportiva) coerente por si mesmo e que traduz o consenso internacional para o ideal de política nacional (as proporções das faixas da pirâmide indicam prioridades). São disponíveis outros modelos, em graus diversos de generalização, que servem tanto à geração de política como à simples elaboração de projetos de desenvolvimento. No caso ora em estudo, o *diagnóstico* deve conjugar-se com a identificação dos objetivos desde o início da ação governamental dentro do modelo acima examinado, prevendo as melhores condições possíveis para a efetividade da atuação administrativa. Em termos práticos, esse enfoque pode ser delineado partindo-se da análise comparada conjuntural da Educação Física e Desportos em outros países, procurando-se determinar tendências globais. Esse tipo de referência permitiria classificar criteriosamente os eventuais desvios da situação montada no *diagnóstico*, bem como constituiria procedimento mais seguro do que exercícios de projeções futuristas. Uma apreciação analítica de estudos realizados em nosso país, assim como de informes coletados no exterior, mostra significativa convergência sobre os aspectos que se seguem, importando relevar a consonância obtida por intermédio do “Manifeste sur Le Sport”, difundido pelo “Conseil International pour

¹²⁴ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1971, p.14.

l'Éducation Physique ET Le Sport" da UNESCO, documento básico para objetivos de planejamento.¹²⁵

Nota-se que o projeto para a Educação Física seguiu um modelo europeu-estadunidense, ou seja, de fora para dentro. Não deixa de ser um equívoco a negligência aos aspectos culturais brasileiros, assim como às desigualdades econômicas dos Estados, o que levou o governo Médici a não alcançar o êxito desejado, conforme evidenciam os indicativos de falência daquela perspectiva, como a reedição desse discurso após o insucesso dos atletas brasileiros nos jogos Olímpicos da Austrália, em 2000, na Grécia, em 2004, e na China, em 2008. Parece que, mais de 40 anos depois do projeto militar para os esportes, o Brasil está longe de se tornar uma potência esportiva, tendo ficado em 23º lugar nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, atrás de Cuba e Jamaica, por exemplo.

Voltando à década de 1970, Eric Tinoco Marques, diretor do DED/MEC, em outro editorial da RBEF, é incisivo na determinação das obrigações que deveriam ser cumpridas sobre o esporte, mais especificamente ao comando do esporte estudantil no Brasil:

A importância do desporto estudantil é óbvia por si mesma e dispensaria outros comentários. Falar do desporto estudantil é falar do futuro do desportivo nacional; apontar acertos e desempenhos é antever performances e alegrias. Neste quadro, cabe sempre uma pergunta sobre a competência, e a responsabilidade pela promoção da categoria. Assim o desporto estudantil afeito ao sistema desportivo estabelecido através do Decreto n. 66.967, de 27 de julho de 1970, que criou o Departamento de Educação Física e Desportos. O DED, por delegação, transferiu a execução, na área estadual, aos respectivos departamentos de Educação Física e Desportos, e nesta transferência enquadra-se o desporto estudantil. Que ele é importante todos sabemos. A quem cabe a competência acreditamos tenha ficado bem claro.¹²⁶

Esse artigo é de extrema relevância no sentido de se vislumbrar como o debate assumia um tom de bravata. Apesar do investimento em alguns esportes para forjar a potência olímpica, o que se viu foi a invenção do país do futebol, haja vista que a conquista do tricampeonato mundial, no México, sedimentou (ou criou?) essa máxima. A tônica governamental foi provocar o sentimento de disputa, despertar o acirramento e o sentimento de vitória e, por conseguinte, o nacionalismo, e para isso o futebol mostrava-se oportuno, pois a vitória nos gramados deveria ser (e foi) associada ao governo.

¹²⁵ Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1971, p.32.

¹²⁶ Ibidem, p.32.

E a busca incessante da vitória e da glória nacional e internacional foi o ponto nodal do ideário oficial dos militares, corroborado por um debate internacional que passava pelo “Olimpismo” e pelas reuniões da FIFA, órgão máximo do futebol, que estimulava o torneio quadrienal, no qual a busca do sucesso era prerrogativa máxima das seleções de cada país, como se cada selecionado incorporasse “belicamente” o país representado, numa disputa que Norbert Elias chama de “guerra simbólica”.¹²⁷

Foi nessa época que o esporte associou-se ao civismo, e isso veio atrelado a uma sociedade individualista e competitiva. Ou seja, o esporte, na visão pragmática, educava, mas educava para a vida no sentido liberal da sociedade. Competir é importante, mas a vitória seria muito mais. Empunhar a bandeira numa vitória olímpica ou numa conquista de Copa do Mundo tornava-se a aceitação dessa política, política essa de exaltação nacionalista, procurando mostrar ao mundo que o país crescia não só economicamente, mas também esportivamente, que o Brasil era grande, que o Brasil era potência.

O jovem com aptidão deveria ser descoberto na escola, passando a atuar e a se sobressair nos jogos infantis, depois nos jogos universitários, depois nas delegações nacionais para, no fim da pirâmide, ser um expoente a içar a bandeira nacional para o mundo. O Brasil-Grande-Potência precisava afirmar-se no plano internacional e o esporte era um dos meios por excelência para cumprir esse papel.

Nesse sentido, o futebol, esporte mais praticado entre os brasileiros, foi alvo maior da propaganda e da ingerência do estado autoritário, em conluio com a CBD. Daí surgindo o fenômeno que esta tese denomina de “futebolização da nação”, a construção/invenção e cristalização do Brasil como país do futebol e a coroação de Pelé como o rei negro de sangue azul. Indubitavelmente, esse jogador foi a síntese da vitória e do sucesso não só dentro dos campos, como também fora deles.

O discurso pragmático adentrou o futebol justamente quando o esporte moderno adentrou a Educação Física. A ciência, tão apregoada pelos teóricos tecnicistas, entraria em campo de forma acachapante para nunca mais sair. A mistura entre a arte de Pelé, por exemplo, e seu pleno condicionamento e preparo físico teria sido a chave do sucesso na Copa do Mundo em 1970.

¹²⁷ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986, p.76.

CAPÍTULO II – A “FUTEBOLIZAÇÃO” DA NAÇÃO

Este capítulo aponta como se deu a entrada da ciência no futebol brasileiro e como a conquista da Copa do Mundo de 1970 foi usada na tentativa de cristalização da imagem do Brasil como país detentor do futebol. O chamado futebol-força e os usos desse esporte como fator de coesão nacional também são analisados. De (pre)Potência Olímpica à invenção do país do futebol, essa é a frase que simboliza a política estatal para a área esportiva, sugerindo que a megalomania dos ideólogos militares da Educação Física não atingiu o objetivo de transformar o Brasil em “fábrica de atletas”. Para essa análise são empregados jornais, revistas especializadas e uma farta bibliografia especializada no tema.

2.1 O MÉTODO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA APLICADO À SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NA COPA DE 1970

Por meio das fontes consultadas nesta pesquisa, observou-se que a preparação do selecionado de 1970 significou uma “ruptura em termos de planejamento, organização e método de treinamento esportivo em relação às copas anteriores”¹²⁸. A influência de profissionais renomados da Educação Física do exército se fez presente de forma incisiva. A começar pelo já referido – em várias passagens do primeiro capítulo – Lamartine Pereira da Costa, influente teórico da Educação Física e que (atualmente) é membro do Conselho de Pesquisas do Centro de Estudos Olímpicos, professor supervisor da Academia Olímpica internacional de pesquisas da Universidade de Barcelona, professor de pós-graduação na Universidade Gama Filho e membro do Comitê de Pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

Lamartine, em entrevista a Soares, relatou que, já na década de 1950, uma delegação alemã havia realizado um curso de capacitação no Brasil e que, nesse momento, funcionava uma comissão de Educação Física na Universidade Nacional (hoje UFRJ) na área de pesquisa do treinamento desportivo, liderada pelo também já referido anteriormente Jayr Jordão

¹²⁸ SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Copa de 70: O planejamento México. In: GASTALDO, Edson; GUEDES, Simoni Lahud Guedes (orgs.). **Nações em Campo**. Copa do Mundo e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p.105.

Ramos, o que mostra uma preocupação constante com a área. Em 1959, Lamartine, então estudante da EsEFEx (Escola de Educação Física do Exército), acompanhava o trabalho do Pentatlo Militar, que se preparava para os campeonatos internacionais. Em 1961, o citado professor passou a fazer parte da Sociedade Internacional de Biometeorologia (ICB), na qual desenvolveu estudos sobre as influências dos ritmos biológicos e do clima na questão do treinamento físico para os esportes coletivos. No mesmo período, foi transferido para a Comissão Desportiva das Forças Armadas (CDFA).¹²⁹

Em 1967, Lamartine, então Capitão-Tenente, membro da Comissão Desportiva das Forças Armadas, instrutor de Educação Física da Marinha, técnico da equipe de pentatlo militar das Forças Armadas e membro da Academia do Conseil International Du Sport Militaire, publicou *A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude training*. Tratava-se de uma condensação de estudos e pesquisas que o autor fizera nos anos de 1964, 1965 e 1966 sobre a atividade desportiva nos climas tropicais em conjunto com várias entidades¹³⁰, a maioria delas do exército brasileiro.

Embasado em farta bibliografia de autores especialistas no assunto, Lamartine desenvolveu uma ambiciosa pesquisa acerca dos efeitos da altitude sobre o corpo humano. A tese central desse estudo consistia em como melhor adequar o corpo do brasileiro em ambientes tidos na época¹³¹ como “hostis” à aclimação para o desempenho esportivo.

Eu tinha vindo do exterior e me envolvi na preparação dos Jogos Olímpicos do México [...] antes ainda em 1966, eu havia trabalhado com o clima, subindo nas montanhas do Rio de Janeiro para verificar o efeito do calor nos atletas. Foi aí que notei que o problema não era só da temperatura. Quando você coloca isto numa série estatística, percebia-se que tinha um outro componente qualquer; aí acabei me deparando com a literatura internacional sobre a altitude. Fui para o México numa oportunidade, quando fizeram grupos internacionais que estudariam a sua altitude para vários efeitos nos atletas; e acabei entrando numa cota dessas, com o MEC pagando a minha passagem. Fiquei lá um mês, estudando o ambiente, mas quando cheguei lá o

¹²⁹ SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Copa de 70: O planejamento México. In: GASTALDO, Edson; GUEDES, Simoni Lahud Guedes (orgs.). **Nações em Campo**. Copa do Mundo e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p.76.

¹³⁰ COSTA, Lamartine Pereira. **A atividade desportiva nos climas tropicais e uma solução experimental: o Altitude training**. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967. Entidades envolvidas nessa publicação: Comissão Desportiva das Forças Armadas, Centro de Esportes da Marinha, Comissão de Desportos do Exército, Hospital Central da Aeronáutica, Instituto de Cardiologia Aloysio de Castro, Administração dos Estádios da Guanabara, Fluminense Football Club, Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Serviço Cartográfico do Exército e Casa Maçom do Rio de Janeiro.

¹³¹ Até hoje o tema é muito discutido, especialmente no caso do futebol, em que há disputas que envolvem os países com altitude. Exemplo disso é o caso da Seleção Boliviana de futebol, que por algum tempo quase perdeu o direito de disputar jogos em La Paz, capital do país, que se encontra a mais de três mil metros do nível do mar. Sobre isso ver: Folha de S. Paulo. São Paulo, 12/06/2007.

Altitude training já existia desde 66, muito antes de embarcar para o México. Eu só fiz um ajustamento de certas coisas, por exemplo, saber a altitude adequada para o atleta se adaptar, que não dependia só do treinamento, e sim da própria adaptação da altitude.¹³²

Lamartine, também em 1967, publicou *Planejamento México*, que significou a intensificação do método *Altitude training*. Por iniciativa da Divisão de Educação Física do Exército, o trabalho em questão foi tido como o divisor de águas na história do futebol. O presidente Médici afirmou, quando indagado por reportagem da revista *Veja*: “A vitória do Brasil no México foi decorrência do trabalho dos professores envolvidos na comissão técnica. Eles sem dúvidas ensinaram ao Mundo a melhor forma de jogar na altitude.”¹³³

A questão dos fusos horários, o tipo de treinamento a ser realizado em cada etapa do processo de preparação, o uso da câmara de baixa pressão como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente, a alimentação, as condições climáticas do local, a umidade do ar, os efeitos do estresse, o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos da competição, os resultados da massagem muscular em altitude e o preparo psicológico dos atletas. Todas essas etapas foram minuciosamente planejadas com o objetivo de atingir o máximo da sua capacidade.¹³⁴

Outro aspecto que já estudávamos eram os efeitos dos raios solares, que não foi citado pela imprensa e que a Inglaterra soube usar, trocando a textura do seu uniforme. Por isso é que tínhamos que treinar às 11 da manhã, e posteriormente, as declarações dos jogadores eram de que não sentiam cansaço, ou seja, um trabalho científico de altitude e radiação solar, só fatos científicos colocados em prática dentro do programa.¹³⁵

Esses trabalhos de Lamartine Pereira da Costa não só serviriam à seleção brasileira de futebol da CBD, como também à delegação olímpica brasileira, já que os Jogos olímpicos de 1968 também foram sediados no México.¹³⁶

¹³² Apud: SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2007, p.87.

¹³³ Veja. “A preparação física do Brasil”. São Paulo: Editora Abril, ago./1970, p.23.

¹³⁴ SALVADOR, SOARES, op. cit., 2007, p.88.

¹³⁵ Ibidem.

¹³⁶ A delegação olímpica brasileira teve discreta participação nos Jogos Olímpicos de 1968, com apenas uma medalha de prata e uma de bronze, ficando na 35ª colocação. Apesar de toda a discussão sobre os benefícios da Educação Física, a delegação olímpica de 1968 foi reduzida, com problemas até para o embarque, já que os atletas chegaram ao México em aviões cargueiros do Exército. Destaque para Servílio de Oliveira, medalha de bronze no boxe. Sobre isso ver: ESPN-BRASIL. **México 1968: A última olimpíada livre**. Documentário de Ugo Giorgetti. ESPN-Brasil, 2012.

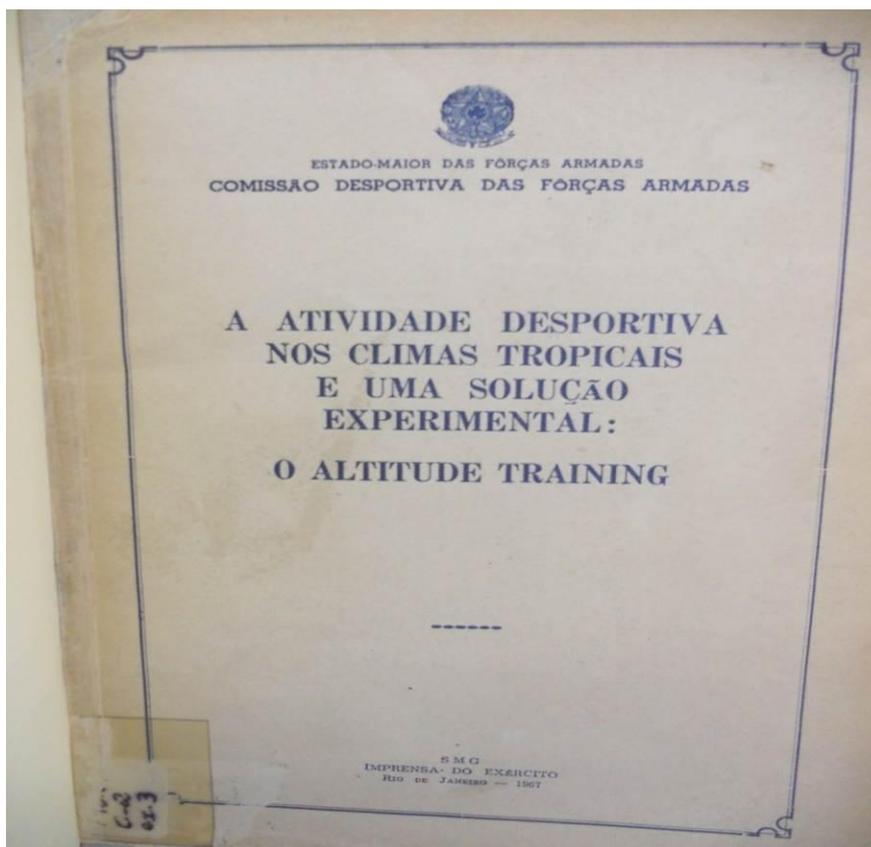


Figura 6 - Exemplar encontrado na biblioteca da Escola de Educação Física da USP.¹³⁷

Segundo o Tenente-Coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, já mencionado no primeiro capítulo por sua atuação enquanto chefe redator da RBEF, a iniciativa

[...] da Divisão de Educação Física do MEC em publicar o *Planejamento México* visa preencher uma inadiável lacuna. Com as entidades da organização desportiva nacional enfrentando difíceis problemas, é impraticável no momento estabelecer uma pesquisa in loco com nossos atletas, sobre as peculiaridades da altitude e dos fusos horários que serão encontrados nas Olimpíadas de 1968 e na Copa do Mundo de Futebol de 1970, a serem realizados no México; tal linha de ação foi apenas adotada por países de Desportos altamente subvencionados. O Capitão Lamartine Pereira da Costa é autoridade de reconhecimento internacional em assuntos de treinam neto físico e criador do método *Altitude Training*, tendo assim crédito para um planejamento adequado às condições brasileiras.¹³⁸

O relatório da FIFA sobre a Copa de 1970 indicou que o trabalho da comissão técnica e o processo de adaptação planejado a partir dos estudos sobre a altitude foram

¹³⁷ Biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da USP - Universidade de São Paulo.

¹³⁸ COSTA, Lamartine Pereira. **Planejamento México**. Rio de Janeiro: MEC - Divisão de Educação Física, 1967, p.4.

fundamentais no êxito da seleção de futebol nessa copa. O método *Altitude Training*, aprofundado no *Planejamento México*, foi premiado pela entidade como um trabalho inovador sobre a aclimação do corpo dos brasileiros ao ambiente mexicano.



Figura 7 - Pelé e Jairzinho (em primeiro plano), “produtos” da preparação física militarizada.¹³⁹

Esse trabalho reverberou por boa parte da imprensa, não apenas na esfera esportiva. Um exemplo disso foi a reportagem da revista *Veja* de março de 1970, que deu destaque para o trabalho de Lamartine:

Hoje se acompanhou a preparação da seleção de futebol e o planejamento escrito e aplicado pelo professor foi colocado a prova. Jogadores como Jairzinho e Leão tiveram desempenho extraordinário. Os dois atletas foram os que mais se destacaram após a intensificação do método *Altitude Training*. Indubitavelmente os aspectos científicos vieram pra ficar e a seleção está muito bem preparada para a empreitada no México.¹⁴⁰

¹³⁹ Placar. São Paulo: Editora Abril, mai./1970.

¹⁴⁰ Placar. “Planejamento para o Futebol”. São Paulo: Editora Abril, 23/03/1970, p.23.

A preparação para a Copa de 1970 denota a montagem de um esquema militar de treinamento e acompanhamento das atividades da equipe. Para a chefia da delegação foi designado o Major-Brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia do Serviço Nacional de Informações (SNI). Para sua assessoria foi empossado o Major Ipiranga Guarany, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. Admildo Chirol foi supervisor técnico. O condicionamento físico dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados na Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso, Claudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, que ajudariam a desenvolver o *Planejamento México*.



Figura 8 - Exemplar da obra encontrado na biblioteca da Escola de Educação Física da USP.¹⁴¹

¹⁴¹ Biblioteca da Escola de Educação Física e Esporte da USP - Universidade de São Paulo.

Na década de 1970, os estudos acerca dos efeitos da temperatura, do local, da altitude, do uniforme dos jogadores, do trabalho de sobrecarga individualizado, entre outros, estavam presentes no cotidiano do selecionado brasileiro de futebol.

Os jogadores, entretanto, não tiveram maiores problemas com o calor e isso levou Admildo Chirol a comentar: – Deus queira que faça sol e esse calor todos os dias em que o Brasil jogar. Bendita estada em Guanajuato, pois ninguém se queixou de cansaço.¹⁴²

Dentro do planejamento, a comissão técnica se esmerou, sobremaneira, em fazer um estudo de todos os aspectos referentes ao calor do México. Dessa forma, dispunha dos horários dos jogos e da localidade em que se encontravam os estádios que sediarão as partidas da seleção, além do impacto das altas temperaturas no concreto armado desses estádios. Muitas seleções também haviam se preparado para a altitude, mas não especificamente para as altas temperaturas. Assim, o trabalho de Lamartine sobre a *“incidência dos raios solares era imprescindível, datado desde a época nas montanhas do Rio de Janeiro com os atletas do Pentatlo Militar, no início da década de 1960”*¹⁴³.

Esse trabalho de aclimação do selecionado à altitude teve início num encontro realizado na casa de João Saldanha¹⁴⁴, técnico da seleção durante as eliminatórias para o evento em questão. Lamartine relata como se deu o encontro:

O Coutinho então falou com o Saldanha e fui convidado. Na reunião o Saldanha me tratou com ironias, mas depois nos tornamos grandes amigos; e olha que começamos com uma briga e foi séria. No começo Saldanha relatou que iria fazer a preparação como havia aprendido nos clubes que trabalhou que também tinha conhecimento dos clubes europeus e que não iria exagerar numa preparação física nos moldes militares, pois podia atrapalhar o treinamento. Retruquei sobre o quanto ele estava enganado e que eu não era do futebol, mas tinha a obrigação de alertá-lo para isto. Mostrei o planejamento publicado em 1967, calcado no método de Altitude Training e as experiências advindas pós-jogos olímpicos de 1968. Mostrei que neles haviam mitos que foram derrubados durante as Olimpíadas, e que então era melhor prestarem mais atenção nesta questão, pois podia fazer

¹⁴² Jornal do Brasil. “Brasil resiste bem a treino com sol de 40 graus”. Rio de Janeiro, 10/04/1970, p.24.

¹⁴³ SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2007, p.88.

¹⁴⁴ Saldanha ficou nesse cargo apenas um ano, na ocasião das eliminatórias para a Copa de 1970. Seu substituto foi Mario Jorge Lobo Zagallo, à época, bicampeão mundial como jogador, dirigiu a seleção na conquista da referida copa. Saldanha foi figura polêmica e a ele são atribuídas declarações que geraram mitologias futebolísticas. A respeito do Pelé, afirmou que era míope. A Médiçi, que teria insistido na convocação de Dadá maravilha, respondeu: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção.” Sobre isso ver: MAXIMO, João. **João sem medo**. A história de João Saldanha. Rio de Janeiro: Intertexto, 1995, p.139.

diferença entre a vitória e a derrota. Então Saldanha rindo falou: você não vai querer me convencer, porque isso aqui já está cheio de gente e então aparece mais gente aqui querendo entrar no grupo e você é mais um deles. Se eu for prestar atenção nessas ameaças que fazem, eu já teria 40 sujeitos no grupo. Retruquei novamente, dizendo que não era homem do futebol, que não queria pertencer ao futebol, nem trabalhar com ele e o Coutinho, que era muito conciliador e esperto (o sucesso dele estava aí), tentou apaziguar. O Saldanha ficou perplexo com as respostas que dei pra ele, o Coutinho ficou apreensivo, pois pensou que fosse haver porrada entre nós, mas essa atitude levou o Saldanha a ficar impressionado comigo a ponto de aceitar o método.¹⁴⁵

Esse encontro foi confirmado por Saldanha.¹⁴⁶ Segundo ele, esse método marcou a introdução dos métodos da Educação Física militarizada e avalizada por entidades internacionais (já referidas no primeiro capítulo) no futebol brasileiro.¹⁴⁷ A opção pragmática tomava forma dentro da comissão técnica da seleção brasileira de futebol e o desejo da vitória era prerrogativa indiscutível para a disputa em solo mexicano.

A conquista do selecionado brasileiro, chamado pela maioria da população de “Brasil”¹⁴⁸, representou, aos olhos dos teóricos pragmáticos, a legitimação do discurso que colocava a competitividade e o alto rendimento como vetores do espírito esportivo. As escolas e órgãos militares de formação científica nos esportes da época, a EsEFEx, o Centro de esportes da Marinha “influenciaram sobremaneira a entrada da ciência” do treino físico no futebol.¹⁴⁹

Depois da Copa de 1966 e do insucesso do “Brasil” nos campos ingleses, o objetivo do governo foi acompanhar de perto a postura da CBD, que nesse momento recebeu interferência governamental por intermédio do Sistema Nacional de Informações (SNI).¹⁵⁰ Cogitou-se até a abertura de inquérito parlamentar para investigação das razões do malogro do selecionado em terras inglesas. Num tempo de endurecimento do regime ditatorial, o denunciamento, a devassa e a busca obsessiva pelos culpados também adentraram o mundo

¹⁴⁵ SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Copa de 70: O planejamento México. In: GASTALDO, Edson; GUEDES, Simoni Lahud Guedes (orgs.). **Nações em Campo**. Copa do Mundo e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p.110.

¹⁴⁶ MAXIMO, João. **João sem medo**. A história de João Saldanha. Rio de Janeiro: Intertexto, 1995, p.78.

¹⁴⁷ Jornal do Brasil. “Saldanha e o Planejamento México”. Rio de Janeiro, 23/04/1983, p.12.

¹⁴⁸ Segundo Hilário Franco Junior, enquanto os italianos torcem pela Azzurra, os franceses pelos Bleus, os ingleses pelo English Team e os alemães pela Nationalmannschaft, os brasileiros torcem pelo Brasil. Ou seja, existe apenas uma pequena distinção entre a seleção de futebol e o país. Assim, vitória ou derrota de um parece ser a do outro. *Le monde Diplomatique Brasil*. n.45. São Paulo: Posigraf Grafica e Editora, jun./2010, p.18.

¹⁴⁹ SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2007, p.103.

¹⁵⁰ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.89.

futebolístico. Ademais, aos olhos da caserna, esse esporte deveria ser mantido sob vigilância, já que mobilizava um grande contingente populacional, e a vitória numa competição esportiva internacional deveria ser preparada minuciosamente pela comissão técnica.

Conclui-se que, no futebol pós-66, nós só precisaríamos enfatizar a preparação física de nossos atletas, a fim de nivelá-los aos ingleses. Surgem, então, as comissões técnicas de preparadores físicos e toda estrutura do departamento médico e fisiologia, a maioria de formação universitária e de escolas militares.¹⁵¹

Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, em plena Copa do Mundo, Admildo Chirol teceu comentários sobre os integrantes da comissão técnica da seleção:

Escolhi Coutinho porque no exército é a maior capacidade em matéria de preparação física. É um rapaz culto, que tem viajado constantemente e mantido contatos com os melhores professores de Educação Física do mundo inteiro. Quanto a Carlos Alberto Parreira, contou que ele fora seu aluno na Escola Nacional de Educação Física e que sempre foi muito aplicado.

– Cheguei mesmo a ficar envaidecido no dia em que convidei Parreira, não para me auxiliar, mas para trabalharmos juntos: ele me mostrou um caderno de anotações com vários exercícios que copiou, assistindo aos treinos do Botafogo há cinco ou seis anos passados. Admildo Chirol disse que a vontade de aprender que tem Parreira é anormal, pois ele está sempre estudando novos métodos e sistemas de trabalho.

– E olha que ele já tem um curso na Universidade de Colônia na Alemanha e foi estagiário do Chelsea, da Inglaterra, durante três meses, quando pôde acompanhar toda a evolução física do futebol europeu.¹⁵²

Percebe-se que, para a admissão à comissão técnica do selecionado, esses dois integrantes (Parreira e Coutinho) mostraram que estavam sintonizados realizando intercâmbios internacionais, exatamente porque o debate sobre a influência da “ciência” no esporte estava propalado e ecoava por muitos países mundo afora, sobretudo nos EUA e Europa.

¹⁵¹ GIL, Gilson. O drama do futebol arte: o debate sobre a Seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 25, Anpocs, 1997, p.109.

¹⁵² *Jornal do Brasil*. “Chirol abre a boca”. Rio de Janeiro, 10/06/1970, p.22.

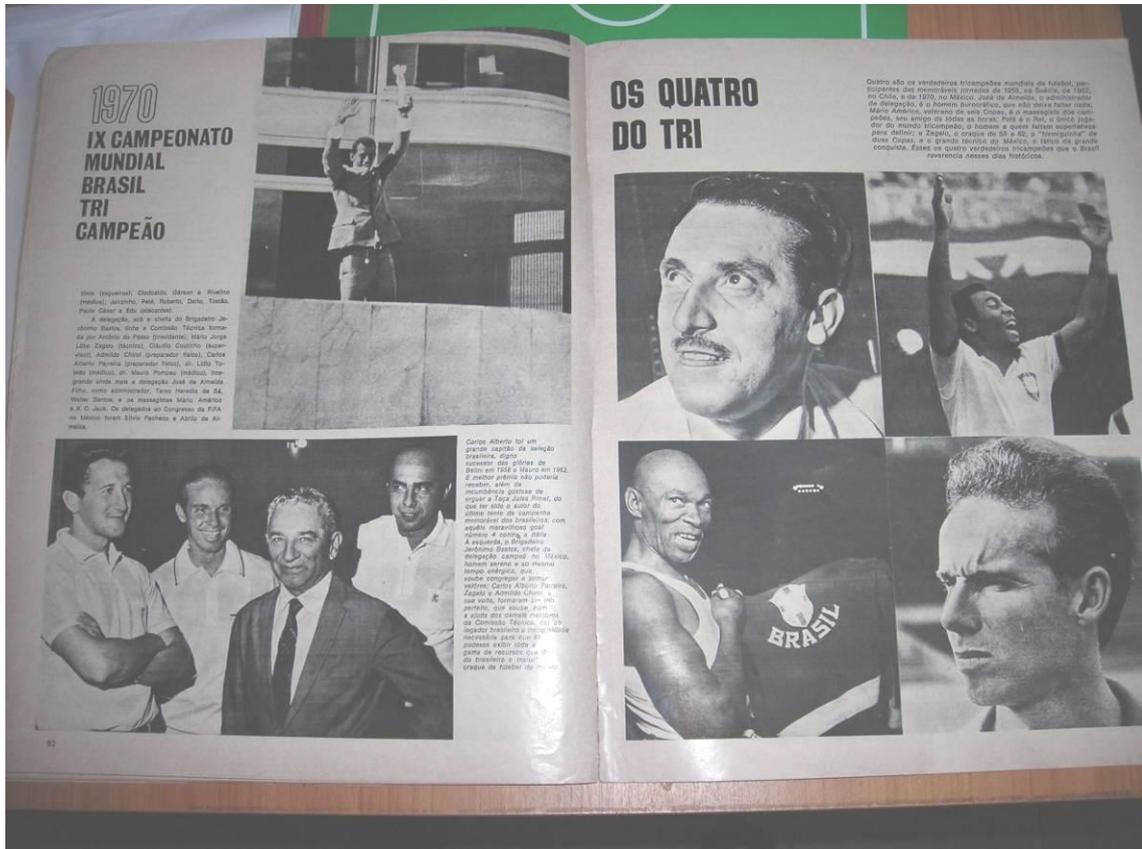


Figura 9 - Acima, Carlos Alberto Torres, capitão do Tri; abaixo, da esquerda pra direita, Parreira, Zagallo, o Brigadeiro Jerônimo Bastos (chefe da delegação) e Chiról; na direita, Coronel José de Almeida (administrador da seleção), Pelé, Mário Américo (massagista) e, novamente, Zagallo.¹⁵³

Essa discussão permeou toda a década de 1970, e os preparadores físicos invadiram o meio futebolístico em seus departamentos médicos. Formados em sua maioria na EsEFEx:

Militares da EsEFEx continuaram a apoiar a preparação das seleções brasileiras de futebol. Em 1971, a CBD solicitou o apoio dessa escola para realizar o treinamento, hospedagem e alimentação da Seleção Olímpica de 1972 [...] Em 1973, apoiou na preparação física da seleção de futebol amador do Brasil para o torneio internacional de

¹⁵³ Fatos & Fotos. Rio de Janeiro: Bloch Editores, mai./1970.

futebol júnior da França [...]. Em 1974, a CBD solicitou o apoio de instalação e pessoal para a EsEFEx, visando à preparação da seleção de futebol que disputou a X Copa do Mundo de futebol, da qual o major Kleber Caldas Camerino, foi o preparador físico.¹⁵⁴

Nos meses que antecederam a Copa de 1970, o processo de intensificação dos treinamentos foi amplamente divulgado pelos jornais e revistas. A revista *Placar* se esforçou para cobrir toda a preparação dos jogadores e a atuação da comissão técnica, tecendo comentários elogiosos ao desempenho que ambos obtiveram nas eliminatórias para a referida copa:

A comissão técnica se esforça muito para colocar os jogadores em ponto de bala. Pelé saltou mais que todos os outros e Jairzinho fez os melhores piques e arranques sobre o gol. Parece que eles estão com fome de jogo! Amanhã irão fazer testes de fisiologia, simulação de altitude em câmaras fechadas, além de uma bateria de exames de todas as ordens.¹⁵⁵

Lamartine Pereira, nesse contexto, passava a se tornar parte integrante da comissão técnica, embora isso nunca tenha sido oficializado:

Num determinado momento o João Havelange (presidente da CBD à época), me chamou pra uma reunião lá na sede deles, eu fui e eles me chamaram para oficializar meu ingresso. Eu não fiz muita questão e eles acharam que eu era muito arreadio. A razão é que eu não era da praia “dos caras”. Não ia dar certo. O que eu iria fazer num negócio desses. O fato de eles me chamarem lá foi para dar um certo sentido ao projeto. Eu conversava mais com o Saldanha, pois ele apesar de reticente no começo comprou a idéia que eu mostrei sobre o trabalho na altitude. Mesmo assim, teoricamente nunca fui parte integrante da comissão, apesar de sempre ser chamado para fazer o planejamento, explanando para o Parreira e para o Coutinho.¹⁵⁶

¹⁵⁴ SOEIRO, Renato Souza Pinto. **A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2003, p.112.

¹⁵⁵ Placar. “Ponto de Bala”. São Paulo, abr./1970, p.25.

¹⁵⁶ SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2007, p.84.



Figura 10 - As palavras em negrito acima da reportagem: “Em 70 foi tudo exatamente ao contrário de 66, quando começamos a perder o tri na forma física”.¹⁵⁷

Apesar da “compra da idéia” por Saldanha, Lamartine nunca foi benquisto no dia a dia do treinamento. Ele próprio justificou sua pouca popularidade dentro do cotidiano de preparação e apontou sua participação como restrita mais às reuniões com Coutinho, Chirol e Parreira:

Algumas pessoas lá da CBD estavam com medo de eu tomar o lugar deles, acho que por isso eles achavam que eu não deveria atuar de perto. Eu não era opositor a eles e não queria substituir ninguém, depois eles perceberam isso. Eu era aliado do grupo e queria que os jogadores se adaptassem o mais rápido possível, pois o método era novo no Brasil e muita gente nunca tinha visto a maioria das etapas do trabalho. Particpei mais dos bastidores, em reuniões com a chefia da preparação.¹⁵⁸

¹⁵⁷ Fatos & Fotos. Rio de Janeiro: Bloch Editores, maio/1970.

¹⁵⁸ SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70:** esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2007, p.85.

Apesar da resistência de alguns (não denominados), a presença de Lamartine foi imprescindível para a preparação física dos jogadores. O jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁵⁹, em 1970, publicou uma extensa reportagem detalhada sobre o problema da altitude e o método *Altitude training*, em que apontava os estudos do referido professor sobre a importância do estresse e da radiação solar no desempenho dos jogadores.

A eficácia do trabalho em questão foi evidenciada pelo desempenho do selecionado no segundo tempo das partidas: 4 a 1 contra os tchecoslovacos (3 a 0 na etapa complementar); 1 a 0 sobre os ingleses (0 a 0 no primeiro tempo); 4 a 2 contra os peruanos (2 a 1 na segunda etapa); 3 a 1 contra os uruguaios (2 a 0 no segundo tempo); 4 a 1 ante os italianos (3 a 0 na etapa final). Todos os jogos em alta altitude e com temperatura acima dos 36° C.¹⁶⁰

Depois da conquista no México, o método *Altitude training* se tornou referência obrigatória para a maioria dos clubes que se envolviam em disputas na altitude. O sucesso de Lamartine se estendeu por muito tempo. Tanto que em 1980 ele foi convidado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)¹⁶¹ para a montagem do planejamento de adaptação da Seleção brasileira para a Copa de 1982, na Espanha, em razão do fuso horário e das variações climáticas. A legitimação da “ciência” no futebol já era fato consumado e o sucesso de tal método, uma constante, apesar de não ser lembrado nos dias atuais.¹⁶²

No entanto, um fato quase pôs tudo a perder: antes da Copa de 1970, João Saldanha perdeu o cargo de técnico da seleção e Mario Zagallo, como já mencionado, se tornou seu substituto. Assim, Lamartine, conforme relatou, precisou utilizar um argumento de “autoridade” ante a CBD, pois o planejamento quase foi alterado.

¹⁵⁹ O Estado de S. Paulo. “Tudo sobre um inimigo: A altitude”. São Paulo, 10/04/1970, p.9.

¹⁶⁰ FRANCO JR., Hilário. **A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.143.

¹⁶¹ A CBF, tal como existe hoje, foi fundada em 24 setembro de 1979. Cf.: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <www.cbf.com.br>. Acesso: 24/08/2013.

¹⁶² Soares diz que esse esquecimento do método altitude training nos dias atuais tem explicação. Segundo ele, os métodos militarizados “arranham” o mito do futebol dionísíaco, no qual a seleção brasileira é impregnada e enfatiza a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol brasileiro. Soares defende a tese de que tal mitologia foi criada por uma vertente nacionalista que se tornou visível em vários trabalhos e cuja influência remonta a autores clássicos, a exemplo de Mario Rodrigues Filho no livro *O negro no futebol brasileiro*, publicado em 1947 e prefaciado por Gilberto Freyre. Esse trabalho traz em si um viés nacionalista que só pode ser entendido levando-se em conta o contexto em que surgiu: as primeiras décadas do século XX, projeto de inspiração “freyreana”, gestado no interior do Estado Novo. Tal obra funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade. Assim, lembrar da preparação física “militarizada” da seleção de 1970 vai de encontro ao chamado futebol-arte, ou à magia do futebol-arte, na qual o jogador nasce pronto e preparado para resolver a partida a partir do seu dom divino, em outras palavras: o debate que envolve força e arte no futebol brasileiro. SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2007, p.87.

Nesse caminho houve um problema: a saída do Saldanha e a entrada de Zagallo; e o Coutinho achou que o Zagallo fosse abortar o trabalho, mas a imprensa já divulgava o assunto, citando Coutinho e Cooper e dificultando o corte. A CBD já havia aprovado o plano como Saldanha e mantiveram a seleção na cidade de Guanajuato. Chegando lá Zagallo avisou que não ficaria alojado na cidade porque não tinha estrutura suficiente. Enviei um telegrama para a CBD dizendo que a saída da cidade poderia representar o fracasso, e o Zagallo teve que engolir o planejamento, sem tomar conhecimento do que era.¹⁶³

Zagallo “engoliu” o método e, depois, até comentou que a adaptação à altitude foi fundamental para o êxito da seleção. A imprensa, sobressaltada com o sucesso, passava a veicular, pós-Copa de 1970, os benefícios da cientifização que adentrara o mundo futebolístico brasileiro. No entanto, antes da Copa, o debate envolvendo a entrada da ciência no futebol percorreram caminhos tortuosos.

2.2 A “CIENTIFIZAÇÃO” DO FUTEBOL BRASILEIRO: DISCUSSÃO SOBRE A ARTE E A FORÇA

Desde a Copa de 1966, na Inglaterra, o debate acerca do chamado “futebol-força” e “futebol-arte” foi intenso na imprensa esportiva mundial, o que refletiu decisivamente também em solo brasileiro. Florenzano afirmou que esse processo de acirramento se deu em virtude da cientifização desse esporte. No Brasil, após a conquista da seleção inglesa em casa (com um estilo mais para a força do que para a arte), foram intensos os contra-ataques dos defensores da força no futebol. Entre eles, técnicos, preparadores físicos e professores de Educação Física. Depois da eliminação “precoce” (aos olhos da comissão técnica e da imprensa esportiva) do selecionado brasileiro pela seleção portuguesa, a imprensa “determinou” que o que faltava para o “Tri” da Seleção brasileira, no México, era investir no corpo dos atletas.

Em 1968, um livro reunindo¹⁶⁴ o depoimento de vários técnicos e preparadores físicos submetiam à crítica a derrota do futebol brasileiro e avaliava suas perspectivas no futuro. Os depoimentos expressavam o

¹⁶³ SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70:** esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2007, p.86.

¹⁶⁴ PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel.** Rio de Janeiro: GOL, 1968.

consenso segundo o qual na Copa da Inglaterra o Brasil vira-se surpreendido pelo advento de um novo futebol, que os autores designavam como “futebol-força”. Nesse sentido, Admildo Chirol, afirmou que a seleção não conseguiu frear a força dos portugueses, esses que se adaptaram muito bem à técnica e a força.¹⁶⁵

Nessa esteira, constatava Admildo Chirol:

Os europeus como são do conhecimento de todos, estão aplicando o “futebol-força” e vêm obtendo excelentes resultados [...] vendo que era incapaz de vencer o “futebol-arte” dos brasileiros bi-campeões mundiais, os europeus passaram a usar a força no futebol [...] por isso, repito: o Brasil, assim como outros países que desejarem sucesso em disputas internacionais, têm de se ajustar a sua maneira de jogar aos novos tempos, e adotar o “futebol-força”.¹⁶⁶

Para Chirol, a força no futebol consistia na disposição “insaciável” dos europeus em marcar os atletas brasileiros. Dotados de incansável preparo físico, os europeus ocupavam todos os espaços, anulando assim o estilo artístico dos atletas brasileiros. Força, velocidade e resistência: essas seriam as palavras-chave desse estilo de futebol.

Sabemos que a velocidade numa jogada, com o emprego da força e resistência, constituem o ideal, para qualquer time de futebol. Assim, estes três elementos: “força”, “velocidade” e “resistência”, constituem a base para o atual. O preparo físico do brasileiro tem de entrar em campo. Temos que correr atrás disso.¹⁶⁷

Essa concepção foi compartilhada também por um número grande de jornalistas esportivos, desencadeando, no Brasil, uma intensa mudança na noção de preparação física, que, embora desde sempre levada em consideração na prática do futebol, passou a ocupar uma posição privilegiada na maioria dos espaços em que o debate se desenvolveu.

Considerando a metamorfose que se processou no futebol, cuja evolução faz com que as equipes atuais procurem ocupar o mais possível todos os setores do campo, dando combate direto a seu adversário, procurando impedir que ele encontre espaço para jogar [...] concluímos que a condição física constitui fator preponderante para o êxito de uma equipe.¹⁶⁸

¹⁶⁵ FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998, p.25.

¹⁶⁶ O Cruzeiro. “A força nos gramados”. Diários Associados, 12/09/1969, p.23.

¹⁶⁷ Ibidem, p.25.

¹⁶⁸ PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: GOL, 1968, p.89.

Essa dicotomia que envolveu o futebol nos idos da década de 1970 mudou a “*percepção da violência na prática futebolística*”¹⁶⁹. Para Florenzano, as imagens de Moraes, zagueiro português de avantajado preparo físico, atingindo Pelé com faltas acintosas, praticamente tirando-o da partida, seriam reinterpretadas, agora, à luz da nova concepção de futebol. Aquela em que o uso da força é o vetor da preparação para o embate, como sentenciam Admildo Chirol:

O futebol-força não é brutalidade, não é violência, mas simplesmente muita luta, muito combate. A permanente disputa e a desvantagem que existe entre o porte atlético do europeu e o do brasileiro trouxe desvantagens evidentes no confronto com os portugueses. O futebol pode ser considerado um exercício violento e sendo assim os seus praticantes necessitam estar preparados para cumprir sua missão em campo.¹⁷⁰

Nessa nova formatação, o grupo deveria ser mais valorizado em vez do aspecto individual, o qual se via relegado à “*condição de peça da engrenagem cujo funcionamento era posto em movimento pelo técnico de futebol*”¹⁷¹. O jogo passava a ser visto como algo a ser estudado e, sendo assim, os técnicos e preparadores deveriam “ensinar” aos atletas como seria a sua participação nesse cenário, como apontava a reportagem da revista *Placar*:

O futebol está mudando no Brasil. Há uma nova concepção tática que já se generaliza como regra. Segunda ela o jogador deve sempre aprender, já que ela mostra que o jogo é sempre de conjunto. Quem tem o domínio da bola está atacando desde o goleiro. Quem perde a bola está imediatamente em posição defensiva desde o ataque. Para isso, entretanto, talvez seja necessário correr mais que os cinco quilômetros cronometrados. E isto só se consegue com um preparo físico perfeito, que englobe, equilibradamente, velocidade, resistência, flexibilidade e força. Um técnico só conseguirá ensinar sua equipe no futebol, digamos assim moderno, se receber os jogadores capazes de cumprir pela condição física os esquemas táticos que traçar. As palavras de ordem são: ensinar e aprender!¹⁷²

As novas exigências impostas pelo futebol moderno ganharam destaque nos debates ocorridos no Brasil. A Copa de 1966 significou a ascensão da força no futebol em face da modernidade representada pelo futebol europeu na conquista dos ingleses. A “magia” do estilo brasileiro deveria ser associada ao cientificismo dos europeus.

¹⁶⁹ FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998, p.27.

¹⁷⁰ PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: GOL, 1968, p.45.

¹⁷¹ *Ibidem*, p.47.

¹⁷² Placar. “Os ensinamentos do futebol Moderno”. São Paulo: Editora Abril, 20/08/1970, p.23.

Se de 1958 a 1962 a seleção mostrou ao mundo a espontaneidade, com jogadores que encantaram pelo seu estilo artístico, nesse momento a arte deveria ser adequada ao discurso da cientificidade. A palavra de ordem era aliar arte e força, num planejamento que promovia o coletivo em detrimento do individual. Pelé e Tostão, por exemplo, deveriam voltar pra compor a retaguarda, como numa coluna indivisível. Os jogadores teriam de se transformar rapidamente para se adequarem aos novos ditames da preparação física, elaborados pela nova ciência decantada pelo mundo europeu e estadunidense. A seleção de 1970 deveria (e conseguiu) aliar esses dois pontos para conseguir a vitória e a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Como disse Roberto Rivellino:

O time era compacto, todo mundo deveria atacar e defender por blocos, não era como a Holanda (de 1974), que ninguém guardava posição, nós delimitamos nosso espaço e cada um fazia o que tinha que fazer, ou seja, ajudar o grupo a vencer e a não tomar gols e pra isso agente corria muito. A nossa preparação física foi excelente, ganhamos até premiação da FIFA.¹⁷³

A prevalência do grupo sobre o individual. Um novo tipo de jogador surgia, calcado num elaborado preparo físico e numa estrita disciplina tática. O jogo cadenciado, o estilo clássico, a liberdade dos dribles “sem objetividade” passaram, nesse momento, a ser classificados como fruto do individualismo e da indisciplina. Driblar era bem visto desde que em direção ao gol adversário e sem floreios. Ou seja, para se adequar a arte inata do jogador brasileiro, impunha-se como tarefa inadiável a produção do jogador moderno profissionalizado, calcado nos mais rígidos conhecimentos científicos oriundos da Educação Física e atrelado ao discurso dos teóricos pragmáticos envolvidos com o exército brasileiro.

Segundo a imprensa e boa parte da literatura futebolística, o preparo da seleção de futebol, no que dizia respeito ao aspecto físico, era ineficaz, sobretudo na ocasião da Copa de 1966:

Os jogadores treinavam de manhã ou de tarde, nunca em tempo integral. Até a copa de 66, a preparação física costumava ser dada pelo próprio treinador. Este podia ser gordo como Gentil Cardoso ou magro como Zezé Moreira, mas de modo algum um especialista na tarefa. Limitava-se a comandá-los nos exercícios do chamado “Regimento n.7”. Era um programa criado pelo exército francês na Primeira Guerra, adotado pelo exército brasileiro e usado nas aulas de educação física dos colégios [...] era mole. Os jogadores faziam aquilo

¹⁷³ TV CULTURA. Cartão Verde. Programa com participação de Roberto Rivellino. TV Cultura, 20/11/2012.

assoviando, aproveitando para bater papo e combinar a saída daquela noite. E era assim em todos os clubes.¹⁷⁴

Após 1966 esse cenário mudou drasticamente, e a preparação de uma comissão técnica militarizada passava a dar o tom. A atitude corporal deveria mudar consoante a aura de transformação que a sociedade vivia. Era o momento de o jogador brasileiro aprender a aliar sua habilidade aos ditames da modernidade. Não era mais cabível apenas desempenhar ou mostrar sua “magia”, era também necessário se colocar dentro de um esquema tático em que o coletivo suplantava o individual. E a “suposta” crise com a eliminação da Copa de 1966 foi acompanhada como assunto de Estado pela caserna.

Como já dito, a CBD passou a ser acompanhada de perto, após a referida eliminação, por agentes do SNI. Cogitou-se a abertura de um inquérito parlamentar (o que não aconteceu) para investigar as razões do insucesso. Como se percebe, a seleção brasileira representava (e ainda representa) um símbolo de brasilidade, que no momento ditatorial (e não só nele) poderia ter os mais distintos usos, interpretações e manipulações.

As pressões políticas e o vivo interesse da CBD em reverter a imagem negativa da Copa anterior fizeram com que João Havelange (presidente da entidade) criasse a Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena). Competia a essa comissão escolher o treinador e os membros da comissão técnica, bem como avaliar a lista de jogadores selecionados. Nesse órgão colegiado, dirigentes de federações em maioria *doublés* de lideranças políticas ou representantes das forças militares passaram a exercer uma pressão constante e desagregadora na seleção brasileira de futebol. Um dos primeiros sinais da interferência desses “conselheiros” na montagem da equipe nacional foi o retorno de Aymoré Moreira¹⁷⁵ para o comando da seleção. Ao velho treinador seria delegada a tarefa de buscar novos talentos entre os jogadores que atuavam no Brasil. Seus primeiros resultados mostraram-se decepcionantes.¹⁷⁶

O impacto da eliminação na Copa de 1966 causou incerteza sobre o futuro da seleção. E essa incerteza fez a CBD criar a Comissão Seleccionadora Nacional, ou Cosena. Uma ideia tão efêmera que já foi esquecida por boa parte do público. Tal criação, indubitavelmente, refletiu o contexto da época, no qual os militares tentavam ter controle sobre o futebol. A Cosena foi a resposta da CBD ao governo militar. De certa forma, a comissão refletia no futebol a estrutura de poder que os militares tinham no país.

¹⁷⁴ CASTRO, Rui. **Estrela Solitária** – um brasileiro chamado Garrincha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.75.

¹⁷⁵ Foi treinador da seleção brasileira no segundo título mundial, em 1962, no Chile.

¹⁷⁶ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.122.

Oficialmente, o objetivo era ter um grupo de “notáveis” que ajudassem o país a renovar sua seleção. A geração bicampeã mundial – com vitórias em 1958 e 62 – estava envelhecida e era preciso encontrar, com urgência, substitutos à altura para jogadores como Gilmar, Djalma Santos e, principalmente, Garrincha. O único campeão mundial em boas condições para 1970 era Pelé.

Paulo Machado de Carvalho¹⁷⁷ foi chamado para chefe da Cosená, com Aymoré Moreira de supervisor técnico e Oswaldo Brandão de orientador. O início efetivo dos trabalhos, com uma nova equipe formada pela comissão, foi uma excursão em junho e julho de 1968. Foram chamados Cláudio (Santos) e Félix (Portuguesa) para o gol; Carlos Alberto Torres (Santos), Zé Maria (Portuguesa), Brito (Vasco), Jurandir (São Paulo), Joel Camargo (Santos), Marinho Peres (Portuguesa), Sadi (Internacional) e Rildo (Santos) para a defesa; Denílson (Fluminense), Gérson (Botafogo), Rivellino (Corinthians) e Natal (Cruzeiro) para o meio-campo; e Paulo Borges (Corinthians), Jairzinho (Botafogo), César Maluco (Flamengo), Tostão (Cruzeiro), Edu (Santos), Roberto Miranda (Botafogo) e Eduardo (Corinthians) para o ataque.

A viagem começou com derrota por 2 x 1 para a Alemanha Ocidental em Stuttgart. Depois, vitória por 6 x 3 na Polônia em Varsóvia, derrota para a Tchecoslováquia (2 x 3) em Bratislava, vitória sobre a Iugoslávia (2 x 0) em Belgrado, vitória por 2 x 0 sobre Portugal em Lourenço Marques (atual Maputo, Moçambique), vitória por 2 x 0 e derrota por 1 x 2 contra o México na Cidade do México e vitórias sobre o Peru (4 x 3 e 4 x 0) em Lima. Os resultados foram medianos, mas o desempenho em campo não agradava. Além disso, clubes e federações reclamavam do fato de os principais jogadores do país desfalcarem suas equipes por mais de um mês. A pressão sobre João Havelange crescia e a Cosená começava a agonizar.

Nos compromissos seguintes, o Brasil foi representado por seleções estaduais. Contra o Paraguai, em Assunção, pela Taça Oswaldo Cruz, a seleção venceu por 4 x 0 e perdeu por 1 x 0. Em um amistoso contra a Argentina, um selecionado carioca comandado por Zagallo jogou pela seleção e os brasileiros venceram por 4 x 1. Em outubro a seleção perdeu em casa para os mexicanos, e a credibilidade da comissão mostrava sinais de malogro.

¹⁷⁷ Conhecido nacionalmente com o título de *Marechal da Vitória*, por ter sido o chefe da delegação brasileira nas duas primeiras Copas, de 1958 e de 1962, em que a seleção foi campeã mundial. Foi responsável pela criação de vários veículos de comunicação atuais (tanto no rádio como na televisão), sendo o fundador e patrono da Rede Record de Televisão e também da Rádio Sociedade Record, atual Rádio Record, conhecida também como a “Voz de São Paulo” na Revolução Constitucionalista de 1932. Empréstou seu nome ao Estádio Municipal do Pacaembu. Sobre isso ver: CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **Marechal da Vitória**. Uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

O resultado da comissão, como se viu, foi insatisfatório e, em 1969, Havelange a dissolveu e anunciou João Saldanha como novo treinador da seleção. Segundo Havelange, o que faltava para a equipe era uma “fundamental preparação física e a escolha de uma comissão técnica ensaiada com o que melhor há da ciência moderna”¹⁷⁸.

2.3 O JOGADOR DE FUTEBOL BRASILEIRO APRENDENDO A ALIAR ARTE E FORÇA

O modelo de preparação física calcado na ciência “moderna” permaneceu marginal até meados da década de 1960. Mas, após a eliminação da seleção brasileira nos gramados ingleses para o futebol-força, a situação mudaria rapidamente. Em 1968 Admildo Chirol apontava com entusiasmo a mudança que acontecia nos clubes brasileiros, sobretudo, com o ingresso da figura do preparador físico:

Felizmente hoje nossa compreensão é outra. Os homens responsáveis pelo nosso futebol já pensam de maneira diferente [...] e raro é o clube que não forme um professor especializado. Futebol é ciência. Não importa os que não concordem, ela veio pra ficar e não mais ir embora.¹⁷⁹

Dentro da seleção brasileira, a CBD se esforçou para arregimentar os melhores especialistas da área e, indubitavelmente, o ponto fulcral para a legitimação dessa nova prerrogativa foi a introdução de métodos científicos no futebol. Esse discurso envolvendo o futebol e o corpo do jogador passava a ser objeto de um novo investimento político:

Ao afirmarmos que futebol é ciência é porque entendemos que o futebol é antes de tudo o próprio homem em busca de sua autoafirmação. Se ele está a exigir um punhado de disciplinas, há imperiosa necessidade de um plano geral de atividades criteriosamente elaborado consoante os princípios científicos para que, sem perturbações patológicas, a máquina orgânica consiga o máximo de rentabilidade dentro dos seus limites operacionais.¹⁸⁰

¹⁷⁸ CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **Marechal da Vitória**. Uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

¹⁷⁹ PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: GOL, 1968, p.16.

¹⁸⁰ Ibidem, p.23.

Para se extrair o máximo da “maquina orgânica”, a comissão técnica da seleção deveria considerar não só os preceitos pragmáticos da Educação Física, mas também de várias outras disciplinas, como a Fisiologia e a Psicologia, que nesse momento adentravam esse esporte para nunca mais sair. Esse processo, que se iniciou na segunda metade da década de 1960, fez com que futebol e ciência se transformassem numa coisa indivisível.

O jogador passava a ser também atleta, e a urgência em transformar seu “corpo orgânico” numa máquina capaz de suportar os choques com os adversários, correr por todo o campo e por todo o tempo de jogo apontava a importância decisiva que o “futebol moderno” passava a usufruir na década de 1960-1970.

Precisamos, em primeiro plano, conhecer o homem que será ou é, o jogador de futebol. Daí a decorrência da presença do psicanalista para o desempenho de tão capital função no clube de futebol. O técnico aliado ao médico e o psicólogo, formará o tripé ideal para os trabalhos atléticos. [...] Um atleta que não esteja preparado psicologicamente para uma competição e que não possua um preparo físico adequado para o tipo de atividade a que se propõe está sujeito a resultados negativos como rupturas emocionais, distinções musculares, cansaço prematuro, enfermidades, etc.¹⁸¹

À Psicologia cabia a função de prevenir “rupturas emocionais”, que poderiam colocar em xeque o funcionamento da “máquina orgânica”. Dessa forma, testes psicológicos foram cada vez mais constantes no cotidiano tanto dos clubes como da seleção brasileira, especialmente na ocasião da Copa do Mundo de 1970, como colocou Carlos Alberto Parreira, preparador físico da CBD: “Durante oito anos de prática de futebol [...] pude observar os vários fatores que influem no rendimento do atleta, tendo chegado à conclusão de que, para a melhoria do estado físico, é indispensável cuidar da parte psíquica.”¹⁸²

A postura das comissões técnicas passou a ser a de “vigiar” os atletas. Posicionamento que começou a ser incorporado já nas categorias de base. O quadro disciplinar no qual o jogador emergia como corpo a ser vigiado, treinado, corrigido e educado deveria ser colocado à prova desde a entrada dele no clube, ou seja, quando ainda era uma criança/adolescente, e, assim, seu comportamento deveria ser acompanhado de maneira sistemática, surgindo a parti daí uma nova postura pedagógica.

¹⁸¹ Placar. “A Psicologia do atleta”. São Paulo: Editora Abril, 12/09/1970, p.12.

¹⁸² Placar. “Parreira e a psicologia”. São Paulo: Editora Abril, 12/05/1970, p.17.

Entre nós, o preparo físico do atleta deve ser iniciado desde cedo; deve constituir mesmo o começo de sua atividade de desportista. Logo que um jovem, isto é um garoto entra num clube e ingressa num infante-juvenil, deve merecer todo o cuidado, quer com relação a um preparo físico e educacional, quer com relação a possíveis vícios, que devem ser combatidos.¹⁸³

As categorias de base, ao longo da década de 1960, adquiriram um valor crucial, pois a ciência esportiva aplicada ao futebol exigiu que o corpo do jogador fosse manipulado e modelado “desde cedo”, condição necessária para atingir-se o novo patamar de força física requerido por essa atividade. Ao mesmo tempo, elas permitiriam a possibilidade da correção dos vícios com os quais o jogador jovem apresentava-se ao clube.¹⁸⁴

Eitel Seixas, preparador físico do Clube de Regatas Flamengo, sentenciava:

Nos gramados da Inglaterra pudemos observar que as seleções européias estão com o preparo físico avantajado e isso só se explica pela capacidade da preparação física dos atletas. Só vejo uma solução para nós: trabalhar o atleta desde muito cedo e isso exige uma atividade intensa não só dele como também da nossa. Temos muito a ensinar aos jogadores e eles tem de estar aptos a aprender.¹⁸⁵

Sem dúvidas, a Copa de 1966 insuflou o processo da produção do atleta profissional moderno, introduzindo o discurso sobre a cientificidade do futebol-força. Assim, se delineavam os contornos de como deveria ser a preparação e formação do jogador: “Devemos, desde cedo, despertar na criança, isto é, no futuro atleta, a consciência de que o treinamento físico é indispensável ao sucesso futuro.”¹⁸⁶

Com a ascensão do futebol ensinado na escola (leia-se futebol-força), o jogador formado na escola da vida, ou seja, na várzea, ou o dos pequenos clubes amadores deveria reinventar-se dentro desse contexto em que a ciência era prerrogativa máxima. O sucesso deveria vir alicerçado na ciência, e esta deveria auxiliar os jogadores brasileiros no processo de adequação entre a arte e a preparação física.

A “ginga” do jogador brasileiro deveria se somar à disciplina do futebol-força e a repetição dos exercícios físicos tornava-se fundamental para a formação do atleta-aluno. O individualismo perdia espaço para a automação (e isso ainda é visível nos dias atuais, embora

¹⁸³ PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: GOL, 1968, p.67.

¹⁸⁴ FLORENZANO, José Paulo. **Afonso & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998, p.37.

¹⁸⁵ Jornal dos Sports. “Seixas ensina”. Rio de Janeiro, 12/09/1969, p.12.

¹⁸⁶ Ibidem.

com raras exceções), em que o jogador estava submetido cada vez mais à preparação física dos clubes e da seleção brasileira.¹⁸⁷

Caso emblemático foi o de Zico, jogador à época do Flamengo, que foi submetido a um intenso trabalho de “laboratório¹⁸⁸”, no qual pôde desenvolver melhor a sua arte, já que o corpo franzino e a musculatura pouco desenvolvida não deixavam o chamado “Galinho de Quintino” exercer o seu talento nos gramados.

Aqui na Gávea existe um trabalho que fica praticamente escondido mas que está dando frutos fabulosos. São autênticos garotos-laboratórios. Vejam o Zico. Não tinha massa muscular; fraco, pernas finas, não agüentava um tranco, uma bola dividida. Com esse trabalho a coisa mudou e vai mudar mais ainda. A preparação está sendo acompanhada por fisiologistas, médicos e todos nós da comissão.¹⁸⁹

Indubitavelmente, as escolas de futebol apontaram (e ainda apontam) um investimento político do corpo pela disciplina, em grande parte influenciadas pela caserna. A formação científica do atleta passava a ser norma e isso, ao contrário do que dizem alguns estudiosos, tornou-se essencial para a conquista da Copa de 1970, na qual o aspecto físico foi preponderante para o sucesso no México.

Com o golpe de 1964, a estruturação organizativa dentro dos clubes esportivos ganhou aspecto militarizado. A departamentalização foi intensa nessa época dentro das mais importantes agremiações do país. Somado a ela, o aspecto disciplinar foi mote certo dentro do organograma dos clubes, como aponta João Havelange:

Já tinha em mente dar uma “estrutura militar” ao futebol brasileiro, em que a disciplina era a principal virtude. A educação militar ajudou o futebol brasileiro em muitos aspectos. Um deles foi o intercâmbio entre os especialistas da preparação física e o aprimoramento dos departamentos médicos. O Lamartine, por exemplo, foi essencial na conquista do Tri. Apesar dele não ser do futebol, ajudou com seus estudos de altitude e também de aclimação. Sem preparação seria difícil. Além dele tinha o Chirol e o Coutinho que foram formados nas escolas do exército, e isso se espalhou pros maiores clubes do país.¹⁹⁰

¹⁸⁷ Não por acaso a preparação da seleção brasileira de futebol que disputou os Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, foi realizada na Escola de Educação Física do Exército brasileiro, no Rio de Janeiro.

¹⁸⁸ Caso também semelhante foi de Lionel Messi, jogador argentino, submetido a um intenso trabalho para o desenvolvimento das melhores condições físicas. Com problemas de crescimento, o jogador do time espanhol Barcelona foi desde criança alvo dos mais modernos estudos sobre a capacidade de aprimoramento do corpo do jogador.

¹⁸⁹ Placar. “O galinho tem força”. São Paulo: Editora Abril, 08/03/1974, p.08.

¹⁹⁰ Apud: RODRIGUES, Ernesto. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.345.

E assim foi. Em São Paulo, o Sport Clube Corinthians Paulista anunciou, em 1968, a contratação do técnico Osvaldo Brandão e a reformulação do departamento médico: “A linha dura chegou ao Parque São Jorge e os jogadores temem Brandão porque ele não gosta de corpo mole e, principalmente, de indisciplina.”¹⁹¹ Por sua vez, o São Paulo Futebol Clube trouxe para o comando Diede Lameiro, que havia sido treinador da Ferroviária de Araraquara:

Chega ao Morumbi um moço cheio de novas idéias e novos métodos. Dentre eles, as punições são constantes. Multa por atraso, multa por não assinar o livro de ponto, multa por falta de empenho nos treinos e multa por pouca produtividade.¹⁹²

A militarização do futebol também se deu no Rio de Janeiro. Ciro Aranha assumiu a vice-presidência do Vasco da Gama assim como se assumia uma convocação militar: “Como bom soldado tive que atender a esta convocação. Vamos levar o Vasco a uma nova fase, onde o trabalho, a disciplina e a dedicação formam a constante do trabalho.”¹⁹³ No Botafogo e no Flamengo a coisa foi semelhante. No primeiro, o dirigente George Helal afirmava: “Hoje, ao contratar um jogador, além do aspecto técnico, faço um levantamento de sua vida particular, de suas condições e relações de trabalho. Tudo pra ver se ele realmente se enquadra no regulamento de disciplina que impera no Flamengo.”¹⁹⁴

No Botafogo, medidas disciplinadoras foram adotadas no início da década de 1970. Algumas diziam respeito à postura dos jogadores, compiladas numa cartilha formulada pela comissão técnica. Nela até a postura à mesa quando estivessem no refeitório foi abordada, assim como comentou Afonsinho, atleta botafoguense, tido como jogador-problema:

Foi um momento no futebol brasileiro, momento chave [...] que refletiu em todo o futebol a situação social-política do Brasil. Aquelas medidas de repressão se fizeram sentir diretamente, os caras resolveram assumir, impor aquelas, impor aquelas coisas. Você vê que há uma coerência, nessa ocasião a seleção foi militarizada, a comissão técnica foi boa parte militarizada, as organizações dirigentes também.¹⁹⁵

Segundo Florenzano, Afonsinho foi referência na luta de resistência dos jogadores brasileiros à “disciplinarização” militar adotada nos clubes brasileiros. A rebeldia do jogador

¹⁹¹ A Gazeta Esportiva. “Linha dura no Corinthians”. São Paulo, 13/07/1968, p.03.

¹⁹² A Gazeta Esportiva. “Novos métodos no São Paulo”. São Paulo, 16/07/1968, p.09.

¹⁹³ Jornal do Brasil. “Ciro Aranha no Vasco”. Rio de Janeiro, 23/09/1969.

¹⁹⁴ Placar. “Contratações no Flamengo”. São Paulo: Editora Abril, 28/08/1970.

¹⁹⁵ Apud: FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998, p.51.

manifestou-se em 1970, quando o Botafogo partia mais uma vez para uma excursão, que já se tornara rotina na vida do clube, cujo roteiro incluía, entre vários países do continente americano, a realização de um torneio na cidade do México. No início da preparação o jogador sofreu uma contusão que o afastaria dos treinamentos por alguns dias. Uma vez recuperado, o atleta colocou-se à disposição do treinador, ainda em tempo de participar do torneio, mas mesmo assim foi afastado por estar “mal fisicamente”:

Quando voltei a treinar a coisa mais normal era eu reassumir a posição de titular, já que vinha jogando no time há muito tempo. Mas quando eu peguei o material vi que me deram a camisa errada, com outro número. Achei que tinha havido algum engano, me lembro que foi um choque. Aí fui procurar o cara (Zagallo, treinador do botafogo à época), e ele me disse: ‘é, você se machucou, treinou alguns dias [...] acho que precisa treinar mais’. Era a imposição de que a parte física era essencial. Era a imposição, era hora de impor isso.¹⁹⁶

As palavras de Afonsinho apontam as tensões entre o jogador e a comissão técnica. Além do aspecto da preparação física, o jogador também sofreu retaliações em virtude de sua postura contestadora que se alinhava politicamente mais à esquerda. Tal postura, considerada subversiva, foi decisiva para seus constantes afastamentos das equipes em que atuou.

A obediência deveria ser palavra-chave naquele momento. Desde as categorias de base, os jogadores foram (ou pelo menos essa era a intenção) condicionados pela comissão técnica “militarizada” a extrair a “*docilidade face às instruções e as ordens disciplinares*”¹⁹⁷. Uma nova ordem de disciplinarização estava em andamento, ordem que não comportava questionamentos dos jogadores. A militarização invadia o futebol, tentando transformar o jogador num ser ordeiro, capaz de acatar a imposição que vinha de cima pra baixo.¹⁹⁸

Por outro lado, essa nova concepção influenciada pela caserna esbarrou em algumas críticas por parte da imprensa, sobretudo nas páginas da revista *Placar*. No momento que estava em curso a estruturação do futebol militarizado, o técnico do Flamengo Yustrich, o “machão”, como era conhecido, recebeu críticas ácidas da referida revista por ter um “comportamento destemperado” na condução do comando disciplinador da equipe carioca:

¹⁹⁶ Apud: FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

¹⁹⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

¹⁹⁸ FLORENZANO, op. cit., p.53.

Os cabelos longos de Doval são uma cafajestada, a calça rosa e o blusão amarelo de Arílson, uma cafajestada, as roupas baiano-psicodélicas de Onça, uma cafajestada, um abraço entre Onça e Doval, uma cafajestada. Aos poucos o machão descobre que todos os jogadores do Flamengo são cafajestes. Impondo sua vontade, não admitindo as discussões de suas teorias sobre comportamento humano, Yustrich cria casos a cada semana. Exige educação e é um destemperado, capaz até de discutir com um jogador modelo como Paulo Henrique, um dos melhores gênios do Flamengo, o capitão do time.¹⁹⁹



Figura 11 - Crítica a Yustrich.²⁰⁰

Outro exemplo emblemático de “destempero” dentro desse quadro do futebol moderno foi o presidente do Corinthians Wadih Helu²⁰¹, que também recebeu críticas do referido periódico. Em 1971, tal periódico acusou Helu de usar violência física no trato com os jornalistas que criticavam sua atuação na presidência corintiana. A *Placar* publicou uma lista com os nomes de 20 jornalistas agredidos ou ameaçados de agressão pelo presidente.

¹⁹⁹ Placar. “Homão e os cafajestes”. São Paulo: Editora Abril, 19/02/1971, p.26.

²⁰⁰ Placar. São Paulo: Editora Abril, 16/10/1970.

²⁰¹ Além de presidente do Corinthians, foi deputado federal pela Aliança Revolucionária Nacional (ARENA), partido político alinhado ao governo militar. Sobre isso ver: MOTTA, Rodrigo Sá. **Partido e sociedade: a trajetória do MDB**. Ouro Preto: Editora Ufop, 1997.

O técnico de som da Radio Tupi, Cândido Piedade da Silveira, foi espancado por Wadih Helu no parque São Jorge, depois da derrota do Corinthians para o Santos, por 2 a 0. Lamentável ver um companheiro de profissão ser agredido por esse déspota que se esconde nas cores do time do povo. Isso é mania dele que sempre que encontra um repórter que não está disposto a escrever o que ele manda, ou chama de subversivo, comunista ou sai pra pancadaria.²⁰²

Esses dois exemplos apontam que, apesar da estrutura militarizada, havia resistência por parte de jogadores e também da imprensa esportiva. Será que essa resistência abalou o discurso disciplinador dos dirigentes, técnicos e dos homens da caserna envolvidos nos debates futebolísticos?

Segundo Norbert Elias²⁰³, o poder pode ser adaptável, ele se desloca e investe em outros lugares, transfigurando-se em outras frentes usando outras estratégias. A resistência política contra os desmandos da ditadura também circulava nos bastidores do futebol brasileiro, assim como se viu a influência militar dentro dele. Jogadores como o referido Afonsinho, do Botafogo, Reinaldo, do Atlético Mineiro, e de outras épocas como Sócrates, do Corinthians, foram figuras com grande destaque entre críticos do sistema imposto pelos militares – e que teve seu auge de repressão no governo Médici, não por acaso chamado de “anos de chumbo”²⁰⁴.

No entanto, embora sujeitos como Helu e Yutrich tentassem impor suas vontades à força e fossem criticados tanto por jogadores como por jornalistas, sempre eram lembrados e convidados a exercer seu trabalho, ou no futebol, ou na política. Helu, como já apontado, foi deputado federal por vários mandatos e Yutrich, além de treinador do Flamengo, também trabalhou no Corinthians. Ou seja, apesar da resistência estabelecida, o “homão” encontrou abrigo para exercer sua atividade disciplinar nos grandes clubes brasileiros que figuravam (e ainda figuram) na elite do futebol. Tais clubes reconheciam, de alguma forma, a concepção do futebol moderno, bem como a figura do treinador “chefão” que os novos tempos exigiam.

A figura de Zagallo também ajuda na análise dessa dicotomia, pois o treinador, que barrou Afonsinho, no Botafogo, porque não estava bem fisicamente e também pela sua postura contestadora, foi o escolhido para substituir João Saldanha no comando técnico da Seleção de 1970. A conquista da comissão técnica comandada por Zagallo na Copa de 1970 coroou o discurso disciplinador tão em voga nesse momento. Assim bradou o técnico

²⁰² Placar. “Wadih Helu”. São Paulo: Editora Abril, 19/02/1971, p.49.

²⁰³ ELIAS, Norbert. **Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

²⁰⁴ Sobre isso ver: D’ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Glaucia Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Os anos de Chumbo**. A memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

campeão: “*Ganhamos pela organização, disciplina, pela obediência às regras estabelecidas pela comissão.*”²⁰⁵

O êxito no México deu combustível necessário às práticas de poder que engendraram o processo de militarização do futebol. As exaltações eram partilhadas entre o futebol-arte cristalizado nos gols de Pelé e a disciplina dos jogadores do selecionado que foram submetidos aos intensos métodos do professor Lamartine. Os jogadores conseguiram aliar arte e força e, assim, podiam comemorar o sucesso do planejamento militarizado da comissão técnica. E as comemorações foram demasiadamente patrocinadas pelo governo militar, ao passo que a figura do general-torcedor reverberava nos mais distantes rincões brasileiros.

2.4 ANOS DE CHUMBO & ANOS DE OURO: A COPA DE 1970 E A “SELEÇÃO DO POVO”

Após a saída de João Saldanha do cargo de técnico da seleção e a entrada de Zagallo para o posto, os jornais noticiavam a convocação de Dadá Maravilha, preterido por Saldanha e “queridinho” do presidente Médici. Segundo a imprensa, a convocação desse jogador para o elenco se deu por uma ingerência do presidente. Emocionado, Dadá concedeu entrevista prometendo continuar sua caminhada profissional de sucesso: “*Agradeço a ele (Médici) pela ajuda.*”²⁰⁶ Segundo OESP, Zagallo²⁰⁷ falava a mesma “língua” do general, coisa que Saldanha não fazia por suas convicções políticas mais alocadas à “esquerda”.²⁰⁸

Seja como for, as mudanças no comando do selecionado sugestionavam um novo ritmo à preparação dos atletas, com destaque para o aspecto disciplinador, como apontou Florenzano:

Às vésperas da viagem da delegação para o México, os contornos adquiridos pela militarização da seleção revelavam-se em toda a plenitude no almoço, promovido pela CBD, de homenagem ao comandante do I Exército, General Sizen Sarmento, no retiro dos

²⁰⁵ O Cruzeiro. “Zagallo campeão”. Diários Associados, 12/07/1970, p.24.

²⁰⁶ O Estado de S. Paulo. “Dário agradece sua convocação”. São Paulo, 21/03/1970.

²⁰⁷ Em entrevista ao programa Globo Esporte, da Rede Globo, na ocasião do quadragésimo aniversário do Tri, Zagallo negou a interferência presidencial na convocação de Dadá. Segundo ele, se ela tivesse havido, o “jogador seria titular absoluto”, o que não aconteceu naquela oportunidade.

²⁰⁸ O Estado de S. Paulo. “Dário agradece sua convocação”. São Paulo, 21/03/1970.

Padres Jesuítas, local da concentração da seleção no Rio de Janeiro. Escolhido, nessa reunião, para o cargo de chefe da delegação, o Brigadeiro Jerônimo Bastos, o “defensor intransigente da disciplina”.²⁰⁹

O comando “militar” futebolístico se esmerava na preparação para triunfar em terras mexicanas, e o espírito centralizador da disciplina dava o tom da comissão técnica, numa tentativa de congregar os brasileiros a torcer pelo “Brasil”. Nesse intento, o “torcedor-general” fora escalado para ser o personagem que uniria o “povo” e a seleção. Assim, a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP)²¹⁰ para a presidência da República utilizou os mais modernos meios de comunicação para cristalizar a imagem popular de Médici como torcedor número um.

Para isso, Octávio Costa, chefe da assessoria, passou a criar seus “filmetes” (filmes com curta duração), estabelecendo um padrão que permaneceria durante todo o regime militar e que também influenciaria toda a publicidade da época. Convidou o coronel Toledo Camargo e o diplomata Baena Soares para auxiliá-lo nesse projeto. Segundo Costa, Toledo Camargo “tinha grande capacidade de planejamento e perfil sistematizante e Baena Soares era habilitado para encontrar a ‘música certa’ para os filmes”.²¹¹

Os chamados “filmetes” foram produzidos em grande quantidade e tornaram a AERP uma das maiores produtoras brasileiras de cinema da década de 1970. Foi nessa época que a sociedade brasileira se deu conta da existência da nova propaganda²¹². Os filmes tratavam de questões comuns, acessíveis e eram tecnicamente bem trabalhados. Procuravam “retratar e cercar de significado especial, principalmente através de belos efeitos plásticos e de montagem, aspectos do cotidiano do homem brasileiro”²¹³.

²⁰⁹ FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthians: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: EDUC, 2009, p.74.

²¹⁰ A AERP foi criada pelo Decreto n. 62.119, de 15 de janeiro de 1968. Surgiu de um intenso debate dentro do governo. Uma ala não a queria por achar que propaganda era coisa de regime fascista, já que os militares se consideravam democratas. A ala vencedora, no entanto, considerava importante estimular valores vinculados ao civismo e que congregassem os brasileiros em torno dos objetivos maiores do governo, isto é, o desenvolvimento e a transformação do Brasil em potência mundial. Segundo Carlos Fico, a assessoria surgiu de forma tímida. Não à toa ela emergiu com o intuito de relações públicas. Sobre isso ver: FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

²¹¹ Ibidem, p.103.

²¹² Ibidem.

²¹³ Veja. “E quem comunica?” São Paulo: Editora Abril, 12/09/1970, p.34.



Figura 12 - Sujismundo foi um dos personagens de animação de maior sucesso da AERP. Criado por Ruy Perroti, foi utilizado nos filmes para uma campanha educativa intitulada “Povo desenvolvido é povo limpo”, no qual o governo incentivava a limpeza e a higiene nas cidades.²¹⁴

É o tempo do “*Brasil, conte comigo*”, do “*Ninguém segura este país!*”, do “*Pra frente Brasil!*” (um jingle veiculado à exaustão, relacionado com o futebol), do “*Brasil: ame-o ou deixe-o*”. Apesar de vinculados ao governo militar, esses jingles foram criados pela iniciativa privada. “*Brasil: ame-o ou deixe-o*”, por exemplo, foi criado por empresários paulistas inspirados nos estadunidenses defensores da guerra do Vietnã (“*América, love it or leave it*”). O slogan causou impacto, a ponto de as bancas de jornal venderem adesivos em várias regiões do país.

Dessa forma, muitos acreditaram (e ainda acreditam) que a campanha foi obra da AERP. Octávio Costa mostrou seu descontentamento:

Não era trabalho de comunicação social, e eu paguei o preço [...]. Juram que a mensagem foi minha! No meu canhedo fúnebre vai constar: Coronel Octávio Costa, ex- assessor de relações públicas que escreveu *Brasil: ame-o ou deixe-o*, morreu, esse miserável, morreu.²¹⁵

²¹⁴ RECLAMES DO ESTADÃO. **Lá vai o Sujismundo**. 31/03/2012. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/files/2012/03/sujismundo.jpg>>. Acesso em: 12/09/2013.

²¹⁵ Apud: FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p.93.

Segundo Costa, o conteúdo da frase atrapalhava os objetivos e o planejamento da AERP, pois a intenção da assessoria era estimular um sentimento de união nacional, de patriotismo, de confiança no governo, a partir de campanhas centradas em questões comuns como higiene e em valores morais e cívicos.²¹⁶ O objetivo era “desanuviar o ambiente de radicalização”. Nesse caso, o slogan em questão não contribuía para os intentos do governo, haja vista que expressava uma escolha, ou enfrentamento.²¹⁷

Campanhas publicitárias como essa apontam que, em muitos casos, o ufanismo saía do controle estatal, tomando forma própria. Em relação à Copa de 1970, tal ufanismo se deu a partir da influência da televisão, pois pela primeira vez o torneio seria transmitido para o mundo, via satélite Intelsat.

A televisão proliferou de forma rápida nessa época, constituindo-se no principal instrumento de promoção do governo e de seu projeto de desenvolvimento e segurança nacional. Em 1960 menos de 10% dos domicílios tinham televisor. Em 1970 já eram 45%. Nas transmissões dos jogos da Copa 16 Estados da Federação, além do Distrito Federal, receberam as imagens do selecionado brasileiro nos gramados mexicanos, contribuindo assim para a sensação de unidade que o governo Médici pretendia.

O IBOPE registrou uma audiência de 1.290.770 televisores ligados na grande São Paulo, com a estimativa de cinco pessoas por aparelho, na estreia da seleção contra a Tchecoslováquia, ou seja, o equivalente a algo em torno de 6,5 milhões de telespectadores, numa população estimada em 8,1 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE.²¹⁸ Apesar da inovação tecnológica, a maioria dos televisores no Brasil não possuía receptor para sistema PAL-M, que permitiria ver os jogos a cores. Um dos poucos afortunados a conseguir assistir aos jogos nesse sistema foi Médici, no palácio do Planalto.²¹⁹

As emissoras brasileiras pagaram os direitos de imagem ao Telessistema Mexicano e também pelo uso do satélite, de modo que cada jogo custou cerca de 48 mil reais, em valores atualizados. O valor era alto (para a época), de modo que apenas as Emissoras Associadas (dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand) e a Rede Globo haviam se apresentado para a transmissão. Apesar de cada emissora ter sua própria equipe de locutores, elas levariam ao ar uma única imagem, de modo simultâneo, o que embora fosse

²¹⁶ No mês de setembro de 1969, o Decreto-lei nº. 896 instituiu a disciplina de Educação Moral e Cívica, tornando-a obrigatória desde o primário ao superior. A disciplina contemplava o culto à obediência à lei, a fidelidade ao trabalho e a integração na comunidade, entre outros. Sobre isso ver: CERRI, Luis Fernando (org.). **Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

²¹⁷ Ibidem.

²¹⁸ O Estado de S. Paulo. São Paulo, 21/06/1970, p.04.

²¹⁹ Ibidem.

resultado de limitação técnica, certamente facilitaria o controle sobre o material exposto no vídeo. Mas o principal era a sensação de unidade nacional propiciada pelo evento.²²⁰

Segundo Alain Touraine, na sociedade capitalista contemporânea, que acelera a produção de sistemas, gerando isolamento e desenraizamento, o futebol e suas transmissões televisivas produzem relações de proximidade e identificação entre as pessoas que, em muitos casos, encontram-se espalhadas pelo mundo.²²¹

Pierre Bordieu afirmou que a televisão convida à dramaticidade, no sentido de que põe em cena imagens de um acontecimento exagerando-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático e trágico. O autor alertou, também, sobre a interferência desse meio nas transmissões esportivas:

Os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão devem-se ao fato de que a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam o *efeito de real*, ela pode fazer ver e crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos [...] O que entendemos quando falamos dos jogos Olímpicos? O referencial aparente é a manifestação do “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas, e um ritual, com forte coloração nacional, senão nacionalista, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pela televisão, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade. Pelo fato de que casa televisão dá tanto mais espaço a um atleta ou a prática esportiva quanto mais eles forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista, a representação televisiva, embora apareça como um simples registro, transforma a competição esportiva entre atletas originários de todo universo em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações. Para compreender esse processo de transmutação simbólica seria preciso primeiro analisar a construção social do espetáculo esportivo, das próprias competições, mas também de todas as manifestações de que elas são cercadas, como a cerimônia de abertura e de encerramento. Seria preciso, em seguida, analisar a produção da imagem televisiva do espetáculo esportivo, que, enquanto suporte de spots publicitários, torna-se um produto comercial que obedece à lógica do mercado e do interesse nacionalista e, portanto, deve ser

²²⁰ GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o caso Copa de 1970**. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, 2006, p.118.

²²¹ TOURAINE, Alain. Esporte cria relações de proximidade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 21/06/1998, p.4-9.

concebido de maneira a atingir e prender o mais duradouramente possível o público mais amplo.²²²

Seria impossível dimensionar o alcance das transmissões televisivas nos jogos da Copa de 1970. No entanto, é perceptível que as transmissões ultrapassaram a esfera esportiva, haja vista que o governo Médici tentou supervalorizar as vitórias da seleção a cada jogo. Mesmo antes da conquista no México, o governo se esforçou por relacionar o papel agregador do futebol aos anseios do governo.



Figura 13 - Propaganda de televisores veiculada na revista *Manchete*. A conquista do Tri alavancou de forma avassaladora a influência da TV.²²³

Em março de 1970, um filmete mostrava um gol de Tostão na ocasião das eliminatórias para a copa daquele ano e dizia que o futebol e a vida se equivaliam: “*O sucesso*

²²² BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.123-4.

²²³ *Manchete*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, jun./1970.

de todos depende da participação de cada um”²²⁴. Imagens do desenvolvimento nacional foram também associadas a eventos cívicos ou esportivos. Após a conquista do Tri, outro filmete tentou estabelecer a relação entre o desenvolvimento do país e a vitória da seleção brasileira. A cena final é a comemoração da vitória nas ruas: em carro aberto, populares festejam, agitando a bandeira nacional, e a intervenção do narrador destaca-se das vozes de euforia da torcida: “*Ninguém segura o Brasil*”.²²⁵

Embora a figura de Médici²²⁶ não aparecesse em tais filmetes, as mensagens sub-reptícias e simbolicamente comprometidas dos roteiros deixam transparecer que o sucesso futebolístico estava alicerçado no “milagre brasileiro”. Dessa forma, as imagens do desenvolvimento econômico foram associadas ao sucesso da seleção. É o estabelecimento do vínculo entre o desenvolvimento nacional e a conquista internacional do futebol. “*A construção do Brasil Grande.*”

Médici usava a estratégia de confraternizar com as mais variadas torcidas mediante a assistência nas arquibancadas dos jogos. Apesar de se dizer torcedor do Guarani de Bagé, do Grêmio de Porto Alegre e do Flamengo do Rio de Janeiro, o “general-torcedor” se fez presente em jogos dos mais variados clubes do Brasil, como foi o caso da partida entre o São Paulo Futebol Clube e o Futebol Clube do Porto, na ocasião da já referida inauguração do Morumbi, em 1970.

O futebol preencheu, em muito, a agenda do presidente Médici, principalmente na preparação do selecionado para a Copa de 1970. Acompanhou a partida amistosa entre os brasileiros e os argentinos em março, realizada em Porto Alegre; em abril ofereceu, no Rio de Janeiro, um jantar para os jogadores no Palácio das Laranjeiras; e dias depois esteve no último amistoso da seleção contra os austríacos, com o seu tradicional radinho de pilha.²²⁷

Durante o certame no México, o presidente fez diversas ligações para os jogadores parabenizando-os pelas vitórias conquistadas, profetizando que as vitórias em Guadalajara eram, naquele momento, a legitimação do “Brasil Grande”: “[...] e identifico na vitória

²²⁴ BRASIL. Gabinete Militar da Presidência. Assessoria Especial de Relações Públicas - AERP. Filmete. AERP, mar./1970. Disponível na Cinemateca Brasileira - São Paulo.

²²⁵ BRASIL. Gabinete Militar da Presidência. Assessoria Especial de Relações Públicas - AERP. Filmete. AERP, jul./1970. Disponível na Cinemateca Brasileira - São Paulo.

²²⁶ A estratégia da AERP não era de culto ao líder, como se fez na época varguista com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). As mensagens subliminares foram recorrentes nos filmetes. Imagens em cima de imagens, músicas e marchinhas associavam o governo de forma indireta. FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p.167.

²²⁷ O Estado de S. Paulo. “Gol de Rivellino e alegria de Médici”. São Paulo, 30/04/1970, p.15.

conquistada a prevalência de princípios que nós devemos afirmar na própria luta em favor da construção do Brasil como detentor de força imensurável que por hora vivemos.”²²⁸

A intenção estatal foi de congregar os brasileiros num objetivo de “nacionalizá-los” mediante a conquista futebolística. Os jornais estampavam em suas capas imagens dos jogadores em meio aos festejos ocorridos por ocasião da “carreata da vitória”. O povo brasileiro deveria ser também exaltado, pois “todos juntos” fizeram a seleção conquistar a Copa do Mundo de 1970. “Todos agora reconheciam seu próprio valor, exaltavam os méritos dos brasileiros.”²²⁹ A Gazeta esportiva também veiculou a conquista com a foto de Médici e do presidente estadunidense Nixon, que visitava o país nesse ínterim.



Figura 14 - Médici e Nixon, na ocasião da visita do presidente estadunidense ao Brasil.²³⁰

Nessa edição Nixon aparecia com o “general-torcedor” congratulando os “*Reis do Futebol*”.²³¹

Os jogadores desembarcaram no aeroporto de Brasília e foram conduzidos pelo carro de bombeiros ao som de “*Pra Frente Brasil*”. Percorreram o caminho até chegarem ao Palácio do Planalto, enquanto helicópteros sobrevoavam o desfile, lançando panfletos com o tom nacionalista que a ocasião exigia:

²²⁸ A Gazeta Esportiva. “Brasil Grande no futebol”. São Paulo, 23/06/1970, p.04.

²²⁹ O Estado de S. Paulo. “Hegemonia da raça”. São Paulo, 25/06/1970, p.13.

²³⁰ UOL NOTÍCIAS. **Brasil e EUA discutiram ação para derrubar Salvador Allende, apontam documentos americanos**. 17/08/2009. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/08/17/ult1859u1333.jhtm>>. Acesso em: 23/08/2012.

²³¹ A Gazeta Esportiva. “Tio Sam parabeniza os Reis do Futebol”. São Paulo, 03/07/1970, p.03.

Somente com a nossa união, somente com ordem, com a soma da vontade de todos, com a soma de energia de todos, com trabalho, serenidade, coragem, inteligência, determinação e patriotismo, com a participação de todos os brasileiros haveremos de fazer a década que se inicia sob o signo da Taça de ouro, a década de ouro do Brasil.²³²

O ápice da “comunhão” se deu quando, no Palácio da Alvorada, o Capitão do Tri, Carlos Alberto Torres, repetiu o gesto de erguer a Taça Jules Rimet, para delírio dos torcedores presentes. Pelé também foi motivo de delírio quando abraçado por Médici em meio aos gritos de “*Ninguém segura esse país*”. “Eis os traços, os gestos e as frases com os quais se compunha o quadro da profunda identificação entre o governo e o povo por intermédio da Seleção Brasileira.”²³³



Figura 15 - Carlos Alberto Torres levanta a taça, ao lado de Médici, em Brasília.²³⁴

²³² O Estado de S. Paulo. “A caminho do palácio, 6 km de euforia”. São Paulo, 24/06/1970, p.09.

²³³ FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC, 2009, p.66.

²³⁴ Veja. São Paulo: Editora Abril, jul./1970.

Pelé foi “condecorado” como os títulos de “*Rei do Futebol*” e “herói da Nação”, “seja por expressar a união e a cooperação de todas as classes sociais, seja por figurar a integração e harmonia dos grupos étnicos”.²³⁵ Segundo Pereira, o “Rei Negro do Futebol” permitia atualizar os mitos²³⁶ fundadores da nacionalidade, conferindo uma posição de destaque no imaginário social.²³⁷



Figura 16 - O abraço entre Pelé e Médici na comemoração do Tri.²³⁸

Em se tratando de nacionalidade, a Copa do Mundo foi um elemento fundamental para a relação entre o futebol e a identidade nacional brasileira. Simoni Lahud Guedes afirma que:

As Copas do Mundo constituem-se, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, “suspendendo-se”, de certo

²³⁵ Veja. São Paulo: Editora Abril, jul./1970.

²³⁶ A mitologia envolvendo a figura de Pelé será mais bem analisada no próximo capítulo.

²³⁷ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.290.

²³⁸ Fatos & Fotos. Rio de Janeiro: Bloch Editores, jul./1970.

modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social.²³⁹



Figura 17 - A “unção” dos jogadores.²⁴⁰

Essa aura de comunhão superdimensionada por Médici, no entanto, comportava visões diferentes por parte tanto dos intelectuais alinhados politicamente à esquerda como daqueles mais liberais. Para os primeiros, o futebol colocava-se como nocivo e reprimia, por assim dizer, o conflito de classes, freando o trabalhador no seu ímpeto de buscar melhores condições de trabalho. Era o ópio do povo:

Nunca pensei em ser jornalista, a minha idéia era entrar na Faculdade de Ciências Sociais e fazer uma tese mostrando o futebol como fator de integração e não de alienação, como se dizia na minha classe [...] imagina estudar ciências sociais na USP em 1970 e torcer para seleção brasileira? [...] meus amigos e os amigos deles me olhavam como se eu fosse um demente, desequilibrado, um débil mental [...] a cada gol do Brasil argumentavam que a revolução atrasaria dez anos, e eu

²³⁹ GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009, p.453.

²⁴⁰ Manchete. Rio de Janeiro: Bloch Editores, jul./1970.

dizia: isso está errado! Vocês estão permitindo que tomem aquilo que vocês tem de mais íntimo [...] Já não basta a ditadura nos incutir medos, ainda vai tomar a nossa intimidade? Quer dizer que eu não posso me emocionar com o Hino do Brasil porque é o hino da ditadura? Não! É o hino do Brasil, que a ditadura usurpou.²⁴¹

Assim, esse esporte foi considerado fruto de uma estratégia das elites no sentido de manipulação das classes trabalhadoras. As palavras do “althusseriano” Roberto Ramos ilustram bem esse tipo de pensamento:

O trabalhador não pode pensar que é dominado e explorado no trabalho. O sistema deve ser engolido, sem reação. O futebol é importante no Brasil. Ele representa bem mais que um esporte. Mistifica a realidade, escondendo a injustiça social. Ao mesmo tempo, legitima os privilégios anti-sociais da classe dominante, conduzindo a um comportamento acrítico. Mantém o proletariado escravizado aos grilhões do desemprego e ao salário mínimo.²⁴²

Wisnick propõe que o futebol vem a ser a mais reconhecível e intercambiável das atividades supérfluas e, por mais interesses econômicos envolvidos, expande-se historicamente por um fundo de motivações gratuitas e, sintomaticamente, poucas vezes sondadas como tal. Diz também que o futebol é parecido com as artes e com a música, pois seu conteúdo está ali como se não estivesse:

Uma ausência de significado, mas fazendo sentido e pondo em cenas conteúdos conflitivos e catárticos que o transformam nesse vespeiro universal de conagração e violência. É pelo fato de lidar de maneira não verbal com o núcleo da violência que constitui as sociedades, a um tempo elaborando-o e expondo-o ao risco de trazê-lo à tona, que o futebol pôde se tornar o vínculo intrigante que atravessa todo tipo de fronteira [...] o futebol é um campo de jogo em que se confronta o vazio da vida, isto é, a necessidade premente de procurar-lhe sentido. Procurar, aqui, na acepção ativa que inclui também encontrar, emprestar e inventar sentido – ali onde ele falta como dado, mas sobra como disposição a fazê-lo acontecer. Como na dança e na música, o jogo é um perseguidor e um procurador do sentido que falta – um representante do que não está, sem que, com isso, se pretenda dá-lo como presente. Ele é muito, e não é ópio, é veneno e remédio!²⁴³

Roberto DaMatta diz que, embora esteja no âmbito da indústria cultural, “dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses o futebol também orchestra componentes

²⁴¹ Revista Palavra. Entrevista com Juca Kfourri. S.l., 2003, p.45.

²⁴² RAMOS, Roberto. **Futebol, Ideologias e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1984, p.23.

²⁴³ WISNICK, José Miguel. **Veneno remédio**. O futebol e o Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p.43.

cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares”²⁴⁴. Esse autor também diz que é preciso relativizar o modo típico de estudar o futebol, pois muitas análises colocaram esse esporte como se ele estivesse numa relação de oposição com a sociedade. Daí a equação futebol/sociedade como algo “natural”.

Sabemos que o binômio futebol/sociedade faz parte de uma longa lista: natureza/sociedade, ritual/sociedade, política/sociedade, economia/sociedade, etc. Onde se indica uma clara relação de confronto, de determinação ou de redução entre os elementos situados em contraste. De um lado temos uma entidade individualizada, a sociedade; e, de outro, temos uma outra entidade também individualizada, e funcional entre um e sentimentos, níveis de proteínas, etc. A idéia é de que se pode postular uma relação instrumentalizada e funcional entre um outro termo. Assim, o futebol faz alguma coisa para, com ou contra a sociedade, podendo ser instrumento neutro, negativo ou positivo vis-à-vis o sistema social [...] no caso específico do futebol e no caso da sociedade brasileira, postula-se frequentemente uma relação de mistificação entre os dois termos. O futebol é um ópio da sociedade brasileira, do mesmo modo que o domínio do econômico é sua base. Como se futebol e economia fossem realidades exógenas, que pudessem existir em isolamento da sociedade. Deste ângulo, o futebol é visto como um modo de desviar a atenção do povo brasileiro de outros problemas mais básicos. Se estivéssemos, porém, diante de um partido político ou de uma atividade econômica, a mesma equação poderia ser realizada, mas com toda probabilidade, o cientista social teria mais cuidado em dizer que um certo partido é um “ópio do povo”, simplesmente porque na sua concepção de sociedade, a política ou a economia, são coisas mais sérias e relevantes do que o futebol.²⁴⁵

DaMatta diz ainda que os “ópios” são sempre considerados “atividades fáceis”, “dispensáveis”, “ilusórias”, dimensões da realidade social que não podem ter o mesmo valor do trabalho e/ou da guerra, essas sim atividades “reais”, determinantes, finais e – por tudo isso – causativas. Diante dessa concepção, pode-se situar a religião e o futebol como ópios; o trabalho como uma necessidade, virtude e castigo; a guerra como uma obrigação e um dever, estabelecendo-se entre eles escalas de realidade diferenciadas. Assim, a devoção à religião, ou ao futebol, seria menos importante do que a obrigação do trabalho e o dever da guerra.²⁴⁶

Embora não seja objeto desta tese, o profundo preconceito de parte da intelectualidade que defende a ideia do futebol como “ópio do povo” ganhou força na ocasião da ditadura militar. Força impulsionada pela política do governo Médici na tentativa de

²⁴⁴ DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. Dossiê futebol. São Paulo, n. 22, jun./1994, p.12.

²⁴⁵ DAMATTA, Roberto (et. al.). **Universo do Futebol**: Esporte e Sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p.21-22.

²⁴⁶ Ibidem.

silenciar os “espíritos indisciplinados”. Naquele momento autoritário, de extrema repressão, as organizações clandestinas de luta armada estavam em plena atividade, tanto antes da disputa no México como depois dela, o que fazia com que o debate em torno dos significados referentes ao futebol fosse multifacetado, incorporando as mais deferentes visões, matizes e vieses.

Médici, por sua vez, oportunamente, buscou incessantemente se associar ao futebol no intuito de conquistar os corações e mentes dos cidadãos, utilizando os modernos meios de comunicação para inscrever no imaginário das camadas populares a figura do torcedor do povo e levá-la a todos os rincões do país. Essa linha de ação parecia extraída das conclusões do Inquérito Policial Militar relativo ao sequestro²⁴⁷ do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, ocorrido em setembro de 1969, no Rio de Janeiro.



Figura 18 - O “general-torcedor” levanta a taça Jules Rimet, no Congresso Nacional.²⁴⁸

²⁴⁷ Ação integrada entre a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Dissidência Universitária (DI), que passaria a se chamar Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8), após o sequestro. O embaixador estadunidense foi solto em troca de 15 prisioneiros políticos. Sobre isso ver: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Revolução e Democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.137.

²⁴⁸ Veja. São Paulo: Editora Abril, jul./1970.

Segundo tal relatório, divulgado em 1970, a parte mais humilde do povo brasileiro estava a salvo da chamada guerra psicológica movida pelas organizações “político-subversivas”, cuja base de apoio se mantinha ligada ao movimento estudantil, ao clero progressista e aos integrantes das classes sociais mais privilegiadas.

Não entrando no mérito da análise desse inquérito, pode-se inferir que, se para os grupos “subversivos” o futebol se colocava como um entrave entre eles e o chamado “povão”, para o governo era o contrário, pois esse esporte (o mais praticado no país) fora o veículo capaz de transportar as mensagens desejadas para o homem comum. Situando o combate no universo simbólico das classes populares, Médici buscava entrelaçar o discurso oficial com a linguagem do futebol. Em tal estratégia, a Copa do Mundo de 1970 forneceu a circunstância ideal para popularizar o presidente, fortalecer o regime e isolar os submersíveis de “coloração avermelhada”²⁴⁹.

A aproximação do presidente com o futebol foi um dos motes da propaganda estatal: “Como brasileiro autêntico o general Médici manifesta sua preferência pelo futebol, esporte que discute com o sabor e propriedade de velho conhecedor, observador atento da tática bem concebida e dos lances de boa categoria técnica.”²⁵⁰ O presidente ganhou também ares premonitórios, como quando conseguiu antever o placar de 4 a 1 na partida final da Copa, contra os italianos, além de conseguir “contagiar” os chamados “subversivos vermelhos” com o espírito nacional.

Em matéria d’*O Estado de S. Paulo*, em manchete “Gestos de Médici levam à Rendição”²⁵¹, Massafumi Yoshinaga, tido pelo governo como apátrida terrorista, militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), abandonava (aos olhos do periódico paulista) a luta armada e os ideais comunistas em prol do espírito nacionalista que envolvia o certame futebolístico.

²⁴⁹ FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC, 2009, p.60.

²⁵⁰ O Estado de S. Paulo. “Mensagem leva Médici ao povo”. São Paulo, 19/01/1970, p.09.

²⁵¹ O Estado de S. Paulo. “Massa pede que outros se rendam”. São Paulo, 03/06/1970, p.06.



Figura 19 - Massafumi Yoshinaga depois de “abandonar” a luta armada.²⁵²

Apesar do discurso e dos gestos empregados por Médici e por seus ideólogos na tentativa de estabelecer “comunhão” entre o povo e o governo mediante o sucesso futebolístico na Copa do Mundo, percebe-se que essa competição também trouxe à tona discussões políticas e de identidade entre os diversos Estados brasileiros. Ou seja, essa disputa envolvendo as nações pode também ter caráter difuso, e não apenas de coesão/comunhão nacional.

Os veículos de imprensa na ocasião dos festejos da Copa de 1970 apontam que, algumas vezes, o regional se colocava à frente do nacional, e assim o tom de “comunhão” decantado pelo governo torna-se passível de análise crítica. Em matéria da revista *Placar* intitulada “*São Paulo quer metade da seleção*”, aparecem as comemorações no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, e mostra-se a decepção em razão da ausência dos principais jogadores na carreta paulista e da ausência da taça, que só depois foi apresentada na “terra da garoa”. “Paulista não é brasileiro? Não tem direito de ver a taça que nossos jogadores ajudaram a ganhar no México?”²⁵³

²⁵² BANCO DE CONTEÚDOS CULTURAIS. **Massafumi Yoshinaga**. Disponível em: <http://static.bcc.org.br/thumbs/tupi/15244-01_320x240.jpg>. Acesso em: 23/09/2013.

²⁵³ Placar. “São Paulo quer metade da seleção”. São Paulo: Editora Abril, 03/07/1970, p.09.



Figura 20 - *Placar* esboça o regionalismo recorrente.²⁵⁴

Em outra edição, depois de noticiar o grande aparato policial formado para a chegada da taça em São Paulo, a revista indagava: “*Porque São Paulo é sempre marginalizado pela CBD? Porque a CBD não tem sede em Brasília?*”²⁵⁵ Nota-se a rivalidade histórica entre Rio de Janeiro e São Paulo, haja vista que a sede da CBD encontrava-se (e ainda se encontra) na capital fluminense. Em edições posteriores também foi perceptível esse tipo de rivalidade entre os Estados.

²⁵⁴ Placar. São Paulo: Editora Abril, 03/07/1970.

²⁵⁵ Placar. “Festa do tri”. São Paulo, 15/07/1970, p.03.

O que se vê é a tentativa de afirmação de um Estado frente a outro, ou das torcidas neles inseridas, na expectativa de ver mais jogadores do seu estado no selecionado nacional.²⁵⁶ Na seção destinada aos comentários do leitor encontrava-se a mensagem de um torcedor rio-grandense: “*Nós, gaúchos, é que somos os bons do futebol. Uma seleção gaúcha venceria paulistas, cariocas, mineiros, baianos e a própria seleção brasileira.*”²⁵⁷ Nessa mesma edição, outros torcedores provocavam os gaúchos: “*Quantas vezes a seleção gaúcha foi campeã brasileira, como os cariocas, paulistas, mineiros e baianos? Nenhuma. Ando cheia de tanta gauchada nas páginas da Placar. Gaúcho é bom em cima de cavalo, mas futebol é jogado em pé.*”²⁵⁸ E as provocações ultrapassavam o campo esportivo: “*O Beira-rio possui acomodações para 178.000 torcedores: 89.000 sentados na arquibancada e outros tantos gaúchos acomodados no colo dos conterrâneos.*”²⁵⁹

Antes da Copa também se percebia esse regionalismo, principalmente na escalação dos jogadores. A partida amistosa entre brasileiros e chilenos, no começo de 1970, no estádio do Morumbi, despertou inconformismo na imprensa paulista e na mineira com a decisão de Zagallo de escalar Roberto e Paulo César Caju, botafoguenses, e deixar Rivellino e Tostão na reserva.²⁶⁰ Para o jornal *O Estado de S. Paulo*, Zagallo estava privilegiando seu ex-club e preterindo os jogadores mais habilidosos que jogavam em São Paulo e Minas Gerais.

Em Belo Horizonte, a insatisfação com o técnico deu origem ao movimento que ficou conhecido como *Manifesto dos Mineiros*. Liderado pelo jornalista Roberto Drumond, tal manifesto denunciava um esquema de proteção aos jogadores botafoguenses e pregava, acima de tudo, “*uma seleção acima de regionalismos*”. E para sanar essa mazela, o jornalista defendia a escalação do mineiro Tostão. Eis as palavras de Drumond:

Tostão voltou a se constituir no melhor jogador do coletivo: dominou totalmente o setor, passando por qualquer adversário que procurou impedir o seu avanço; fez grandes passes para Dario; recuou para ajudar o meio-de-campo e ainda foi chutar à meta. Já Paulo Cesar exibiu um péssimo futebol pela esquerda demonstrando que não existe como jogador de futebol.²⁶¹

²⁵⁶ PROFITTI, Eric Moreira. **A Copa do Mundo de 1970 e o regionalismo dos torcedores brasileiros sob o olhar da revista Placar**. 26/06/2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/archivancada/artigo/1043>>. Acesso em: 16/09/2013.

²⁵⁷ Placar. “Sessão do Leitor”. São Paulo: Editora Abril, 18/08/1970, p.09.

²⁵⁸ Ibidem, p.09.

²⁵⁹ Ibidem, p.09.

²⁶⁰ O Estado de S. Paulo. “Minas e São Paulo enviam manifesto”. São Paulo, 11/04/1970, p.07.

²⁶¹ Ibidem, p.07.

Torna-se nítido que os critérios adotados pelo jornalista não foram nem um pouco técnicos. “O jogo de pressões e contrapressões desenrolava-se consoante a lógica dos regionalismos, das preferências clubísticas e dos conflitos de interesse vinculando a comissão técnica, os atletas²⁶², a imprensa esportiva, o torcedor e o regime militar.”²⁶³ Então, afinal de contas, quem escalava a seleção? Essa figuração social envolvendo a esfera social foi tratada por Norbert Elias em sua obra magna *O processo civilizador*.

Segundo Elias, o estudo das teias de interdependência indica que as coerções ou forças sociais têm origem na própria teia de interdependência formada pelos indivíduos. Desse modo, a relação entre o indivíduo e as estruturas sociais deve ser analisada e concebida como um processo. Ou seja, “estruturas sociais” e “indivíduo” são aspectos diferentes, mas inseparáveis, cuja análise deve recair sobre as teias de interdependência humanas que formam as configurações sociais.²⁶⁴

Assim, o processo que desencadeou a escalação do selecionado para a Copa de 1970 se deu no equilíbrio dentro desse jogo multifacetado de interesses e contrainteresses, no qual nenhum dos “figurantes” envolvidos detinha o poder de impor a sua vontade sem levar em consideração a ação dos demais. Dessa forma, Tostão se tornou titular junto com Rivellino, fazendo com que Zagallo cedesse, em parte, às pressões da imprensa paulista e da mineira, mas conservando o esquema tático do 4-3-3, também alvo de críticas nos referidos veículos.

A preparação da seleção não indicava o caráter de união pregado pelo ideário militar, esbarrando numa configuração diversa. E o regionalismo ultrapassava o caráter futebolístico, apontando que esse esporte colocava-se como um microcosmo²⁶⁵ do mundo contemporâneo, em que as diferenças são observadas na maioria das nações.

Alguns leitores cariocas da revista *Placar*, por exemplo, destacavam a expressão “cidade maravilhosa” e criticavam o Estado de São Paulo e os paulistas: “*Paulista tem é mágoa da cidade maravilhosa, por isso só diz besteira. [...] O que é que São Paulo tem melhor do que a cidade maravilhosa?*”²⁶⁶ Enquanto os cariocas exaltavam a beleza de sua cidade, um dos torcedores alegava que São Paulo era a maior cidade do Brasil e a mais desenvolvida economicamente.

²⁶² Segundo Florenzano, houve dentro da seleção uma interferência dos jogadores mais experientes (entre eles Gerson e Pelé) em prol da escalação de Tostão e Rivellino como titulares do elenco, o que foi negado pelo técnico Zagallo em entrevista à Gazeta Esportiva, em 12/09/1970, p.07. FLORENZANO, José Paulo. *A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: EDUC, 2009, p.190.

²⁶³ Ibidem, p.77.

²⁶⁴ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.238.

²⁶⁵ FRANCO JR., Hilário. *A Dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

²⁶⁶ Placar. “Seção do Leitor”. São Paulo: Editora Abril, 12/07/1970, p.09.

A Copa do Mundo, apesar de ser, inegavelmente, um momento em que afloram discursos sobre a união nacional, sobre as potencialidades dos brasileiros detentores da “magia” dentro de campo, pode ser entendida também como um espaço para o aparecimento das desigualdades e dos descaminhos que caracterizam os brasileiros. As rivalidades regionais foram expostas nitidamente nos jornais, nas falas dos torcedores e na postura dos jogadores que compunham a chamada “Seleção do Povo”. O futebol, nessa lógica, esconde um universo complexo e de difícil entendimento, em que o que se vê numa torcida colorida de verde-amarelo é a representação de uma ambiguidade imperceptível aos desafortunados incapazes de enxergar o valor imanente do futebol.

Por sua vez, o governo Médici não se cansou de tentar empregar o futebol como unificador dos brasileiros em sua política de integração nacional. Nessa construção/invenção do Brasil como país do futebol, muitos personagens contribuíram para o governo em questão. A atuação de João Havelange, então presidente da CBD, foi de fundamental importância para a tentativa de alicerçar a nação como detentora desse esporte, assim como para a tentativa de se tornar – ele, Havelange – a pessoa mais importante dentro do mundo futebolístico, como se verá no próximo capítulo.

CAPÍTULO III – JOÃO HAVELANGE: “O INVENTOR DO PAÍS DO FUTEBOL”

Este capítulo aponta como se deu a tentativa de construir o país do futebol tanto por parte do governo militar como de pessoas ligadas a ele, como foi o caso de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que fez de tudo para conseguir colocar seus interesses à frente de tudo e de todos. A “invenção”²⁶⁷ do país do futebol partiu em grande parte da união desse personagem em conluio com diversas pessoas envolvidas com a caserna, e não só dela, também empresários de multinacionais interessadas no jogo da bola. Além disso, a criação do mito²⁶⁸ Pelé, o rei do futebol, vai ao encontro de tudo que se coaduna com a pátria de chuteiras. Para essa análise são empregados os relatórios anuais da CBD, os jornais da grande imprensa, assim como uma bibliografia especializada no tema.

3.1 A ORIGEM DO INVENTOR

Seria impossível discutir o futebol brasileiro da década de 1970, e não só dela, sem mencionar a figura de Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange, mais conhecido como João Havelange. Figura controversa e alvo de inúmeras críticas e polêmicas, tanto à frente da CBD (exerceu a presidência de 1958 a 1974) como da FIFA (1974 a 1998)²⁶⁹, além de ter feito parte do COI²⁷⁰, onde se tornou decano pelos seus 40 anos nesse comitê. Advogado com fluência em quatro idiomas, Havelange construiu uma carreira invejável a qualquer pessoa que queira seguir negócios lucrativos. Ao se pensar no Brasil como país do futebol, há de se remeter a ele. Indubitavelmente, foi o principal artífice para que a Seleção e, conseqüentemente, a “Nação” brasileira fosse reconhecida mundialmente. Sempre com o

²⁶⁷ Sobre o termo invenção é interessante ver: LOPES, Antonio Herculano. **Entre Europa e África: A invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Topbooks/Casa de Rui Barbosa, 2000.

²⁶⁸ Sobre a criação de mitos ver: CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2004. O título da obra dá a pista: formar almas, por meio de arsenal dos mitos dos heróis, hinos, e bandeiras que transbordaram no país, ao final do século XIX, na luta pela conquista do imaginário popular republicano. O autor debruça-se, entre outras coisas, sobre a dificuldade encontrada para se construir um herói para o novo regime. Segundo o autor, herói que se preze deve, de alguma maneira, ter a cara do povo que representa; tem de responder a alguma necessidade ou aspiração do conjunto da nação, refletir algum tipo de caráter ou de atitude que corresponda a um modelo coletivamente valorizado.

²⁶⁹ Renunciou ao cargo de presidente de honra, em 2013, em função das denúncias sobre sua gestão nessa instituição, contidas no relatório da FIFA.

²⁷⁰ Renunciou ao cargo de membro do conselho, em 2012, em função das denúncias contidas no relatório da FIFA.

intuito de se beneficiar, Havelange conseguiu o que poucos foram capazes em se tratando de futebol, o posto máximo.

A introdução de métodos científicos com a Educação Física no futebol foi defendida por Havelange dentro da seleção de futebol em 1970, assim como a transformação do futebol em negócio rentável, sempre alinhado aos governos militares, que pretendiam levar o futebol a todos os rincões deste país. Foi dele a ideia de instituir o Campeonato Brasileiro de Futebol (aliado ao projeto militar de integrar todos os brasileiros por meio desse esporte), além de ser o dirigente que colocou em prática a instituição da Loteria Esportiva, projeto do então presidente Costa e Silva, em 1969.



Figura 21 - Havelange em discussão com Costa e Silva sobre a Loteria Esportiva.²⁷¹

O formato que o futebol brasileiro conhece hoje foi gestado sob o comando desse personagem, que agiu de forma escusa em grande parte do tempo em que esteve à frente da CBD e depois na FIFA²⁷², com desvio de verbas federais (como se verá adiante) e doações em dinheiro a federações estaduais, assim como confederações de futebol mundo afora, quando

²⁷¹ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁷² JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011. Andrews Jennings, destemido repórter inglês, brinca com as palavras para denunciar na BBC o nebuloso grande mundo do futebol. Aquela gente distante dos gramados, mas suficientemente próxima para manipular o esporte mais popular do mundo. Entre os réus estão Joseph Blater e João Havelange, atual e ex-presidente da FIFA. Compra de votos para sedes da Copa, desvio de dinheiro da entidade para empresas pessoais e sonegação de impostos estão entre as acusações mais importantes. A FIFA tentou, sem sucesso, proibir a obra.

presidente da FIFA, em troca de favores pessoais. O intuito maior, quando esteve à frente da CBD, foi conseguir abrir caminho para seu plano maior: ser mandatário do futebol mundial, presidindo a FIFA com mãos de ferro, sendo capaz de tudo para colocar seus projetos em prática. Se hoje o Brasil é considerado o país do futebol (o que é digno de ressalva), sem dúvidas, é porque Havelange foi o mentor de muita coisa no que diz respeito ao jogo da bola no território nacional.

Não se pode pensar em futebol brasileiro sem ter em mente João Havelange. Indubitavelmente sua trajetória está amalgamada com a história do esporte mais popular do país e seria um grave erro, em se tratando dessa tese, não analisar a relação entre Havelange e o futebol brasileiro, com especial atenção à década de 1970. A conquista do Tri no México se relaciona diretamente ao fato da arrancada dele à presidência da FIFA.

Havelange, desviou (como será visto adiante) dinheiro do governo federal destinado a investimentos nos esportes, via CBD, em benefício próprio quando esteve em campanha pela presidência da FIFA. Entre seus fiéis cabos eleitorais estava Edson Arantes do Nascimento, Pelé, o “rei do futebol”. Sua influência é tanto que três governos diferentes lhe concederam honrarias dignas de um estadista. É Cavaleiro Português do Esporte, Comandante da Ordem do Infante D. Henrique (Espanha) e Cavaleiro da Ordem de Vasa (Suécia); foi seguido de perto pelo governo militar brasileiro, mas nunca desagradou os generais, pelo contrário. A tentativa de alavancar a opinião pública em favor dos homens da caserna mediante a associação do governo ao futebol e à conquista do tricampeonato aproximou, sobremaneira, Havelange dos presidentes militares, sobretudo de Emílio Garrastazu Médici e Orlando Geisel.

Como dito, Havelange presidiu a CBD de 1958 a 1974, e isso só foi possível pela grande influência que conseguiu reunir nos corredores do Palácio do Planalto, nos corredores das emissoras de televisão, nas viagens aos Estados brasileiros para encontro com os presidentes das federações – que receberam quantias em dinheiro para mantê-lo no cargo por tanto tempo. E toda essa influência fez com que Havelange conseguisse alcançar o posto mais alto do futebol por 24 anos, até se aposentar e ser o presidente de honra da FIFA.²⁷³ O país do futebol, sem dúvidas, foi uma invenção de Havelange, e não só dele, em conluio com o governo militar.

²⁷³ Todas as acusações apresentadas contra João Havelange serão documentadas ainda neste capítulo com a apresentação do extenso Dossiê da *Folha de S. Paulo* que investiga com precisão a carreira do mandatário.

Em 1974, na disputa pelo alto comando do futebol mundial, derrotou Stanley Rous²⁷⁴, à época presidente da entidade. Na ocasião, fez viagens a todos os continentes para convencer os presidentes das confederações de que ele era o mais apto. Prometeu aumentar as vagas das seleções africanas na Copa do Mundo de futebol (e o fez), levou a seleção brasileira a lugares nunca antes visitados pelo escrete. O Santos Futebol Clube, de Pelé, também fez excursões na África e Ásia (financiado pela CBD), não só com o intuito de ganhar experiência no exterior e na arrecadação de dinheiro, mas também porque era o time do melhor jogador do mundo e maior cabo eleitoral de Havelange²⁷⁵, o rei Pelé.

Nesse mesmo ano, aos 59 anos de idade e duas décadas mais jovem que Stanley Rous²⁷⁶, Havelange mostrava-se como um candidato inovador, com ideias vibrantes. Ao contrário do presidente idoso, que só se comunicava em inglês, Havelange tinha a capacidade de tergiversar em várias línguas, o que facilitava sua influência com os dirigentes que vieram de todo o mundo para a eleição que aconteceu na Alemanha. Muitos dirigentes que desembarcaram no aeroporto de Frankfurt tinham conhecido Havelange e nutriam simpatia pelo dirigente brasileiro. Havelange havia levado a Seleção Brasileira de futebol, quando presidente da CBD, para jogar em países “amigos” – além disso, o dirigente, em gesto calculado, deixava todo o dinheiro da renda dos jogos nas mãos de seus agradecidos anfitriões.²⁷⁷

Em campanha, foi solícito em ouvir todas as reclamações das confederações mundo afora. No continente africano os dirigentes estavam descontentes, uma vez que era muito difícil uma seleção desse continente se classificar para a Copa do Mundo. Das 16 vagas disponíveis, nove estavam reservadas para a Europa. A América do Sul ficava com quatro e sobravam apenas três para o resto do mundo. Havelange prometera que, se eleito fosse, em oito anos haveria 24 seleções, com maior número para os africanos e asiáticos. A FIFA de Rous, dominada por europeus ao longo dos 70 anos, não dava espaço para as confederações africanas e asiáticas. No congresso da União das Associações Europeias de Futebol, a UEFA, realizado em Edimburgo, em 1973, os dirigentes europeus ameaçaram organizar uma Copa do Mundo europeia se as vagas para africanos e asiáticos fossem aumentadas.²⁷⁸

²⁷⁴ Presidiu a FIFA de 1961 a 1974. Durante seu mandato como presidente da FIFA, Rous presenciou o único título mundial da Inglaterra, em 1966. Uma característica de sua gestão na FIFA foi uma política mais centrada na Europa.

²⁷⁵ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.18.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Ibidem.

²⁷⁸ Ibidem.

Havelange teve clara percepção de que poderia vencer Stanley Rous com os votos dos “abnegados” dirigentes africanos e asiáticos, e fez tal promessa não porque possuísse espírito democrático, mas para galgar o posto mais alto do futebol e, assim, aumentar seu poder, que nesse momento se restringia ao Brasil. Em sua agenda telefônica possuía nomes como Juscelino Kubitschek, João Goulart, Emílio Garrastazu Médici, Orlando Geisel, João Figueiredo e Jarbas Passarinho²⁷⁹, entre outros.

Mas, afinal de contas, quem é João Havelange? Como conseguiu “dominar” o futebol brasileiro por tanto tempo e como construiu seu caminho para ser o homem mais poderoso do futebol mundial por mais de duas décadas? Essas indagações, por mais difíceis de serem respondidas, podem ajudar na compreensão de como o governo brasileiro e João Havelange conseguiram inventar o Brasil como país do futebol ou de como o Brasil passou de provável potência olímpica, tão almejada pelo governo militar, para ser conhecido mundialmente como a nação detentora desse esporte.

Filho do casal belga Joseph Faustin Godefroid Havelange e Juliette Ludivine. Ele, engenheiro de minas, formado pela Universidade de Liège, representante no Brasil da Fábrica Nacional de Armas de Guerra da Bélgica e da Sociedade Francesa de Munição, gostava de futebol, sendo um dos fundadores do Standart²⁸⁰, time de futebol belga que se tornaria muito popular mundialmente. Joseph, depois que saiu da Bélgica, foi para o Peru, onde, por dez anos, foi comerciante de armas e professor de engenharia da Universidade de São Marcos. Depois disso, regressou a Liège para casar com Juliette Ludivine Calmeau, filha de um industrial de zinco e cobre. Depois do enlace, seguiram para o Brasil, em 1913:

Espírito inquieto, avesso à rotina, Joseph aceitou a proposta de mudar-se para um novo país para dirigir uma casa de armas e munições no Rio de Janeiro, na esquina da rua da Alfândega com Miguel Couto, onde nasceram Júlio e João Havelange.²⁸¹

²⁷⁹ Foi ministro da Educação no governo Médici.

²⁸⁰ O clube foi fundado em 1898, pelos estudantes do Colégio de Saint-Servais, entre eles Joseph, em Liège. Inspiração para o seu nome era Norma de Paris, um popular clube parisiense na época.

²⁸¹ SOARES, Edgar; BAKLANOS, Sérgio. **Jovem Havelange**. São Paulo: Margraf, 1995, p.12.

A Primeira Guerra Mundial determinou a presença definitiva da família no Brasil. Fluente em francês, espanhol, inglês e alemão, Joseph não demorou a dominar o português e a construir uma sólida rede de amizades com a elite carioca da época. Em 1915, mudou-se para uma suntuosa mansão no bairro do Cosme Velho, lugar onde João Havelange²⁸² nasceu, em 1916. Em sua infância, por causa dos negócios e do fervoroso catolicismo de Joseph e Juliette, Havelange conviveu com pessoas que mais tarde seriam bastante conhecidas. Joseph foi amigo do padre Jean Moureau, que trabalhava na diocese de Montes Claros, norte de Minas Gerais. Entre os fiéis amigos do referido padre dessa cidade e de Diamantina estavam os pais e tios de Juscelino Kubitschek, que passavam férias no Rio de Janeiro na casa de Joseph.²⁸³

João cumpriu todos os rituais de filho de um típico católico praticante: fez catecismo, foi batizado, crismado, fez primeira comunhão e durante muitos anos foi à missa aos domingos. Recebeu educação distinta, sendo matriculado no Lycée Français, com nove anos de idade. Com o tempo Joseph resolveu entrar como sócio no Fluminense Futebol Clube. Dessa forma, João e o irmão Júlio passaram a praticar escotismo, natação, polo aquático e futebol. João também cursou a faculdade de Direito, no Rio de Janeiro.

Foi bicampeão da travessia a nado do rio Tietê, vencendo em 1935 e 1936. No Fluminense, foi escoteiro e atleta, infantil, juvenil e adulto, destacando-se em vários esportes, inclusive no futebol, já que em 1931 foi campeão carioca juvenil. Ainda nessa década graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense e competiu como nadador nas Olimpíadas de Berlim, em 1936.²⁸⁴

²⁸² Recentes tendências historiográficas vêm nos últimos anos trabalhando uma nova forma de fazer o estudo de um personagem fugindo do aspecto biográfico conhecido. Se trata de construir uma contra-história que rompe a rede de significações estabelecidas. Afinal, constitui-se um grande desafio aos historiadores que se dedicam a pesquisar o período militar não subsumir a sua produção a uma lógica dualista e teleológica que, de maneira “apriorística”, institua uma visão histórica positiva ou negativa acerca dos personagens envolvidos no período em questão. Sobre isso ver: GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. **Jango - As Múltiplas Faces**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ Ibidem.



Figura 22 - Olimpíada de 1936: Havelange, de costas, está no canto esquerdo, observando a saudação nazista dos soldados alemães.²⁸⁵

Atuou como jogador de polo aquático em Helsinque, em 1952, e comandou a delegação brasileira em Melbourne, em 1956. Foi dirigente de esporte, inicialmente na Federação Paulista de Natação, já que residia em São Paulo na época, em 1948.

²⁸⁵ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.



Figura 23 - Campeão da travessia do Tietê, 1935.²⁸⁶

De 1940 a 1952 morou em São Paulo, no bairro da Aclimação, trabalhando como advogado em escritório com o irmão Júlio. Conviveu com a elite paulistana nas piscinas dos clubes Harmonia e Esperia²⁸⁷ (agremiação de origem italiana), nesse último como sócio e, posteriormente, como diretor e vice-presidente, cargo que acumulou com o de presidente da Federação Paulista de Natação, entre 1945 e 1948. Na volta ao Rio de Janeiro, em 1952, seria eleito presidente da Federação Metropolitana de Natação. Casou-se com Anna Maria Hermanny, em 1946, em São Paulo.

O escritório de advocacia de Havelange também atendeu duas das três empresas de ônibus que controlavam o transporte coletivo urbano da capital paulista: a Auto Viação Jabaquara e a Sociedade Ônibus Braz. A partir de 1947, com a estatização do setor, surgiu a Companhia Municipal de Transporte Coletivo (CMTC). Assim, ambas as empresas deixaram

²⁸⁶ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁸⁷ Entre os amigos de clube que fizeram do escritório de Havelange ponto de encontro estavam José Ermírio de Moraes, futuro presidente do grupo Votorantim, e Mario Amato, à época apenas um funcionário da tradicional papelaria Oscar Rudge, mas décadas mais tarde seria presidente da Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP/CIESP. JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.90.

as ruas de São Paulo, se unindo com o nome de Viação Cometa, empresa que Havelange presidiria por 62 anos.²⁸⁸



Figura 24 - Décadas na Cometa ajudaram a alavancar sua carreira com os contatos da empresa.²⁸⁹

Em 1952, Havelange e Anna Maria voltam para o Rio de Janeiro. Seu trabalho na Cometa não exigia que ficassem na capital paulista e o crescente envolvimento dele com a política do esporte, toda centralizada na então capital federal, também o levava sempre de

²⁸⁸ A Viação Cometa, que seria presidida por João Havelange por décadas, foi beneficiada quando Juscelino Kubitschek era presidente da República. Na ocasião Havelange entrara na justiça com uma liminar que impedia a circulação dos ônibus da empresa Expressa Brasileiro, alegando que a frota entrara no porto de Santos ilicitamente, já que na época todas as máquinas eram importadas. JK intercedeu a seu favor junto ao Juiz e, dessa forma, os ônibus da concorrente da Cometa foram retirados e levados de volta ao país de origem. Essa aproximação entre Havelange e políticos do mais alto escalão seria intermitente tanto na presidência da CBF como na FIFA. Sobre isso ver: RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.52.

²⁸⁹ Ibidem.

volta ao Rio, cidade onde iria catapultar sua carreira, que só se encerraria em 1998, quando deixou a presidência da FIFA.

3.2 CBD E O “DESCOBRIMENTO DO BRASIL”

De acordo com Ernesto Rodrigues²⁹⁰, a caminhada de Havelange para chegar ao comando da CBD, em 1958, começou em 1953, quando foi empenhado cabo eleitoral da chamada “Chapa da Paz”, encabeçada por Sylvio Pacheco e João Corrêa da Costa, indicados, respectivamente, pelo América do Rio de Janeiro e pelo Clube Regatas Vasco da Gama, também desse Estado. Os adversários foram Rivadávia Correia Mayer (na época presidente da CBD) e seu candidato, Geraldo Starling, do Clube Atlético Mineiro.

A CBD cuidava do futebol e de mais 23 modalidades esportivas, o que significava lutar pelo voto de mais de 100 federações. Havelange percorreu todos os estados brasileiros em campanha. Com ele, Abílio de Almeida, que o acompanharia na CBD e na FIFA.

Para angariar mais votos entre as federações, Havelange seguiu à risca o estatuto da entidade, que dizia que o voto era por federações afiliadas, e algumas entidades do Norte e do Nordeste podiam representar até cinco votos, pelo baixo índice de atividade esportiva amadora. Dessa forma, na prática, enquanto um dirigente do Norte ou Nordeste em geral podia depositar até cinco votos na urna, representando cinco esportes, o presidente da Federação Paulista de Futebol, por exemplo, só podia depositar um. Assim era o regulamento, e Havelange conseguiu oportunamente levar a chapa de Sylvio Pacheco à vitória.

Com a vitória, Havelange seria diretor de esportes aquáticos. Cumpriu, então, um ano de mandato (1955-56), sendo eleito vice-presidente da entidade para o período de 1956 e 1957, no lugar de João Corrêa da Costa.

Uma das primeiras decisões da nova diretoria veio em resposta à solicitação formal, apresentada pelo conselheiro Abraham Tebet e apoiada por Havelange, de que a CBD mantivesse uma seleção permanente de futebol em atividade ao longo do ano. A ambiciosa e pouco factível sugestão deu origem a um fértil debate que resultou no planejamento em longo prazo do calendário de jogos da seleção. Com isso, buscava-se manter os jogadores do elenco em contato freqüente,

²⁹⁰ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.50.

a fim de solidificar o sentido de coletivo de jogo e superar as temidas limitações que pareciam acampar entre os convocados.²⁹¹

Ainda em 1955, Sylvio Pacheco e Havelange apresentaram a programação trienal de atividades da seleção de futebol, arrolando os diversos torneios que seriam realizados pela própria CBD:

Trabalho que pedia que fosse encarado seriamente era, sem nenhum favor, a elaboração de um calendário que permitisse à Confederação, com necessária antecedência e no setor de futebol, organizar seu programa de atividades a exemplo do que fazem os centros mais adiantados do mundo. Não seria justificável ficar na memória do futebol do Brasil de braços cruzados nesta época em que os selecionados de todas as nações mantêm-se em febril atividade com apreciável handicap de experiência para as grandes competições e, muito especialmente, para o Campeonato do Mundo de futebol. Era preciso fazer um planejamento a longo prazo e urgia enquadrar nossa entidade nos moldes dos dias em que vivemos.²⁹²

A CBD, desde sua criação, em 1914, sempre foi envolvida em disputas políticas entre paulistas e cariocas, com seus aliados tradicionais ou ocasionais dos outros Estados. Assim, ao articular sua campanha para suceder Sylvio Pacheco, Havelange decidiu tentar encontrar um entendimento e diminuir as rugas entre cariocas e paulistas.

O primeiro a ser procurado foi Paulo Machado de Carvalho, empresário fundador e patrono do grupo Record de rádio e televisão, além de dirigente do São Paulo Futebol Clube. O raciocínio de Havelange era simples: se aproximando de Carvalho, receberia poucas críticas da mídia televisiva, já que na época existiam duas emissoras, a Record e a Tupi, de Assis Chateaubriand, amigo de Carvalho. “Eu estava protegido de ataques. E o Paulo também era muito amigo do pessoal da Tupi e eles não atacariam nem a mim nem a CBD.”²⁹³ Luís Mendes, cronista esportivo e, na época, principal locutor da Radio Globo, acompanhou a “costura”, os acordos e as barganhas da campanha de Havelange:

Dizia-se na época que, politicamente, ele tinha um espírito getulista, porque o Getúlio chamava o inimigo para o lado dele. Esse era o estilo dele. Havelange chamou os paulistas para o seu lado, oferecendo

²⁹¹ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.90.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ Depoimento de Havelange. Apud: RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.58.

cargos na comissão técnica da seleção de 1958, tanto é que o Paulo Machado²⁹⁴ é conhecido até hoje como Marechal da Vitória.²⁹⁵

A chapa concorrente foi formada por Carlito Rocha, presidente do Botafogo de Futebol e Regatas, e José Alves de Moraes, do Clube de Regatas Flamengo. Resultado do pleito: chapa de Havelange, 185, contra 19 da de Carlito.

Ao tomar posse como presidente, no dia 14 de janeiro de 1958, Havelange nomeou Paulo Machado de Carvalho como chefe da comissão técnica da Seleção Brasileira de Futebol na ocasião da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. O projeto inicial proposto para a seleção brasileira de futebol, que havia sido definido pela gestão de Sylvio Pacheco, foi mudado, principalmente porque Havelange queria uma comissão composta por apenas um treinador, e não mais com o rodízio proposto por Pacheco.

A busca pelo primeiro campeonato mundial na Suécia levou alguns dirigentes a buscar uma proposta alternativa, que pudesse conduzir a bom termo o sonho da conquista da taça Jules Rimet, mas também incluísse um maior investimento no esporte amador. A busca desse objetivo faria de João Havelange o protagonista de uma campanha de reformulação da identidade da CBD. Havelange apresentava um perfil raro nos meios futebolísticos do Brasil: era jovem (contava com 41 anos), atuara em clubes e federações dos dois principais centros esportivos do país (fora presidente das federações Paulista e Metropolitana de Esportes Aquáticos) e conhecia profundamente a estrutura de poder da área desportiva, graças à sua atuação como conselheiro do CND (Conselho Nacional de Desportos). Sua eleição para a CBD consumou o gradual processo de renovação das lideranças esportivas que tinha iniciado na gestão de Sylvio Pacheco. Um novo conjunto de gestores assumia o comando, com táticas e objetivos nitidamente distintos.²⁹⁶

Embora existisse preocupação de Havelange com o esporte olímpico, a prioridade era a preparação do selecionado, em 1958. Acreditava que deveria existir uma preparação criteriosa e uma administração “moderna”, ou seja, o jogador brasileiro não poderia mais sucumbir à instabilidade emocional e à falta de compromisso com as regras e normas, estigma que os jogadores levaram após o “Maracanazo”²⁹⁷. Tornava-se imprescindível encontrar meios de sanar tais “deficiências”, termo encontrado na imprensa esportiva da época.

²⁹⁴ Empréstimo do nome ao Estádio Municipal do Pacaembu.

²⁹⁵ RODRIGUES, Ernesto. Jogo Duro. A história de João Havelange. RJ: Record, 2007, p.87

²⁹⁶ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.96.

²⁹⁷ Final da Copa do Mundo de 1950, em que a seleção uruguaia venceu a seleção brasileira por 2 x 1.

Para tanto, Havelange encomendou ao então comandante da Escola de Educação Física do Exército²⁹⁸ (ver primeiro capítulo), coronel Antonio Pereira Lima, um relatório, que alertou para a necessidade premente de se enfrentar efetivamente e profissionalmente os problemas psicológicos e comportamentais decorrentes da “origem humilde” e do contexto de preconceito racial no qual havia nascido e crescido a maioria dos jogadores da seleção.

Uma das conclusões do relatório, citando opiniões de médicos, endossava uma tese que já era motivo de muita polêmica no balcão dos botequins e nas páginas da imprensa brasileira e européia. O maior problema do jogador brasileiro, segundo o relatório, era seu temperamento e sua instabilidade emocional na hora das decisões. Segundo Havelange, muitos daqueles jovens jogadores vinham de lares miseráveis, das favelas, com um passado de grandes privações. Tiveram, por isso, de fazer tremendas adaptações, muitas vezes num espaço muito curto de tempo. Eles tinham que aprender a canalizar aquela violência natural, a entender e aceitar a disciplina.²⁹⁹

Havelange tinha a preocupação de dar um “ar inovador” à comissão técnica, e isso esbarrava naquilo que Nelson Rodrigues chamou de “complexo de vira-latas”³⁰⁰, remetendo ao insucesso protagonizado pela seleção brasileira na final da Copa de 1950, na qual os uruguaios venceram os brasileiros, numa das mais trágicas passagens do futebol brasileiro.

Ainda não refeitos do trauma da final da Copa de 1950 no Maracanã, incendiados por discursos beligerantes de jornalistas brasileiros e até do então presidente Getúlio Vargas, e acima de tudo, com muito medo de enfrentar a poderosa Hungria de Puskas, os jogadores brasileiros sucumbiram espetacularmente ao nervosismo e ao descontrole. Perderam a Copa de 1954 por puro descontrole emocional, o que parecia ser uma tendência ao brasileiro.³⁰¹

Dessa forma, emergia uma discussão simbólica acerca das características inerentes à “raça” do brasileiro.

O brasileiro, como dizia Gilberto Freyre, expressava-se artisticamente em campo através de bailado mulato. Essa forma de jogar era, no entanto, recorrentemente derrotada por equipes mais organizadas (como foi o caso da Hungria de 1954) ou dotadas de uma coesão e força de caráter superior (a altivez de Obdulio Varela, o líder uruguaio

²⁹⁸ Note-se que a associação entre a Escola de Educação Física do Exército e a Seleção Brasileira remonta a décadas anteriores ao período conhecido como Ditadura Militar.

²⁹⁹ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.62.

³⁰⁰ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p.89.

³⁰¹ RODRIGUES, op. cit., p.63.

de 1950, era sempre evocada como parâmetro comparativo). Logo, era necessário aliar a arte do brasileiro com uma organização, principalmente no que dizia respeito ao aspecto psicológico do jogador.³⁰²

A ideia, encampada por Havelange e comissão, foi dotar o selecionado de todo um conjunto de forças auxiliares que pudessem promover a superação de suas tradicionais deficiências.

Para vencer era necessário organizar-se, programar-se estrategicamente e curar as mazelas físicas e morais e psicológicas. Encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e ao progresso. Nesse sentido, a seleção enviada à Suécia poderia servir de parâmetro para a sociedade brasileira. O atraso só podia ser superado através da organização científica do trabalho.³⁰³

A imprensa carioca, incomodada com a paternidade paulista do plano de Paulo Machado de Carvalho, com a conivência de Havelange, e insatisfeita com o fato de Vicente Feola ter sido escolhido para técnico no lugar do carioca Flávio Costa, ironizava, argumentando que o selecionado não obteria sucesso no mundial. As críticas, em especial, tinham como alvo a aplicação de testes psicotécnicos aos jogadores. Um dos que mais ironizaram foi Ary Barroso, narrador e compositor. Para ridicularizar os desenhos que eram encomendados aos jogadores nos testes, Barroso, num dos programas de televisão, jogou no quadro um tinteiro e, às gargalhadas, desafiou o psicólogo da seleção a decifrar o significado da mancha, emendando: “Assim é o futebol de Havelange, uma coisa meio abstrata, quase um surrealismo de chuteiras.”³⁰⁴

Havelange estabeleceu o modelo de preparação incorporando uma nova forma de organização desportiva, com uma comissão técnica numerosa, com funções especializadas e responsabilidades claramente fixadas, um sistema seguido pela entidade até os dias atuais. Na chefia, como foi dito, Paulo Machado de Carvalho, assessorado por Carlos de Oliveira Nascimento. Amigo de Havelange nas equipes de natação do Fluminense, Nascimento exercia o papel de administrador do time do Bangu. Do Fluminense foi trazida a dupla Almeida Filho

³⁰² SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.97.

³⁰³ Ibidem.

³⁰⁴ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p.123.

e Adolfo Ribeiro Marques Junior, respectivamente assessor administrativo e tesoureiro da comissão. Paulo Amaral, que trabalhava no Botafogo, seria o preparador físico e Hilton Lopes Gosling, o médico.

O papel atribuído a Gosling e Amaral estava associado ao projeto “civilizatório” do selecionado. Se, no imaginário nacional, o homem médio brasileiro era figura associada às doenças da miséria, à inanição e às verminoses, o modelo do atleta (e, portanto do homem brasileiro moderno) que buscava construir deveria por princípio ser saudável fisicamente perfeito.³⁰⁵

Nota-se que a “semente” para o processo de aperfeiçoamento do corpo do jogador – que teve seu ápice na Copa de 1970 – foi plantada por ocasião dos primeiros anos da gestão Havelange, coisa que seria sistematizada na ocasião do governo Médici, quando o tecnicismo e o debate científico afluíam em boa parte do mundo ocidental. O pragmatismo no futebol dava seus primeiros passos. E o projeto previa um jogador psicologicamente pronto e apto para as pressões que poderiam aparecer em terras suecas.

Para isso, a CBD contou com o sociólogo João Carvalhaes para aplicação dos testes psicológicos. Carvalhaes produziu um criterioso diagnóstico sobre as mazelas que acometiam os jogadores. Alguns jogadores, como Pelé e Garrincha, foram considerados imaturos ou incapazes de seguir os mais simples comandos. Em função desse cenário, Paulo Machado de Carvalho e Carlos Nascimento estabeleceram um programa constante para os jogadores no período de preparação no Brasil e durante a disputa do campeonato.

A comissão técnica levou adiante o detalhado planejamento que orientava o caminho rumo à Copa. Após realizar amistosos na Itália, visando principalmente a gerar recursos financeiros, a seleção brasileira instalou-se na concentração da cidade de Hinas, próxima a Gotemburgo. Pela primeira vez na história da participação brasileira em copas do mundo, o selecionado contava com um hotel próprio, previamente reservado, com condições para o desenvolvimento das atividades físicas e táticas.³⁰⁶

Como se vê, a preparação do selecionado brasileiro de futebol contava com constante preocupação não só por parte da CBD, sob a presidência de João Havelange, como também

³⁰⁵ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p.123.

³⁰⁶ CASTRO, Rui. **Estrela Solitária** – um brasileiro chamado garrincha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.23.

do poder público, já que Juscelino Kubitschek também concedeu verba em dinheiro para a preparação do selecionado.³⁰⁷

Num encontro com o presidente do Brasil, Havelange conseguiu um empréstimo junto ao Banco do Brasil. Depois do empréstimo, Kubitschek ligou para Paulo Machado de Carvalho “pedindo” uma vitória contra a União Soviética, no terceiro jogo das oitavas de final, para melhorar a autoestima dos brasileiros e mostrar que o Brasil era “um país em amplo desenvolvimento”, pelo menos no âmbito futebolístico.³⁰⁸

Quando Luis Bellini ergueu a Taça Jules Rimet, a aposta da direção da CBD na condução de um processo exaustivo de preparação física/emocional dos jogadores se mostrou eficaz, principalmente naquilo que Sarmiento chama de “processo civilizatório”.

E veio o VI Campeonato Mundial de Futebol, impostergável compromisso com a eternidade! Acontecendo de relevo, à disputa da Taça Jules Rimet, antecipou-se um entrechoque tremendo de idéias, opiniões, interesses, pretensões e críticas maldosas e infundadas por vezes. Louvado, todavia, na força excessiva de sua personalidade, possuído de um magnífico senso de persuasão, criterioso, sereno, organizador e precavido, o presidente João Havelange soube antes, sensatamente, conquistar o amparo das entidades superiores e dos poderes constituídos do governo, e congregar junto a si os desportistas de bem do Brasil, para depois, reunir uma equipe primorosa de homens dignos, dotados da melhor boa vontade e são patriotismo que, conscientemente, friamente, disciplinadamente, souberam fazer cumprir um planejamento pré-estabelecido, para conquistarmos a decantada Copa do Mundo! Consagração brilhante e definitiva há tantos anos acalentada! Na verdade, nunca uma realidade foi tão bem o retrato de uma esperança! O Brasil é o Campeão Mundial de Futebol!³⁰⁹

A exaltação proporcionada pela conquista futebolística reverberou nos distantes rincões brasileiros, como apontou com maestria Nelson Rodrigues:

Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados não de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos. Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do

³⁰⁷ Jornal do Brasil. “Verba para a seleção”. Rio de Janeiro, 19/05/1958, p.09.

³⁰⁸ CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **Marechal da Vitória**. Uma historia de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005, p.67.

³⁰⁹ Relatório de 1958 da Confederação Brasileira de Desportos. Cf.: SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos aqui percebemos o seguinte: - é chato ser brasileiro! Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilografas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana D’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigo: - O brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. [...] E vou mais além: - diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos hipóteses, somos uns ex-buchos. [...] O brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar do Mundial, verificamos o seguinte: - o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro.³¹⁰

Segundo documentário do canal televisivo ESPN-Brasil, 1958 foi o ano em que o “*Brasil foi descoberto*”³¹¹, haja vista a exaltação que transbordava no país e mundo afora com as edições das jogadas de Pelé, Zizinho e Garrincha. Aos olhos dos dirigentes, jogadores e membros da comissão técnica, o saldo do investimento da CBD foi mais que evidente. Essa seleção se tornou símbolo de um projeto nacional que se conectava ao contexto da época, quando o governo nacional-desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek³¹² assentava as bases para a modernização do país. Oportunamente, era na sede do governo federal que os jogadores deveriam se apresentar ao aterrissarem no Brasil.

Obedecendo ao protocolo estabelecido, a delegação seguiu pela cidade até o Palácio do Catete, para a cerimônia formal de recepção. Alertado por seus amigos da Associação Uruguaia de Futebol, Havelange autorizou a troca do troféu por uma réplica da taça Jules Rimet durante o desfile em carro aberto. Ao chegar à sede do governo, após a celebração coletiva com o lado popular da festa, o verdadeiro troféu de ouro e bronze foi enfim apresentado. Cerimoniosamente, Havelange o ofereceu a Kubitschek, que decidiu tomar champanhe no “caneco”. Nesse inusitado brinde, dois homens-símbolo do século XX compartilharam suas expectativas para o futuro. A era da euforia e da fé no crescimento nacional, preconizada por JK, encontrava seu tom. A vitoriosa carreira de Havelange mostrava o seu primeiro brinde.³¹³

³¹⁰ RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.61.

³¹¹ ESPN-BRASIL. Documentário - retrata a importância da conquista do selecionado não só no Brasil, como também mundialmente. ESPN-Brasil, 2006.

³¹² Sobre isso ver: COUTO, Ronaldo Costa. *Juscelino Kubitschek*. Brasília: Edições Técnicas, 2011.

³¹³ O Estado de S. Paulo. “JK e o caneco”. São Paulo, 24/06/1958, p.09.



Figura 25 - A amizade entre JK e JH era muito além do futebol.³¹⁴

Muitas foram as comemorações envolvendo os campeões em seu regresso ao Brasil. Havelange, no entanto, pouco pôde participar desses eventos, pois logo depois do título foi acometido por uma crise nervosa, que o deixou hospitalizado por 15 dias. Décadas mais tarde, o então presidente da CBD atribuiria, oportunamente, como de costume, as emoções daquele sofrimento à distância (Havelange não foi à Suécia) e ao estresse do trabalho de “blindagem” do selecionado, já que críticas deferidas aos jogadores vinham abundantemente da imprensa, impregnado ainda pelo já citado “complexo de vira-latas”. Diante do quadro de saúde de Havelange, alguns diretores da CBD cogitaram abrir o processo sucessório, o que não aconteceu, pois, contrariando os médicos, o enfermo recuperou-se em curto espaço de tempo e voltou normalmente ao trabalho.

³¹⁴ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.



Figura 26 - Lendo o jornal que cobriu a vitória do selecionado brasileiro.³¹⁵

Após o restabelecimento, Havelange foi convocado ao Palácio do Catete para uma reunião com Juscelino Kubitschek, como relata Rodrigues:

- Havelange, a capital vai mudar, vamos ter um novo estado e preciso ter amigos nele. Eu queria que você fosse deputado, federal ou estadual. - Mas presidente, eu não sou político. Essa não é minha finalidade.³¹⁶

Kubitschek referia-se à transformação do então Distrito Federal no Estado da Guanabara. Insistiu no convite, mas Havelange sempre resistiu. Em outra convocação, dias depois, houve novo pedido presidencial, e Havelange aceitou ser candidato a deputado

³¹⁵ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

³¹⁶ Ibidem, p.69.

constituente pelo PSD (Partido Social Democrático). Havelange teve pouco mais de seis mil votos, mas se defendeu dizendo que a apuração não fora fidedigna: “*A contagem era a lápis. Apagaram meu número na cédula e botaram o nome do outro candidato. Cheguei a ser avisado de que meus votos estavam desaparecendo, mas o partido não colocou uma equipe de fiscais para trabalhar pra mim.*”³¹⁷

Teoria da conspiração à parte, Havelange não gozava de popularidade naquela época, quiçá nem em épocas posteriores. Malograda a tentativa de se tornar político eleito pelo voto direto, o presidente da CBD continuou seu trabalho à frente da entidade esportiva, desejando comprovar que as diretrizes que estabelecera para sua administração seriam totalmente desempenhadas com êxito. Entre elas, o aumento de investimentos nos esportes amadores.

No primeiro ano de sua gestão, 10,4 milhões de cruzeiros foram gastos com viagens de atletas e com a realização de torneios de modalidades olímpicas, principalmente atletismo e natação. Esse investimento indicava uma valorização das diferentes modalidades sob a direção da CBD para a formação de uma equipe de atletas em condições de se destacar nos Jogos Olímpicos de Roma, previstos para o ano de 1960. Nota-se que o “sonho” de potência olímpica foi uma constante, em se tratando da visão megalomaníaca dos dirigentes esportivos.

O Brasil levou aos jogos de Roma uma equipe de 81 atletas, incluindo o selecionado amador de futebol e a destacada equipe masculina de basquetebol. A CBD honrou o compromisso com o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e contribuiu significativamente para a preparação dos atletas e o custeio de suas viagens. Entre os desportistas brasileiros destacava-se, mais uma vez, Ademar Ferreira da Silva, que, mesmo ciente de não estar na plenitude de sua forma física, foi honrado com o convite para atuar como porta-bandeira da delegação brasileira. Frustrando esperanças, a seleção olímpica de futebol não conseguiu superar em campo os consistentes adversários europeus. Eliminada em sua terceira partida, após derrota para os italianos, não participou da fase final do torneio de futebol, vencido pelos iugoslavos.³¹⁸

Apesar dos investimentos nos esportes amadores, a participação da delegação olímpica brasileira foi insatisfatória, frustrando a ideia intermitente de forjar uma nação de atletas olímpicos, haja vista que o país nunca teve uma política voltada para o aprimoramento das qualidades e potencialidades dos jovens. Mesmo assim, os investimentos nesses esportes

³¹⁷ Apud: RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

³¹⁸ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.105.

umentaram sob a presidência de Havelange, mas não se equivaleriam ao montante de dinheiro investido no futebol.

Em se tratando de futebol, Havelange se empenhou, sobremaneira, não apenas para organizar as atividades do selecionado em competições internacionais, como também para promover um sistema futebolístico dentro do Brasil. Intento que incluía a realização de torneios, a estruturação das federações estaduais e o fornecimento de suporte logístico (ainda que desproporcional entre os estados da federação) para a disseminação desse esporte na maioria dos Estados da federação, além de verbas em dinheiro para a compra de votos³¹⁹ dos presidentes federados para a manutenção de seu posto na presidência da confederação.³²⁰ Eis o inventor do país do futebol.

Na década de 1950, a principal fonte de recursos da CBD foi o Campeonato Brasileiro de Seleções³²¹, que, a partir da segunda metade dessa década, começou a apresentar resultados insatisfatórios. O calendário da disputa era contestado por muitos, já que as datas ocupavam um longo período, gerando problemas com clubes, que disputavam os campeonatos das federações estaduais e, muitas vezes, preferiam participar de amistosos mais rendosos. Além disso, a convocação dos atletas para a montagem dos selecionados estaduais causava a insatisfação dessas agremiações, que se mostravam reticentes em ceder os atletas para os selecionados.

O sistema de campeonato no Brasil, diferentemente dos outros países vizinhos, como Argentina e Uruguai, sempre encontrou dificuldades em deslanchar como uma disputa nacional. O bairrismo e as divergências entre os dirigentes paulistas e cariocas obstavam a promoção de uma competição que abrangesse os clubes dos outros estados. Em 1959, diante do conjunto de problemas resultantes do Campeonato de Seleções, Havelange propôs uma competição dos clubes campeões estaduais, que receberia o nome de Taça Brasil e incorporaria as agremiações da maioria das regiões do país, com um modelo de disputa eliminatória, com partidas de ida e volta em cada fase. Esse regulamento permitiria que clubes e federações obtivessem bons resultados financeiros organizando os jogos em seus estádios e, ainda, destinassem um percentual das rendas para os cofres da CBD. Por outro lado, o futebol

³¹⁹ Placar. “Venda dos votos para Havelange”. São Paulo: Editora Abril, 13/08/1971, p.23.

³²⁰ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.190.

³²¹ Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais foi uma competição disputada entre os melhores jogadores dos estados brasileiros, entre 1922 a 1987. O nome oficial da competição era Campeonato Brasileiro de Futebol, mas, com o início da disputa do Campeonato Nacional de Clubes, em 1971, ela passou a ser conhecida como “Campeonato Brasileiro de Seleções”. GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro** - instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 1977, p.23.

seria tomado como integrador nacional, já que chegaria a outros estados “esquecidos” e fora do eixo Rio-São Paulo.

Em seu primeiro ano, a Taça Brasil foi sucesso de renda e público. Na partida final, realizada em março de 1960, o time do Bahia Futebol Clube, que havia vencido o torneio Norte-Nordeste, sagrou-se campeão ao derrotar o Santos Futebol Clube, no estádio Urbano Caldeira, mais conhecido como Vila Belmiro. Nesse mesmo ano, a CBD retomou a disputa do Campeonato Brasileiro de Juvenis, que deixou de ser conhecido como Taça João Lyra Filho e passou a ter o sugestivo nome Taça João Havelange.³²²

3.3 A MANUTENÇÃO DO PODER DENTRO DA CBD E A COPA DE 1962

Havelange, depois da conquista do campeonato de 1958, se esforçou em demasiado para continuar em uma posição de equilíbrio entre a confiança não muito entusiasmada dos paulistas e a contrafeita resignação dos cariocas com a “perda” da antiga hegemonia no futebol.

Para a preparação para a Copa de 1962, Havelange, estrategicamente³²³ preocupado em não provocar rusgas³²⁴ com o paulista Paulo Machado de Carvalho, reconduziu-o ao cargo de chefe da delegação brasileira. Nessa competição, Havelange também não acompanhou a seleção em solo chileno, preferindo ficar no Brasil ouvindo pelo rádio e depois assistindo aos filmes dos jogos no cinema, após a liberação das imagens para o país.

A comissão técnica reunida para o mundial anterior foi recomposta. Vicente Feola, impossibilitado, por problemas de saúde, de permanecer na condição de treinador, foi incorporado à delegação como assessor especial do supervisor, Carlos de Oliveira Nascimento. O time foi submetido à forte carga de exercícios, orientada por Paulo Amaral, sob a constante avaliação de Hilton Gosling. Tendo podido observar e convocar um número considerável de jogadores jovens,

³²² GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro** - instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.

³²³ Sobre o conceito de estratégia ver: THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

³²⁴ João Havelange e Paulo Machado de Carvalho foram companheiros na CBD, mas também protagonizaram rusgas que ficaram conhecidas nacionalmente. Uma delas foi quando Havelange reclamou, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, da quantia irrisória que a TV Record e seus parceiros de transmissão e contrato estavam pagando à CBD por conta da Copa de 1962. Em resposta, Paulo Machado afirmou que, “enquanto estivesse à frente da seleção, não falaria como empresário”. Sobre isso ver: *O Estado de S. Paulo*. “A Copa de 1962 e a Televisão no cinema”. São Paulo, 15/06/1962, p.08.

Aymoré Moreira optou por repetir na estréia do Brasil quase que o mesmo time que decidira o título quatro anos antes. A única exceção era o zagueiro Orlando, que atuava no futebol argentino, e fora substituído pelo vigoroso atleta Zózimo. A aposta na experiência mostrou-se a mais correta, e o time venceu os mexicanos por 2 a 0 sem precisar se esforçar.³²⁵

A “tranquilidade” que o selecionado encontrou na partida inicial não se repetiria no segundo confronto da tabela do campeonato. Contra o futebol compacto do time da Tchecoslováquia, organizado em torno do talento do meio-campista Josef Masopust, a equipe brasileira não passaria de um empate sem gols. Com esse resultado, tornava-se obrigatória para o time uma vitória sobre a temida seleção espanhola, reforçada pelos talentosos naturalizados Ferenc Puskas e Di Stefano (que, machucado, não entraria em campo para enfrentar os brasileiros). Para tornar o quadro ainda mais preocupante, Aymoré Moreira não poderia contar mais com Pelé na competição. No lugar do atleta do Santos, que sofrera distensão muscular, foi escalado o jovem Amarildo. Contando com ótima atuação de Garrincha, o selecionado voltou a apresentar o seu grande potencial ofensivo, eliminando os espanhóis pelo placar de 2 a 1.

A categórica vitória confirmava os prognósticos acerca da condição técnica excepcional dos brasileiros. Sem dificuldades, o time superou em seqüência os ingleses e a seleção do Chile e, em novo embate com os tchecos, decidiu o título. Nessa segunda partida, as dificuldades enfrentadas no jogo da primeira fase foram facilmente superadas. Mesmo com um início tenso, que permitiu a abertura do marcador pelos adversários, o time canarinho conseguiu dominar a dinâmica da partida e marchar para a consagrada vitória de 3 a 1.³²⁶

A condição de favoritos não havia desequilibrado os atletas, agora legítimos bicampeões mundiais. A parcela de responsabilidade da direção da CBD foi reconhecida por analistas e cronistas esportivos, tais como Armando Nogueira, que saudou a comissão técnica do selecionado como sendo um “grupo formado por homens que procuram acertar, que sabem ser discretos e humildes”. A fórmula da mistura encontrada na preparação da seleção atraía Nelson Rodrigues, que compreendia que, sem as bases táticas e organizativas, o talento redundaria em um poético fracasso. Somente a conjunção talento-estrutura explicava o fenômeno:

³²⁵ Folha de S. Paulo. “Brasil na Copa de 62”. São Paulo, 09/06/1962, p.07.

³²⁶ SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.112.

Amigos, ninguém pode imaginar a frustração dos times europeus. Eles trouxeram, para 62, a enorme experiência de 58. Jogaram contra o Brasil na Suécia, trataram de desmontar o nosso futebol, peça por peça. Toda a nossa técnica e toda a nossa tática foram estudadas, com sombrio élan. [...] Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu desembarca no Chile. Vinha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequeno e fatal. O forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem, o mesmíssimo futebol seria o desastre.³²⁷

Apesar da conquista no Chile, a CBD enfrentava uma grave crise econômica que afetaria sua capacidade de realizar investimentos. Se a conquista na Suécia dera fôlego, inclusive financeiro, para uma administração que se iniciava, com as mãos empreendedoras de Havelange, a vitória no Chile chegou num momento em que a diretoria se via às voltas com a necessidade de encontrar novas maneiras de garantir a sustentação da entidade.

A economia brasileira convivia com uma inflação crescente e um brutal processo de endividamento. Os custos envolvidos no fomento esportivo acompanharam a pressão inflacionária e a desvalorização cambial. A cada dia tornavam-se mais caros os programas de investimento da CBD e mais escassos os recursos públicos. Segundo Ferreira, a herança do nacional-desenvolvimentismo, que atravessou o governo Jânio Quadros e se prolongava pelo governo João Goulart³²⁸, estabeleceu um padrão de atuação governamental de completo descompromisso com o equilíbrio das variáveis macroeconômicas.

Desde o início de sua administração na CBD, João Havelange sempre buscou obter empréstimos bancários e realizar operações financeiras que pudessem alavancar as ações da entidade. No entanto, em 1962, mesmo depois da conquista do bicampeonato mundial, a entidade apontava apenas um pequeno superávit em suas finanças. Diante do quadro recessivo, Havelange resolveu investir parte dos recursos disponíveis na entidade em aplicações imobiliárias. Comprou quatro pavimentos de um edifício em construção na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. A princípio, a intenção era transformar o lugar na nova sede da CBD, entretanto, também poderia servir como moeda de troca em possíveis transações.³²⁹

Dentro de campo, a maior receita para a CBD continuava sendo a Taça Brasil. O campeonato, realizado com os times campeões estaduais, proporcionava ao campeão disputar a nascente Taça das Américas, o campeonato sul-americano (hoje conhecida como

³²⁷ RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.80.

³²⁸ Sobre os governos Jânio Quadros e João Goulart ver: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p.65.

³²⁹ RAMOS, Roberto. **Futebol, Ideologias e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1984, p.23.

Libertadores da América) de times campeões. Em sua segunda edição, vencida pelo Palmeiras, a Taça Brasil conseguiu atrair grande audiência de público nos estádios.

Além do torneio nacional de clubes, a CBD organizava duas competições, como já dito: o Campeonato Brasileiro de Seleções e o Campeonato Brasileiro de Juvenis. O torneio de seleções amadoras, que passara a se chamar Taça João Havelange, servia ao propósito de manter atletas não profissionais em constante observação, visando à constituição de equipes para os compromissos nos Jogos Olímpicos e outras competições de menor vulto. Também era uma alternativa ao esvaziamento cada vez mais constante do Campeonato Brasileiro de Seleções, que perdia gradualmente público.

A estratégia de CBD, presidida por Havelange, foi de tentar, por intermédio dos torneios nacionais que organizava, estabelecer maior integração entre as diferentes federações estaduais. Ao promover clubes e agremiações que se situavam fora do eixo hegemônico do esporte, localizado nas regiões Sul e Sudeste, Havelange conseguiu incorporar novas áreas ao desenvolvimento do futebol e ampliar sua influência entre os dirigentes das entidades estaduais incorporadas nessa política, além de o futebol servir como integrador nacional ou, como diria Elias, como agente do processo civilizador.³³⁰

Com a utilização de linhas especiais de financiamento público, Havelange pôde também incentivar a construção de novos estádios nos grandes centros urbanos regionais. Com isso, muitas cidades puderam ser integradas nessa grande rede nacional de intercâmbios dos times do futebol, e criaram-se condições para o desenvolvimento das equipes locais e para a visita das equipes de expressão nacional. Politicamente, essa medida se mostrou muito eficaz no estabelecimento de uma base constante de apoios e votos para o presidente da CBD, condição essencial para a manutenção de sua hegemonia no cenário da política desportiva brasileira.³³¹

Tal política alavancou sobremaneira a carreira de Havelange no cenário esportivo nacional e, por conseguinte, no internacional, já que em 1974 conseguiu chegar à presidência da FIFA. A construção de estádios (como se verá no quarto capítulo) e a adoção de novas federações ditas periféricas ao seio da CBD fizeram com que o presidente da entidade acumulasse poder e prestígio não só entre os dirigentes como também o poder público dos Estados contemplados e inseridos, nesse momento, na elite do futebol brasileiro.

³³⁰ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986.

³³¹ CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da Vitória**. Uma História de Rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005, p.130.

Caso lapidar foi o do Estado do Mato Grosso. Havelange se aproximou do então governador Pedro Pedrossian e assim, juntos, conseguiram disponibilizar um terreno para a construção do estádio Pedro Pedrossian, hoje conhecido como “Moreirão”, que seria fundamental para Havelange no seu intento político de ascender à presidência da FIFA, já que esse estádio seria sede da Copa do Sesquicentenário, em que diversos países estariam representados pelas suas seleções. Além do seu intento internacional, o Moreirão serviria para os times locais mandarem seus jogos no Campeonato Brasileiro, surgido em 1971, não coincidentemente o mesmo ano da inauguração do referido estádio.

Antes da Copa do Sesquicentenário, ocorrida em 1972, Havelange promoveu em 1964, em comemoração aos 50 anos da CBD, a Taça das Nações, que foi um grande sucesso de público e atraiu a atenção internacional para o jubileu da entidade brasileira. Além da presença das delegações de Argentina, Portugal, Inglaterra, além da brasileira, os festejos foram honrados com a vinda de Stanley Rous (à época, presidente da FIFA e futuro adversário de Havelange) ao Brasil.

No jogo de estreia, a seleção venceu os ingleses pelo placar de 5 a 1. À euforia da primeira partida seguiu-se uma decepção, já que os brasileiros foram superados pelos argentinos pelo placar de 3 a 0, o que frustrou todas as expectativas de uma festa completa nas comemorações da CBD. Na última rodada, os brasileiros venceram os portugueses por 4 a 1 e se limitaram a assistir à festa dos argentinos. Segundo reportagem do jornal *O Globo*, o torneio serviu como alerta para equívocos que vinham sendo cometidos na preparação do selecionado. O envelhecimento do elenco bicampeão, aliado a uma agenda sobrecarregada, impedia a condução de um programa adequado de renovação da equipe.³³² O alvo das críticas foi João Havelange, veja por que.

3.4 RUSGAS, ESPIONAGEM E A CRIAÇÃO DO MITO PELÉ, O “REI DO FUTEBOL”

Na preparação para a Copa de 1966, com os militares já no poder desde 1964, a CBD passava por tempos atribulados, pois Paulo Machado de Carvalho se desentendera com João Havelange. O início do fim do relacionamento, nem sempre harmonioso, começou em 1964, com o anúncio da convocação dos jogadores da Taça das Nações, torneio internacional que,

³³² O Globo. “A coisa vai mal”. Rio de Janeiro, 19/06/1964, p.09.

em 1964, comemorou os 50 anos da CBD. Além da seleção brasileira, participaram do certame: Argentina, Portugal e Inglaterra. Como de costume, os clubes paulistas, representados pelo presidente da federação de São Paulo, Mendonça Falcão, reclamaram da falta de consideração dos dirigentes da CBD, que haviam acertado a programação dos jogos sem o consentimento da Federação Paulista de Futebol.

Afastado da diretoria da CBD, mas credenciado para assumir a chefia da comissão técnica na Copa de 1966, Paulo Machado de Carvalho não fazia mais tanta força para conter as críticas de Falcão, tais como esta:

Estamos fazendo de tudo para levar o Paulo Machado à chefia da delegação. Porém, para nossa surpresa, a Confederação fez uma reunião a portas fechada para decidir a programação da Taça das Nações sem ter o cuidado de consultar a Federação Paulista de Futebol. Paulo Machado não vai passar recibo às burradas que a CBD vem cometendo.³³³

Outra rusga entre Havelange e Paulo Machado diz respeito ao convite feito pelo primeiro à seleção da União Soviética para participar da Taça das Nações. Quando soube que os soviéticos poderiam enfrentar os brasileiros, o dirigente paulista decidiu entrar pessoalmente na polêmica. Numa carta dirigida a Havelange, no dia 6 de abril de 1964, Paulo Machado alertava sobre o perigo de se enfrentar uma “seleção comunista” dias depois de o Brasil ter sofrido um golpe militar: *“Na qualidade de brasileiro e desportista, venho alertá-lo sobre a total inconveniência da apresentação da seleção bolchevique na Taça das Nações. Que belo significado terá para os comunas se a URSS vencer esse torneio!”*³³⁴ Havelange respondeu de imediato:

Dr. Paulo Machado de Carvalho, acabo de receber, neste momento, sua carta de 6 do mês corrente, a qual deixou-me perplexo quanto ao conteúdo da mesma, por partir do senhor a advertência, que durante seis anos foi vice-presidente da CBD e deve ter tido a oportunidade de nesse período conhecer de perto aquele que dirigiu ao seu lado, como presidente, a entidade máter do esporte. O senhor sabe muito bem das obrigações e responsabilidades que um filiado à FIFA tem e, no caso, ela é severíssima quanto aos compromissos assumidos. Faço-lhe uma pergunta: cancelados os jogos, denunciada a CBD à FIFA por quebra

³³³ CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da Vitória**. Uma História de Rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005, p.262.

³³⁴ Ibidem, p.262.

de contrato, a quem caberia ou quem arcaria com a responsabilidade desse pagamento que, em cruzeiros, chega a 90 milhões?³³⁵

A animosidade levou Havelange a anunciar publicamente o rompimento entre os dois. Uma semana após o anúncio, Havelange foi fotografado entrando na casa de Carvalho, na Alameda Barros, em São Paulo, para um almoço. Nesse mesmo dia, a seleção brasileira sofreria uma derrota de 3 a 0 para os argentinos, em pleno estádio do Pacaembu, depois da estreia com vitória ante os ingleses. A seleção ainda venceria o embate com os portugueses, mas perderia o título para os argentinos. O insucesso na Taça das Nações fez com que Havelange se visse obrigado a ter de explicar o prejuízo de 50 milhões de cruzeiros aos cofres da CBD, além de reatar a relação com Carvalho, que detinha poder de enfraquecê-lo nos meios midiáticos.

A trégua durou alguns meses. Praticamente confirmado como chefe da comissão técnica na Copa da Inglaterra, Paulo Machado de Carvalho passou a encaminhar algumas idéias para o planejamento da seleção no ano de 1965. Uma delas consistia em dividir a seleção em duas equipes, uma formada em São Paulo e outra no Rio de Janeiro, para atenuar a exaustiva agenda de amistosos internacionais e engordar o caixa da entidade, que precisava de dinheiro para preparação da Copa de 1966. Proposta, veementemente, recusada pelo comando da CBD que ponderou dizendo que essa iniciativa aumentaria ainda mais a rivalidade entre as duas cidades.³³⁶

Desavença instaurada, a derradeira divergência entre os dois dirigentes estava colocada. Diante da negativa do comando da CBD, Paulo Machado de Carvalho desistiu de chefiar a delegação da seleção brasileira na ocasião da Copa da Inglaterra.

Com o cargo vago, Havelange assumiu o posto e comandou a comissão da seleção técnica na Copa de 1966. Segundo a imprensa da época, Havelange não reunia nenhum “traço da personalidade de Paulo Machado de Carvalho”. A comissão técnica, incluindo os jogadores, demorou a se adaptar ao “estilo aristocrático de Jean-Marie Faustin Godefroid Havelange”.

³³⁵ CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da Vitória**. Uma História de Rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005, p.262.

³³⁶ *Ibidem*, p.262.

Mario Trigo não se atreveu a contar uma só piada. Carlos Nascimento não precisou nunca mais fazer cara feia – já havia alguém ali, mais poderoso do que ele, antipático o suficiente para substituí-lo. A quase um mês do início do mundial não se sabia quais dos 44 jogadores convocados durante os treinamentos seriam chamados para viajar para Londres. Na verdade, foram 45 os selecionáveis, pois, na última hora, um dirigente do Corinthians conseguiu fazer lobby e incluir na lista o jogador Ditão. Por outro vacilo da CBD, outro Ditão, o do Flamengo, ainda mais limitado tecnicamente que o primeiro, acabou chamado por Feola.³³⁷

A seleção foi eliminada pelos portugueses, notícia farta para a imprensa, que apontava que os jogadores sucumbiram pela falta de preparo físico e pelo despreparo da comissão técnica. Na temporada de preparação, ainda no Brasil, em Caxambu e Lambari - MG, os 45 atletas foram divididos em quatro equipes: a vermelha, a verde, a branca e a amarela. Alguns diziam que o time vermelho, por contar com Pelé, seria o titular na Inglaterra; outros achavam que a equipe verde, por ser a cor preferida de Havelange, teria mais chances. A preparação física foi modificada com a divisão de comando entre Paulo Amaral, que havia sido campeão em 1958 e 1962, e Rudolph Hermann, um mestre de artes marciais indicado por Havelange, sem experiência no mundo futebolístico.³³⁸

Um número significativo de jornalistas esportivos defendia a tese de que, em 1966, Havelange negligenciou a preparação da seleção por conta de seu interesse em alcançar o posto mais alto do futebol, a presidência da FIFA, fato que aconteceria em 1974. Caso emblemático sobre a candidatura de Havelange à presidência da FIFA é a aproximação entre ele e Pelé. Segundo extenso dossiê publicado pela *Folha de S. Paulo* intitulado “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”³³⁹, a estratégia para consolidar a imagem de sucesso construída dentro de campo, com as maiores conquistas obtidas na história por um jogador de futebol, só foi concretizada fora dele, a partir da união com Havelange logo após a eliminação da seleção na Copa de 1966.

³³⁷ O Estado de S. Paulo. “Aristocracia em campo”. São Paulo, 12/06/1966.

³³⁸ Ibidem.

³³⁹ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999, p.08.



Figura 27 - Dupla muito dinâmica.³⁴⁰

Documentos do governo militar nas mãos de um ex-integrante do regime, obtidos com exclusividade pela *Folha*, apontam que empréstimos da CBD ajudaram Pelé a recuperar sua situação financeira depois de fracassos empresários na década de 1960. Em troca do apoio à sua candidatura, Havelange (então presidente da CBD), além de emprestar dinheiro da CBD para Pelé, atuou como empresário do jogador em sua carreira de garoto-propaganda de multinacionais como Pepsi e Adidas, além da ajuda para aproximá-lo do governo estadunidense. O mito Pelé que se conhece hoje foi alicerçado nesse momento.

A relação de Havelange com Pelé, estremecida no fim da década de 1980, chegou a ser tão intensa nos anos 1960-70 que o governo militar colocou agentes secretos para seguir os passos do jogador, especialmente no exterior. Em 1965, o governo passou a investigar de perto tanto Havelange quanto Pelé. O primeiro porque pretendia ser presidente da FIFA já em 1970, apostando no sucesso da seleção na Copa da Inglaterra. O segundo, pelo temor de que a imagem do jogador pudesse ser usada, em algum momento por militantes de esquerda.³⁴¹

Em um dos documentos que foram mantidos pelos militares e ao qual a *Folha de S. Paulo* teve acesso em 1999, o temor do governo é explícito. Havia o receio de que Pelé, descrito como uma pessoa “apolítica”, fosse usado pelos “guerrilheiros” engajados contra o autoritarismo dos militares. Ainda em 1965, Havelange pediu recursos ao governo, os quais,

³⁴⁰ Revista Placar, 12/09/1999, p.08

³⁴¹ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999, p.08.

segundo o almirante Adalberto Nunes, que depois integraria o governo Médici, acabariam sendo desviados de programas sociais para a seleção brasileira, a Copa de 1966 e sua campanha rumo à FIFA. Parte dos recursos foi usada na realização da Taça das Nações.

Na investigação do governo acerca da contabilidade da entidade, os agentes do governo militar constataram um “empréstimo” de R\$ 59.100,00 da CBD a Pelé, considerando-se valores de 1999. Outros valores também constam no documento.

Em 1969, os militares apontaram que Havelange voltou a ajudar Pelé, assumindo uma dívida do jogador com o Banco do Brasil no valor de R\$ 189 mil. Outro auxílio dado ao jogador foi quando a Receita Federal decidiu investigar seus ganhos com publicidade. Em 1970, quando conquistou o tricampeonato mundial pelo Brasil, ele declarava que seus rendimentos estavam na casa de R\$ 35 mil por mês, valores de hoje. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas feito na época, no entanto, ao qual a reportagem da Folha teve acesso, indica que Pelé, especialmente devido a seus contratos publicitários, ganhava pelo menos 350% a mais do que o declarado ao governo. Ciente do material, a Receita Federal passou a investigar os vencimentos do atleta no setor publicitário e acabou autuando-o em 1972.³⁴²

Ainda segundo o estudo da Fundação Getúlio Vargas, Pelé teria, então, de desembolsar o equivalente, em 1999, a R\$ 565.468 em impostos devidos, mas não pagos até o ano de 1972, além de multas no valor de R\$ 225.050. Pelé, então, recorreu a Havelange, que, em troca do auxílio em sua campanha à presidência da FIFA, lhe doou 40% do valor, conforme indica material colhido pelo então deputado, pelo ARENA, Mauricio Toledo.³⁴³

Pelé acumulou sucessivos fracassos em seus negócios extracampo com problemas de gerenciamento. Muitos dos seus problemas aconteceram por conta das indicações de José Ozores Gonzales, o Pepe Gordo, empresário que lhe foi apresentado por Zito, jogador do Santos Futebol Clube e um dos seus primeiros amigos, quando ingressou no time do santista.

O jogador investiu em empresas dos mais variados ramos de atividade. A Sanitária Santista, para se ter uma ideia, vendia material de construção, a Fiolax produzia fios de látex, a Sodel transportava combustível, a Assessoria Aduaneira atuava no setor de importação e exportação, sem contar a Incorporadora Neptuno, construtora, e a Pelé Fisioterapia. A Sanitária Santista e a Incorporadora Neptuno foram os primeiros grandes negócios – ambas faliram sem completar três anos de gerenciamento do jogador. Comprou a Sanitária, situada em Santos, investindo R\$ 180 mil (valores de 1999). Após os dois primeiros fracassos, se

³⁴² Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999, p.08.

³⁴³ Ibidem.

afastou de Pepe Gordo, convidando um de seus amigos, José Fornes Rodrigues, o Pepito, a assumir o controle de suas outras empresas.³⁴⁴

Investiu, nessa época, na Pelé Fisioterapia, em sociedade com Lima, ex-jogador do Santos e cunhado de Rose Cholbi, que se tornaria sua mulher em 1966, e na Fiolax, empresa localizada em Santo André, que possuía 43 acionistas. Presidida por Jurandyr Moraes Lima, a Fiolax tinha, entre seus sócios, Zito e Nicolau Moran, ex-presidente do Santos. A Fiolax e a Pelé Fisioterapia também não prosperaram, o que ocasionou um déficit de aproximadamente R\$ 600 mil (valores de 1999) ao jogador, em 1969.

Com o saldo no vermelho, Pelé e Havelange se aproximaram com interesses bem estabelecidos. Antes da Copa de 1970, aproveitando-se dos problemas financeiros do jogador, o dirigente “comprou” a imagem do atleta, com a intenção de usá-lo como cabo eleitoral em sua campanha para a FIFA.³⁴⁵ Além disso, quando decidiu lançar sua candidatura, o dirigente passou a conversar com empresas de porte (na maioria das vezes multinacionais) que pudessem investir no futebol, utilizando o esporte como instrumento de marketing para alavancar suas vendas. A Folha teve acesso a parte da correspondência mantida entre ele e a diretoria da Coca-Cola³⁴⁶ e da Pespi, nos Estados Unidos, em que há a sugestão de que elas utilizassem a imagem de Pelé para vender seus produtos.

À Pepsi, numa carta em que abordava seus principais planos para a FIFA, como aumento do número de participantes na Copa do Mundo e a maior divulgação do futebol em outros continentes, deslocando-se do eixo Europa-América do Sul para o Africano-Asiático, Havelange sugeria que investisse capital em escolinhas de futebol: “

Nas excursões do Santos ao exterior, ele (Pelé) tem tempo disponível para ensinar crianças a jogar futebol. Seria uma iniciativa importante para a Pespi, para o esporte e tenho certeza que também ao próprio jogador que possui uma boa imagem para a juventude.³⁴⁷

E assim foi feito. A Pespi contratou o jogador para expor a marca e dar minicursos de futebol para jovens em todos os países em que o Santos ou a seleção brasileira marcassem amistosos e jogos de apresentação. O contrato se estendeu até a Copa de 1974, na Alemanha,

³⁴⁴ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999.

³⁴⁵ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.234.

³⁴⁶ A entrada da Coca-Cola na China só foi possível depois que Havelange conseguiu filiar a seleção do país à FIFA.

³⁴⁷ Apud: JENNINGS, op. cit., p.254.

por interferência do próprio Havelange e de Henry Kissinger³⁴⁸, secretário de Estado estadunidense, nos mandatos de Richard Nixon (1969-1974) e Gerald Ford (1974-1977).

A primeira medida do então presidente da CBD foi financiar excursões do Santos Futebol Clube à Europa e África. Nessas viagens Pelé fazia campanha para Havelange em troca de verba financeira para saudar suas dívidas no Brasil.

Em 1969, foi Havelange quem marcou uma excursão do Santos para a África e depois divulgou a história de que Pelé parou uma guerra nesse continente, já que os exércitos em conflito queriam ver o Rei do futebol.³⁴⁹

Entre 1971 e 1973, Havelange percorreu os continentes europeu, africano e asiático acompanhado de Pelé, que pedia apoio a seu compatriota na disputa contra Stanley Rous. Foi nesse período em que oficializou sua candidatura, após reunião das federações da Argentina e do Uruguai, que a investigação em torno do presidente da CBD aumentou. Tal investigação apontou que dinheiro da confederação fora destinado para financiar excursões da seleção brasileira de futebol e do Santos Futebol Clube e, em especial, para o financiamento de viagens de Pelé à Europa, umas delas no dia da eleição da FIFA. Pelé foi até a Alemanha no dia da eleição para fazer campanha de última hora para Havelange. Faltando poucas horas para a eleição, Pelé e outros interlocutores de Havelange, entre eles os presidentes das confederações africanas de futebol³⁵⁰ e pessoas envolvidas com empresas ávidas por ganhar algum benefício com sua vitória, ainda trabalhavam em seu favor.

³⁴⁸ Henry Kissinger, amigo pessoal de Havelange, foi conselheiro para a política estrangeira de todos os presidentes dos EUA de Eisenhower a Gerald Ford, sendo o secretário de Estado dos Estados Unidos (cargo equivalente a Ministro das Relações Exteriores no Brasil e de Ministro dos Negócios Estrangeiros em Portugal), conselheiro político e confidente de Richard Nixon. Figura polêmica e controversa, alguns dos críticos de Kissinger acusam-no de ter cometido crimes de guerra durante sua longa estadia no governo, como dar luz verde para a invasão indonésia de Timor (1975) e a golpes de estado no Chile e no Uruguai (1973).

³⁴⁹ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999, p.08.

³⁵⁰ Havelange fez a promessa de aumentar as vagas de participantes no Mundial. E assim foi feito: de 16 aumentou para 24 e depois para 32 as vagas para a Copa, beneficiando assim africanos e asiáticos, não coincidentemente onde teve mais votos no referido pleito. Além disso, Havelange, ainda como candidato, levou a seleção brasileira de futebol a diversas apresentações no continente africano e, em gesto calculadamente atencioso, deixou grande parte da renda dos jogos nas mãos dos dirigentes das confederações locais. JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.20.

O deputado Mauricio Toledo solicitou, em 1973, na Câmara dos Deputados, que fosse nomeada uma Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar os gastos abusivos da CBD e as doações a Pelé e a outros jogadores envolvidos na referida campanha de Havelange, o que não surtiu efeito, pela pressão do presidente Médici, que nutria simpatia por Havelange.³⁵¹

Para fazer o pagamento à Receita Federal, Pelé desembolsou parceladamente R\$ 200 mil (valores de hoje) e o restante ficou por conta do Santos e da CBD, que arcaram juntos, com mais de 55% do valor devido. Mais tarde, no governo chefiado por Ernesto Geisel (1974-1979), quando Pelé estava para se transferir para o time do Cosmos, de Nova York (EUA), discutia-se se valia apenas abrir processo contra ele e Havelange. Os motivos eram a suspeita de que o dirigente desviara fundos da entidade para a sua campanha – e que o vinha fazendo desde os anos 60 – e de que o jogador recebera, em empréstimos e doações da CBD, entre 1963 e 1973, cerca de US\$ 600 mil atuais.³⁵²

Segundo relatório preparado pelo almirante Adalberto Nunes entregue ao presidente Médici, em janeiro de 1973, o déficit da CBD durante a administração Havelange somava cerca de US\$ 18,5 milhões, considerando valores de 1999. Para se ter uma ideia, em 1974, ano da eleição para presidência da FIFA, o rombo chegou a quase US\$ 5 milhões.³⁵³

A vigilância da caserna a Pelé e Havelange começou em 04 de julho de 1966, quando foi realizada uma reunião em que estavam presentes Castelo Branco, presidente à época, Golbery do Couto e Silva, Mem de Sá, Pedro Aleixo e Otavio Bulhões, todos integrantes do governo. Nessa reunião dois assuntos entraram em pauta: um dizia respeito ao então Governador de São Paulo, Laudo Natel, envolvido em escândalo financeiro; o outro, sobre Pelé e Havelange, quando foi discutida a repercussão que a possível conquista da Copa de 1966 poderia representar dentro e fora do país.

³⁵¹ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999, p.09.

³⁵² Ibidem, p.09

³⁵³ Ibidem.

Posteriormente, no governo de Ernesto Geisel, a espionagem ganhou força, já que Pelé possuía o título de Rei do futebol e Havelange se tornara presidente da FIFA. Geisel, com receio de que as investigações maculassem a imagem do seu governo, e de outros que usaram a imagem do jogador para “vender” a imagem do Brasil no cenário internacional, decidiu arquivar as investigações. Somado a isso, ainda depositou quantia de US\$ 4,2 milhões, valores de 1999, na conta da CBD para cobrir o rombo financeiro da entidade.³⁵⁴



Figura 28 - Geisel com Havelange – o general não nutria simpatia pelo futebol como seu antecessor.³⁵⁵

Para atenuar a ira do almirante Adalberto Nunes, Geisel decidiu ainda pelo afastamento de Havelange (ele queria acumular o cargo de presidente da CBD e da FIFA) da CBD, bem como pela nomeação de Heleno Nunes, também almirante e irmão de Adalberto, para comandar a entidade.

³⁵⁴ Folha de S. Paulo. “A criação de Pelé: as jogadas extracampo do atleta do século”. São Paulo, 07/11/1999.

³⁵⁵ WORDPRESS.COM. Disponível em: <wordpress.com/2013/04/joao_havelange_videla.jpg%3Fw%3D450%26h%3D265>. Acesso em: 12/09/2013.



Figura 29 - Heleno Nunes, desafeto confesso: Havelange sai pelas portas dos fundos da CBD, em 1974.³⁵⁶

A espionagem cessou quando João Baptista Figueiredo assumiu a presidência, em 1979. Amigo pessoal de Havelange, Figueiredo pediu ao ministro Golbery do Couto e Silva que desaparecesse com as pastas envolvendo o nome do dirigente e do jogador, que se encontravam no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Golbery então entrou em contato com a 1ª Região Militar do Ministério, responsável pelo desaparecimento dos documentos, que, no entanto, foram encontrados em 1999 em posse de um ex-ministro que a *Folha* não identificou.

³⁵⁶ RODRIGUES, Ernest. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.



Figura 30 - Pelo sorriso de Havelange, coisa rara em fotos, vê-se que a amizade era recíproca.³⁵⁷

No entanto, na década de 1980, Pelé adotaria o discurso de que só não defendeu a seleção brasileira na Copa de 1974 por ter percebido “os malefícios” que a ditadura impôs ao país.³⁵⁸ Disse também que não aprovou o uso político do tricampeonato mundial pelos militares no ano seguinte à conquista no México, período em que deixou a seleção.

No lançamento do livro *Pelé – O Supercampeão*, em 1993, o ex-jogador declarou que, “enquanto dava o melhor de si para deixar o povo feliz, barbaridades aconteciam no Brasil”. O mesmo tom discursivo se viu recentemente quando indagado sobre o tricampeonato e sobre o que a conquista representou ao futebol e ao país. Disse ele: “*Não imaginava das atrocidades cometidas pelo governo, queríamos dar alegria ao povo. Depois descobri de tudo e não tinha mais clima para disputar o mundial de 1974. É difícil jogar bola assim...*”³⁵⁹

³⁵⁷ Veja. São Paulo: Editora Abril, jan./1981.

³⁵⁸ REDE GLOBO. Entrevista de Pelé. Rede Globo, 1982. Entrevista veiculada pouco antes da Copa de 1982.

³⁵⁹ REDE GLOBO. Entrevista de Pelé ao programa Esporte Espetacular. Rede Globo, 12/09/2013.

Porém, o discurso de 1971, ano em que o jogador se despediu da seleção brasileira de futebol, diverge do discurso atual. Quando deixou o selecionado, o jogador não culpava o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Afirmava que o Brasil era um “país liberal”, “o país da felicidade”: “*Sobre ditadura, não posso falar sobre algo que não existe. Nós somos livres.*”³⁶⁰



Figura 31 - O furor: o rei do futebol com o chefe da nação. ³⁶¹

Zoca, seu irmão, e Julio Mazzeo, ex-preparador físico do Santos, foram as pessoas que mais aconselharam o jogador a abandonar a seleção em 1971.

³⁶⁰ RÁDIO RECORD. Entrevista de Pelé. Rádio Record, 10/09/1971. Sobre memória ver: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

³⁶¹ Jornal do Brasil. “Pelé, 70 anos de reinado”. 23/10/2010. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/fotos-e-videos/galeria/2010/10/23/pele-70-anos-de-reinado/>>. Acesso em: 15/09/2012.

O medo do irmão de Pelé era vê-lo disputando o mundial de 1974 e fracassar como em 1966 podendo arranhar a imagem de Pelé como jogador e como garoto-propaganda. O irmão o aconselhou a parar no auge no momento que propostas publicitárias apareciam com frequência. Além da Pepsi, a Adidas que já havia oferecido ao atleta US\$ 350 mil para o atleta disputar a Copa de 1974 e depois US\$ 200 mil como contrato para Pelé representar a marca mundialmente. Quem intermediou o acordo foi João Havelange, interessado em ver o jogador no mundial. Mais tarde quando Havelange já era presidente da FIFA a Adidas³⁶² se associou à entidade e fez proposta para Pele para campanha mundial.³⁶³

Além da Adidas, a Warner Communication, que iniciava seus contatos com Pelé e Mazzeo, intermediada, mais uma vez, por Havelange e Henry Kissinger, fez proposta milionária a Pelé, viabilizando a ida do jogador ao New York Cosmos, time estadunidense.

Tanto Kissinger quanto Havelange, após a Copa de 1974, tiveram pelo menos duas reuniões com Steve Ross, principal executivo da Warner na época para acertar a transferência de Pelé aos Estados Unidos, bem como discutir estratégias para o desenvolvimento do futebol no país. Kissinger, fã confesso do esporte, queria popularizá-lo nos Estados Unidos. Para que isso acontecesse, achava primordiais duas coisas: contar com o atleta mais bem sucedido da modalidade em todos os tempos e realizar uma Copa em seu país.³⁶⁴

A primeira medida, que começou a ser idealizada por Havelange e Mazzei em janeiro de 1971, durante a excursão do Santos à Jamaica, foi discutida durante a Copa de 1974.

³⁶² Hort Dassler, presidente da Adidas, teve papel fundamental na eleição que nomeou João Havelange presidente da FIFA. Ele queria que as federações esportivas assinassem contratos para que as seleções usassem a marca de sua empresa. Sondou Havelange e negociou acordos em troca da ajuda que daria ao então candidato ao posto máximo do futebol. Dassler distribuiu “maços de dinheiro vivo entre os dirigentes que continuavam indecisos ou resistentes ou que podiam angariar mais votos, para incentivá-los a apoiar Havelange. Cada dirigente recebeu milhares de dólares “quem não estava no quarto do hotel encontrou um envelope assim que voltou”. JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.26.

³⁶³ SOARES, Edgar; BAKLANOS, Sérgio. **Jovem Havelange**. A FIFA no terceiro milênio. São Paulo: Contexto, 1995, p.45.

³⁶⁴ Ibidem.

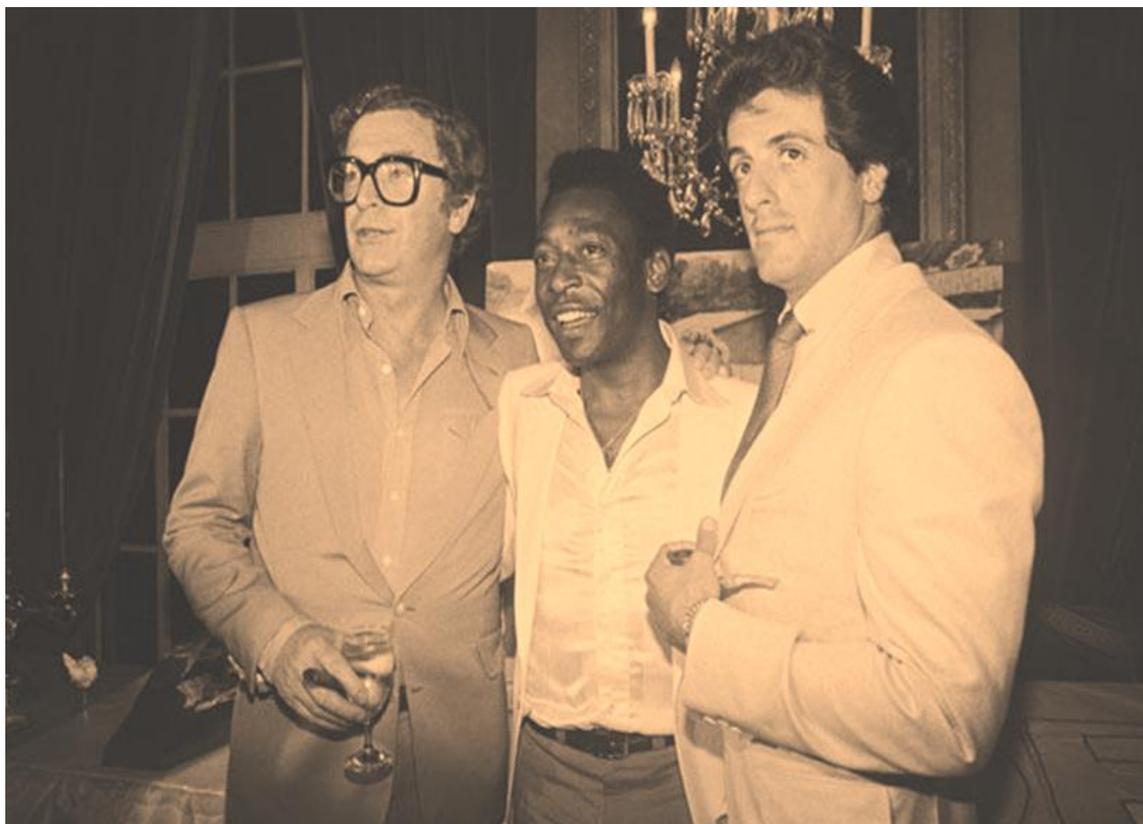


Figura 32 - Pelé com Michael Caine e Sylvester Stallone, nos bastidores de *Fuga para a Vitória*.³⁶⁵

A Warner permitiu que o atleta fosse defender o New York Cosmos, em 1975, pagando-lhe cerca de US\$ 9 milhões, além de 50% do que faturasse pelo uso do nome Pelé. Além disso, conseguiu participar de filmes e propagandas do conglomerado. Mais uma vez por intermédio de Kissinger, participou de *Fuga para a Vitória*³⁶⁶, filme estadunidense de 1982, do gênero aventura, dirigido pelo aclamado John Huston.

³⁶⁵ THE HYPE BR. **Pessoas incríveis que andam juntas**. Disponível em: <<http://thehypebr.com/2012/06/22/awesome-people-hanging-out-together/>>. Acesso em: 23/08/2013.

³⁶⁶ O filme relata a vida de prisioneiros aliados que são internados em um campo de prisão nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Em um campo alemão de prisioneiros de guerra, o major Karl von Steiner (Max Von Sydow), que no passado havia sido jogador da seleção alemã de futebol, tem a ideia de fazer um jogo entre a Alemanha e uma seleção composta pelos prisioneiros aliados (entre eles Pelé), liderados pelo capitão John Colby (Michael Caine), um militar inglês que era um conhecido jogador de futebol. Colby também teria a tarefa de selecionar e treinar o time, para enfrentar o time alemão no Estádio Colombes, que fica próximo à Paris. Enquanto os nazistas, com exceção de Steiner, planejam fazer de tudo para vencer o jogo e, assim, usar ao máximo a propaganda de guerra nazista, os jogadores aliados planejam uma arriscada fuga durante o intervalo da partida. Além de Pelé, jogadores como Bobby Moore, Osvaldo Ardiles e Kazimierz Deyna. HUSTON, John (Direção). **Fuga para a Vitória**. Filme - Aventura. EUA: Paramount Pictures e Warner Bros, 1982.



Figura 33 - O poder e sua extensão: amizade com Henry Kissinger, Secretário de Estado dos EUA.³⁶⁷

A segunda, no entanto, não foi concretizada na década de 1980, e sim em 1994. Assim como Pelé e Kissinger, Havelange, já como presidente da FIFA, faria todos os esforços para que, na década 1980, um mundial fosse realizado em solo estadunidense.

[...] e a oportunidade surgiu em janeiro de 1983, quando a Colômbia desistiu de ser sede da Copa. Com os colombianos de fora, Brasil, México, Estados Unidos e Canadá mostraram-se interessados em sediar o mundial. Havelange mostrou-se contra o mundial na América do Sul, dizendo que seria muito caro para o país investir milhões em reforma e construção dos estádios. Na época, porém quem comandava a CBD era Giuliete Coutinho, desafeto de Havelange. Pelé, por sua vez, defendeu publicamente a candidatura dos Estados Unidos, dizendo que o país possuía toda estrutura para o evento.³⁶⁸

Em 20 de maio de 1983, numa reunião realizada em Estocolmo, na Suécia, a FIFA, pressionada por Guillermo Cañedo, vice-presidente da entidade e executivo da Televisa Mexicana, conglomerado televisivo, decidiu pelo México como sede da Copa de 1986. Como não avisou nem Pelé, quanto mais Kissinger, sobre a manobra, os dois se irritaram com

³⁶⁷ PHOTO BUCKET. Disponível em: <<http://i21.photobucket.com/albums/b287/mantuu/Pele-Kissinger-NewYorkCosmosduringav.jpg>>. Acesso em: 23/08/2013.

³⁶⁸ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.234.

Havelange, especialmente o segundo, que fizera discurso de duas horas defendendo a candidatura estadunidense sem saber que o país já havia sido preterido.

Mais tarde, com relações rompidas com Havelange, Pelé viu seus negócios prosperarem definitivamente quando os Estados Unidos sediaram a Copa de 1994. Foi garoto-propaganda da Mastercard, tendo participado de 126 eventos entre 1993 e 1994 para divulgar o cartão, pelos quais recebeu cerca de US\$ 8 milhões. Obteve, ainda, para a Pelé Sports & Marketing, sua empresa de marketing esportivo, o direito de distribuição dos ingressos do Mundial para o Brasil, além da exploração do Striker, o mascote da Copa, licenciando-o para mais de 80 empresas no país.

Pelé também investiu no cinema quando participou e financiou um documentário intitulado *O Jogo dos Milhões*, dividido em dez capítulos e vendido para a BBC, de Londres, a RAI, da Itália, e o canal Plus, da França.³⁶⁹

Sua agência de marketing esportivo, que formou com o empresário Hélio Vianna, em julho de 1991, e participou da Copa de 1994, teve no Santos e no Flamengo seus dois principais clientes. Ainda em 1991, ela comprou de ambos o direito de administrar seus jogos na Supercopa, torneio que reunia os ganhadores da Copa Libertadores da América, a principal competição de clubes de futebol do continente.

Em 1992, tentou comprar os direitos de transmissão dos jogos das eliminatórias sul-americanas para a Copa de 1994. Para a CBF, ofereceu US\$ 1 milhão pelos quatro jogos que a seleção brasileira faria no Brasil. Mas nenhuma resposta foi dada a Roberto Seabra, diretor de projetos da *Pelé Sports* na ocasião.

Com a agência em atividade, seus interesses pelo Santos aumentaram. Em 1993, empenhou-se na campanha de Miguel Rodia Neto, que em dezembro assumiu a presidência do clube. Durante quase um ano participou da administração do time praiano, em especial do departamento de futebol, procurando uma empresa que pudesse patrocinar o clube. Foi afastado, por intermédio de Rodia, em setembro do mesmo ano. Segundo Pelé, um dos motivos que ocasionaram sua saída dizia respeito a irregularidades administrativas que teriam sido cometidas pelo dirigente. O ex-jogador contratou a Trevisan Associados para realizar uma auditoria no clube e, constatadas as irregularidades, o conselho afastou Rodia da

³⁶⁹ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.234.

presidência. Samir Abdul, advogado e amigo pessoal de Pelé desde a década de 1960, assumiu o cargo.³⁷⁰

A participação na administração santista diminuiria após a nomeação de Pelé como Ministro dos Esportes, no primeiro governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998). Sua entrada na política, no entanto, fora ensaiada desde o governo Médici, com o intuito de mascarar o aparelho repressivo do seu governo, exibindo as conquistas do jogador e da seleção brasileira e associando-as ao crescimento econômico do país.

Mesmo após o período ditatorial, a popularidade de Pelé, que a partir da década de 1970 também era visto ao lado de presidentes estadunidenses, continuou sendo usada pelos governantes brasileiros.



Figura 34 - Pelé autografa para Nixon.³⁷¹

Em 1985, por exemplo, ele teria sido sondado (segundo ele próprio) por Tancredo Neves para trabalhar no setor esportivo do governo. Com a morte de Tancredo antes mesmo da posse, Pelé não teve participação no Governo de José Sarney (1985-1990), apesar das diversas audiências com ele.

³⁷⁰ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

³⁷¹ NATIONAL ARCHIVES. **Soccer fans, do you know who this player is?** 10/07/2010. Disponível em: <<http://blogs.archives.gov/prologue/?p=333>>. Acesso em: 23/08/2013.

Quando Fernando Collor de Melo (1990-1992) assumiu a Presidência da República, Pelé diz ter recebido outro convite para assumir o comando dos esportes no Brasil. Mas, como não aceitou, envolvido que estava com o projeto da Pelé Sports e alegando que não teria a autonomia que desejava, cedeu a vaga para Arthur Antunes Coimbra, o Zico.

Somente no governo Fernando Henrique (1995-2002) o jogador assumiria o Ministério do Esporte. Sua principal participação em âmbito político foi a promulgação da Lei Pelé, substituindo a Lei Zico, a qual tentou acelerar o processo de profissionalização dos clubes de futebol no Brasil. Segundo ela, até 23 de março de 2000, os clubes seriam obrigados a transformar em empresas seus departamentos de futebol e a justiça desportiva tornar-se-ia independente das federações, surgindo assim, ligas independentes, que passariam a organizar os campeonatos com ou sem o apoio da CBF.

Os opositores de Pelé, entre eles Fabio Koff, presidente do Clube dos 13, que reúne os 16 clubes mais importantes do futebol brasileiro, reclamaram da postura política do ministro.

Entre as críticas, dizem que ela prejudica investimentos nas categorias de base dos clubes, já que a partir de março de 2001, o passe do jogador foi instinto, o que facilita a transferência dos atletas para outros clubes. Diziam ainda que ela não regulamentou a abertura de capital dos clubes, nem versa sobre a elaboração, a duração e eventuais restrições dos contratos de empresas com as equipes de futebol.³⁷²

Pelé, no entanto, rebateu todas as críticas e se disse satisfeito por ter libertado o jogador de futebol da escravidão: “*O passe era uma coisa dos tempos feudais.*”

Recentemente, o governo Dilma Rousseff (2010-2014) nomeou Pelé como embaixador da Copa de 2014, no Brasil. Em discurso na ocasião do sorteio dos grupos para esse torneio, a presidenta da república rasgou elogios a Pelé e mostrou a verdade cristalizada sobre o país do futebol:

O Brasil é a única Seleção pentacampeã, único país que esteve em todas as copas, e temos uma história de sucesso. O país do futebol. Somos a terra do Pelé, maior jogador de todos os tempos. Terra de Ronaldo, maior goleador de todas as copas. Cheia de novos craques surgindo diariamente. Vivemos permeado por futebol.³⁷³

³⁷² JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

³⁷³ REDE GLOBO. Discurso de Dilma Rousseff. Rede Globo de Televisão, 12/08/2013.

Não interessa muito a esta pesquisa discutir sobre a vida de Pelé, o que importa é a percepção de que a vida do mito pode ser reavaliada e, mediante pesquisa, a imagem do atleta do século pode ser questionada, ou escrita de outra forma. A desmitificação é tarefa do historiador, o desnudamento da história obscura sobre um personagem que recebe a alcunha de “rei do futebol” deve ser tentado pelo pesquisador.

Pelé foi um exímio jogador em campo; fora dele, as coisas não foram congruentes com seus dribles, lançamentos, tabelas e gols, que passaram de 1.000. Não existiu só a tentativa de criação do país do futebol, mas também do mito Pelé. Essas duas coisas estão amalgamadas e qualquer contestação, hoje, é digna de injúria por todos que se encontram sob o julgo dessa verdade cristalizada, que foi construída e alicerçada no período que compreende o governo militar e se encontra viva até hoje. Apesar de a seleção que mais ganhou Copas do Mundo ser a brasileira, isso não basta para dar o título ao Brasil de país do futebol. Afirmar isso a um inglês, alemão, italiano, argentino, uruguaio, entre outros, pode causar uma contenda violenta.

João Havelange estrategicamente soube “inventar” o país do futebol e criar o mito Pelé. Ficou na CBD por quase duas décadas e, depois, conseguiu se manter à frente da FIFA por 24 anos, aposentando-se em 1998. Seu nome se afastou das páginas esportivas dos jornais e agora figura em dossiês da polícia suíça (a sede da FIFA encontra-se na Suíça), envolvido em dezenas de acusações que vão desde sonegação de impostos, improbidade administrativa, até receptação de propinas em um escândalo envolvendo a falida agência de marketing esportivo ISL.³⁷⁴

³⁷⁴ JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011, p.343.

CAPÍTULO IV – A SEDIMENTAÇÃO DO PAÍS DO FUTEBOL

Este capítulo aponta como se deu a sedimentação do país do futebol, com a análise da construção do Estádio Pedro Pedrossian, mais conhecido como Moreirão, em Campo Grande, em 1971, e também da Copa do Sesquicentenário, em 1972. Para as referidas análises foram consultados os periódicos da chamada “grande” imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo e também o jornal *Correio do Estado*, de Campo Grande - MS, além da bibliografia especializada.

4.1 O SURGIMENTO DO MATO GROSSO DO SUL E O FUTEBOL MARCHANDO PARA O OESTE

A preocupação do governo Médici com a Educação Física e com as atividades esportivas fez o Ministério da Fazenda disponibilizar recursos para os estados e prefeituras Brasil afora, como se viu no primeiro capítulo, quando foi publicado o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil*, em 1971³⁷⁵, um estudo quantitativo das condições de desenvolvimento esportivo no país, que redundou numa política governamental que adotou o modelo de organização desportiva conhecido como “pirâmide esportiva”.

Em um dos itens da pirâmide, denominado “Equipamento Básico Urbano”, o governo propunha investir na estruturação dos esportes, construindo espaços para as atividades físicas de lazer e para as competições esportivas, além dos esforços para sua organização e infraestrutura. Para isso, forneceu subsídios para a construção de estádios poliesportivos e incentivo financeiro e isenção fiscal para as entidades esportivas. Mesmo sendo geridas pela iniciativa privada, as entidades esportivas da maioria dos estados da federação sempre contaram com o financiamento do governo.

Em 1969 foi criada a Loteria Esportiva, só efetivada em 1970, como já dito, a fim de gerar recursos necessários para alguns programas governamentais voltados para o esporte. Os recursos advindos da Loteria Esportiva foram o patrocínio do governo mais importante, pelo menos, em se tratando do futebol.

³⁷⁵ COSTA, Lamartine Pereira da (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Brasília: MEC, 1971, p.23.

A Loteca, como também ficou conhecida³⁷⁶, foi uma modalidade de loteria brasileira, que se manteve pela Caixa Econômica Federal, com o objetivo de prognosticar resultados de partidas de futebol. Teve uma rodada experimental no Rio de Janeiro, com prêmio fixo de 200 mil cruzeiros novos e 100 mil bilhetes distribuídos. Naquela época, era necessário acertar os resultados de 13 jogos selecionados pela Caixa para ganhar o prêmio.

Em 1975, um pequeno volume de pesquisas organizado pelo Ministério da Educação e Cultura, sob os auspícios da Secretaria de Educação Física e Desportos, apontou como estava sendo organizada a Loteca e a destinação de seus recursos. Nesse trabalho foi mostrado quanto cada clube ganharia percentualmente ante os outros dos demais estados brasileiros na distribuição dos referidos recursos, indicando uma disparidade e falta de critérios entre as regiões brasileiras.³⁷⁷

Curiosamente o governo, pela via legal, estabelecia quanto cada clube deveria ganhar determinando uma espécie de ranking de clubes/times em ordem decrescente de valores a serem destinados à sua manutenção. Não se apontou qual era o critério para essa seleção. Assim, foi relatado que os clubes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais recolhiam 49,96% dos recursos destinados para o conjunto dos clubes brasileiros contemplados pela Loteca. Na lista estabelecida pelo governo, esses estados teriam 32 clubes contemplados com recursos: São Paulo, 20 clubes; Rio e Minas, 06 clubes cada. O restante era dividido entre 161 clubes espalhados pelo Brasil. Isso evidencia uma nítida preferência pelos clubes mais bem estruturados (leia-se populares), que conseguiam ficar com maiores recursos.³⁷⁸

Dessa forma, no estado de São Paulo, os três primeiros contemplados eram, na sequência, o São Paulo Futebol Clube (13,04%), o Sport Club Corinthians Paulista (12,44%) e o Santos Futebol Clube (11,12%). Aos três eram destinados 36,6% dos recursos. Os três

³⁷⁶ A Loteria Esportiva perdeu credibilidade nos anos 1980. A criação da Loto e da Sena também contribuíram para a decadência da Loteria. Em dezembro de 1987 a forma de apostas mudou: passaram a ser 16 jogos, sendo que era obrigatório acertar os 13 primeiros para ter direito a um prêmio. Quem acertasse 14 ou 15 pontos também levava prêmios, desde que tivesse acertado os 13 primeiros jogos. A loteria ganhou o apelido de “Gordá”. Na época da mudança a arrecadação despencou para um décimo do que a Loteria arrecadava na sua melhor fase. A média de apostas semanais entre 1972 e 1980 era de 17 milhões, número que cairia no fim dos anos 1980 para menos de 5 milhões. A fórmula com 16 jogos durou até agosto de 1989, quando a Loteria voltou a ter 13 jogos. No fim do ano anterior a Loteca tinha começado a dar prejuízo. O número dos concursos também foi zerado, começando novamente do número 1. A fase anterior teve 976 testes. No novo formato, foi mantida a obrigatoriedade de acertar os primeiros jogos, no caso 10, o que já garantiria um prêmio menor. Cada um dos 13 jogos acertados, além dos 10 primeiros, garantiria um prêmio maior. Mas a maior mudança foi a instituição de apenas palpites simples, acabando com palpites duplos e triplos. Em 2008 o Governo Federal lançou a Timemania, loteria que viabiliza ajuda aos cofres dos clubes das séries A, B e C do Campeonato Brasileiro. Sobre isso ver: Placar. “O bolão está em campo”. São Paulo: Editora Abril, 17/04/1970, p.30.

³⁷⁷ PRIORE, Mary; MELO Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 409.

³⁷⁸ Ibidem.

últimos clubes da lista eram Esporte Clube São Bento, Associação Ferroviária de Esportes e Clube Atlético Juventus, que recebiam cerca de 5% dos valores destinados ao estado.³⁷⁹



Figura 35 - A zebrinha, símbolo da Loteria Esportiva, aparecia todos os domingos em programa da Rede Globo de Comunicações.³⁸⁰

No caso mineiro, a concentração dos recursos se dava ainda com maior intensidade. Os dois clubes que apareciam no topo da lista eram Clube Atlético Mineiro, com 28,38%, e o Cruzeiro Esporte Clube, com 26,62%, concentrando 55% dos recursos, enquanto os últimos três clubes, o Tupi Foot-ball club, Guarani Esporte Clube e Sociedade Guaxupé, recebiam juntos 5,27% dos valores.³⁸¹

A centralização de recursos também se mostrava no Rio de Janeiro: o Clube de Regatas do Flamengo, com 30,14%, e o Clube Regatas Vasco da Gama, com 22,9%, recebendo juntos mais de 50% dos valores destinados aos 12 clubes do estado. Os últimos três listados foram Campo Grande Atlético Clube, Madureira Esporte Clube e Olaria Atlético Clube, recebendo 5,33% dos valores.

Como se percebe, o governo militar, apesar do discurso pregando uma política renovadora, nesse caso, privilegiou a tradição dos clubes mais populares e mais capazes de mobilizar as massas para os jogos dos seus times. A Ditadura Militar ajudou a inventar

³⁷⁹ PRIORE, Mary; MELO Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009.

³⁸⁰ ROD_DIRETOR. **Zebrinha**. 26/05/2011. Disponível em: <http://sp5.fotolog.com/photo/37/22/98/rod_diretor/1306443976749_f.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

³⁸¹ PRIORE, MELO, op. cit., p.410.

tradições ou afirmar tradições inventadas. Ainda que não possa ser reduzida a essa dimensão, parece que a grandeza ou a tradição de um clube está em estreita relação com a sua capacidade de propaganda e, sobretudo, de angariar volumosos recursos públicos.³⁸² Não se pode comparar, no caso de São Paulo, quem é mais tradicional, se o Corinthians ou São Bento, ou no Rio de Janeiro, se o Flamengo ou Campo Grande? A pretensa neutralidade das decisões técnicas da tecnocracia não passava de um embuste diante das relações políticas e da capacidade de inserção dos dirigentes futebolísticos nos corredores da caserna.

No embalo dos discursos de integração nacional, e com recursos do governo federal, foi criado em 1971, pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o Campeonato Nacional de Futebol. Quando da sua criação, ele possuía 20 clubes, sendo quatro do Nordeste, 13 do Sudeste e três do Sul, excluindo totalmente as regiões Centro-Oeste e Norte do evento futebolístico. É evidente que a força político-econômica do Sudeste se reflete na qualidade de seus clubes de futebol e, dessa forma, as desigualdades regionais também podem ser constatadas nos esportes.³⁸³

Em reunião no dia 4 de fevereiro de 1971, a CBD anunciou a criação do Campeonato Nacional, hoje mais conhecido como “Brasileirão”, que abarcaria, segundo João Havelange, os melhores clubes do país. Havelange, como dito anteriormente, tinha o desejo de ascender ao posto máximo da FIFA, e já contava com os votos das federações sul-americanas. Dessa forma, não poderia enfrentar problemas políticos dentro de seu próprio país, desagradando os presidentes das federações nacionais que o elegeram para a presidência da CBD e o mantiveram lá por quase duas décadas. Nesse sentido, o coronel José Guilherme, o general Oldenor Maia e Rubem Moreira, presidentes das federações mineira, cearense e pernambucana, respectivamente, tiveram seus pedidos atendidos: desejavam fortalecer seu capital político com a criação de um campeonato nacional. Note-se que os militares possuíam cargos importantes na maioria das federações. O Nordeste, assim, ganharia mais dois representantes em comparação ao número de participantes no torneio Roberto Gomes Pedrosa³⁸⁴. Eram dois de Pernambuco e outro do Ceará, somados com a vaga da Bahia. Minas Gerais seria representada por três clubes.

³⁸² PRIORE, Mary; MELO Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009.

³⁸³ SANTOS, Daniel Araujo dos. **Futebol e Política**. A Criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. Dissertação (Mestrado em História e Bens Culturais), CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2012, p.45.

³⁸⁴ O torneio Roberto Gomes Pedrosa foi uma competição nacional de futebol no Brasil disputada de 1967 a 1970, antes da criação do Campeonato Brasileiro. O torneio passou a ser considerado nacional a partir de 1967, quando o antigo Torneio Rio-São Paulo (cujo nome oficial era Torneio Roberto Gomes Pedrosa) foi ampliado, passando assim a ser conhecido como Robertão. Em 1967, este campeonato ainda foi organizado pelas federações carioca e paulista de futebol, e a partir de 1968 pela CBD (Confederação Brasileira de Desportos). O nome foi uma homenagem ao goleiro Pedrosa, do São Paulo e da Seleção Brasileira (Copa de 1934), que morreu

O grande obstáculo para o bom funcionamento do campeonato eram as longas distâncias entre as capitais de um país com proporções continentais como o Brasil. Havelange, como de costume, apelou ao governo federal por recursos para o subsídio das passagens. Problema para ser enfrentado pelo Brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional dos Desportos (CND), que fora chefe da delegação brasileira de futebol na Copa do Mundo do México, em 1970, como dito no segundo capítulo desta tese.

Verificamos que, sobre o Campeonato Nacional, dificultando a sua extensão, no futuro, a outras unidades da federação brasileira, pesarão dois graves ônus: as taxas (aluguel de campo) que incidem sobre os jogos e o transporte aéreo da delegação (a ser pago pelo fundo de transportes, com os 5 % descontados da renda). [...] Essa compensação estaria na absorção dos custos das taxas (aluguel de campo) e dos transportes aéreos pela verba destinada ao CND, originária do produto arrecadado pela Loteria Esportiva. Concluída a fase preliminar, e cada um dos turnos finais do Campeonato Nacional, a CBD remeteria ao CND os boletins de renda de cada um dos jogos, comprovando os custos das taxas, bem como o preço das passagens usadas pelas associações nos transportes aéreos, para que fosse feito, à conta da rubrica da verba originária da Loteria, o reembolso dessas despesas, processando-se, em seguida pela CBD, o rateio às associações.³⁸⁵

Para a revista *Placar*, que lutara em suas páginas em prol do campeonato nacional, o torneio deveria ser mais abrangente que o Roberto, pois só assim contribuiria para alterar a estrutura arcaica do futebol brasileiro.³⁸⁶ Segundo o periódico, estados como Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina e Amazonas deveriam ter seus representantes, e criticava a postura estratégica de João Havelange, que sempre privilegiava os clubes mais populares e com maior expressão nacional.

[...] verdadeiramente o que aconteceu foi uma vitória do Sr. João Havelange que, com a nova fórmula aplicada ao futebol brasileiro, reforçou seu esquema político e agora, tranquilamente, pode tratar de sua candidatura à presidência da FIFA – mas sem pensar em abandonar a CBD.³⁸⁷

em 1954 como presidente da Federação Paulista de Futebol. Em sua segunda edição (1968), o torneio passou a ser conhecido também como Taça de Prata. Em dezembro de 2010, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) resolveu unificar os títulos nacionais, tornando todas as edições do Torneio Roberto Gomes Pedrosa válidas oficialmente como Campeonato Brasileiro de Futebol. Sobre isso ver: *Placar*. “Guia do Brasileirão 2013”. São Paulo: Editora Abril, 28/05/2013, p.186.

³⁸⁵ *Placar*. “Até que enfim um Campeonato Nacional – mas tem que melhorar”. São Paulo: Editora Abril, 12/02/1971, p.13.

³⁸⁶ SANTOS, Daniel Araujo dos. **Futebol e Política**. A Criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. Dissertação (Mestrado em História e Bens Culturais), CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2012, p.45.

³⁸⁷ *Ibidem*, p.45.

Segundo João Havelange, os clubes do Centro-Oeste e do Norte precisavam de uma melhor infraestrutura para se adequar aos ditames de um novo campeonato que seria “sem dúvidas o maior e melhor campeonato da América do Sul”³⁸⁸. Para isso, segundo o mandatário, o governo disponibilizara recursos para a construção de espaços para a prática esportiva para os estados que mais precisavam naquele momento, com isenção de impostos e doações de terrenos para a construção de estádios em âmbito nacional.³⁸⁹

Nesse sentido, a maioria das capitais, e por que não dizer das cidades, construiu seus estádios no período militar. Entre as capitais e os estádios que mais se destacam estão: Serra Dourada, em Goiânia, 1975; José Fragelli (Verdão), em Cuiabá, 1976; o estádio Vivaldo Dias, em Manaus, em 1970; o estádio José do Rego Maciel Arruda (Arrudão), em Recife, inaugurado em 1972; o estádio João Machado (Machadão), em Natal, 1972, para citar os mais importantes. Caso emblemático é a história da construção do Estádio Pedro Pedrossian, mais conhecido como Morenã, em 1971, em Campo Grande.³⁹⁰ A cidade, à época da construção do Estádio Pedro Pedrossian, não era uma capital, haja vista que o Estado do Mato Grosso ainda era uno e só foi dividido em 1977, no governo de Ernesto Geisel (1974-1978).

Antes da análise acerca do episódio da construção do Morenã, se faz relevante entender um pouco a história da divisão do Estado do Mato Grosso. Como se sabe, a construção de uma obra desse vulto traz fatos que estão interligados e que não podem ser dissociados em uma análise historiográfica mais abrangente. A divisão do Estado do Mato Grosso está intimamente ligada à transformação urbana que Campo Grande viveu a partir da década de 1950. Transformação que abriu caminho para a construção de um estádio esportivo de grande porte na cidade. Dessa forma, faz-se necessário discutir, ainda que de maneira superficial, já que esse não é objetivo desta tese, a história do estado e, por conseguinte, da sua divisão.

O projeto conhecido como Marcha para o Oeste, em termos de política nacional adotada pelo Estado Brasileiro, assentava-se em fundamentos teóricos da geopolítica. Foi dirigido pelo governo Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937-1945), para ocupar e desenvolver o interior do Brasil. Tal projeto foi lançado na véspera de 1938 e, nas palavras de Vargas, incorporou “o verdadeiro sentido de brasilidade”, uma solução para os infortúnios da nação. Apesar do extenso território, o Brasil havia prosperado quase que exclusivamente na região litoral, enquanto o vasto interior mantinha-se estagnado, vítima da política

³⁸⁸ RODRIGUES, Ernesto. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.23.

³⁸⁹ MAXIMO, João. **João Saldanha**. O João sem medo. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1996, p.97.

³⁹⁰ Sobre o aparecimento de estádios mundo afora ver: SPAMPINATO, Angelo. **Estádios del Mundo**. Deporte e Arquitectura. Madrid, España: Kliczkowski, 2000.

mercantilista colonial e da falta de estradas viáveis e rios navegáveis. Mais de 90% da população brasileira ocupava cerca de um terço do território nacional. O vasto interior, principalmente as regiões Norte e Centro-Oeste, permanecia esparsamente povoado.³⁹¹

Vargas consolidaria sua tentativa de conhecimento e expansão territorial do interior do país criando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1938, no bojo das medidas intervencionistas do seu governo. A difusão de Brasil uno, integrado, sem a compartimentação institucionalizada do período anterior, a pregação da unidade nacional e a concepção territorialista do Estado Nacional baseada no domínio absoluto do território pelo Estado são fatores que devem ser associados à criação do IBGE.³⁹²

Nesse sentido, a divisão geográfica do Estado do Mato Grosso foi discussão candente na década de 1930. Segundo Penha³⁹³, a divisão era um imperativo histórico que, nas duas constituintes (1824 e 1891) anteriores, tivera importância mínima. A constituição de 1934 também não alterou o mapa do Brasil e já nessa época lideranças do sul do estado, sob a Liga sul-mato-grossense³⁹⁴, encaminharam 20 mil assinaturas à Constituinte com o desejo divisionista do Mato Grosso, que, no entanto, não foi atendida por Vargas, que apenas estabeleceu a divisão das regiões em 1941, não desmembrando qualquer unidade territorial. O IBGE estabeleceu as normas gerais para a fixação do novo quadro das regiões brasileiras em Norte, Nordeste, Leste, Centro-Oeste e Sul.³⁹⁵

A discussão divisionista foi retomada após 1964, sob o governo militar. Os estudos de Golbery do Couto e Silva³⁹⁶ intensificaram os debates acerca da divisão do Mato Grosso. Golbery fazia parte da vertente de pensamento ligada à Escola Superior de Guerra, criada em 1949. Como se sabe, o pensamento de Golbery não só passou a orientar os estudos da Escola

³⁹¹ COELHO, George Leonardo Seabra. **Marcha para o oeste: entre a teoria e a prática**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, 2010.

³⁹² BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1997.

³⁹³ PENHA, Eli Alves. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Contexto, 1993, p.34.

³⁹⁴ Dois anos após o fim da Revolução Constitucionalista, jovens estudantes do sul mato-grossense aproveitaram a oportunidade da elaboração da Constituição Brasileira de 1934 para fundar a Liga Sul-Mato-Grossense e conquistar, através de um abaixo-assinado, o apoio dos sul-mato-grossenses para um manifesto que seria encaminhado ao presidente do Congresso Nacional Constituinte visando sensibilizar os constituintes de forma a que eles, na elaboração da Constituição, aprovassem a divisão do Estado de Mato Grosso. Sem que fosse parte de suas ambições iniciais, a Liga Sul-Mato-Grossense acabou por acender a campanha divisionista no sul mato-grossense, uma vez que coletou o surpreendente número de 20 mil assinaturas a favor de sua causa. Apesar disso, o abaixo-assinado não surtiu efeito na Constituinte, não havendo a divisão do estado. Em vez disso, Getúlio Vargas, preocupado com a ordem na região fronteira, nove anos mais tarde criaria o Território de Ponta Porã e aumentaria significativamente o contingente de militares no sul mato-grossense. Sobre isso ver: GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de MS, 1991.

³⁹⁵ BITTAR, op. cit., p.34.

³⁹⁶ COUTO E SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p.89.

Superior de Guerra, como consistiu em diretriz para os governos militares após 1964 na questão divisionista brasileira. Para o autor, o Mato Grosso fazia parte das “regiões fronteiriças”, tal qual o Nordeste, tidas pelo governo militar como regiões de “vulnerabilidade máxima”.

Portanto, a integração desses “desertos” ao “núcleo central ecumênico” era vital para reforçar a estrutura econômica nacional, diminuindo as possibilidades de “ataques solertes”, de táticas sutis de infiltração do terrorismo, da guerrilha, e a divisão de grandes unidades da federação, como era o caso do Mato Grosso, mostrava-se importante, pois serviria para aumentar o povoamento da região.³⁹⁷ A ideia central foi a ocupação do território, a interiorização do país, a tentativa de se evitar “as fronteiras ocas”. Na classificação do seu esquema geopolítico, apontava a necessidade de integrar “três grandes penínsulas” de “circulação precária”: a nordestina, a do extremo sul e a goiano-mato-grossense.³⁹⁸

A ocupação do Centro-Oeste enquadrava-se na estratégia geopolítica que visava, de um lado, a segurança e, de outro, a integração do território. A integração era necessária à segurança nacional, na medida em que fortaleceria o desenvolvimento capitalista. Para Golbery, era extremamente necessário fortalecer os vínculos de algumas cidades dessa região, entre elas Campo Grande e Goiânia. A transformação urbana ocorrida a partir da década de 1960 só pode ser entendida mediante a política intervencionista preconizada por Golbery.³⁹⁹

E para o fortalecimento da região de Campo Grande, o governo militar começou a esboçar contatos com as lideranças campo-grandenses no sentido do desmembramento do estado do Mato Grosso e da sua modernização. Como já dito, a ideia de divisão do estado remonta à década de 1930, mas só com a presença dos militares e dos estudos de Golbery a proposta começou a se cristalizar. Entre as lideranças que encabeçavam a luta pró-divisão nos anos de 1930 encontrava-se, como dito, a Liga Sul-Mato-Grossense, que, segundo Bittar, encontrava-se desfragmentada na ocasião da divisão, em 1977:

As organizações populares e partidos políticos existentes à época não tomaram parte no assunto, o que mostra a ausência de sujeitos nesse processo de divisão, exceção feita ao jornal *Correio do Estado* e à liga Sul-Mato-Grossense, que após a década de 1940 ficou pouco produtora. Esta, porém, conforme referido rearticulou-se as pressas, em março, para dar respaldo a uma decisão já tomada pelo governo. Não houve mobilização pela divisão. A própria Liga tinha quadros reduzidos: seu cérebro e seu corpo eram, na verdade, Paulo Coelho Machado. Ele explica que muitas pessoas só assinaram a ata de

³⁹⁷ COUTO E SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

³⁹⁸ *Ibidem*, p.83.

³⁹⁹ GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de MS, 1991, p.45.

reativação da entidade depois, quando a divisão já era certa, para constar nas suas páginas.⁴⁰⁰

Segundo Bittar, o governo de Castelo Branco, em 1967, analisou sigilosamente as condições possíveis para a criação de um estado no sul de Mato Grosso. Para tanto, o presidente em questão começou a investir esforços para a modernização da cidade de Campo Grande. Tanto Castelo Branco como os demais governos militares buscaram, mediante estudo da geopolítica, colocar em prática o que chamavam de a “lógica do progresso e do desenvolvimento”, vinculando isso ao conceito de segurança nacional. A implementação do modelo capitalista preconizado pelos generais poderia incluir, como de fato incluiu, a divisão de Mato Grosso de modo a melhor ocupar o Centro-Oeste e integrá-lo “ao Brasil litorâneo e desenvolvido”. Assim, Campo Grande reunia condições para tanto, pois ficava próxima do Estado de São Paulo.⁴⁰¹



Figura 36 - Geisel no momento da assinatura da Lei que dividiu Mato Grosso em 11/10/1977.⁴⁰²

Caberia, entretanto, a Ernesto Geisel (1974-1978) a decisão de criar Mato Grosso do Sul. Para Bittar, a criação do estado apontou a ausência de lideranças civis no processo de desmembramento e a onipresença do governo militar em decisões divisionistas:

⁴⁰⁰ BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1997, p.213.

⁴⁰¹ Ibidem, p.213.

⁴⁰² CRUZ, Montezuma. **“Prepare-se, vou dividir o seu estado”**, disse Geisel ao então governador Fragelli em 1973. 11/10/2011. Disponível em: <http://www.tudodoms.com.br/userfiles/imagens/materias/large/887133373_IC3856_5CONTE_NTA.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

O Estado-sonho tornava-se, enfim, estado realidade. Se o sonho era de todos, porém, não se saberá. A população, privada da participação, mostrou, com seu silêncio, um misto de indiferença e aprovação. É provável que a maioria fosse favorável à divisão do estado, mais isso não foi mensurado. Com exceção de alguns membros da liga sulmatogrossense e do jornal o Correio do Estado, a divisão foi feita de cima pra baixo, bem aos moldes do governo militar.⁴⁰³

Há de se pontuar também a rivalidade entre a cidade de Campo Grande e a capital Cuiabá. Segundo Dal Moro, se por um lado não foi possível perceber nitidamente que o movimento divisionista interferiu na realidade do povo comum, por outro, é sim possível ver que uma das bandeiras mais fortes do processo que culminou na divisão residia no fato de Campo Grande ser um espaço, uma cidade de destaque, sobretudo do ponto de vista material, haja vista que, na década de 1950, sua economia era a mais significativa de todo o Estado do Mato Grosso, com arrecadação maior que a capital Cuiabá.⁴⁰⁴

A questão objetiva da superioridade econômica do sul sobre o centro-norte gerou, ao longo do tempo, uma situação de intolerância e impasse que só a divisão resolveria. Uma evidência da incompatibilidade é o fato de que, para os sulistas, o centro-norte passou a ser sinônimo de Cuiabá. É compreensível. Na medida em que essa cidade vinha mantendo, desde a Colônia, a posição de centro político decisório, as sucessivas vitórias governistas sobre o separatismo do sul acabaram fortalecendo, nos grupos dominantes sulistas, o desejo de eles próprios possuírem a sua máquina político-administrativa. Esse interesse, inicialmente implícito, começou a ser aliado à representação que a elite sulista criou e difundiu sobre o centro-norte, chamado simplesmente de “norte”. Seria o cuiabano a imagem-chave, se assim se pode dizer, da animosidade que as elites elaboravam. Para os separatistas, o cuiabano era associado à imagem de “atrasado”.⁴⁰⁵

⁴⁰³ BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1997.

⁴⁰⁴ DAL MORO, Nataniel. **O pensar da elite sobre o povo comum: Espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (1960-1970)**. Tese (Doutorado em História Social), PUC-SP, 2012, p.95.

⁴⁰⁵ PENHA, Eli Alves. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Contexto, 1993, p.38.

Especialmente após 1932 essa noção de não pertencer a Cuiabá, de já constituir o sul, de fato, um estado distinto, aparece em todos os manifestos, discursos e obras que se redigiu sobre o separatismo. A necessidade de se estabelecer a distinção cultural “dos dois povos” vinha de longe e nesse esforço predominava a forte convicção da superioridade empreendedora do sulista, sempre identificado com o espírito desbravador dos bandeirantes paulistas. Transparece, inclusive, o sentimento de que os sulistas, compostos de filhos de outros estados, eles sim, seriam os verdadeiros descendentes daqueles desbravadores. Segundo os sulistas, o norte ainda não havia sido totalmente integrado ao modo de produção capitalista, o que também foi defendido por Golbery do Couto e Silva.⁴⁰⁶

Não é preocupação desta pesquisa, porém, a história da interiorização estatal no caso do Mato Grosso. A divisão do estado serve apenas para que se entenda porque o governo federal, em conjunto com o governo do Mato Grosso, construiu o Estádio Pedro Pedrossian, na cidade de Campo Grande, que à época buscava incessantemente se “modernizar” para, depois de alguns anos, se tornar a capital do Mato Grosso do Sul.

O primeiro impulso para a referida construção se deu no final da década de 1960, quando o Governo Federal criou, por força da Lei 3.820, os Conselhos Federal e Regional de Farmácia, “destinados a zelar pela fiel observância dos princípios da ética e da disciplina da classe dos que exercem atividades profissionais farmacêuticas no país”⁴⁰⁷. A chegada do curso de Farmácia à cidade de Campo Grande representou o que Maymone chamou de “modernização urbana”, já que, com essa providência, a cidade foi envolvida no processo federal, ficando jurisdicionado ao Conselho Regional de Farmácia-5, com sede em Goiânia. E, consoante a deliberação da Regional de Goiás, foram criadas e instaladas a Seção de Cuiabá e a Subseção I de Campo Grande. O advento do Conselho evitaria, segundo os professores, a evasão dos jovens, em sua maioria filhos dos latifundiários, para o eixo Rio-São Paulo, em busca das faculdades que ali se encontravam.⁴⁰⁸

⁴⁰⁶ PENHA, Eli Alves. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Contexto, 1993.

⁴⁰⁷ MAYMONE, Hercules. **Da Farmácia & Odontologia à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande-MS: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1989, p.45.

⁴⁰⁸ *Ibidem*.

Em 1963, a comissão composta por membros do Conselho Federal instalou em Campo Grande o Instituto de Ciências Biológicas, que seria precursor da Universidade Estadual do Mato Grosso. Na oportunidade estavam presentes diversas lideranças, entre as quais: os professores do Colégio Rio Branco, Associação Farmacêutica do Sul de Mato Grosso, subseção da Ordem dos Advogados e membros da Associação Médica de Campo Grande. Também foi discutida na cerimônia a possibilidade da criação de uma Faculdade de Medicina, para suprir a carência de médicos na região.

Em 29 de agosto de 1969, quando Pedro Pedrossian encaminhou à Assembleia Legislativa, por intermédio da mensagem nº. 16/1969, projeto de lei que autorizava o poder executivo a criar a Universidade Estadual de Mato Grosso. No dia 30 de agosto, o Secretário de Educação e Cultura, Gabriel Novis Neves, endereçou carta ao professor Wilson Rodrigues solicitando que coordenasse a elaboração do estatuto, regimento geral e regimento das unidades que comporiam a Universidade. Em 1970, pelo Decreto nº. 67.484 de 4 de novembro de 1970, o presidente Médici autorizou o funcionamento da Universidade em Campo Grande:

O Decreto n. 67.484, autoriza o funcionamento da Universidade Estadual de Mato Grosso em Campo Grande. O presidente da Republica, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei número 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei n.842, de 9 de setembro de 1969 e tendo em vista o que consta no processo n. 104.716.70 do Ministério da Educação, decreta: Art. 1 Fica autorizado o funcionamento da Universidade Estadual de Mato Grosso, na cidade de Campo Grande. Art. 2 Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
Brasília, 4 de novembro de 1970.⁴⁰⁹

A criação da Universidade Estadual do Mato Grosso foi um dos passos decisivos para o surgimento do Estádio Pedro Pedrossian, já que foi instalado na cidade universitária localizada em Campo Grande. O Moreirão seria o maior estádio universitário do país, com capacidade para 45 mil pessoas.⁴¹⁰

⁴⁰⁹ Diário Oficial da União. Imprensa Nacional, 05/11/1970.

⁴¹⁰ SPAMPINATO, Angelo. **Estádios del Mundo**. Deporte e Arquitectura. Madrid, España: Kliczkowski, 2000, p.52.



Figura 37 - Pedrossian em discussão, no Rio de Janeiro, com Médici sobre a instalação da Universidade Estadual do Mato Grosso, em 1969.⁴¹¹

A cidade universitária começou a ser construída em 1969, antes mesmo do decreto federal que autorizou o funcionamento da Universidade. A primeira construção foi o Instituto de Ciências Biológicas, sob a responsabilidade da empresa Consten. Esse bloco levou o nome de Manoel Balian, figura de destaque na cidade de Campo Grande. Construção planejada em módulos nos sentidos norte e sul e leste-oeste, com laboratórios de anatomia e sob jurisdição do Departamento de Fisiologia.⁴¹²

⁴¹¹ PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006. Trata-se de sua autobiografia.

⁴¹² ROSA, João Pereira da. **As duas histórias da Universidade - 1966-1978**. Campo Grande: Núcleo de Imprensa Universitária, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, 1993, p.51.

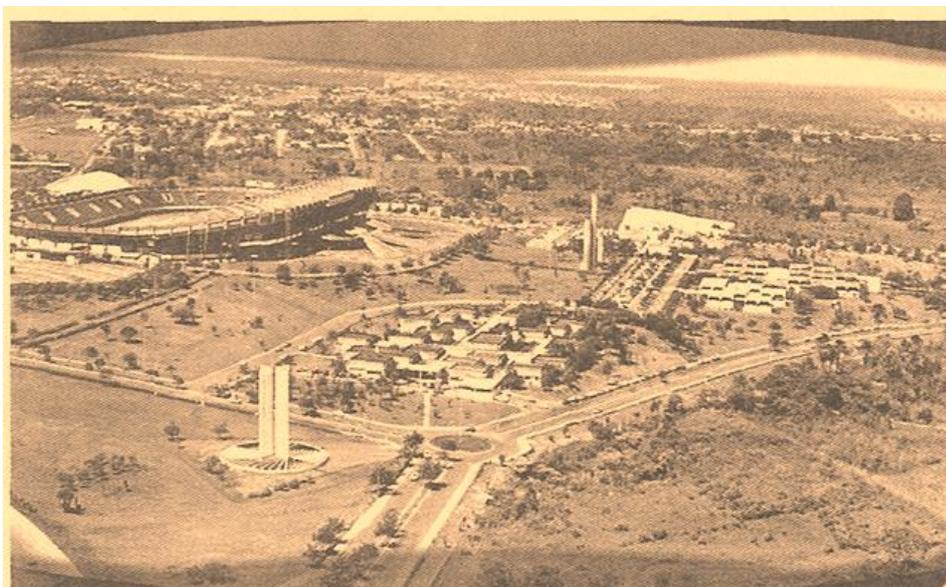


Figura 38 - Cidade Universitária ainda em construção. O Morenã encontra-se no lado esquerdo superior.⁴¹³

O governador Pedro Pedrossian, após o início das obras do instituto, liberou mais recursos vindos do governo federal para a construção do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS, para o qual foi indicado o nome do jornalista da revista *O Cruzeiro*, do grupo de Assis Chateaubriand. Nessa época o governador Pedro Pedrossian incentivava a instalação do jornal *Diário da Serra*, também pertencente ao grupo, em Campo Grande.⁴¹⁴ O Centro de Tecnologia recebeu o nome do Ministro dos Transportes Mario Andreazza, que foi responsável por inúmeras obras da região, entre elas a construção da rodovia Campo Grande-Rondonópolis e de Campo Grande-Presidente Epitácio, ligando Campo Grande ao estado de São Paulo.

⁴¹³ ROSA, João Pereira da. **As duas histórias da Universidade - 1966-1978**. Campo Grande: Núcleo de Imprensa Universitária, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, 1993, p.51.

⁴¹⁴ PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.



Figura 39 - Amigos de longa data.⁴¹⁵

Outras obras de destaque foram a construção do Auto Cine Drive-in, de autoria do engenheiro Pedro Ballian e Avedis Balabanian, e o parque aquático onde se encontra o córrego Bandeira, cuja nascente fica pouco acima da sede do Rádio Clube Campo e deu origem ao Lago do Amor, importante cartão-postal da cidade. A piscina olímpica se tornou ponto de atração dos jovens universitários, assim como o Teatro Popular Universitário. No entanto, a obra que mais demandou esforço e dinheiro foi a construção do estádio universitário, que, além de custosa, percorreu os caminhos os mais variados.

4.2 FUTEBOL COMO SINÔNIMO DE MODERNIDADE E INTEGRAÇÃO NACIONAL: O SURGIMENTO DO MORENÃO

Hilário Franco Junior argumenta que, para quem examina o futebol moderno, impõe-se desde o início a constatação de seu quadro geográfico, no caso a Inglaterra, mas nem sempre de seu quadro histórico, a Revolução Industrial. Para o autor, ambos não podem ser dissociados, pois não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço dessa revolução, assim como o país precursor da prática futebolística. Os dois fenômenos baseiam-se em aspectos do

⁴¹⁵ PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

mundo moderno e capitalista. Competição, produtividade, especialização de funções, integração e fixação das regras e das leis. Este último ponto é essencial, correspondendo àquilo que Sigmund Freud⁴¹⁶, em fins do século XIX, e Norbert Elias⁴¹⁷, em meados do século seguinte, chamaram de processo civilizador. O estabelecimento das regras do futebol pode ser pensado como manifestação particular na Inglaterra do então intenso desenvolvimento das instituições, que nada mais são do que regras do jogo social. Em outras palavras, restrições de comportamento que permitem a vida em sociedade, controlam interesses individuais em nome do bem comum.⁴¹⁸

Dessa forma, as instituições formais são criadas pela sociedade inteira, por meio do Estado, para reger a própria sociedade: constituição, leis, decretos, códigos. Instituições informais são criadas por certos segmentos sociais para reger sua atuação específica: regras, convenções, normas e costumes. Assim, o surgimento do futebol se torna um microcosmo da vida moderna e do sistema capitalista, em que a padronização dos costumes e o acatamento de regras são o ponto nodal da vida social.⁴¹⁹

No caso específico de Campo Grande, que ascendia a cidade de destaque da década de 1960 e 1970, e que se tornaria capital do novo Estado do Mato Grosso do Sul, o futebol veio cumprir exatamente as funções destacadas por Franco Junior, guardadas as devidas proporções. A construção do estádio universitário, entre outras coisas, veio sedimentar essa época de modernização que a cidade atravessava. Nas páginas do jornal *Correio do Estado*, periódico de maior circulação à época, notícias davam conta da realização de obras em vários setores da vida social campo-grandense, misturando-se ao noticiário envolvendo a construção do Morenã.

Mais verba para obra rodoviária. É o que o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico suplementou em 40 milhões de cruzeiros novos em convenio firmado com o Departamento Nacional de Estradas e Rodagem para a realização de obras rodoviárias no sul do Mato Grosso. Entre elas a rodovia que passará ao lado da cidade universitária que se constrói e servira de melhor acesso para a afluência ao estádio universitário, o maior estádio do Centro-Oeste brasileiro orgulho do povo campo-grandense.⁴²⁰

⁴¹⁶ FREUD, Sigmund. **O Mal estar na civilização**, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). São Paulo: Cia das Letras, 2010.

⁴¹⁷ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

⁴¹⁸ FRANCO JUNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.25.

⁴¹⁹ Ibidem.

⁴²⁰ Correio do Estado. “Campo Grande - Cidade Moderna”. Campo Grande, 01/10/1968, p.05.

Como se percebe, a construção de um estádio com capacidade para mais de 40 mil pessoas se inseria entre as reformulações urbanas que o governo militar queria proporcionar à “distante” cidade do Mato Grosso. O projeto militar de integração dos estados do interior do país foi preocupação recorrente, assim como levar a mensagem “progressista” aos mais distantes rincões brasileiros. Além do que, integrar as regiões foi uma preocupação para manter a política de segurança nacional imposta pelos homens da caserna. Nesse sentido, a construção de espaços esportivos e o incentivo à prática do futebol nas regiões mais afastadas do eixo Rio-São Paulo foram recorrentes nos idos de 1970 e Campo Grande, com o estádio universitário, foi apenas um exemplo significativo dessa política.⁴²¹

Ademais, a história dessa construção também se insere no contexto da divisão do Mato Grosso, já que impulsionou a cidade para alcançar a condição de capital do estado que surgiria poucos anos depois da sua inauguração. O estádio foi projetado por Avedis Balabanian para ser o maior da região Centro-Oeste. Esse arquiteto participou de inúmeras obras da cidade universitária, assim como da cidade de Campo grande, como relata o *Correio do Estado*:

O arquiteto Avedis Balabanian era uma espécie de “coringa”, ou melhor, de “ás”, pois serve em todas as obras da Cidade Universitária, afora aquelas cujos projetos saíam de suas mãos. Às vezes se faz de “relações públicas”, como quando correu atrás de assinaturas na ocasião do lançamento da pedra fundamental da construção do maior estádio universitário do país e o maior estádio de futebol do Centro-Oeste. O desenho do projeto feito por Avedis se coloca como um dos mais modernos complexos arquitetônicos do país e quiçá do mundo, o concreto armado será revestido por uma suspensão arquitetônica onde três rampas darão o acesso ao povo campo-grandense. A parte das cadeiras será coberta e segundo o arquiteto a estrutura e terraplanagem será desenvolvida por empresa que ganhar a licitação do governo.⁴²²

A construção do Estádio Universitário da Universidade Estadual do Mato Grosso, depois nominado de Pedro Pedrossian, governador à época, percorreu caminhos tortuosos até que o público conhecesse a obra em sua inauguração, em 07 de março de 1971. A começar pelo desenho do projeto arquitetônico, que seria de Ciríaco Maymone e depois foi mudado por Avedis Balabanian, assim como o local da obra:

⁴²¹ GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro** - instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Rio de Janeiro, UFRJ, Museu Nacional, 1977, p.125.

⁴²² Correio do Estado. “O Maior estádio universitário do Brasil”. Campo Grande, 12/08/1968, p.08.

O Governador Pedro Pedrossian, depois de reunião com João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, acertou com o presidente da Liga Esportiva Campo-Grandense (LEMC), Sr. Levi Dias, que tinha solicitado ao técnico em desenhos Ciriaco Maymone, o projeto de um estádio de futebol para ser construído na saída para Aquidauana, onde hoje se situa a Vila Olímpica do Operário Futebol Clube, em terras pertencentes à família Coelho, parte do loteamento Nova Campo Grande. Esse projeto inicial não agradou nem a Pedrossian nem a Havelange que pretendia em 1972 organizar a Copa do sesquicentenário e queria um estádio com maiores proporções e com melhor acesso para os torcedores. Com essas preocupações Pedrossian conseguiu convencer Levy Dias de que a construção deveria acontecer na Cidade Universitária.⁴²³

Segundo reportagem do *Correio do Estado*, a negociação que envolveu Pedrossian, Levy Dias e João Havelange foi nebulosa e o governador só conseguiu convencer o presidente da Liga mediante “troca de favores”:

Ontem se encontraram na Cidade Morena, o governador Pedro Pedrossian, João Havelange presidente da Confederação Brasileira de Desportos, entidade máxima do futebol brasileiro e Levy Dias presidente da Liga Esportiva. A discussão foi sobre a mudança do local que seria construído o Estádio Municipal. Levy defendia que ele deveria ser construído na saída para Aquidauana e deveria pertencer ao Município sob jurisdição da LEMC. Havelange e Pedrossian defendiam a construção na cidade universitária o que colocaria a obra sob jurisdição do Estado do Mato Grosso. Final da História: O estádio foi pra Cidade Universitária. Dizem as más línguas que Levy Dias levou uma gratificação em dinheiro e a promessa de que levaria algum cargo político posteriormente de Pedrossian. De Havelange recebeu verba da CBD para a Liga, resta saber se o montante foi usado em benefício do esporte campo-grandense ou se engordou a conta bancária do mandatário. E assim apitou o arbitro, fim de jogo!⁴²⁴

As acusações do jornal nunca foram comprovadas, o que se sabe é que Levy Dias, em 1973, foi indicado pelo governo federal para ser prefeito de Campo Grande, cargo que ocupou até 1973. Em 1980 voltou ao Executivo também por indicação do governo militar, ficando no cargo até 1982.⁴²⁵ A mudança do local da construção do estádio para a Cidade

⁴²³ ROSA, João Pereira da. **As duas histórias da Universidade - 1966-1978**. Campo Grande: Núcleo de Imprensa Universitária, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, 1993, p.55.

⁴²⁴ Correio do Estado. “E o estádio foi pra cidade universitária”. Campo Grande, 12/09/1969, p.09.

⁴²⁵ Levy Dias, em seu primeiro mandato, foi filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe Militar de 1964. No segundo mandato pertenceu ao Partido Democrático Social (PDS), partido político brasileiro de direita fundado em 30 de janeiro de 1980 após o fim do sistema bipartidário em voga durante o período militar, no bojo de uma reforma ocorrida no governo João Figueiredo. Sucessor da ARENA, foi extinto em 1993 após seus integrantes aprovarem sua fusão com o PDC para criar o Partido Progressista Reformador. De uma dissensão nos seus quadros surgiu o Partido da Frente Liberal (PFL), hoje o

Universitária gerou polêmica entre os membros do conselho administrativo do então Instituto de Ciências Biológicas:

Como será possível um estádio capaz de levar 45 mil pessoas dentro de um lugar destinado ao culto a ciência? O silêncio tem q imperar no momento de pesquisa acadêmica. Imaginem todos os espectadores gritando e os alunos querendo se concentrar ouvindo as orientações dos seus mestres [...]. A prioridade nesse espaço é de silêncio e não de estampidos de rojão.⁴²⁶

Os defensores da obra na Cidade Universitária, entre eles o governador Pedro Pedrossian, contra-argumentaram dizendo que as pessoas que fossem ao estádio teriam a oportunidade de adentrar a Universidade, e isso seria um processo educativo e de integração social. Ademais, que os grandes acontecimentos esportivos ocorreriam nos finais de semana, nos feriados e em noites dos dias úteis; que a operacionalização de um estádio na universidade ocuparia os servidores nos serviços de bilheteria, portaria, sanitários, permitindo-lhes uma recompensa financeira extra; que os alunos poderiam ajudar nessas tarefas e ter seus rendimentos aumentados; alegavam ainda que o estádio abrigaria, sob suas arquibancadas, vários órgãos da universidade.

E a polêmica não se restringiu apenas à localização da obra. A construção do Moreirão também trouxe polêmicas as mais diversas. Uma delas diz respeito às promissórias da venda das cadeiras cativas do estádio. Em 1969, Levy Dias deixou o cargo de presidente da Liga Esportiva Municipal Campo-Grandense (LEMC), assumido então por Nelson Borges de Barros. Esse veio à imprensa dizer que o dinheiro e as promissórias das cadeiras cativas teriam sido “levados” do cofre da instituição e que Levy Dias teria sido o autor do “furto”. O Conselho Deliberativo da Liga, em reunião no dia 05 de março de 1969, analisou os documentos referentes à gestão de Levy Dias e constatou que houve déficit e que o dinheiro das vendas das cadeiras cativas não constava na conta da Liga. O Conselho Deliberativo, assim, rejeitou as contas da comissão de construção do Estádio Pedro Pedrossian.

atual Democratas (DEM). Pedro Pedrossian também pertenceu aos dois partidos mencionados. BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1997, p.234.

⁴²⁶ Correio do Estado. “Professorado insatisfeito com estádio dentro da Cidade Universitária”. Campo Grande, 19/09/1969, p.02.

Conforme o *Correio do Estado* noticiou no dia 06, quinta feira, naquela data, às vinte horas, na sede da LEMC, reunindo-se o Conselho Deliberativo da Liga para tomar conhecimento da situação em que a diretoria presidida pelo Sr. Levy Dias entregou as contas referentes à gestão passada. O Conselho Deliberativo foi convocado pelo presidente Nelson de Barros, que presidiu a reunião. Exigiu dos conselheiros documentos e papéis da prestação de contas e fez demorada e convincente explanação dos casos sobre os quais o Conselho devia pronunciar-se. Segundo Barros, o déficit nas contas foi observado e o conselho rejeitou por unanimidade e deu um prazo de 72 horas para o ex-presidente Levy Dias fazer a prestação de contas e entregar à Diretoria da LEMC toda a documentação referente a venda de cadeiras Cativas no “Moreirão”.⁴²⁷

Pelo que consta, Levy Dias desviou parte do dinheiro das cadeiras em benefício próprio e deixou um déficit nas contas da Liga, o que prejudicou e atrasou as obras do Estádio, cuja entrega estava prevista para 1970 e só se realizou em março de 1971. O novo presidente Nelson de Barros anulou a comissão de construção do estádio formada por Levy Dias e solicitou intervenção da Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso (CODEMAT) para finalizar a obra. Além disso, pediu reunião com João Havelange e Pedro Pedrossian para discutir os problemas e conseguir mais verbas para o término do estádio.

A nova diretoria da LEMC anulou a comissão de construção do Estádio do Moreirão e deu um prazo maior para o ex-presidente Levy Dias entregar as promissórias e o dinheiro de parte da vendas das cadeiras cativas do estádio. O atual presidente Nelson de Barros ponderou e consentiu, com o concordo do conselho Fiscal que se desse o prazo pedido, exigindo, entretanto que todos os talões de duplicatas e promissórias fossem entregues à diretoria, imediatamente, a fim de que sejam registradas. Nessa reunião estavam presentes além da nova diretoria, João Havelange presidente da CBD e Pedro Perdossian governador do Estado do Mato Grosso. A presença das autoridades reflete o tamanho do problema gerado pelo sumiço dos documentos e sinaliza que a construção precisará de mais dinheiro. A Companhia do Desenvolvimento do Estado do Mato Grosso (CODEMAT) assumiu a construção a pedido do governador e deve elaborar relatório detalhado referente ao de 1969.⁴²⁸

O relatório da CODEMAT foi publicado na íntegra pelo *Correio do Estado* e apontou gastos excessivos não condizentes com a obra, o que sugere que parte do dinheiro investido pelo Estado no estádio foi desviada:

⁴²⁷ *Correio do Estado*. “Cadê o \$\$ das Cadeiras?” Campo Grande, 08/03/1969, p.04.

⁴²⁸ *Correio do Estado*. “Autoridades socorrem Moreirão”. Campo Grande, 12/03/1969, p.05.

O relatório da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Mato Grosso – CODEMAT, referente ao ano de 1969, na parte referente à construção da Cidade Universitária de Campo Grande, onde se constrói o Estádio apelidado de moreirão (em função da cor da terra da cidade), dá importantes informações sobre o estádio: “As obras que se iniciaram através de convênio entre Estado e a Liga Esportiva Municipal Campo-grandense, o qual foi rescindindo a pedido do Governador Pedro Pedrossian em 23/05/1969 passou a ser construído por empreitada, cabendo a administração à CODEMAT. Já foram empregados Cr\$ 1.959.594,14 constante do Ativo imobilizado do Fundo, sendo Cr\$ 117.259,32, nos serviços preliminares de terraplanagem e movimento de terra, Cr\$ 211.732,32 de lançamento e despesas realizadas pela Liga, por conta do Decreto 461 de 13/12/1967, cuja prestação de contas se encontra em poder da CODEMAT. Quanto a prestação do dinheiro da venda das cadeiras cativas a CODEMAT apontou um déficit em relação ao balanço feito pela empresa de Cr\$ 123.324, 98, o que mostra que o dinheiro não se encontra no caixa da Liga e que o relatório da LEMC não se apresentou até o momento pelo seu ex-presidente Levy Dias.”⁴²⁹

Como se vê, a construção ensejou as mais nebulosas transações, sempre encabeçadas por Levy Dias, que, apesar do prazo para entregar as promissórias e os relatórios das despesas, não o fez, apontando que o dinheiro foi desviado e não iria voltar para os cofres da LEMC. Pedrossian, que sempre fora amigo e correligionário de Levy, interveio e cobriu o rombo feito pelo ex-presidente da Liga, o que causou estranheza ao periódico campo-grandense:

O Governador Pedro Pedrossian liberou uma verba de Cr\$ 229.281,45 para “ajudar” no termino da construção do Estádio do Moreirão. Não se sabe o porquê dessa iniciativa. Mas nós aqui do Correio do Estado imaginamos que seja para quitar as dividas com a empresa construtora que agora deixa a obra para a CODEMAT. Aonde será que está Levy Dias, ex-presidente da Liga? Com certeza em alguma praia do litoral carioca, lugar muito apreciado pelo ex-presidente da LEMC.⁴³⁰

Não foi à toa que o Estádio recebeu o nome Pedro Pedrossian.⁴³¹ O governador não quis acabar com o sonho de ver o estado que governava sob inspeção federal caso o rombo

⁴²⁹ Correio do Estado. “‘Moreirão’ já consumiu quase Cr\$ 2000.000,00”. Campo Grande, 04/06/1970, p.03.

⁴³⁰ Correio do Estado. “Pedrossian cobriu o rombo”. Campo Grande, 12/07/1970, p.78.

⁴³¹ Pedrossian nasceu na cidade de Mirando, no Mato Grosso do Sul. Formou-se em engenharia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Foi governador de Mato Grosso no período de 1966 a 1971, antes que o estado fosse dividido. Eleito senador em 1978, renunciou ao mandato em 1980 para assumir o cargo de governador nomeado do estado de Mato Grosso do Sul, em 07 de novembro daquele ano. Em 15 de março de 1991 assumiu novamente o cargo de governador sul-mato-grossense – eleito em pleito direto ocorrido em 1990. Permaneceu no posto até janeiro de 1995. Foi candidato a governador em 1998 e a senador em 2002, sem sucesso. Teve passagens pelos seguintes partidos: PSD, ARENA PDS, PTB, PDT, PMDB e atualmente está no PMN. Sobre a trajetória de Pedro Pedrossian ver: PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

nas contas não fosse coberto. Assim como João Havelange, Pedrossian também era exímio estrategista e fez de tudo para que o Moreirão viesse a público. Enfrentou vários deputados (em sua maioria do norte do estado) contrários à construção de um estádio de grande porte em Campo Grande, como foi o caso do deputado Ivo de Almeida, que fez campanha contra o governador e contra a obra em questão.

“A idéia de se construir um Estádio em Campo Grande cidade localizada a mais de 700 km da capital Cuiabá me faz reputar em luto oficial para o esporte cuiabano e de todo o Norte e Leste de Mato Grosso”. Essas foram as palavras do deputado Ivo de Almeida, que ocupou a assembléia legislativa para derramar lágrimas por um fato que só deu alegrias ao povo campograndense. É que o deputado quer que se construa um Estádio ainda maior em Cuiabá, e passa a argumentar em defesa da sua vontade: “Porque construir-se um estádio com capacidade de 45.000 pessoas para Campo grande? Se, queiram, Cuiabá é a capital de Mato Grosso? Cuiabá é a sede da Federação Esportiva FMD, Cuiabá é sede mãe do futebol. É Cuiabá e não Campo Grande! É aqui que se pratica mais o futebol. O que se arrecada em partida de futebol em Cuiabá não se arrecada em Campo Grande”. E depois de muita lamuria, Ivo de Almeida conclui: “Chega de tapeações ao povo de Cuiabá. Chega”.⁴³²

O *Correio do Estado*, partidário da ideia divisionista, atacou a postura do parlamentar cuiabano e fez do tema um “cavalo de batalha”, em prol do estádio:

Espectáculo em suas dimensões, belo e elegante em suas linhas arquitetônicas, ergue-se como parte do conjunto da cidade universitária o monumental Estádio Pedro Pedrossian “Moreirão”, porque é uma das belezas da “Cidade Morena”. Temos certeza que o “Moreirão” constitui boa razão de envaidecimento para o povo matogrossense, menos para o deputado Ivo de Almeida membro da bancada emedebista de Cuiabá, tendo em vista que o referido encontra-se em luto oficial argumentando que o estádio deveria ser construído na capital do estado e não em uma ‘cidade distante’. O seu discurso de repúdio na Assembléia na capital me fez lembrar uma eloqüência digna de Cícero, Demóstenes e Rui Barbosa. Depois disso não resta duvida que o deputado merece aquelas benesses que Jesus Cristo anuncia no início do sermão da montanha: “bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”.⁴³³

⁴³² Correio do Estado. “Deputado Cuiabano de luto oficial pelo Moreirão”. Campo Grande, 12/10/1970, p.03.

⁴³³ Correio do Estado. “A propósito do Moreirão”. Campo Grande, 13/02/1970.

E o periódico não cansou de enobrecer a figura de Pedro Pedrossian:

Mas vamos e venhamos: somos grato, gratíssimos ao Governador Pedro Pedrossian pela construção do famoso estádio em Campo grande. Mas é preciso salientar que a obra não nos foi dada de mão beijada. Na sua estrutura foi aplicado dinheiro público: quase dois bilhões, segundo ata da CODEMAT, em 1969. Só num ponto estamos de acordo com Ivo de Almeida: é quando ele reivindica em estádio para Cuiabá. Mas para isso os cuiabanos devem ser chamados a colaborar como foi o caso dos campograndenses quando compraram as cadeiras cativas para ajudar financeiramente na obra. E se o povo de Campo Grande ajudou os cuiabanos devem ajudar também na edificação do tão sonhado estádio. Muitos cuiabanos acham que o novo estádio a ser construído na capital deve se chamar Verdão por lá ser a capital do Estado que abriga em grande parte o Pantanal.⁴³⁴

E foi nesse caminho tortuoso que o “Moreirão” foi inaugurado, em 07 de março de 1971, com um ano de atraso, em função do dinheiro das cadeiras cativas que sumiu, da troca de construtora e do aumento das despesas da construção. E para a inauguração o Estado do Mato Grosso e a CBD prepararam uma festa para impressionar a população de Campo Grande e, de alguma forma, cristalizar uma época de “progresso” da cidade, que anos mais tarde se tornaria a capital do Mato Grosso do Sul.

A análise das comemorações torna-se instigante para discutir a cidade como lugar de memória, seus usos e manipulações, as hierarquias das lembranças, as ordenações do passado, os esquecimentos e ocultamentos, as representações do presente e as projeções do futuro, as buscas de assegurar um lugar na História. Carregado de conteúdos emocionais e forças simbólicas, esses momentos estratégicos de comemorações se forjaram, exploraram, atualizaram, apropriaram e reordenaram as memórias da cidade, produzindo enunciados e construindo sentidos, plenos de referências de poder, usando do passado como um campo de disputas.⁴³⁵

E Campo Grande, guardadas as devidas proporções, viveu intensamente essas representações. A cerimônia de inauguração começou ao meio-dia, com a Banda Mirim de Três Lagoas, que executou músicas das mais variadas, segundo extensa reportagem do jornal *Correio do Estado*. Antes das comemorações, a banda mirim percorreu a cidade, sobre carro de bombeiros, junto a uma carreta que foi da Avenida Afonso Pena até a Cidade Universitária, num trecho de pelo menos cinco quilômetros:

⁴³⁴ Correio do Estado. “A propósito do Moreirão”. Campo Grande, 13/02/1970.

⁴³⁵ MATOS, Maria Izilda dos Santos. **A cidade, a noite e o cronista**: São de Adoniran Barbosa. Bauru: Edusc, 2002, p.34.

Espetáculo inesquecível viveu Campo Grande na tarde de ontem, quando da inauguração do maior estádio de futebol do Centro Oeste Brasileiro, o Estádio Pedro Pedrossian. Desde 12 horas o público já se encontrou na carreta do estádio que saiu da Avenida Afonso Pena e percorreu o centro da cidade até chegar à Cidade Universitária. Encaminhou-se para o gigante de concreto armado, onde uma festa para encher os olhos a multidão colorida reunia-se para assistir as festividades de inauguração. Às 15 horas a banda mirim de Três Lagoas adentrava ao gramado, apresentando-se brilhantemente com seu repertório variado de canções as mais bonitas que se pode imaginar, arrancando aplausos do grande público, que vibrava aos acordes de marchas e dobrados, que eram executados pela banda.⁴³⁶

O clima, segundo o periódico, foi de extrema euforia. Mais do que uma simples inauguração, a apresentação do novo estádio à sociedade consistia na afirmação de uma cidade que se erguia como “moderna” frente à capital Cuiabá, que só conheceu seu campo em 1975, na construção do Estádio José Fragelli, mais conhecido como “Verdão do Pantanal”. Para tanto, era fundamental o engajamento da imprensa e da administração pública. O trabalho do *Correio do Estado* desencadeou uma grande movimentação em torno do evento, o que fez a expectativa da população atingir grandes proporções.

Às 16 horas o Governador Pedro Pedrossian, acompanhado de sua esposa Sra. Maria Aparecida Pedrossian, Dr. João Havelange, presidente da CBD, Agripino Bonilha Filho, presidente da Federação Matogrossense de Desportos (FMD), o General Raimundo de Souza Ferreira, Comandante da 9.ª RM, General Plínio Pitaluga, Comandante da 4.ª DC, Sr. João Arinos, Chefe da Casa Civil, D. Antonio Barbosa, Bispo Diocesano, Sr. Nelson Borges de Barros, presidente da LEMC e além de outras autoridades entraram no estádio ao som do hino da cidade de Campo Grande e de uma revoada, e depois uma saraivada de tiros do exército brasileiro que se encontrava no meio de campo. Um momento de regozijo para a assistência. Uma verdadeira ovação popular.⁴³⁷

De acordo com o *Correio do Estado*, o Estádio do “Moreirão” colocava-se como uma obra com características monumentais, pretendendo ser um divisor de águas para a cidade de Campo Grande, que buscava, como já dito, se colocar à frente de Cuiabá.

⁴³⁶ Correio do Estado. “Inaugurado ontem o ‘Moreirão’”. Campo Grande, 08/03/1971, p.08.

⁴³⁷ Ibidem.

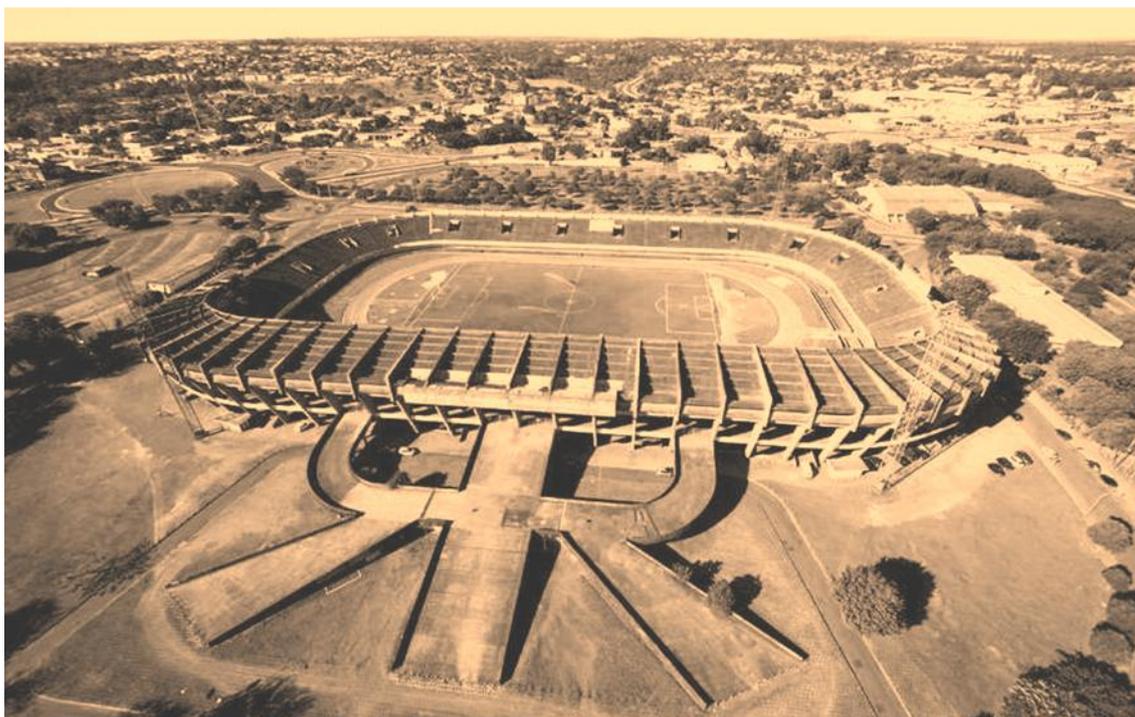


Figura 40 - Moreirão em imagem aérea.⁴³⁸

Apesar de a obra ser estadual, João Havelange, em seu discurso na cerimônia de inauguração, destacou a importância do estádio, que serviria para o Campeonato Nacional de Clubes, hoje conhecido como Brasileirão, e também para torneios internacionais como a Copa do Sesquicentenário, que seria realizada em 1972. O dirigente destacou a importância de um estádio daquele porte no Centro-Oeste e não mediu elogios ao governador Pedro Pedrossian:

É com imensa satisfação que hoje contemplo o maior estádio do Centro Oeste e o maior estádio universitário brasileiro [...]. À figura de Pedro Pedrossian, Governador do Estado e que empresta o nome à obra devemos agradecer e muito ao seu esforço de colocar em prática a vontade do povo campograndense. Devemos, também, agradecer a todos que se empenharam para trazer a luz esse suntuoso espaço para a prática esportiva. E, sobretudo a esse povo maravilhoso que abrilhanta essa tarde aqui na cidade de Campo grande que se coloca entre as mais bem equipadas do Brasil.⁴³⁹

A construção do Estádio Pedro Pedrossian foi de extrema relevância para o intento de Havelange de ser presidente da FIFA, pois, como ele mesmo mencionou, serviria para a Copa do Sesquicentenário, que faria parte das comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil, patrocinada pela CBD e pelo Governo Médici, como se verá no próximo tópico.

⁴³⁸ GOMES, Thiago. **Palmeiras poderá levantar a taça em Campo Grande**. 14/11/2013. Disponível em: <http://palmeirasonline.com/wp-content/uploads/2013/11/estadio_morenao.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

⁴³⁹ Correio do Estado. “Inaugurado ontem o ‘Moreirão’”. Campo Grande, 08/03/1971, p.08.

Após as palavras de Havelange, Pedrossian discursou por quase 20 minutos, apontando que a obra era de todos os mato-grossenses, e não poderia só se restringir à cidade de Campo Grande:

Ó povo do Mato Grosso e de Campo Grande, essa obra, esse gigante que aqui nos abriga é obra de vocês e para vocês [...]. Essas marquises de concreto foram colocadas com o esforço de cada um que almejava uma casa com essas proporções [...]. Vocês são os mentores disso que aqui nos vemos. Agora assistimos a banda mirim em cuja evolução havia precisão e disciplina, conjugadas no simbolismo das cores do Mato grosso [...]. Diante dessa demonstração da mocidade forte e vibrante, declaro inaugurado o estádio universitário!⁴⁴⁰

Logo em seguida ao discurso de Pedrossian, ele e João Havelange hastearam, respectivamente, as bandeiras do Brasil, do Mato Grosso e de Campo Grande. Encerrada a solenidade de hasteamento, o governador e convidados deram uma volta em torno do estádio, ocasião em que todas as 45 mil pessoas levantaram.



Figura 41 - A primeira volta olímpica do Moreirão.⁴⁴¹

Terminada a cerimônia, começaria a disputa esportiva, ainda como parte da programação dos festejos de inauguração do estádio. O campo de futebol, há pouco utilizado para os discursos e apresentação da banda mirim, seria palco do confronto entre o Sport Club

⁴⁴⁰ Correio do Estado. “Inaugurado ontem o ‘Moreirão’”. Campo Grande, 08/03/1971, p.08.

⁴⁴¹ PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

Corinthians Paulista e o Clube de Regatas Flamengo⁴⁴², não por acaso os clubes mais populares do país. Interessante notar que a inauguração de um estádio no Mato Grosso teve como primeiro jogo uma disputa envolvendo times de São Paulo e Rio de Janeiro. Por que o confronto não foi entre Operário Futebol Clube e Esporte Comercial Clube Comercial⁴⁴³, ambos de Campo Grande?

A escolha feita por João Havelange e Pedrossian denota que, antes de tudo, era preciso que a cerimônia de inauguração estivesse com as arquibancadas lotadas, evidenciando a preocupação das autoridades em ver o “Morenã” repleto de torcedores. Nesse sentido, esse confronto seria um chamariz extremamente relevante.



Figura 42 - Pedrossian entra no gramado do “Morenã”.⁴⁴⁴

O Estádio Pedro Pedrossian, inaugurado em 1971, na então distante cidade de Campo Grande, representou o que esta tese chama de exemplo da invenção do país do futebol. A cidade não possuía clubes na chamada elite desse esporte, o que aconteceria só em 1973 e não por muito tempo. Além disso, a obra foi inaugurada antes do término da construção, como apontou o *Correio do Estado*.

⁴⁴² O Flamengo derrotou o Corinthians pelo placar de 3 x 1.

⁴⁴³ Esses dois clubes só começaram a participar do Campeonato Nacional de Clubes em 1973, alternadamente. Sobre isso ver: Placar. “Os times do Mato Grosso conhecem o Campeonato Nacional”. São Paulo: Editora Abril, 12/09/1972, p.34.

⁴⁴⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL. Faculdade de Medicina. Documentos. Disponível em: <<http://www.famed.ufms.br/admin/editor/ckfinder/userfiles/images/Moreno.jpg>>. Acesso em: 12/02/2014.

Segundo informações prestadas à imprensa pela CODEMAT o Estádio Pedro Pedrossian será interditado durante quatro meses, logo após o jogo de inauguração entre o Clube de Regatas Flamengo e Corinthians Paulista. A medida será tomada em virtude de que os engenheiros responsáveis pelo estádio acharem imprescindível, para total formação e segurança do mesmo. Dessa forma, o Moreirão deverá voltar a funcionar somente no mês de junho, quando então poderão ser programados alguns jogos interestaduais e intermunicipais.⁴⁴⁵

A reportagem não colocou com clareza a razão da interdição, se restringindo apenas à “formação” e “segurança” do estádio, sendo no mínimo de se estranhar que o Moreirão já tenha surgido precisando de reparos. Segundo estudo publicado pela revista da IBRACOM⁴⁴⁶, o Estádio do Moreirão foi inaugurado com um problema numa das marquises, comprometida devido a questões de terraplanagem do solo arenoso do cerrado onde se assentou a estrutura do estádio.

Em junho de 1972, duas horas após o término do jogo entre as seleções de futebol da Bolívia e da antiga Iugoslávia, por conta da Copa do Sesquicentenário, ocorreu um desabamento em que parte da mesma marquise (aproximadamente 13 m²) veio a ruir sobre a arquibancada vazia, sem maiores consequências. O governo do Mato Grosso contratou uma empresa especializada para averiguar as causas do acidente, que indicou como causa principal do desabamento a deficiência, no trecho acidentado, das ancoragens das armaduras da laje e das vigas transversais (nervuras) nos pórticos de sustentação. Tal deficiência resultou do deslocamento das barras durante a execução da obra, pois, além da fixação insuficiente, possivelmente a vibração excessiva aliada à inclinação da laje ocasionaram o escorregamento da armadura, tornando a ancoragem insuficiente.⁴⁴⁷

Para a proteção das lajes, foi empregado um sistema de impermeabilização importado, baseado em material betuminoso, que com o tempo sofreu deterioração, escorrendo pelas descidas de águas pluviais embutidas nos pilares, obstruindo-as. Esse fato chegou a provocar o acúmulo, após uma chuva intensa, de 1.50 m de coluna d'água em parte da marquise, resultando em uma verdadeira prova de carga para a laje! Para minorar esse problema, devido à impossibilidade de desobstrução dos dutos embutidos nos pilares, foram instalados extravasores complementares em tubos de PVC aparentes em toda a extensão da marquise. Em 1981, foi realizada uma nova vistoria, onde foram detectadas inúmeras fissuras nas lajes inclinadas da marquise e em vigas transversais de apoio (nervuras),

⁴⁴⁵ Correio do Estado. “Moreirão será interditado”. Campo Grande, 06/03/1971, p.09.

⁴⁴⁶ Revista IBRACON de Estruturas. “Concreto e Construção”. Instituto Brasileiro do Concreto, n.54, jun./2009, p.54.

⁴⁴⁷ Ibidem.

armaduras expostas, cobrimentos insuficientes, barras dos porta-estribos de vigas transversais rompidas. Constatou-se ainda a ausência da impermeabilização das lajes da marquise e da vedação das juntas de dilatação.⁴⁴⁸

O estádio em questão mostrou deficiências no complexo arquitetônico, que se mantêm até os dias atuais. Com a federalização da Universidade Estadual do Mato Grosso, após o surgimento do Estado do Mato Grosso do Sul, o estádio está sob posse da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e encontra-se em péssimas condições até mesmo para abrigar o campeonato sul-mato-grossense, que não figura entre os mais importantes do futebol brasileiro, com público, em média, de 4 mil espectadores. Ademais, nenhum clube do estado se encontra na elite do futebol brasileiro. Em 2009, nas Eliminatórias para a Copa do Mundo do ano seguinte na África, foi palco do jogo entre a seleção brasileira de futebol e o selecionado venezuelano, e o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou matéria sobre o estado do estádio que, apesar de extensa, mostra-se relevante para se ter noção do grau de degradação do “Moreirão”:

Um estádio que começou 2009 interditado encerrará o ano recebendo craques como Kaká e Luís Fabiano. O Moreirão foi transformado em apenas três semanas para ter condições de sediar o jogo entre Brasil e Venezuela, último compromisso do time de Dunga pelas Eliminatórias para a Copa do Mundo do ano que vem. Inaugurado em 1971, o Moreirão foi interditado em 2008, pela vigésima vez, por questões de segurança, a pedido da reitoria da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, dona do estádio. Quando veio a liberação, a capacidade de público foi reduzida dos 45 mil totais para os atuais 20 mil. “No início do ano, o estádio não tinha a mínima condição de receber um jogo desse nível”, reconheceu Francisco Cezário de Oliveira, presidente da Federação de Futebol do Mato Grosso do Sul (FFMS). Ele afirma: os preparativos irão até horas antes do início da partida, marcada para as 19 horas (de Brasília) desta quarta-feira. [...] Na manhã deste domingo, enquanto Kaká, Luís Fabiano e Gilberto Silva treinavam no calor escaldante de Campo Grande, operários pintavam traves e ainda instalavam mantas de impermeabilização na cobertura [...]. A lista de melhorias é tão extensa quanto o valor empregado na reforma de última hora: cerca de R\$ 1 milhão. Os gastos serão rateados entre governos municipal e estadual, FFMS e CBF, que abriu mão de 10% da renda para viabilizar a obra. Todo o gramado, muito duro e cheio de formigueiros, foi reformado. A iluminação melhorou, mas apenas o mínimo necessário para a transmissão da TV - custou R\$ 239 mil. As 76 lâmpadas existentes foram substituídas por 96, mais potentes. Mesmo assim, a iluminação ficará aquém do que pede a FIFA - a potência exigida pela entidade é de 1.200 lux e o Moreirão terá a metade. O número de cabines de imprensa aumentou, de 15 para

⁴⁴⁸ Revista IBRACON de Estruturas. “Concreto e Construção”. Instituto Brasileiro do Concreto, n.54, jun./2009, p.54.

35, e os vestiários receberam piso e pintura novas. O placar do jogo também foi mudado: será eletrônico, alugado por R\$ 30 mil.⁴⁴⁹

O título da matéria é emblemático: “*Elefante Branco recebe o último jogo da seleção*”. O tão festejado “gigante de concreto armado” encontra-se em sério estado de degradação, o que aponta que o projeto de João Havelange (e não só dele, como se viu) de levar “progresso” ao futebol do Centro-Oeste brasileiro, especificamente do sul do Estado do Mato Grosso, não surtiu o efeito desejado. Em verdade, o “Moreirão” surgiu estrategicamente para sediar a Copa do Sesquicentenário, ótima vitrine para o mundo tanto para Havelange como para o governo Médici. O primeiro queria ascender ao posto máximo do futebol mundial, a presidência da FIFA, e o segundo, cristalizar a máxima do país do futebol, já que a euforia da conquista do Tri ainda reverberava nos mais distantes rincões do Brasil.

4.3 A COPA DO SESQUICENTENÁRIO E A TENTATIVA DE CRISTALIZAR O BRASIL COMO PAÍS DO FUTEBOL

A Copa do Sesquicentenário ocorrida em 1972 fez parte das comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil. Após negociações entre os governos brasileiro e português, foi decidido que os restos mortais de D. Pedro I deixariam Portugal e seguiriam para o Brasil. Foram alguns dias de viagem marítima, em uma esquadra composta por navios da marinha de guerra de Brasil (*Paraná, Pernambuco e Santa Catarina*) e Portugal (*Gago Coutinho, Sacadura Cabral e João Belo*), além do navio *Funchal* (da marinha mercante portuguesa, trazendo o presidente do país europeu). Os navios brasileiros levaram cerca de 1.100 pessoas, entre tripulantes e jornalistas, além de cerca de 40 integrantes do grupamento “D. Pedro I”, que era uma guarda de honra formada por 50 fuzileiros navais.⁴⁵⁰

Aos vinte e dois dias do mês de abril do ano de mil novecentos e setenta e dois, na cidade do Rio de Janeiro, estando presentes Suas Excelências o Presidente da Republica Federativa do Brasil, General Emílio Garrastazu Médici, o presidente da república portuguesa, Almirante Américo Deus Rodriguez Thomaz e o ministro de Estado das Relações exteriores do Brasil, Embaixador Mário Gibson Barbosa,

⁴⁴⁹ O Estado de S. Paulo. “Elefante Branco recebe o último jogo da seleção”. São Paulo, 11/10/2009, p.12.

⁴⁵⁰ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009.

por Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa foi entregue a Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil, a urna contendo os restos mortais de Sua Majestade El-Rei d. Pedro IV de Portugal, 1º Imperador do Brasil, fraternalmente doados pela Nação portuguesa à Nação Brasileira conforme deliberação do Governo português, sendo Presidente do Conselho de Ministros Sua Excelência o Dr. Marcelo José das Neves Alves Caetano, em anuência ao pedido do governo brasileiro e em testemunho da viva e imperecível comunidade Luso-brasileira.⁴⁵¹

A cerimônia começou com a assinatura do termo de entrega dos despojos régios pelos governantes de Brasil e Portugal, às 11h25min. Logo depois, às 11h30min, o esquife com os restos mortais de D. Pedro I chegou ao Monumento, onde permaneceu até as 12h15min, quando foi transportado em veículo bélico do Exército para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. A chegada dos restos mortais de D. Pedro I foi assistida por cerca de 5 mil pessoas, que suportaram o atraso de 40 minutos na entrega dos despojos e mais o cerimonial (que durou cerca de uma hora). Nos meses seguintes, os despojos régios peregrinaram pelas capitais de todos os estados e territórios brasileiros.⁴⁵²



Figura 43 - Os restos mortais de D. Pedro I chegam ao Brasil.⁴⁵³

⁴⁵¹ “Termo de Entrega de Sua majestade El Rei D. Pedro I de Portugal, 1º Imperador do Brasil”. Cf.: Arquivo Nacional - Rio de Janeiro, Fundo Sesquicentenário, Pasta 52 A.

⁴⁵² ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa**: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.13.

⁴⁵³ AMORIM, Ana Paula. **1972 - Médice saúda despojos de D. Pedro I**. 22/04/2008. Disponível em: <<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=8088>>. Acesso em: 12/02/2014.

De acordo com Carlos Fico, a aparição pública dos militares brasileiros não exalava nenhuma “suavidade” ou “delicadeza”. Para ele, a palavra “mórbido” se coadunava melhor, pois não se pode associar a eles as ideias de alegria e desprendimento. Mesmo assim, a cerimônia dos despojos chamou a atenção dos brasileiros.

Até nas festas e comemorações podia-se notar algo de sombrio, especialmente quando se associava civismo e religiosidade, práticas rituais sempre referidas à morte. Foi o que ocorreu nas comemorações do sesquicentenário da independência [...] os despojos mortais peregrinariam pelo Brasil até serem depositados na capela do Monumento do Ipiranga (erguido na colina onde D. Pedro proclamou a Independência) [...] A festa foi um sucesso; havia muita gente aplaudindo Médici, bandeiras enfeitando casas, carros decorados de verde e amarelo [...] analistas mais atentos inserem corretamente a transladação de 1972 no contexto da política externa brasileira, que, à época, investia na defesa do Atlântico Sul e procurava aproximação com a África austral para o que, supunha-se, seria fortalecer a comunidade luso-brasileira. O cadáver ilustre sempre mobiliza a atenção das pessoas. Misticismo e desconfiança costumam associar-se quando se analisa a reação de certos setores populares diante da morte de personalidades publicas.⁴⁵⁴

A transladação dos restos mortais de D. Pedro I assinalou o início das comemorações, ao mesmo tempo que indicava a proximidade das administrações de Brasil e Portugal. Não por acaso, os dois países viviam sob regime autoritário. Ademais, seus Presidentes originavam-se da alta cúpula militar: o general Emílio Garrastazu Médici e o almirante Américo Tomás (Portugal).

Os festejos comemorativos aconteceram em todos os estados e territórios brasileiros, culminando com a colocação dos despojos mortais de D. Pedro I no Monumento do Ipiranga, em São Paulo (SP), em 07 de setembro de 1972. O Estado brasileiro participou ativamente das comemorações, com a criação da Comissão Executiva Central para as Comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil (CEC), cuja presidência foi confiada ao General Antônio Jorge Correia. Essa comissão, criada pelo Decreto 69.922, de 13 de janeiro de 1972, encarregou-se de preparar as festividades oficiais que marcariam o evento.⁴⁵⁵

⁴⁵⁴ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo:** ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997, p.65.

⁴⁵⁵ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.40.

À CEC coube a organização dos eventos em abrangência nacional, a definição e organização da festa, que deveria ser capaz não somente de celebrar os 150 anos da independência do país – a escolha das datas nacionais, dos heróis e dos grandes acontecimentos do passado que deveriam ser recuperados –, como também de celebrar o momento de grandeza, de acelerado crescimento econômico.⁴⁵⁶

A partir da organização da CEC, foram criadas Comissões Executivas Estaduais (CEE's), responsáveis pela integração dos respectivos estados aos eventos nacionais, respeitando, não obstante, as especificidades locais e regionais – suas datas e seus heróis –, criando marcos e incentivando as efemérides particulares de cada região do país.

A constituição de comissões estaduais foi sem dúvidas um fator fundamental para o sucesso das festas, uma vez que integrou os estados e suas tradições locais aos grandes eventos nacionais, colaborando para a grande proliferação de eventos comemorativos ao longo do ano.⁴⁵⁷

De acordo com Eric Hobsbawm⁴⁵⁸, o comemoracionismo procuraria se fixar na temporalidade, afirmando-se como parte integrante da tradição, constituindo-se, portanto, em resquício de períodos imemoriais. Entretanto, em não raras ocasiões semelhante vinculação com o passado é artificial (para não afirmarmos arbitrariamente), visto que, em realidade, os Estados, de acordo com esse autor, inventam tradições objetivando não apenas adquirir legitimidade política, mas também estabilidade social.

Assim, as tradições inventadas possuem nítidos vínculos com a política e buscam ampliar a coesão social, especialmente em momentos de grande contestação. E, no intuito de inventar tradições, o ano de 1972 se coloca como sintomático. Além dos festejos fúnebres, e de toda a comemoração país afora, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) reeditou inúmeras obras que se caracterizavam pelo destaque concedido aos acontecimentos políticos e aos líderes, a chamada história política tradicional.

⁴⁵⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente:** as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012, p.19.

⁴⁵⁷ Ibidem, p.19.

⁴⁵⁸ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780:** programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.98.

O IHGB obteve significativo destaque, não só na publicação de obras antigas, mas, especialmente, na realização de curso sobre o Sesquicentenário da Independência do Brasil, tendo recebido chancela oficial, através do presidente da Comissão Executiva dos festejos, General Antonio Jorge Correa. Ademais, o IHGB obteve apoio do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Não por coincidência, Médici presidiu a inauguração da nova sede do instituto na cidade do Rio de Janeiro, em 5 de setembro de 1972.⁴⁵⁹

Também em 1972, não por acaso, estreou o filme “*Independência ou Morte*”. Dirigido por Carlos Coimbra e produzido por Oswaldo Massaini, foi estrelado por Tarcísio Meira (no papel de D. Pedro I) e Glória Menezes (interpretando a Marquesa de Santos), astros das telenovelas exibidas pela Rede Globo. O filme reuniu o maior elenco até então formado no país. Além do casal célebre, o compunham, entre outros, Tarcísio Meira Júnior (D. Pedro II), Dionízio Azevedo (José Bonifácio), Kate Hansen (Imperatriz Leopoldina), Manoel da Nóbrega (D. João VI), Heloísa Helena (D. Carlota Joaquina) e Emiliano Queiroz (Chalaça).

O filme obteve verba federal, mediante os Ministérios do Exército e das Relações Exteriores. Sua estreia foi em 04 de setembro de 1972, no Brasil e em Portugal. Ao receber os dirigentes e artistas da produção, em audiência no Palácio do Planalto, o presidente Médici demonstrou o interesse estatal na apresentação do tema Independência, principalmente centrado na figura de D. Pedro, o que possivelmente facilitou o financiamento do projeto.⁴⁶⁰

Independência ou Morte relata fielmente os principais lances de patriotismo, coragem, aventura, drama e amor, sem se afastar da realidade política brasileira que levaram o Imperador d. Pedro I ao histórico grito de Independência, representando assim as legítimas aspirações do nosso povo. Ao fazer o que se pode chamar de primeira crítica do filme, o ministro Jarbas Passarinho também anunciou ontem o lançamento da revista “Cultura”, do MEC, dedicada às comemorações do Sesquicentenário.⁴⁶¹

⁴⁵⁹ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.24.

⁴⁶⁰ O Estado de S. Paulo. “Estreia do filme Independência ou Morte leva presidente Médici ao cinema”. São Paulo, 05/01/1972, p.09. A película se constituía na mais cara produção nacional da história, com orçamento estimado entre Cr\$ 1,7 milhão e Cr\$ 2 milhões – valores desconectados da “realidade cinematográfica brasileira” e que corresponderiam, ao câmbio da época, entre US\$ 285 mil e US\$ 335 mil, o que significaria, na atualidade, um valor entre R\$ 610 mil e R\$ 720 mil. Folha de S. Paulo. “A exibição de Independência ou Morte”. São Paulo, 04/09/1972, p.4.

⁴⁶¹ Ibidem.



Figura 44 - Cartaz do filme.⁴⁶²

O ano de 1972 foi repleto de comemorações patrocinadas pelo Governo Médici. Assim, desde janeiro vivia-se sob a expectativa do início das comemorações. Datas como a Abertura dos Portos, em 1808, ou o Dia do Fico, em 09 de janeiro de 1822, foram celebradas no Rio de Janeiro e em São Paulo, principalmente nas escolas.

Heróis e batalhas regionais foram rememorados: por exemplo, Joana Angélica e o 2 de julho na Bahia; no Pará, as comemorações se estenderam até 1973, já que ano de 1823 que marca a adesão daquela região à Independência. Transcendendo o 1822, outras datas importantes foram lembradas: no Recife comemorou-se a batalha dos Guararapes; no Rio Grande do Sul, a Farroupilha não pode ficar de fora; mesmo a Abolição da Escravidão e o Dia do Soldado, com amplas homenagens ao Duque de Caxias – apenas uma dentre as muitas ocasiões nas quais o papel histórico das Forças Armadas foi

⁴⁶² VEIGA, Edson. **Independência ou Morte!** 06/09/2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/edison-veiga/files/2013/09/indmorte.jpg>>. Acesso em: 12/02/2014.

rememorado -, não ficando de fora do grandioso calendário cívico de 1972.⁴⁶³

As comemorações iniciaram-se oficialmente em abril, com o dia de Tiradentes, e findaram-se em 07 de setembro, na colina do Ipiranga, em São Paulo, onde foi proclamada a independência em 1822 e local em que ocorreu a inumação dos despojos mortais de D. Pedro I, ao lado dos da Imperatriz Leopoldina, após peregrinação por todos os estados da federação. A comemoração do dia de Tiradentes e a peregrinação e conseqüente inumação dos restos mortais de D. Pedro I foram os maiores acontecimentos de uma festa que teve como característica mais marcante a proliferação de eventos comemorativos os mais diversos, ao longo de 1972.

Entre uma data e outra, a rememoração dos dois maiores heróis do panteão nacional – Tiradentes e D. Pedro I; entre uma data e outra, cinco meses inteiros de festa nos quais a ditadura se expôs solene aos brasileiros, festejando a história-pátria, mas também e principalmente, o presente e as perspectivas do futuro. A festa, porém, incluiu outros eventos: livros editados e reeditados, congressos realizados, escolas e universidades mobilizadas; músicas compostas especialmente para a ocasião; competições esportivas organizadas nas escolas, nas cidades e nas capitais em todo o país.⁴⁶⁴

O Governo Médici empenhou-se, sobremaneira, para integrar o país por meio das festas comemorativas. E para fornecer maior popularidade às festividades do Sesquicentenário, o governo autorizou a Copa da Independência, ou Copa do Sesquicentenário, também chamada pela imprensa de Mini Copa, que seria organizada pela CBD, sob a presidência de João Havelange. O futebol foi usado como instrumento retórico, capaz de realizar o discurso da integração nacional. A busca da sedimentação da ideia de Brasil como país do futebol. A tentativa de cristalizar a ideia de invenção da pátria de chuteiras.

⁴⁶³ CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente:** as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012, p.18.

⁴⁶⁴ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.234.

A inclusão da Taça Independência no programa oficial dos festejos comemorativos do Sesquicentenário da Independência do Brasil evidencia o quanto o governo Federal entende que, através das disputas esportivas, pode integrar ainda mais o país unindo todos os brasileiros no desejo de novas vitórias da Seleção tricampeã.⁴⁶⁵

As notícias a respeito do torneio internacional organizado pela CBD começaram a aparecer na imprensa escrita a partir de janeiro de 1972, mesma época em que surgiram as primeiras informações sobre a comemoração do Sesquicentenário da Independência. O intuito governamental foi além da homenagem ao Sesquicentenário da Independência brasileira, desejava-se continuar a atmosfera de euforia vivida após a conquista do Tri, em 1970. Países europeus acusaram o governo brasileiro de utilização política do certame e, baseados nessa justificativa, “boicotaram” a Copa da Independência promovida pela CBD e pelo Brasil. Baseadas nessa acusação, Alemanha, Itália e Inglaterra recusaram-se a participar da competição internacional, o que foi contestado pela CBD.⁴⁶⁶ Outros países europeus, contudo, aceitaram participar do torneio – por exemplo, Iugoslávia e União Soviética.⁴⁶⁷

A ideia da Copa ocorreu em reunião entre João Havelange e o presidente Médici, em 1971. O governo pretendia patrocinar um torneio envolvendo seleções estaduais, o que não agradou Havelange, que buscava incessantemente galgar o caminho da presidência da FIFA, e para isso precisava de uma vitrine internacional, já que o evento levaria a chancela da entidade máxima do futebol mundial. Stanley Rous, à época presidente da federação, estaria presente no Brasil, e isso seria muito importante para a campanha de Havelange com as delegações estrangeiras.

⁴⁶⁵ Jornal dos Sports. “Taça Independência”. Rio de Janeiro, 05/06/1972, p.09.

⁴⁶⁶ De acordo com os dirigentes da CBD, a Inglaterra alegou conflitos entre sua Federação e a FIFA. Já a Itália solicitou a alteração do calendário, mas, mesmo após a anuência dos organizadores, a Federação Italiana recusou-se a participar do Torneio. A Alemanha exigiu mudanças na forma de pagamento de sua cota, mas, mesmo após “dobrar” a CBD, a Federação Alemã não aceitou participar. A Espanha condicionou a vinda de sua seleção ao pagamento da dívida de US\$ 65 mil contraída pelo Clube de Regatas Flamengo junto ao Barcelona, e, mesmo após a CBD quitar o débito, a Federação Espanhola não enviou a seleção. A CBD, também, procurou rechaçar as acusações de que o Torneio sofrera um esvaziamento, em função do boicote promovido pelas principais seleções europeias. Segundo João Havelange, não haveria prejuízo técnico – embora ele não negasse que a competição teria seu brilho ofuscado pela ausência de equipes tradicionais, como a Inglaterra e a Alemanha. Além dessas duas importantes forças do futebol mundial, também Itália, Espanha, Áustria, Holanda e Bélgica recusaram-se a participar do certame internacional organizado pela CBD. Sobre isso ver: Jornal dos Sports. “Supercopa já tem os cinco que jogam final”. Rio de Janeiro, 04/03/1972, p.12.

⁴⁶⁷ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.122.

Assim, Havelange conseguiu autorização do presidente Médici e a oficialização do torneio na FIFA, que enviou uma comitiva para vistoriar os estádios⁴⁶⁸ que receberiam os jogos. Na oportunidade, o Estádio Pedro Pedrossian encontrava-se interditado por falta de água nos vestiários. Mesmo assim, o Morenã foi liberado para ser sede da Copa do Sesquicentenário.

As autoridades da FIFA e o presidente da CBD João Havelange estiveram ontem vistoriando o nosso gigante de concreto armado e não gostaram nada do que viram. Os problemas nas caixas d'água dos vestiários quase deixam o Morenã fora da Mini-Copa da Independência. Ainda bem que o Sr. João Havelange estava lá e nos salvou.⁴⁶⁹

Como de costume, Havelange, usando da sua persuasão, conseguiu, além do aval de Médici para ir em frente com a preparação do torneio, também o da FIFA de Stanley Rous, que dois anos depois seria seu adversário no pleito para a presidência da FIFA. A competição foi financiada em parte pela iniciativa privada, através da União de Bancos Brasileiros, em parte pelo governo Médici. O objetivo da CBD, de acordo com o *Jornal do Brasil*, seria aplicar o lucro em atividades economicamente rentáveis (fundos de investimentos, por exemplo), de modo a assegurar a autonomia financeira da entidade. O Torneio foi orçado em cerca de CR\$ 30 milhões (aproximadamente US\$ 5,1 milhões, valores atuais), com a realização de 44 partidas. As seleções recebiam por partida disputada, pagando-se prêmios mais elevados à medida que as equipes avançassem nas etapas da competição.

O Torneio utilizou 12 estádios com mais de 40 mil torcedores: Maracanã (Guanabara, com capacidade para 200 mil pessoas), Morumbi (São Paulo, com capacidade para 150 mil espectadores), Mineirão (Belo Horizonte, com capacidade para 110 mil torcedores), Beira-Rio (Porto Alegre, capaz de receber 100 mil torcedores), Rei Pelé (Maceió, com capacidade para 100 mil pessoas), Arruda (Recife, planejado para receber 70 mil pessoas), Vivaldo Lima (Manaus, capaz de receber 70 mil espectadores), Lourival Batista (Aracaju, com capacidade para 55 mil pessoas), Belford Duarte (Curitiba, apto a receber 50 mil torcedores), Marechal Castelo Branco (Natal, com capacidade para 50 mil pessoas) e Pedro Pedrossian (Campo Grande, capacidade de 45 mil torcedores).⁴⁷⁰

⁴⁶⁸ Folha de S. Paulo. "Dez estádios recebem uma visita importante". São Paulo, 29/07/1971, p.32.

⁴⁶⁹ Correio do Estado. "Faltou água no Gigante". Campo Grande, 12/01/1972, p.03.

⁴⁷⁰ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.125.



Figura 45 - O mapa da Taça: integração nacional por meio do futebol.⁴⁷¹

As seleções foram organizadas em quatro grupos, sendo que o grupo 4 compunha o turno final, constituindo-se de oito seleções: as “campeãs” de cada um dos três grupos e, ainda, as cinco seleções pré-classificadas para a etapa final: Brasil, Uruguai, Escócia, Tchecoslováquia e URSS. As partidas do grupo 4 seriam realizadas na região Sudeste (Guanabara, São Paulo e Minas Gerais) e ele foi subdividido. No grupo 1, cujas sedes eram Aracaju (SE), Maceió (AL) e Salvador (BA), estavam as seleções de Argentina, África, Confederação de Futebol das Américas Central e do Norte (CONCACAF), Colômbia e França. No grupo 2, cujas sedes eram Natal (RN) e Recife (PE), localizavam-se as seleções de Irã, Chile, Equador, Irlanda e Portugal. E no grupo 3, cujas sedes eram Curitiba (PR), Campo Grande (MT) e Manaus (AM), localizavam-se as seleções de Bolívia, Paraguai, Peru, Venezuela e Iugoslávia.⁴⁷²

⁴⁷¹ WIKIPÉDIA. **Taça Independência**. s/d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%A7a_Independ%C3%Aancia>. Acesso em: 12/02/2014.

⁴⁷² ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972)**. Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.126.

www.memoriasdosantacruz.blogspot.com

TORNEIO INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

PLACAR

ELIMINATÓRIAS

GRUPO 1					GRUPO 2					GRUPO 3				
11/junho 17h15	Aracaju		Argentina x África		11/junho 15 h	Natal		Portugal x Equador		11/junho 15 h	Curitiba		Peru x Bolívia	
11/junho 17h15	Salvador		França x Concacaf		11/junho 15 h	Recife		Irã x Irlanda		11/junho 15 h (local)	Campo Grande		Paraguai x Venezuela	
15/junho 21 h	Maceió		França x África		14/junho 20h30	Recife		Portugal x Irã		14/junho 15h30	Curitiba		Venezuela x Iugoslávia	
15/junho 21h15	Aracaju		Colômbia x Concacaf		14/junho 20h30	Natal		Chile x Equador		14/junho 17 h (local)	Campo Grande		Paraguai x Peru	
18/junho 17h15	Maceió		Argentina x Concacaf		19/junho 17h15	Natal		Equador x Irlanda		18/junho 16h30 (local)	Campo Grande		Iugoslávia x Bolívia	
18/junho 15 h	Salvador		França x Colômbia		18/junho 17h15	Recife		Chile x Portugal		18/junho 16 h (local)	Manaus		Peru x Venezuela	
22/junho 19h15	Salvador		Concacaf x África		21/junho 19h15	Recife		Equador x Irã		21/junho 19 h (local)	Manaus		Venezuela x Bolívia	
22/junho 21h15	Salvador		Argentina x Colômbia		21/junho 21h15	Recife		Irlanda x Chile		21/junho 21 h (local)	Manaus		Iugoslávia x Paraguai	
25/junho 15 h	Salvador		Colômbia x África		25/junho 15 h	Recife		Chile x Irã		25/junho 14 h (local)	Manaus		Paraguai x Bolívia	
25/junho 17 h	Salvador		Argentina x França		25/junho 17 h	Recife		Irlanda x Portugal		25/junho 16 h (local)	Manaus		Iugoslávia x Peru	

PONTOS GANHOS	▶	1	2	3	4	5	6	7	8
ÁFRICA									
ARGENTINA									
COLÔMBIA									
CONCACAF									
FRANÇA									

PONTOS GANHOS	▶	1	2	3	4	5	6	7	8
CHILE									
EQUADOR									
IRÃ									
IRLANDA DO SUL									
PORTUGAL									

PONTOS GANHOS	▶	1	2	3	4	5	6	7	8
BOLÍVIA									
IUGOSLÁVIA									
PARAGUAI									
PERU									
VENEZUELA									

Figura 46 - Os grupos das eliminatórias – a seleção brasileira só entraria na fase final, por ser a anfitriã.⁴⁷³

Segundo Cordeiro:

O Torneio Independência se inseria, sob este aspecto, no que podemos chamar de *espírito do Sesquicentenário* – sendo este a síntese de uma época em que o governo e segmentos expressivos da sociedade se empenhavam na construção de um país vencedor. Nesse sentido – e assim como em muitos campos da vida nacional durante os anos do Milagre -, a idéia de construção foi tomada ao pé da letra. Estádios foram construídos, reformados e ampliados por todo o país. O Maracanã, por exemplo, ganhou nova iluminação; o Estádio da Fonte Nova, na Bahia, foi completamente remodelado e passou a uma capacidade de 110 mil torcedores; no Mato Grosso o estádio Pedro Pedrossian, o Morenã, se preparava para receber seus primeiros jogos internacionais. O torneio se transformava na metáfora de outro importante objetivo do Governo Médici e que perpassou toda a comemoração do Sesquicentenário: a *integração nacional*.⁴⁷⁴

⁴⁷³ MEMÓRIAS DO SANTA CRUZ. **Tabela do Torneio Independência do Brasil**. 07/05/2011. Disponível em: <http://memoriasdosantacruz.com.br/2011_05_07_archive.html>. Acesso em: 12/02/2014.

⁴⁷⁴ CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente**: as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012, p.141.

Além da “integração nacional” prenunciada pelo Governo Médici, outros interesses também entravam “em campo”, entre eles: a campanha de Havelange para a presidência da FIFA e a tentativa do governo de cristalizar o sucesso conquistado pela seleção brasileira de futebol na conquista do Tricampeonato, no México, em 1970.

Logo após a conquista do tricampeonato, por exemplo, o então presidente nacional da ARENA, Rondon Pacheco, recomendou aos candidatos de seu partido que não deixassem de mencionar em suas campanhas a vitória brasileira no México “ao lado das realizações do governo revolucionário”, pois se tratava de “fator psicológico positivo” da “mensagem que o partido governamental deve levar ao povo”.⁴⁷⁵

Dessa forma, pareceu oportuno a muitas pessoas envolvidas no governo uma identificação com a conquista da seleção brasileira. Para tais pessoas, não era apenas uma vitória dentro de campo, mas sim um projeto nacional. E, para conservar esse momento de euforia, nada melhor que outra Copa, agora dentro do Brasil, para sedimentar de vez o país do futebol. Assim, a Copa do Sesquicentenário deflagrou um processo que já estava em curso no país, o qual Carlos Fico chamou, no que tange à propaganda do governo, de reinvenção do otimismo.⁴⁷⁶

O cenário para a explosão nacionalista que se verificou então estava dado. A conquista no México foi a centelha que o deflagrou. Nesse sentido, uma vez que as festas do Sesquicentenário pretendiam ser – simultaneamente – uma reafirmação, re-atualização e comemoração deste sentimento nacional, então construído sob bases bastante específicas, o futebol deveria fazer parte – e com destaque – da programação.⁴⁷⁷

A Copa foi o maior evento das comemorações do Sesquicentenário e também o mais custoso. Os problemas começaram a aparecer logo no início das preparações. As seleções da Inglaterra, Alemanha, Espanha e Itália desistiram de participar, ou por falta de calendário, ou porque acharam o cachê baixo. Além disso, Pelé já não atuava mais pela seleção brasileira. Sobre a ausência do “rei do futebol”, João Havelange reconheceu mais tarde que a torcida sentiu muito. Lembrou que o jogador foi convidado e “chegou a cogitar um retorno ao time durante a Copa, desde que recebesse um cachê diferenciado, em dólares”. Pelé negou que o

⁴⁷⁵ GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o caso Copa de 1970**. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, São Paulo, 2006, p.127.

⁴⁷⁶ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

⁴⁷⁷ MAXIMO, João. **João Saldanha. O João sem medo**. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1996, p.45.

convite tivesse acontecido. Todavia, de acordo com Ernesto Rodrigues, biógrafo de Havelange, a falta de acordo sobre a participação do rei na Copa do Sesquicentenário se tornaria um dos “curtos-circuitos” mais lembrados na crônica da tumultuada relação que Pelé teve com Havelange no fim da década de 1970.⁴⁷⁸

Além de todos esses problemas, a imprensa noticiava que a desistência das seleções europeias era uma retaliação à campanha de Havelange para a FIFA, “estimulada” pelo inglês Stanley Rous, presidente da entidade à época:

A rentabilidade e a expressão da Mini-copa estão seriamente ameaçadas diante das negativas da Itália, Inglaterra, Alemanha e Espanha. Um autentico boicote europeu contra João Havelange. Um boicote estimulado pelo presidente da FIFA e concorrente do brasileiro.⁴⁷⁹

Não se pode afirmar que houve boicote. Havelange não se pronunciou à época. Assim, as seleções europeias foram substituídas pelas já mencionadas anteriormente. O Torneio iniciou-se e logo se percebeu que o público não compareceria aos estádios como a CBD e o Governo Médici previam:

[...] a afluência de público aos jogos da 1ª fase – quando a seleção brasileira ainda não jogaria – ficou abaixo do esperado, o que significou a redução da receita estimada pela CBD. Com isto, os estádios ficaram com grandes espaços vazios, notadamente em Natal (RN) e Recife (PE), locais em que se esperava significativa afluência de público, visto que sediou as partidas da seleção portuguesa. A baixa frequência de torcedores persistiu mesmo ocorrendo a doação de ingressos para estudantes universitários e secundaristas. Outra dificuldade enfrentada pela organização do Torneio foi o tamanho excessivo de algumas delegações estrangeiras, o que criou empecilhos para a hospedagem.⁴⁸⁰

Apesar da doação de ingressos aos estudantes, os estádios não lotaram. Depois se descobriu que os estudantes vendiam os ingressos que recebiam aos cambistas e esses os repassavam para o público com valores mais baixos que os da bilheteria. O escândalo dos

⁴⁷⁸ CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente:** as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012, p.145.

⁴⁷⁹ Placar. “Boicote europeu?” São Paulo: Editora Abril, 12/04/1972, p.18.

⁴⁸⁰ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.130.

ingressos foi o problema mais grave do torneio e o poder público acionou a polícia para intervir, como apontou a imprensa:

A resposta dos organizadores não tardou: a polícia passou a reprimir os cambistas que atuavam próximos aos estádios (vendendo ingressos distribuídos gratuitamente aos estudantes, a preços mais baixos que os cobrados nas bilheterias) e os estudantes foram obrigados a identificar-se no momento em que passavam pela roleta para assistir aos jogos. Já a Federação Pernambucana de Futebol proibiu a distribuição de ingressos para os estudantes, restringindo a gratuidade aos menores de 12 anos acompanhados do pai ou responsável.⁴⁸¹

Com os estádios vazios⁴⁸² e com a renda abaixo do esperado, o governo teve de cobrir as despesas do transporte das seleções internacionais. João Havelange solicitou reunião com o presidente Médici para pedir auxílio financeiro, argumentando o problema dos ingressos e ressaltando que o que havia em caixa não era suficiente para pagar as despesas das delegações internacionais.

Com o Torneio já iniciado – com receita abaixo do esperado, ressalte-se – o governo Médici autorizou a subvenção de parte das despesas do Torneio, liberando CR\$2.600.000,00 (cerca de US\$436 mil) e contribuindo para o êxito da competição.

“Assim, a Loteria Esportiva, mais uma vez, dá a sua contribuição para o êxito do torneio internacional, em homenagem ao Sesquicentenário da Independência do Brasil.” Com recursos obtidos pela Loteria Esportiva e liberados através do Conselho Nacional dos Desportos, a União passou a financiar os deslocamentos das delegações que participavam do certame.⁴⁸³

Apesar dos problemas referentes à organização do evento, a seleção brasileira se preparou realizando alguns amistosos, já que só entraria na competição na segunda fase. Ao mesmo tempo, os organizadores da copa procuraram direcionar os semifinalistas, colocando as seleções do Brasil e de Portugal em grupos com adversários considerados mais fáceis. O encadeamento do torneio também favoreceria essas duas seleções, que continuariam

⁴⁸¹ Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12/06/1972, p.56.

⁴⁸² O esvaziamento dos estádios pode ser associado à concorrência da televisão, que transmitia os jogos para todo o país. As emissoras organizaram-se na forma de pool, em cada dia uma delas recebia a imagem do local do jogo e a retransmitia às outras. Jornal dos Sports. “Câmera”. Rio de Janeiro, 13/06/1972, p.12.

⁴⁸³ O Cruzeiro. “Dinheiro público para a Mini-copa”. Diários Associados, 12/06/1972.

enfrentando equipes mais frágeis, até se encontrarem na grande final, que ocorreria no Estádio do Maracanã.⁴⁸⁴

E assim aconteceu. Antes de enfrentar os portugueses na final, a seleção brasileira estreou contra a antiga Tchecoslováquia, em 28 de junho, com um empate sem gols, no estádio do Maracanã⁴⁸⁵, com a presença na tribuna de honra do presidente Médici, de João Havelange, Stanley Rous e de Chagas Freitas, à época governador do antigo estado da Guanabara. A segunda partida, segundo a imprensa, foi mais empolgante e a seleção derrotou a Iugoslava por 3 x 0, com gols de Leivinha e Jairzinho. A terceira partida do Brasil foi contra a Escócia, derrotada por 1 x 0 (gol de Jairzinho). Tal como na primeira partida, a seleção brasileira encontrou dificuldades e, ao contrário do jogo contra os tchecos, a vitória surgiu no final (35 minutos do segundo tempo).⁴⁸⁶

Segundo a imprensa, alguns jogadores se desentenderam dentro do vestiário no intervalo do jogo e Zagallo, o técnico da seleção, teve de intervir e apaziguar ânimos.⁴⁸⁷ Na final, com o Maracanã com mais de 100 mil torcedores (incluindo, como sempre, o presidente Médici), os jogadores brasileiros estavam mais calmos e conseguiram derrotar os “colonizadores” portugueses pelo placar mínimo, gol de Jairzinho.

A imprensa se dividiu, alguns órgãos exaltavam o feito da seleção canarinho:

[...] os 100 mil torcedores presentes no Maracanã explodiram de alegria numa emoção que está virando rotina: O Brasil acabava de se sagrar campeão da Taça Independência [...]. No segundo tempo o Brasil se agigantou em campo e partiu para decidir o jogo de qualquer maneira, aproveitando especialmente a maior categoria e habilidade individual de seus jogadores.⁴⁸⁸

Outro periódico relativizava a conquista da seleção na “esvaziada” Minicopa do Sesquicentenário:

⁴⁸⁴ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa**: a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.136.

⁴⁸⁵ Enquanto a seleção brasileira – que só estreou na fase semifinal – circulou apenas entre os estados de São Paulo e Guanabara, poupando-se de desgastantes trajetos aéreos, as outras seleções se desgastaram em viagens Brasil a fora.

⁴⁸⁶ Jornal do Brasil. “O Brasil sem brilho”. Rio de Janeiro, 06/07/1972, p.08.

⁴⁸⁷ Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 01/07/1972, p.09.

⁴⁸⁸ Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10/07/1972.

Assim, enquanto os locutores esportivos afirmavam que a multidão vibrava nas arquibancadas, do lado de fora do estádio reinava a indiferença total. Uns poucos motoristas de táxi aguardavam o fim do jogo. Um ouvindo radinho de pilhas, outros conversando em pequenos grupos. [...] Nos últimos cinco minutos de jogo já era enorme o número de torcedores que deixava o Maracanã. [...] Na saída, a grande maioria procurava rapidamente a condução de volta.⁴⁸⁹

E a conquista do selecionado brasileiro em 1972 foi muito associada à figura do presidente Médici, como ocorreu em 1970:

Como os outros, ele chegou cedo Nervoso, mudou o radinho de pilha de um ouvido para outro 13 vezes, fumou cinco cigarros. Falou pouco, sorriu quatro vezes e deu dois socos no ar. Mas na hora do gol ele pulou como todo mundo, os dois braços levantados. E por um minuto foi só o Milito, dos idos tempos de Bagé, mas três minutos depois, o Presidente Emilio Garrastazu Médici entregava a Gérson a Taça Independência. [...] Médici chegou ainda no intervalo do jogo Argentina e Iugoslávia. Conversando com o Governador Chagas Freitas e o Ministro do Exército, ele assistiu ao segundo tempo da preliminar. Sério, ouviu o Hino Nacional; tranqüilo, ligou o rádio, retirado do bolso direito do paletó, e o encostou ao ouvido direito. O Brasil ataca com um minuto de jogo: Jair pela direita. O Presidente dá o 1º soco no ar. Três minutos: o Presidente fuma o seu primeiro cigarro deslocando o radio do ouvido esquerdo. Sete minutos: balança a cabeça desaprovando um passe errado de Gérson. Oito minutos: troca o radio de ouvido, passando do esquerdo para o direito. Treze minutos: repousa o radio na perna direita [...]. No intervalo, como quase todo mundo, o cafezinho. Para o segundo tempo voltou dois minutos antes e já com seu radinho na mão. [...] Quarenta e três minutos e meio, o Presidente pula. Os dois braços levantados. Era um torcedor simples, igual aos 99 mil que foram ao Maracanã. Mas, três minutos depois, representando o cargo no ato e o torcedor no abraço entregou a Gérson a Taça Independência. E, feliz, foi um dos últimos a deixar o Maracanã. Aí foi sua vez de ser aplaudido.⁴⁹⁰

Como nas comemorações da Copa de 1970, o “general-torcedor” aparecia entre os brasileiros comuns sofrendo, fumando compulsivamente e com seu radinho de pilha colado ao ouvido. A propaganda governamental foi acionada, como de costume, e os periódicos, em sua maioria, vinculavam o feito ao perfil do presidente, que se dizia e se comportava como um torcedor fanático.

⁴⁸⁹ O Estado de S. Paulo. “A alegria veio tarde, muitos já haviam saído”. São Paulo, 29/06/1972, p.07.

⁴⁹⁰ Jornal dos Sports. “General torcedor”. Rio de Janeiro, 29/06/1972, p.09.



Figura 47 - O General-torcedor entrega a Taça do Sesquicentenário a Gerson.⁴⁹¹

Diante de tudo o que foi exposto nas páginas anteriores, cabe a pergunta: a Copa do Sesquicentenário teve o êxito esperado pelo governo e pela CBD? Segundo Almeida, o torneio não teve o sucesso esperado no que diz respeito ao público pagante. Segundo João Havelange, a média de público foi de 70 mil pessoas por partida, o que foi contestado pela revista *Placar*⁴⁹², que argumentou que o presidente da CBD computou apenas os jogos da seleção brasileira. Além disso, a receita obtida pela CBD com o Torneio ficou abaixo do previsto. O torneio (orçado em cerca de CR\$ 30 milhões) resultou em déficit, que foi sanado com o auxílio dos cofres públicos, evitando-se que a CBD sofresse prejuízos e que o governo passasse uma imagem ruim para o país e para mundo, já que o torneio teve grande repercussão fora do Brasil.⁴⁹³

⁴⁹¹ Manchete. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 30/06/1972.

⁴⁹² Placar. “Déficit nas finanças”. São Paulo: Editora Abril, 02/07/1972, p.21.

⁴⁹³ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.141.

TAÇA INDEPENDÊNCIA 1972



Figura 48 - Taça em ouro 18 k, com brilhantes, esmeraldas, pérolas e rubis, tendo 45 cm de altura e pesando ao todo 14 kg. Estimada à época em CR\$ 130 mil (cerca de US\$ 30 mil, valores atuais).⁴⁹⁴

Tabela 1 – A renda de cada Grupo.⁴⁹⁵

	Arrecadação (Cr\$)
Grupo 1	480.964,00
Grupo 2	797.722,00
Grupo 3	883.513,00
Grupo 4	4.080.706,00
Grupo 5	1.564.490,50
Total dos grupos	7.807.395,50
Renda do jogo final	2.528.885,00
Total geral da Taça	10.336.280,00

⁴⁹⁴ Última Hora. “Taça em São Paulo”. Rio de Janeiro, 21/06/1972.

⁴⁹⁵ Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 09/07/1972, p.3.

O governo federal desembolsou uma quantia, fornecida pelo Conselho Nacional de Desportos, equivalente a CR\$ 3.000.000,00, que pagou o traslado das delegações durante o evento, além de prêmios a todos os participantes do Torneio. Assim, a seleção campeã (Brasil) recebeu US\$ 50 mil pelo título, a vice-campeã (Portugal) recebeu US\$ 30 mil, enquanto Argentina (3ª colocada) e Iugoslávia (4ª colocada) receberam, respectivamente, US\$ 20 mil e US\$ 10 mil. Com exceção da seleção brasileira, as outras agremiações nacionais receberam ainda US\$ 25 mil.⁴⁹⁶

Cordeiro⁴⁹⁷, porém, relativiza dizendo que, se em termos financeiros a Copa trouxe déficit para a CBD, no que diz respeito aos ganhos políticos, o torneio serviu para alavancar de vez a carreira de João Havelange à FIFA e expor favoravelmente o governo Médici. Segundo reportagem da revista Veja intitulada “Torneio dos votos para Havelange”⁴⁹⁸, o periódico esmiúça a capacidade de estrategista do presidente da CBD, que dois anos mais tarde seria o mandatário do futebol mundial, como se viu no terceiro capítulo. Note, a Copa do Sesquicentenário trouxe prejuízo financeiro coberto pelos cofres públicos e a CBD ainda ganhou US\$ 50 mil pelo título, quantia essa que foi para os cofres da confederação.

Com as conquistas pela seleção da Copa de 1970 e do Sesquicentenário em 1974, o Brasil cristalizou uma verdade inventada: o país do futebol. A invenção patrocinada pelo Governo Médici e levada a cabo pela figura de Havelange percorreu o mundo e se mantém até hoje como uma máxima, já que a Copa do Mundo de 2014 será realizada em solo brasileiro, repetindo o que aconteceu com a Copa de 1950. Tudo o que se viu em termos de construção de estádios para a Copa do Sesquicentenário se repete hoje com o incentivo financeiro do Governo Lula (2002-2010) e do Governo Dilma (2010-2014). Será a manutenção da tentativa de sedimentar o país do futebol?

⁴⁹⁶ ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009, p.141.

⁴⁹⁷ CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente:** as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012.

⁴⁹⁸ Veja. “Torneio dos votos para Havelange”. São Paulo: Editora Abril, 12/02/2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) priorizou, entre outras coisas, o incentivo à prática esportiva através dos preceitos da Educação Física. Basta examinar o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos*, de 1971, que mapeou a situação em que se encontrava a prática esportiva e a Educação Física no país, e a *Revista Brasileira de Educação Física* para se notar a preocupação governamental em transformar o Brasil num celeiro de atletas olímpicos para, de alguma forma, elevar o nome da nação ante as demais potências olímpicas mundo afora.

E, para institucionalizar essa política, o governo publicou o Decreto nº. 69.450, de 1969, que impôs a política esportiva voltada para o âmbito da Educação Física, o Decreto nº. 705, de 1969, que trouxe a obrigatoriedade da Educação Física nos cursos universitários, além da criação do Departamento de Educação Física (DED), vinculado ao Ministério da Educação (MEC). A Lei nº. 6251, de 1971, por sua vez, instituiu o modelo piramidal de organização esportiva, assim como auxiliou na Política Nacional de Educação Física e Desportos (PNEFD), que estava diretamente atrelada à Política Nacional de Desenvolvimento (PND).

Os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) e os Jogos Universitários (JUBs) buscavam movimentar a juventude e colocar em prática toda a parafernália institucional que o governo Médici prescreveu. O que se viu foi uma tentativa de adequar um modelo esportivo vindo de fora, mais especificamente europeu-estadunidense, porém as projeções do governo em questão não lograram o sucesso desejado, conforme revelam os indicativos de falência do “olimpismo” brasileiro, como as últimas participações dos nossos atletas em Jogos Olímpicos. Em 2012, na Inglaterra, a delegação brasileira ocupou o 23º lugar, ficando atrás das delegações cubana e jamaicana, por exemplo. Parece que, mais de 40 anos após o megalomaniaco projeto militar para os esportes, o país está longe de se tornar uma potência olímpica.

Essa preocupação institucional dentro do âmbito da Educação Física adentrou, sobremaneira, o mundo futebolístico, principalmente a Copa do Mundo de 1970, em que o teórico Lamartine Pereira da Costa, membro do Ministério da Educação e um dos artífices da *Revista Brasileira de Educação Física*, foi designado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBD) para desenvolver o método de aclimatação *Altitude training*, que se mostrou muito eficaz nas altitudes mexicanas.

A preparação para a Copa de 1970 denota uma montagem militarizada em torno da Comissão Técnica, o que é compreensível, já que as Copas do Mundo corporificam o orgulho nacional, e os homens da caserna acompanharam de perto a preparação para o evento, esperando dividendos políticos do tricampeonato. Após a conquista, Médici, por meio da Caixa Econômica Federal, deu um cheque de 25 mil cruzeiros a cada jogador, numa atitude que pareceu normal à época, apesar da evidente irregularidade. Em São Paulo, demagogicamente, o então prefeito Paulo Maluf deu um Fusca a cada jogador, o que gerou polêmica na imprensa.

Não só os militares como também civis orbitavam em torno dos quartéis, entre os quais João Havelange, talvez o personagem que mais soube vincular seus interesses com a política governamental voltada para os esportes, em geral, e para o futebol, em particular. Havelange conseguiu instrumentalizar o futebol, com verbas federais para a construção de estádios em todos os rincões do país para o Campeonato Brasileiro, surgido em 1971. A construção do Estádio Pedro Pedrossian, na “distante” cidade de Campo Grande, foi um exemplo dessa política de integração do interior brasileiro.

Além da construção dos poliesportivos, política vinculada à Lei nº. 6.251, de 1971, que trouxe o modelo piramidal, Havelange conseguiu apoio financeiro para organizar a Copa do Sesquicentenário, evento que fez parte dos festejos da Independência do Brasil, e que foi uma ótima iniciativa para sua campanha à presidência da FIFA. Campanha vitoriosa e que teve como cabo eleitoral nada mais nada menos que o Rei do Futebol, Pelé.

Pelé foi outra figura importante e que alcançou dividendos importantes para si no período analisado na presente tese. Conseguiu sedimentar sua imagem, ganhou o título de rei e alavancou sua carreira fora do país, graças, sobretudo, à sua aproximação com Havelange. Foi em 1975 para os EUA jogar no Cosmos de Nova York, junto de Carlos Alberto Torres, capitão do tricampeonato, e de Franz Beckenbauer, jogador e capitão da seleção alemã campeã da Copa do Mundo de 1974.

A Copa de 1970 foi um divisor de águas não só para o futebol como também para o fortalecimento da televisão. Como se viu, o aumento expressivo do número de aparelhos televisivos se deu muito em função do evento futebolístico, o primeiro televisionado para o Brasil via satélite Intelsat. A televisão constituiu-se no principal instrumento de segurança nacional, e o vínculo com o futebol alavancou sobremaneira o projeto de integração do país proporcionado pelo General-torcedor.

Torna-se uma tarefa árdua dimensionar o alcance das transmissões televisivas, principalmente em se tratando da Copa do Mundo de 1970. Entretanto, tais transmissões

ultrapassaram a esfera futebolística e o governo do presidente Médici tentou potencializar as vitórias do selecionado a cada jogo, na perspectiva de explorar e associar o papel agregador do futebol ao projeto do milagre brasileiro.

Viu-se uma tentativa de congregar o povo num objetivo de “abrasileirá-lo” através das conquistas da Copa de 1970 e da Copa do Sesquicentenário, em 1972. Os filmetes da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) utilizavam-se da imagem dos jogadores em meio aos festejos ocorridos após as duas conquistas. O povo deveria ser exaltado, pois também contribuía para o êxito da seleção. Os filmetes foram produzidos em grande quantidade e tornaram a AERP uma das maiores produtoras brasileiras de cinema da década de 1970, uma época em que a publicidade se deu conta da nova propaganda. Propaganda essa que também associou a figura dos jogadores a produtos. Pelé, por exemplo, fez 40 peças publicitárias entre 1970 e 1972, promovendo produtos como roupas, aparelhos televisivos, carros, bebidas, material esportivo, entre outros.

A tentativa de criar ou inventar o país do futebol partiu de um projeto militar que envolveu segmentos da sociedade brasileira que de alguma forma pretendiam lucrar com a paixão popular do brasileiro pelo esporte mais praticado na nação e o maior fenômeno social do país. Representa, entre outras coisas, uma identidade nacional e também consegue dar significado ao desejo de pertencer a um país “potência” da maioria absoluta dos brasileiros, numa relação tão solidificada que às vezes a seleção brasileira se confunde com o próprio país. Segundo Hilário Franco Junior, enquanto os italianos torcem pela *Azzurra*, os franceses pelos *Bleus*, os ingleses pelo *English Team*, os alemães pela *Nationalmannschaft*, os brasileiros torcem pelo Brasil.

Todos esses temas foram analisados na presente tese e essa, de alguma forma, foi a contribuição que a pesquisa tentou trazer para a historiografia acerca do esporte e do futebol. Talvez pudesse ter sido mais bem explorada a aproximação não só dos militares, como também dos governos ditos democráticos com o universo do futebol. Governos de todas as colorações políticas sempre depositaram e ainda depositam muitas expectativas em relação a esse esporte, sobretudo às Copas do Mundo não só no Brasil, como no resto do mundo. O fatídico telegrama que Benito Mussolini enviou aos jogadores italianos antes da final de 1938 não comportava ambiguidades: “vencer ou morrer”. João Goulart disse que a Copa do Mundo faz os brasileiros esquecerem suas dificuldades econômicas e que é mais importante que o arroz e o feijão. No mundial da França em 1998, tanto o presidente direitaista Jaques Chirac como o primeiro-ministro socialista Lionel Jospin esperavam que a conquista da Copa amenizasse os conflitos étnicos que ocorriam na sociedade francesa.

Talvez trabalhos futuros possam analisar a aproximação dos governos democráticos com os esportes e o futebol. No Brasil, por exemplo, o Governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002) criou o Ministério do Esporte, em 1995, nomeando Edson Arantes do Nascimento, Pelé, o primeiro ministro da nova pasta. Mas o maior envolvimento entre um governo dito democrático e os esportes se deu com o Governo de Luís Inácio Lula da Silva (2002-2001), quando o Brasil conseguiu, por influência de Lula, ser sede tanto da Copa do Mundo de 2014 como dos Jogos Olímpicos de 2016.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa:** a comemoração do sesquicentenário da Independência brasileira (1972). Tese (Doutorado em História Social), UFRJ/PPGHIS, Rio de Janeiro, 2009.

AMORIM, Ana Paula. **1972** - Médice saúda despojos de D. Pedro I. 22/04/2008. Disponível em: <<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=8088>>. Acesso em: 12/02/2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

BANCO DE CONTEÚDOS CULTURAIS. **Massafumi Yoshinaga.** Disponível em: <http://static.bcc.org.br/thumbs/tupi/15244-01_320x240.jpg>. Acesso em: 23/09/2013.

BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart:** as lutas sociais no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BELTRAMI, Dalva Marim. **A Educação Física no âmbito da política Educacional no Brasil pós-64.** Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, São Paulo, 1992.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade.** São Paulo: Movimento, 1997.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul:** do Estado sonhado ao Estado construído (1892-1997). Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, 1997.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **Réponses:** pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

_____. **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. Gabinete Militar da Presidência. Assessoria Especial de Relações Públicas - AERP. Filmete. AERP, mar./1970. Disponível na Cinemateca Brasileira - São Paulo.

_____. Gabinete Militar da Presidência. Assessoria Especial de Relações Públicas - AERP. Filmete. AERP, jul./1970. Disponível na Cinemateca Brasileira - São Paulo.

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **Marechal da Vitória**. Uma história de rádio, TV e futebol. São Paulo: A Girafa, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

CARVALHO, Yara Maria. **O “mito” da atividade física e saúde**. São Paulo: Hucitec, 1995.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

CASTRO, Celso. In corpore sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói - RJ, n. 02, p.61-78, 1º. semestre de 1997.

CASTRO, Rui. **Estrela Solitária** – um brasileiro chamado Garrincha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CERRI, Luis Fernando (org.). **Ensino de História e a Ditadura Militar**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

COELHO, George Leonardo Seabra. **Marcha para o oeste**: entre a teoria e a prática. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Goiás, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <www.cbf.com.br>. Acesso: 24/08/2013.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente**: as comemorações do Sesquicentenário da Independência. Entre consenso e consentimento. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA, Lamartine Pereira. **A Atividade desportiva nos climas tropicais é uma solução experimental:** o Altitude Training. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1967.

_____. **Planejamento México.** Rio de Janeiro: MEC - Divisão de Educação Física, 1967.

_____. (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil.** Brasília: MEC, 1971.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Juscelino Kubitschek.** Brasília: Edições Técnicas, 2011.

COUTO E SILVA, Golbery. **Geopolítica do Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

CRUZ, Montezuma. **“Prepare-se, vou dividir o seu estado”, disse Geisel ao então governador Fragelli em 1973.** 11/10/2011. Disponível em: <http://www.tudodoms.com.br/userfiles/imagens/materias/large/887133373_IC3856_5CONTE_NTA.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucia Ary Dillon; CASTRO, Celso. **Os anos de Chumbo.** A memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DAL MORO, Nataniel. **O pensar da elite sobre o povo comum:** Espaço público, viver urbano e reterritorialização do centro da cidade de Campo Grande (1960-1970). Tese (Doutorado em História Social), PUC-SP, 2012.

DAMATTA, Roberto (et. al.). **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1986.

_____. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP.** Dossiê futebol. São Paulo, n. 22, jun./1994, p.12.

DEODORO, Juliana. Reforma da Praça Roosevelt muda comércio da região. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 04/12/2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades, reforma-da-praca-roosevelt-muda-comercio-da-regiao,969011,0.htm>>.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1986.

_____. **O processo civilizador**. Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ESPN-BRASIL. Documentário - retrata a importância da conquista do selecionado não só no Brasil, como também mundialmente. ESPN-Brasil, 2006.

_____. **Operação Condor**. Os anos de chumbo e o futebol. Documentário. ESPN-Brasil, 2012.

_____. **México 1968: A última olimpíada livre**. Documentário de Ugo Giorgetti. ESPN-Brasil, 2012.

FERNADES, Florestan. **O Brasil em compasso de espera**. São Paulo: Hucitec, 1981.

FERREIRA, João Fernando. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **Revolução e Democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.137.

_____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso & Edmundo**. A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

_____. **A Democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO JUNIOR, Hilário. A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

_____; WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

_____. Ensaio bibliográfico. **Revista de História**. São Paulo, n. 163, USP, Humanitas, 2º semestre 2010, p.369-392.

FREUD, Sigmund. **O Mal estar na civilização**, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GARRIGOU, Alain. **Norbert Elias**: La Politique et l'histoire. Paris: Éditions La Découverte et Syros, 1997.

GIL, Gilson. O drama do futebol arte: o debate sobre a Seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 25, Anpocs, 1997.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. **Jango - As Múltiplas Faces**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GOMES, Thiago. **Palmeiras poderá levantar a taça em Campo Grande**. 14/11/2013. Disponível em: <http://palmeirasonline.com/wp-content/uploads/2013/11/estadio_morenao.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

GRINBERG, Lúcia. **Partido político ou bode expiatório**, um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional Renovadora/Arena, 1965-1979. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

GUEDES, Simoni Lahud. **O futebol brasileiro** - instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFRJ, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1977.

_____. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2009.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de MS, 1991.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: o caso Copa de 1970**. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP, São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

HUSTON, John (Direção). **Fuga para a Vitória**. Filme - Aventura. EUA: Paramount Pictures e Warner Bros, 1982.

IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JENNINGS, Andrews. **Jogo Sujo**. O Mundo secreto da FIFA: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

KOLINYAK FILHO, Carol. **Educação Física: uma introdução**. São Paulo: Educ, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOPES, Antonio Herculano (org.). **Entre Europa e África: A invenção do carioca**. Rio de Janeiro: Topbooks/Casa Rui Barbosa, 2000.

LOPES, José S. Leite. "A vitória do futebol que incorporou a pelada". **Revista USP**. Dossiê Futebol. São Paulo, USP, n. 22, p.64-83, jun.-ago./1994.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. O óbvio ululante, o sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ, 2000.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo de Adoniran Barbosa. Bauru: Edusc, 2002.

MAXIMO, João. **João Saldanha**. O João sem medo. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1996.

MAYMONE, Hercules. **Da Farmácia & Odontologia à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul**. Campo Grande-MS: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 1989.

MÉDICI, Emílio Garrastazu. **O jogo da verdade**. Brasília: MEC, 1972.

MEDINA, João Paulo de Subirá. **A Educação Física cuida do corpo... e mente!** Campinas: Papyrus, 1983.

MEMÓRIAS DO SANTA CRUZ. **Tabela do Torneio Independência do Brasil**. 07/05/2011. Disponível em: <http://memoriasdosantacruz.com.br/2011_05_07_archive.html>. Acesso em: 12/02/2014.

MOTTA, Rodrigo Sá. **Partido e sociedade**: a trajetória do MDB. Ouro Preto: Editora Ufop, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. **Seguindo a canção**: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Anna Blume/ Fapesp, 2001.

NATIONAL ARCHIVES. **Soccer fans, do you know who this player is?** 10/07/2010. Disponível em: <<http://blogs.archives.gov/prologue/?p=333>>. Acesso em: 23/08/2013.

OLIVEIRA, Francisco. **Economia brasileira**: a crítica à razão dualista. São Paulo: Cebrap, 1975.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre adesão e a resistência.** Tese (Doutorado em Educação), PUC/SP, São Paulo, 2001.

PEDROSA, Marco (org.). **Na boca do túnel.** Rio de Janeiro: GOL, 1968.

PEDROSSIAN, Pedro. **O pescador de sonhos.** Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2006.

PENHA, Eli Alves. **A criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Contexto, 1993,

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PHOTO BUCKET. Disponível em: <<http://i21.photobucket.com/albums/b287/mantuu/Pele-KissingerNewYorkCosmosduringav.jpg>>. Acesso em: 23/08/2013.

POMPEU, Renato. **Canhotoiro - O Homem que driblou a glória.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

PRIORE, Mary; MELO Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil.** São Paulo: UNESP, 2009.

PROFITTI, Eric Moreira. **A Copa do Mundo de 1970 e o regionalismo dos torcedores brasileiros sob o olhar da revista Placar.** 26/06/2012. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/1043>>. Acesso em: 16/09/2013.

RAGO FILHO, Antonio. **A Ideologia 1964: os gestores do capital atrofico.** Tese de Doutorado em História. SP: PUC-SP, 1998.

_____. **O Ardil do politicismo: do bonapartismo à institucionalização da autocracia burguesa Projeto História.** São Paulo, n. 29, tomo 1, 2004.

RAMOS, Roberto. **Futebol, Ideologias e Poder.** Petrópolis: Vozes, 1984.

RECLAMES DO ESTADÃO. **Lá vai o Sujismundo**. 31/03/2012. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/reclames-do-estadao/files/2012/03/sujismundo.jpg>>. Acesso em: 12/09/2013.

REDE GLOBO. Entrevista de Pelé. Rede Globo de Televisão, 1982.

_____. Discurso de Dilma Rousseff. Rede Globo de Televisão, 12/08/2013.

_____. Entrevista de Pelé ao programa Esporte Espetacular. Rede Globo de Televisão, 12/09/2013.

REIS, Daniel Aarão. O sol sem peneira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 83, 2012.

ROD_DIRETOR. **Zebrinha**. 26/05/2011. Disponível em: <http://sp5.fotolog.com/photo/37/22/98/rod_diretor/1306443976749_f.jpg>. Acesso em: 12/02/2014.

RODRIGUES, Ernesto. **Jogo Duro**. A história de João Havelange. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ROSA, João Pereira da. **As duas histórias da Universidade** - 1966-1978. Campo Grande: Núcleo de Imprensa Universitária, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia. A LBA, o projeto Casulo e a Doutrina de Segurança Nacional. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANTOS, Daniel Araujo dos. **Futebol e Política**. A Criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. Dissertação (Mestrado em História e Bens Culturais), CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, 2012.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Copa de 70: O planejamento México. In: GASTALDO, Edson; GUEDES, Simoni Lahud (orgs.). **Nações em Campo**. Copa do Mundo e Identidade Nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil** Campinas: Autores Associados, 1993.

SOARES, Edgar; BAKLANOS, Sérgio. **Jovem Havelange**. São Paulo: Margraf, 1995.

SOBRAL, Francisco. **Cientismo e credulidade**. Porto Alegre: Latus, 1995.

SOEIRO, Renato Souza Pinto. **A contribuição da Escola de Educação Física do Exército para o esporte nacional: 1933 a 2000**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Motricidade Humana, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2003.

SPAMPINATO, Angelo. **Estadios del Mundo**. Deporte e Arquitectura. Madrid: Kliczkowski, 2000.

TANI, Golbery. Educação Física escolar no Brasil: seu desenvolvimento, problemas e propostas. **Anais do Seminário Brasileiro em "Pedagogia do Esporte"**. Santa Maria, 1998.

TARDES DE PACAEMBU. **Picasso... pé quebrado custou a Copa do México**. 17/10/2012. Disponível em: <<http://tardesdepacaembu.wordpress.com/tag/ronei-paulo-travi/>>. Acesso em: dez./2013.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

THE HYPE BR. **Pessoas incríveis que andam juntas**. Disponível em: <<http://thehypebr.com/2012/06/22/awesome-people-hanging-out-together/>>. Acesso em: 23/08/2013.

TOLEDO, Caio Navarro. **O governo João Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TOURAINÉ, Alain. Esporte cria relações de proximidade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 21/06/1998.

TV CULTURA. Cartão Verde. Programa com participação de Roberto Rivellino. TV Cultura, 20/11/2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL. Faculdade de Medicina. Documentos. Disponível em: <<http://www.famed.ufms.br/admin/editor/ckfinder/userfiles/images/Moreno.jpg>>. Acesso em: 12/02/2014.

UOL NOTÍCIAS. **Brasil e EUA discutiram ação para derrubar Salvador Allende, apontam documentos americanos**. 17/08/2009. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/08/17/ult1859u1333.jhtm>>. Acesso em: 23/08/2012.

VEIGA, Edson. **Independência ou Morte!** 06/09/2013. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/edison-veiga/files/2013/09/indmorte.jpg>>. Acesso em: 12/02/2014.

WIKIPÉDIA. **Taça Independência**. s/d. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ta%C3%A7a_Independ%C3%Aancia>. Acesso em: 12/02/2014.

WISNICK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

WORDPRESS.COM. Disponível em: <wordpress.com/2013/04/joao_havelange_videla.jpg%3Fw%3D450%26h%3D265>. Acesso em: 12/09/2013.

Periódicos:

A Gazeta Esportiva. São Paulo, 1968 e 1970.

Correio do Estado. Campo Grande, 1968 a 1974.

Fatos & Fotos. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1970.

Folha de S. Paulo. São Paulo, 1962, 1971, 1972, 1999 e 2007.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1958, 1969 a 1972, 1983 e 2010.

Jornal dos Sports, 1971 a 1974.

Manchete. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1970 a 1972.

O Cruzeiro. Diários Associados, 1969 a 1972.

O Estado de S. Paulo. São Paulo, 1970 a 1974.

Placar. São Paulo: Editora Abril, 1970 a 1974.

Revista Brasileira de Educação Física. Brasília: MEC, 1968 a 1974.

Revista Palavra, 2003.

Veja. São Paulo: Editora Abril, 1970 a 1974, 1981 e 2014.